

Síntese Anual

da Agricultura de Santa Catarina

2024





Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária
Carlos Chiodini

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores
Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann
Ensino Agrotécnico

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Fabírcia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pecuária

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN *on-line* 2674-9491

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2024

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri
Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Departamento Estadual de Marketing e Comunicação (DEMC)

Coordenação: Tabajara Marcondes/Luis Augusto Araujo

Elaboração

Alex Alves dos Santos
Alexandre Luis Giehl
Bruno Corrêa da Silva
Cíntia Uller Gómez
Felipe Matarazzo Suplicy
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Guzanski
João Rogerio Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Luis Augusto Araujo
Luiz Rodrigo Mota Vicente
Luiz Toresan
Robson Ventura de Souza
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes

Colaboração

Bruna Parente Porto
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Gilberto Luiz Curti
Julio Cesar Melim
Nilsa Luzzi
Sandro Secco
Valdenize Pianaro
Valmir Kretshmer

Revisão técnica

Lucia Morais Kinceler

Revisão textual

Laertes Rebelo
Maria Luiza H. A. Chaves

Diagramação e Arte Final

Sidaura Lessa Graciosa

Capa

Debora Pivetta Thibes
Rafael Eduardo Althoff

Primeira edição: abril de 2025

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que a fonte seja citada.

Ficha catalográfica

S618 Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina/ Epagri. - (abr. 2025). –
Florianópolis: Epagri, 1976-.
Recurso on-line: il.; color.

Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura Catarinense, 1976-1981.

Passou a publicar dois volumes em: 1984 a 1991.

Publicação interrompida no ano de 1992.

Passou a ser editada pela Epagri/Cepa a partir de 2005 –

e- ISSN: 2674-9491

1. Agropecuária. 2. Desempenho da produção vegetal. 3. Desempenho da produção animal. 4. Desempenho do setor florestal. I. Santa Catarina. II. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. III. Centro de Socioeconomia de Planejamento Agrícola. IV. Título.

CDD: 630.072

Elaborado por: Juliana Fachin - CRB 14/1747

Epagri/Cepa - Rod. Admar Gonzaga, 1.486 - Itacorubi - 88034-000 - Florianópolis – SC
Tel. (48) 3665.5078 - <https://cepa.epagri.sc.gov.br>
e-mail - cepa@epagri.sc.gov.br

Apresentação

É com grande satisfação que a Epagri/Cepa apresenta a 45ª edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, um documento essencial para compreender a dinâmica e o potencial do nosso agronegócio.

Nesta edição, oferecemos uma análise concisa e aprofundada do desempenho da agropecuária e do agronegócio catarinense em 2024, com foco especial no Valor da Produção Agropecuária (VPA) e nas exportações.

Apesar de uma leve retração de apenas 0,5%, o VPA catarinense alcançou a marca expressiva de R\$63,7 bilhões em 2024, mantendo-se próximo ao recorde histórico do ano anterior. Este resultado demonstra a resiliência e a força do nosso setor.

A produção animal se destaca como o principal motor desse desempenho, representando 55,7% do VPA estadual. A suinocultura, a avicultura, a produção de leite e a bovinocultura de abate são os pilares dessa pujança. Na produção agrícola, a soja brilha com um valor de produção de R\$5,46 bilhões, superada apenas pelos setores de proteína animal.

No cenário das exportações, o agronegócio catarinense manteve sua relevância, com um valor exportado de US\$7,57 bilhões em 2024, praticamente idêntico ao ano anterior. Esse montante corresponde a quase 65% das exportações totais de Santa Catarina e a 4,6% das exportações do agronegócio brasileiro.

Além dessa visão geral, a Síntese Anual oferece um panorama completo e detalhado sobre:

O desempenho produtivo e mercadológico das principais cadeias produtivas dos setores agrícola, pecuário, florestal e aquícola.

A utilização do crédito rural por agricultores e cooperativas.

Convidamos a todos a explorar este valioso recurso, que visa fornecer dados, informações e conhecimentos estratégicos para impulsionar o desenvolvimento sustentável do nosso agronegócio.

A Epagri/Cepa expressa seu profundo agradecimento a todas as entidades e pessoas que colaboraram na elaboração e publicação desta edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina.

Acesse a íntegra da publicação e as edições anteriores em www.observatorioagro.sc.gov.br e junte-se a nós na construção de um futuro ainda mais próspero para o campo catarinense!

A Diretoria Executiva

Sumário

Desempenho da agropecuária e do agronegócio de Santa Catarina: 2023 e 2024	7
Crédito rural	10
Desempenho da produção vegetal.....	16
Alho	16
Arroz.....	23
Banana	31
Cebola	43
Feijão.....	50
Maçã.....	59
Milho	73
Soja.....	83
Tabaco.....	94
Trigo	100
Desempenho da produção animal	108
Carne bovina	108
Carne de frango.....	121
Carne suína.....	134
Leite.....	148
Mel	155
Desempenho da aquicultura	161
Peixes de água doce	162
Moluscos	165
Mexilhões.....	166
Ostras	166
Vieiras.....	167
Camarões marinhos	168
Macroalgas.....	170
Desempenho do setor florestal.....	172

Desempenho da agropecuária e do agronegócio de Santa Catarina: 2023 e 2024

Tabajara Marcondes, Eng.-agr.- M.Sc. – Epagri/Cepa
 tabajara@epagri.sc.gov.br

A agropecuária e o agronegócio catarinenses são de grande importância social e econômica para o Estado. Esta breve análise do comportamento recente do valor da produção agropecuária (VPA) e das exportações do agronegócio ajuda a conhecer parcialmente essa relevância.

Valor da Produção Agropecuária (VPA) de Santa Catarina

O cálculo do VPA considerou os 63 produtos da produção animal (pecuária e aquicultura), da produção das lavouras (grãos, outras lavouras temporárias, hortaliças e lavouras permanentes) e da produção da silvicultura e extração vegetal. Em 2024, o VPA alcançou R\$63,7 bilhões, uma queda nominal de apenas 0,5% em relação ao VPA de 2023, recorde estadual. Em que pese a grande diversificação produtiva da agricultura catarinense, quase 60% do VPA de 2024 resultou de apenas quatro atividades: suínos para abate (21,7%), frangos para abate (16,5%), leite (13%) e soja, 8,6%. Dos demais produtos, apenas o tabaco teve participação superior a 5% no VPA de 2024 (Tabela 1).

Tabela 1. Valor da Produção Agropecuária (VPA) de Santa Catarina

Produção	2023		2024 ⁽¹⁾		Var. %
	R\$ 1.000	Part. %	R\$ 1.000	Part. %	2023-24
Animal	36.224.155	56,6	38.686.914	60,7	6,8
Das lavouras	24.889.460	38,9	21.925.335	34,4	-11,9
Da silvicultura e extração vegetal	2.875.222	4,5	3.073.356	4,8	6,9
Total	63.988.837	100	63.685.605	100	-0,5
Produto	2023		2024 ⁽¹⁾		Var. %
	R\$ 1.000	Part. %	R\$ 1.000	Part. %	2022-23
Suínos para abate	12.982.214	20,3	13.823.044	21,7	6,5
Frangos para abate	10.549.695	16,5	10.488.144	16,5	-0,6
Leite	7.313.818	11,4	8.261.820	13,0	13,0
Soja	7.024.254	11,0	5.458.578	8,6	-22,3
Tabaco	3.627.321	5,7	3.457.245	5,4	-4,7
Bovinos para abate	2.411.491	3,8	2.880.934	4,5	19,5
Arroz	2.083.793	3,3	2.363.902	3,7	13,4
Milho	3.317.892	5,2	2.078.667	3,3	-37,3
Milho silagem	3.112.514	4,9	2.042.577	3,2	-34,4
Madeira p/ outras finalidades	1.687.100	2,6	1.838.252	2,9	9,0
Subtotal	54.110.091	84,6	52.693.164	82,7	-2,6
Outros	9.878.746	15,4	10.992.441	17,3	11,3
Total	63.988.837	100	63.685.605	100	-0,5

⁽¹⁾ Estimativa da Epagri/Cepa.

Fonte: Epagri/Cepa e IBGE (2024)

Exportações do agronegócio de Santa Catarina

Em 2024, as exportações do agro foram de US\$7,57 bilhões, valor praticamente idêntico ao de 2023 (US\$7,58 bilhões), respondendo por 64,9% dos US\$11,66 bilhões das exportações catarinenses e 4,6% dos US\$164,37 bilhões exportados pelo agro brasileiro. Tomando-se por base a segmentação utilizada no “AgroStat: estatísticas de comércio exterior do agronegócio brasileiro”, do Ministério da Agricultura e Pecuária, constata-se que os valores do agro estadual estão concentrados em poucos setores e produtos. Dos 25 setores existentes, apenas seis responderam por quase 94% do valor exportado em 2024, com destaque para os setores de carnes (54,8%) e de produtos florestais (25,2%). Os produtos que alcançaram valores maiores foram carne de frango, carne suína, madeira, soja em grãos, papel e fumo, que responderam por 88,1% do valor exportado pelo agro estadual em 2024 (Tabela 2).

Tabela 2. Exportações de Santa Catarina: principais setores e produtos do agronegócio

Setor	2023		2024		Var. % 2023-24
	US\$1.000	Part. %	US\$1.000	Part. %	
Carnes	4.022.163	53,0	4.149.851	54,8	3,2
Produtos florestais	1.734.966	22,9	1.910.211	25,2	10,1
Complexo soja	896.629	11,8	690.025	9,1	-23,0
Demais produtos de origem animal	293.706	3,9	218.266	2,9	-25,7
Fumo e seus produtos	163.096	2,2	137.242	1,8	-15,9
Subtotal	7.110.560	93,8	7.105.595	93,9	-0,1
Outros	473.970	6,2	463.623	6,1	-2,2
Total do agronegócio	7.584.530	100	7.569.218	100	-0,2
Produto	2023		2024		Var. % 2023-24
	US\$1.000	Part. %	US\$1.000	Part. %	
Carne de frango	2.287.362	30,2	2.292.340	30,3	0,2
Carne suína	1.570.346	20,7	1.695.283	22,4	8,0
Madeira	1.385.931	18,3	1.579.677	20,9	14,0
Soja em grãos	812.339	10,7	630.383	8,3	-22,4
Papel	348.942	4,6	330.134	4,4	-5,4
Fumo não manuf. e desp. de fumo	162.987	2,1	137.014	1,8	-15,9
Subtotal	6.567.907	86,6	6.664.831	88,1	1,5
Outros	1.016.623	13,4	904.387	11,9	-11,0
Total do agronegócio	7.584.530	100	7.569.218	100	-0,2
% do agro no total	65,5	-	64,9	-	
Total geral	11.577.617	-	11.655.277	-	0,7

Fonte: MDIC – Comex Stat (2025)

Em 2024, as exportações do agro estadual foram destinadas a duzentos países. Os dez principais representaram 67% dos US\$7,57 bilhões exportados (Tabela 3). Desde 2013, a China é o principal destino das exportações do agro catarinense. Na soma dos últimos dez anos (2015-2024), respondeu por US\$20 de cada US\$100 exportados.

Tabela 3. Exportações do agronegócio de Santa Catarina: principais destinos

País	2023		2024		Var. % 2023-24
	US\$1.000	Part. %	US\$1.000	Part. %	
China	1.636.121	21,6	1.184.150	15,6	-27,6
EUA	922.514	12,2	982.123	13,0	6,5
Japão	429.703	5,7	619.324	8,2	44,1
Filipinas	344.056	4,5	453.162	6,0	31,7
México	386.111	5,1	445.806	5,9	15,5
Chile	368.429	4,9	327.011	4,3	-11,2
Países Baixos (Holanda)	311.857	4,1	311.187	4,1	-0,2
Arábia Saudita	300.468	4,0	286.673	3,8	-4,6
Emirados Árabes Unidos	246.036	3,2	254.247	3,4	3,3
Reino Unido	191.638	2,5	204.243	2,7	6,6
Subtotal	5.136.933	67,7	5.067.926	67,0	-1,3
Outros	2.447.597	32,3	2.501.292	33,0	2,2
Total do agronegócio	7.584.530	100	7.569.218	100	-0,2

Fonte: MDIC – Comex Stat (2025)

Crédito rural

Tabajara Marcondes, Eng.-agr.- M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

A Política Nacional de Crédito Rural (PNCR) é operacionalizada por meio de dois planos: o Plano Safra da Agricultura Familiar e o Plano Agrícola e Pecuário. A cada lançamento anual destes planos há modificações nos valores aplicados, regras operacionais, taxas de juros, linhas de crédito, tipos de públicos, segmentos com benefícios adicionais, entre outras.

No que diz respeito a valores, tanto do plano 2022/23 para o 2023/24, quanto do 2023/24 para o 2024/25, houve significativos aumentos, que, acumulados, significaram crescimento de 41,8% no valor do Plano Safra da Agricultura Familiar e de 39,5% nos valores do Plano Agrícola e Pecuário. O valor total saltou de R\$340,77 bilhões (2022/23) para R\$476,59 bilhões (2024/25). Nos três períodos, o valor destinado à Agricultura Familiar representou cerca de 16% dos valores divulgados (Tabela 1).

Crédito Rural no Brasil

Tabela 1. Valores de crédito rural divulgados por "plano safra"

Período	Plano da AF		Plano agrícola e pecuário		Total	
	R\$ bilhões	% do total	R\$ bilhões	% do total	R\$ bilhões	% do total
2022/23 (A)	53,61	15,7	287,16	84,3	340,77	100
2023/24 (B)	71,60	16,4	364,22	83,6	435,82	100
2024/25 (C)	76,00	15,9	400,59	84,1	476,59	100
Período	Variação (%)					
	Plano da AF		Plano agrícola e pecuário		Total	
B x A	33,6		26,8		27,9	
C x B	6,1		10,0		9,4	
C x A	41,8		39,5		39,9	

Fonte: Epagri/Cepa a partir de dados divulgados pelo MAPA e MDA (2025)

Embora os planos tenham vigência de 1º de julho de um ano até 30 de junho do ano seguinte, as informações seguintes tiveram por base os dados por ano civil.

De 2023 para 2024, houve aumento no número de contratos (7,3%) e queda no valor aplicado (-8,8%) no Brasil. O aumento no número de contratos se deu pelo grande crescimento na Região Nordeste (19,4%), responsável por 46,1% do total de contratos do Brasil em 2024. Em valores aplicados, a Região Nordeste foi a única com crescimento e a Região Centro-Oeste a de redução mais significativa (Tabela 2).

Tabela 2. Crédito rural nas regiões e no Brasil

Região	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Sul	649,6	645,3	-0,7	124,744	114,356	-8,3	28,3	31,0
Sudeste	348,1	358,9	3,1	92,418	91,800	-0,7	15,8	24,9
Centro-Oeste	150,7	134,4	-10,8	111,549	89,364	-19,9	5,9	24,2
Nordeste	879,6	1050,0	19,4	43,832	44,895	2,4	46,1	12,2
Norte	93,9	87,8	-6,5	31,732	28,293	-10,8	3,9	7,7
Brasil	2.121,9	2.276,4	7,3	404,275	368,709	-8,8	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

Atualmente, a PNCR tem três grandes “vertentes” de aplicação do crédito: a) o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), voltado especificamente aos agricultores familiares (incluindo os assentados da reforma agrária, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, extrativistas e indígenas); b) o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), voltado aos médios agricultores; c) um conjunto de programas para os demais produtores e cooperativas, que não exclui os agricultores familiares e os médios produtores. É frequente essas três “vertentes” apresentarem comportamentos variados na aplicação de crédito entre os anos. Este foi o caso de 2023 para 2024, com crescimentos significativos no Pronaf e Pronamp e redução, também significativa, nos demais programas (Tabela 3).

Tabela 3. Crédito rural por programa no Brasil

Programa	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Pronaf	1.567,7	1.770,8	13,0	54,899	63,008	14,8	77,8	17,1
Pronamp	197,5	213,8	8,3	51,276	56,063	9,3	9,4	15,2
Demais Programas	356,7	291,9	-18,2	298,099	249,637	-16,3	12,8	67,7
Total	2.121,9	2.276,4	7,3	404,275	368,709	-8,8	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

Isso ocorre também entre os segmentos financeiros que operacionalizam a PNCR (bancos públicos, cooperativas de crédito, bancos privados, etc.). Neste caso, de 2023 para 2024, houve decréscimo nos valores aplicados através dos três principais segmentos (Tabela 4). Isto muda completamente em prazos maiores. Na comparação de 2015 com 2024 (dez anos), por exemplo, fica evidente o maior crescimento das cooperativas de crédito e banco cooperativo na distribuição do crédito no Brasil (Tabela 5).

Tabela 4. Crédito rural por segmento financeiro no Brasil – 2023-24

Segmento	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Banco público	1.566,8	1.718,8	9,7	226,697	211,715	-6,6	75,5	57,4
Cooperativa de crédito	447,1	443,1	-0,9	71,652	70,849	-1,1	19,5	19,2
Banco privado	60,2	49,0	-18,6	91,998	68,649	-25,4	2,2	18,6
Banco cooperativo	41,8	57,5	37,6	8,397	10,895	29,7	2,5	3,0
Banco de des. e agência de fomento	5,8	7,7	32,8	5,365	6,249	16,5	0,3	1,7
Soc. de crédito, financ. e investimento	0,2	0,3	50,0	0,166	0,352	112,0	0,0	0,1
Total	2.121,9	2.276,4	7,3	404,275	368,709	-8,8	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

Tabela 5. Crédito rural por segmento financeiro no Brasil – 2015-2024

Segmento	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. no R\$ (%)	
	2015	2024		2015	2024		2015	2024
Banco público	1.820,9	1.718,8	-5,6	87,331	211,715	142,4	56,7	57,4
Cooperativa de crédito	323,8	443,1	36,8	17,617	70,849	302,2	11,4	19,2
Banco privado	152,9	49,0	-68,0	43,999	68,649	56,0	28,5	18,6
Banco cooperativo	21,4	57,5	168,7	1,857	10,895	486,7	1,2	3,0
Banco de des. e agência de fomento	11,2	7,7	-31,3	3,343	6,249	86,9	2,2	1,7
Soc. de crédito, financ. e investimento	0,0	0,3	-	0,000	0,352	-	0,0	0,1
Total	2.330,2	2.276,4	-2,3	154,147	368,709	139,2	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

No que diz respeito à aplicação por atividade, a pecuária tem maior número de contratos (58,2%, em 2024) e a atividade agrícola maior valor aplicado (67,7%, em 2024). Nas finalidades, predomina o investimento em número de contratos (55,9%, em 2024) e o custeio em valor aplicado (56,1%, em 2024). Apesar da sua baixa participação relativa, as finalidades de comercialização e industrialização são de alta importância para alguns agentes econômicos e têm contratos de valores médios altíssimos (Tabela 6).

Tabela 6. Crédito rural por atividade e finalidade no Brasil – 2023-24

Atividade	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Agrícola	938,0	952,4	1,5	286,799	249,469	-13,0	41,8	67,7
Pecuária	1.183,9	1.324,0	11,8	117,476	119,240	1,5	58,2	32,3
Total	2.121,9	2.276,4	7,3	404,275	368,709	-8,8	100	100

Finalidade	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Custeio	960,7	976,6	1,7	224,136	206,798	-7,7	42,9	56,1
Investimento	1.125,9	1.272,3	13,0	101,120	97,569	-3,5	55,9	26,5
Comercialização	33,4	25,9	-22,5	51,030	42,732	-16,3	1,1	11,6
Industrialização	1,9	1,6	-15,8	27,989	21,610	-22,8	0,1	5,9
Total	2.121,9	2.276,4	7,3	404,275	368,709	-8,8	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

Em relação aos produtos, os dez com a maior aplicação representaram 54% do número de contratos e 69,3% do valor de 2024 (Tabela 7).

Tabela 7. Crédito rural por produto no Brasil – 2023-24

Produto	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Bovinos (corte e leite)	685,2	744,6	8,7	82,050	83,402	1,6	32,7	22,6
Soja	200,3	179,8	-10,2	96,013	83,171	-13,4	7,9	22,6
Milho	132,2	116,7	-11,7	39,019	32,712	-16,2	5,1	8,9
Café	83,1	74,9	-9,9	20,010	20,428	2,1	3,3	5,5
Cana-de-açúcar	13,7	14,1	2,9	12,880	8,311	-35,5	0,6	2,3
Aves	13,8	14,2	2,9	7,808	6,800	-12,9	0,6	1,8
Arroz	9,7	9,4	-3,1	6,814	6,158	-9,6	0,4	1,7
Trigo	62,1	48,7	-21,6	8,347	5,475	-34,4	2,1	1,5
Suínos	25,3	26,8	5,9	4,746	4,775	0,6	1,2	1,3
Algodão	0,9	0,8	-11,1	7,155	4,277	-40,2	0,0	1,2
Subtotal	1.226,3	1.230,0	0,3	284,842	255,509	-10,3	54,0	69,3
Outros	895,6	1.046,4	16,8	119,433	113,200	-5,2	46,0	30,7
Total	2.121,9	2.276,4	7,3	404,275	368,709	-8,8	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

Crédito Rural em Santa Catarina

A exemplo do Brasil, em Santa Catarina foram identificadas variações importantes na aplicação de crédito rural entre os três grandes “vertentes” (Pronaf, Pronamp e demais) da PNCR. De 2023 para 2024, por exemplo, enquanto o Pronamp e o Pronaf aumentaram nos demais programas houve redução significativa (Tabela 8).

Tabela 8. Crédito rural por programa em Santa Catarina – 2023-24

Programa	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Pronaf	104,8	111,2	6,1	7,622	8,463	11,0	76,6	40,5
Pronamp	17,1	20,3	18,7	3,173	3,832	20,8	14,0	18,3
Demais Programas	15,5	13,6	-12,3	9,986	8,600	-13,9	9,4	41,2
Total	137,4	145,1	5,6	20,781	20,895	0,5	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

A participação no valor aplicado no Pronaf em Santa Catarina (40,5%, em 2024) é muito superior à do Brasil (18,3%, em 2024) e à da maioria dos estados brasileiros.

Entre os segmentos financeiros que operacionalizam a PNCR, Santa Catarina também apresenta situação bem diferente da nacional. A principal delas é a participação das cooperativas de crédito no número de contratos (51,3%) e no valor aplicado (37,5%). Em 2024, pela primeira vez na história, as cooperativas de crédito superaram os bancos públicos em número de contratos e valor aplicado no Estado (Tabela 9).

Tabela 9. Crédito rural por segmento financeiro em Santa Catarina – 2023-24

Segmento	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Cooperativa de crédito	70,6	74,5	5,5	6,778	7,829	15,5	51,3	37,5
Banco público	57,8	58,3	0,9	7,593	7,648	0,7	40,2	36,6
Banco privado	2,2	1,9	-13,6	5,055	3,999	-20,9	1,3	19,1
Banco cooperativo	5,4	8,4	55,6	0,719	1,007	40,1	5,8	4,8
Banco de des. e agência de fomento	1,4	2,1	50,0	0,632	0,407	-35,6	1,4	1,9
Soc. de crédito, financ. e investimento	0,0	0,0	-	0,004	0,005	25,0	0,0	0,0
Total	137,4	145,2	5,7	20,781	20,895	0,5	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

Esse crescimento do crédito rural nas cooperativas fica ainda mais evidente em prazos maiores. Na comparação de 2015 com 2024 (dez anos), por exemplo, o valor aplicado pelas cooperativas aumentou 606,6%, contra 55,4% nos bancos públicos (Tabela 10).

Tabela 10. Crédito rural por segmento financeiro em Santa Catarina – 2015-2024

Segmento	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. no R\$ (%)	
	2015	2024		2015	2024		2015	2024
Cooperativa de crédito	30,7	74,5	142,7	1,108	7,829	606,6	12,2	37,5
Banco público	89,3	58,3	-34,7	4,923	7,648	55,4	54,1	36,6
Banco privado	21,5	1,9	-91,2	2,452	3,999	63,1	27,0	19,1
Banco cooperativo	2,5	8,4	236,0	0,151	1,007	566,9	1,7	4,8
Banco de des. e agência de fomento	2,2	2,1	-4,5	0,459	0,407	-11,3	5,0	1,9
Soc. de crédito, financ. e investimento	0,0	0,0	-	0,000	0,005	-	0,0	0,0
Total	146,2	145,2	-0,7	9,093	20,895	129,8	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

Nos casos das atividades, o percentual do valor aplicado na pecuária estadual (49,5%, em 2024) é bem maior do que no Brasil (32,3%, em 2024). Nas finalidades, os dados de Santa Catarina que mais chamam a atenção são o do número de contratos de custeio e o do valor para industrialização, que representaram, respectivamente, 69,1% e 12,3% do total estadual em 2024 (Tabela 11).

Tabela 11. Crédito rural por atividade e finalidade em Santa Catarina

Atividade	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Agrícola	65,7	67,2	2,3	10,520	10,555	0,3	46,3	50,5
Pecuária	71,7	77,8	8,5	10,261	10,340	0,8	53,7	49,5
Total	137,4	145,0	5,5	20,781	20,895	0,5	100	100
Finalidade	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Custeio	100,3	100,2	-0,1	11,185	11,231	0,4	69,1	53,7
Investimento	34,9	43,0	23,2	4,955	5,440	9,8	29,6	26,0
Industrialização	0,3	0,3	0,0	2,890	2,566	-11,2	0,2	12,3
Comercialização	1,9	1,6	-15,8	1,751	1,658	-5,3	1,1	7,9
Total	137,4	145,1	5,6	20,781	20,895	0,5	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

Entre os dez produtos com os maiores valores aplicados em 2024, seis são da atividade agrícola e quatro da pecuária. Bovinos é produto com maior aplicação no Estado (25%). Possivelmente, muito por conta da atividade leiteira, que envolve milhares de produtores e segue em franco crescimento no Estado (Tabela 12)¹.

¹ As bases de dados Banco Central não permitem distinguir o crédito para bovinos entre corte e leite. Essa suposição decorre da importância socioeconômica muito maior da bovinocultura de leite em relação à de corte no Estado.

Tabela 12. Crédito rural por produto em Santa Catarina

Produto	Mil contratos		Variação %	Bilhão de R\$		Variação %	Part. % (2024)	
	2023	2024		2023	2024		Contratos	R\$
Bovinos (corte e leite)	53,2	57,0	7,1	4,443	5,231	17,7	39,3	25,0
Soja	11,3	10,2	-9,7	2,306	2,160	-6,3	7,0	10,3
Milho	14,0	11,1	-20,7	1,804	1,534	-15,0	7,6	7,3
Arroz	3,3	3,4	3,0	1,263	1,376	8,9	2,3	6,6
Aves	1,2	1,3	8,3	1,303	1,331	2,1	0,9	6,4
Suínos	2,0	2,0	0,0	1,602	1,259	-21,4	1,4	6,0
Cebola	4,8	4,7	-2,1	0,582	0,656	12,7	3,2	3,1
Maçã	1,5	1,7	13,3	0,308	0,321	4,2	1,2	1,5
Trigo	2,9	2,3	-20,7	0,397	0,259	-34,8	1,6	1,2
Peixes	0,9	1,1	22,2	0,144	0,165	14,6	0,8	0,8
Subtotal	95,1	94,8	-0,3	14,152	14,292	1,0	65,3	68,4
Outros	42,3	50,3	18,9	6,629	6,603	-0,4	34,7	31,6
Total	137,4	145,1	5,6	20,781	20,895	0,5	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil (2025)

Desempenho da produção vegetal

Alho

Jurandi Teodoro Gugel – Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Produção e mercados mundiais

A produção mundial de alho, em 2022 teve um aumento de 3,33% comparado ao ano de 2021, com uma produção de 29,2 milhões de toneladas. A área colhida foi de 1,66 milhão de hectares, aumento de 0,16% e a produtividade média foi de 17,51t/ha, aumento de 3,18 % em relação à do ano de 2021, de acordo com os dados da FAO. Em 2023, apesar do aumento da área colhida em 1,67%, a produção mundial recuou 1,63%, puxada pela redução da produção da China em 3,02%, apesar do aumento de área colhida em 1,69%, naquele país.

De qualquer forma, a China continua sendo o maior produtor mundial, com 20,74 milhões de toneladas em 2023, ante 21,39 milhões de toneladas em 2022. A produção desse país corresponde a mais de 70% da produção mundial.

O segundo maior produtor é a Índia, com a produção de 3,20 milhões de toneladas em uma área colhida de 393,0 mil ha no ano de 2022. Em 2023 a Índia teve aumento de 1,8% na produção com 3,26 milhões de toneladas equivalente a 11,36% da produção mundial.

A participação de China e Índia na produção mundial de alho em 2022 foi de 84,23% e baixando para 83,57% em 2023.

A participação do Brasil na produção mundial da hortaliça em 2022 foi de 0,57% e de 0,64% em 2023 (tabela 1).

Tabela 1. Alho – Produção mundial e dos principais países produtores – 2019-23

	Quantidade produzida (mil t)					Área colhida (mil ha)				
	2019	2020	2021	2022	2023	2019	2020	2021	2022	2023
Mundo	30.755	27.832	28.261	29.203	28.727	1.639	1.628	1.665	1.667	1.695
China	23.305	20.408	20.457	21.391	20.743	834	828	832	826	840
Índia	2.910	2.925	3.190	3.208	3.266	358	352	392	393	408
Coreia do Sul	387	363	309	526	318	28	25	22	22	247
F. Russa	202	190	175	147	145	21	21	19	17	15
Bangladesh	466	485	502	526	548	72	74	73	72	71
Myanmar	208	210	211	203	207	28	28	28	27	27
Espanha	271	269	316	281	194	27	28	30	30	25
Ucrânia	215	212	215	188	186	24	24	23	21	20
Argentina	147	149	149	154	156	16	15	15	16	16
Brasil	131	156	167	181	184	11	12	13	13	13

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

Em 2022, a quantidade de alho exportada mundialmente teve aumento de 7,77%, passando de 2,43 milhões de toneladas para 2,62 milhões de toneladas em relação ao ano de 2021. O montante financeiro passou de US\$3,11 bilhões, em 2021, para US\$2,77 bilhões, redução de 10,93% em 2022. Em 2023 a quantidade exportada foi de 0,84% superior ao ano anterior e o aumento do valor financeiro em 12,39%, atingindo US\$ 3,43 bilhões (Figura 1).

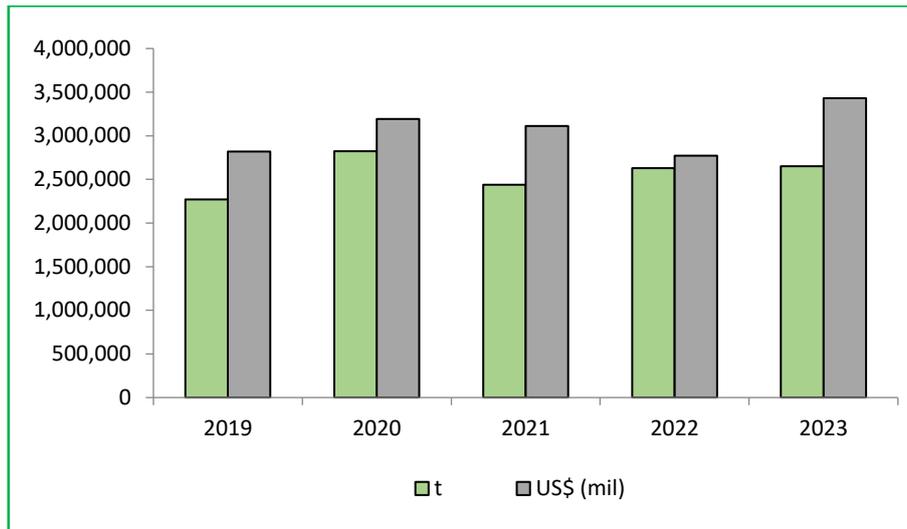


Figura 1. Alho – Evolução das exportações mundiais – 2019-23 (toneladas e US\$ - em mil)

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

Com relação aos principais países importadores de alho, a Indonésia é historicamente o maior importador da hortaliça com a importação de 566,2 mil toneladas em 2022 e 564,1 mil toneladas em 2023. O Brasil foi o quarto maior importador de alho em 2022 e o quinto em 2023, atrás de Indonésia, Vietnã, Malásia e Bangladesh.

Os dez principais países importadores internalizaram 1,44 milhão de toneladas, perfazendo 54,82% do total mundial das importações em 2022 que foi de 2,62 milhões de toneladas. Em 2023, os dez principais importadores internalizaram 1,66 milhão de toneladas, equivalente a 62,59% do total importado no ano, (Tabela 2).

Tabela 2. Alho – Principais países importadores – 2020-23 (mil t)

2020		2021		2022		2023	
Indonésia	587,7	Indonésia	603,0	Indonésia	566,2	Indonésia	564,1
Brasil	193,5	Malásia	125,7	Malásia	162,7	Vietnã	233,1
Malásia	115,2	Brasil	138,8	EUA	119,8	Malásia	197,4
Bangladesh	102,7	EUA	108,1	Brasil	119,7	Bangladesh	166,1
EUA	101,6	Filipinas	92,1	Filipinas	111,1	Brasil	115,0
Paquistão	101,0	E. Árabes Unidos	67,4	Vietnã	86,9	EUA	113,7
Tailândia	78,9	Paquistão	61,7	E. Árabes U.	84,9	Filipinas	91,7
E. Árabes Unidos	71,7	Bangladesh	61,6	Bangladesh	71,2	E. Árabes Unidos	65,7
Filipinas	67,6	Arábia Saudita	50,8	Arábia Saudita	60,0	Tailândia	63,9
Federação Russa	62,5	Fed. de Rússia	49,2	Paquistão	59,3	Arábia Saudita	49,4
Total	1482,4	Total	1358,4	Total	1441,6	Total	1660,1

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

A importação de alho pelo Brasil teve redução do ano de 2021 a 2023, proporcionada pelo aumento da produção interna. Em 2024, a quantidade importada teve aumento de 26,51% em relação ao ano anterior, podendo-se creditar isso à quebra da produção na safra 2023/24 na Região Sul e também ao aumento do consumo interno no país.

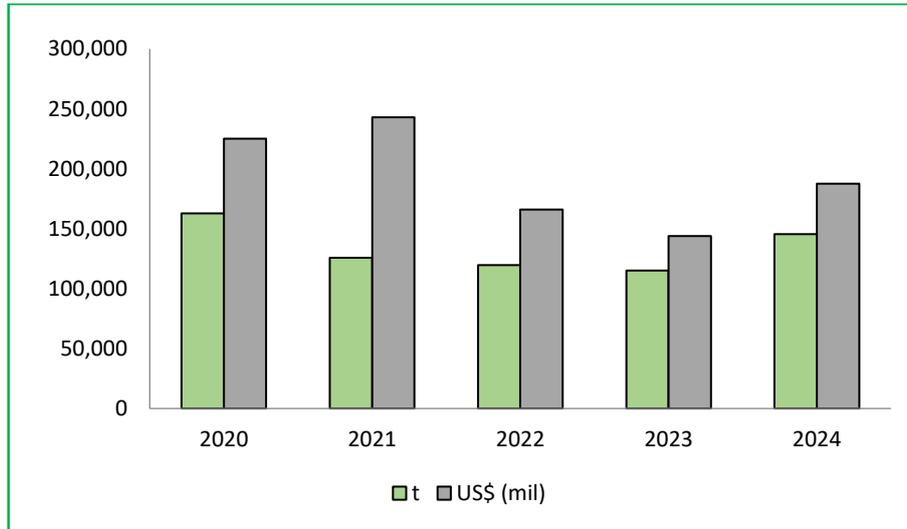


Figura 2. Alho – Brasil: evolução das importações – 2020-24
 Fonte: Siscomex/ME (janeiro/2025)

Produção e mercado nacionais

A produção brasileira de alho em 2023 foi de 184,84 mil toneladas, crescimento de 2,04% comparado à produção da safra de 2022 (Tabela 3). A produção está distribuída em sete estados e o Distrito Federal, os quais, juntos, produzem mais de 99% da produção nacional da hortaliça. Destacam-se como os maiores produtores os estados de Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Bahia.

O estado de Minas Gerais é o maior produtor, com produção de 93,2 mil toneladas em 2023, equivalente a 50,42% da produção brasileira. O estado de Goiás, segundo produtor, produziu em 2023, 56,19 mil toneladas, equivalente a 30,39%. A soma da produção dos dois maiores produtores brasileiros atingiu a 80,81% da produção nacional. O estado do Rio Grande do Sul ultrapassou Santa Catarina e foi o terceiro maior produtor. Santa Catarina passou para o quarto lugar no país, com 1.098ha colhidos e produção total de pouco mais de 8,9 mil toneladas (Tabela 3).

Tabela 3. Alho – Brasil: área colhida, produção e rendimento dos principais estados produtores – safras 2021/23

UF	Área Colhida			Produção total (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2021	2022	2023	2021	2022	2023	2021	2022	2023
Bahia	535	713	744	5.099	7.296	7.881	9.531	10.233	10.593
Minas Gerais	4.861	5.237	6.024	73.940	80.103	93.211	15.211	15.296	15.473
Paraná	312	271	268	1.417	1.213	1.324	4.542	4.476	1.324
Santa Catarina	1.881	1.580	1.098	18.419	14.635	8.969	9.792	9.263	8.969
Rio G. do Sul	1.488	1.582	1.478	11.478	12.989	10.954	7.714	8.210	10.954
Goiás	3.500	3.440	3.465	50.213	58.459	56.198	14.347	16.994	56.198
Distrito Federal	300	300	300	4.800	4.800	4.800	16.000	16.000	4.800
Espírito Santo	154	154	144	1.561	1.483	1.365	10.136	9.630	1.365
Demais	32	28	23	202	171	142	6.312	6.107	6.174
Brasil	13.063	13.305	13.544	167.129	181.149	184.844	12.794	13.615	13.648

Fonte: IBGE (novembro/2024)

A produção de alho no Brasil se mantém com a tendência de aumento puxada nos últimos anos pela expansão da área plantada e, especialmente, pelo uso intensivo de tecnologias de produção, notadamente na região do Cerrado Brasileiro. Nos últimos cinco anos, o aumento da produção nacional foi extraordinário e atingiu 41,21% em relação ao ano de 2019. Contribuíram para estes resultados o aumento de área plantada e o investimento em tecnologias de produção, especialmente na região do Cerrado Brasileiro (Figura 3).

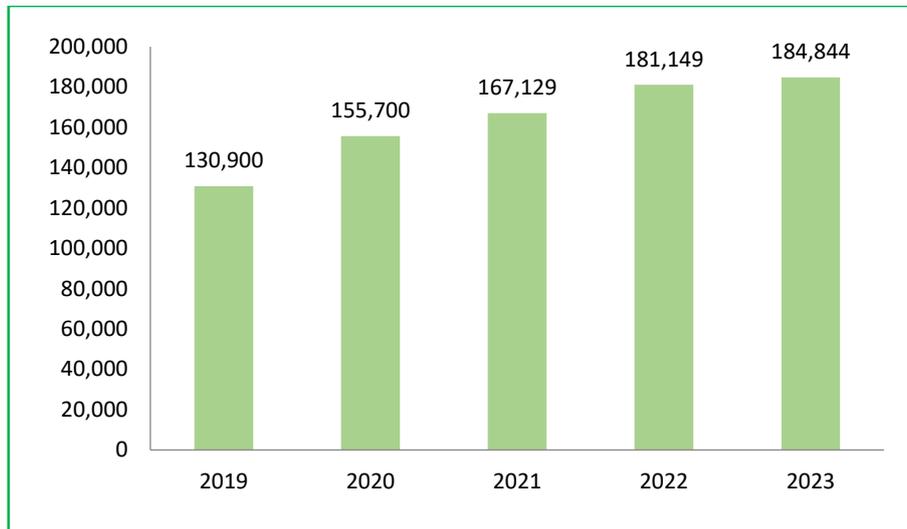


Figura 3. Alho – Brasil: evolução da produção – 2019-23 (tonelada)

Fonte: IBGE (novembro/2024)

Concomitante à expansão da área plantada, a incorporação de novas tecnologias nos processos produtivos proporcionaram importantes ganhos no desempenho produtivo da cultura. O rendimento passou de 11.780kg/ha em 2019, para 13.648/kg/ha em 2023, um incremento de 15,85% no período (Figura 4).

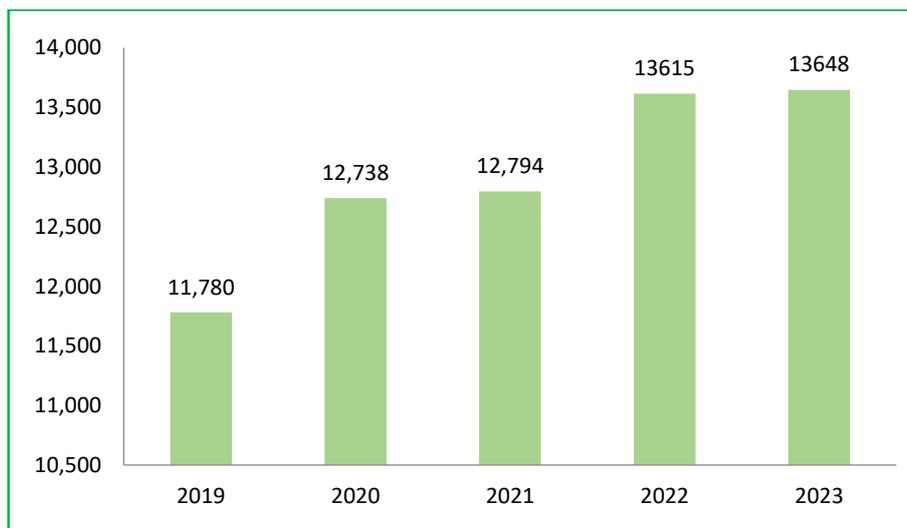


Figura 4. Alho – Brasil: evolução da produtividade – 2019-23 (t/ha)

Fonte: IBGE (novembro/2024)

Em relação ao consumo aparente anual (produção nacional + importação), no ano de 2023 o consumo de alho foi de 299,8 mil toneladas, aumento de 9,13 % em relação a 2022. Dessa forma, a produção nacional contribuiu com 61,64% do consumo interno de alho (Figura 5).

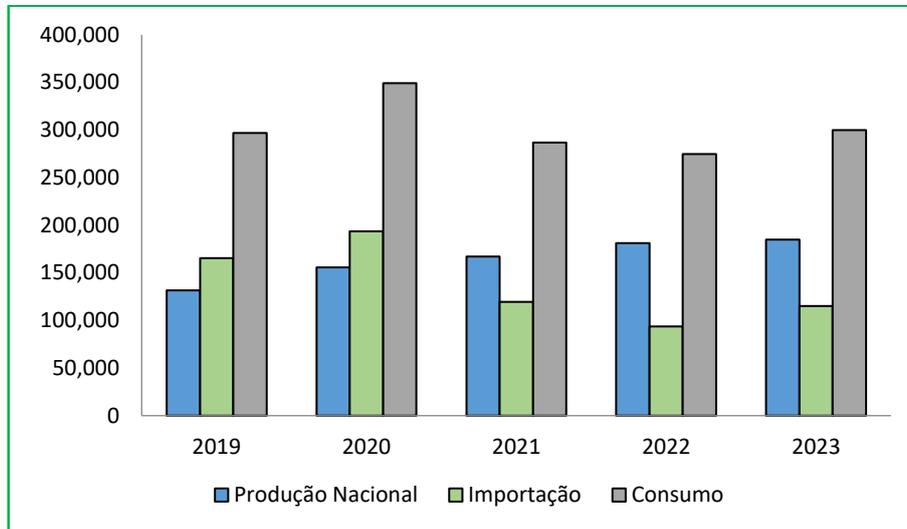


Figura 5. Alho – Brasil: produção, importação e consumo – 2019-23 (t/ano)

Fonte: Siscomex/IBGE (novembro/2024)

Produção e mercado estaduais

A cultura do alho em Santa Catarina, nos últimos anos enfrenta uma série de desafios desde a produção em si, com diversos e recorrentes eventos climáticos adversos que afetam as safras de alho, passando pela questão tributária e a histórica concorrência do alho argentino que é comercializado praticamente no mesmo período que o alho catarinense.

Desde a safra de 2022, há forte redução da área plantada em decorrência do baixo retorno econômico aos produtores e que se agravou nas safras de 2023 e 2024 com a ocorrência de eventos climáticos adversos, como o excesso de chuvas no período de desenvolvimento da cultura.

A área plantada na safra de 2024, de apenas 659ha, é a expressão maior da crise na cadeia produtiva da hortaliça no Estado.

Quanto à distribuição geográfica da produção, as microrregiões de Curitibanos e Joaçaba são as mais importantes. Em 2023, se destacaram os municípios de Fraiburgo (280ha), Frei Rogério (250ha), Curitibano (210ha) e Lebon Régis (100ha).

Na safra de 2024, ocorreu nova redução de área plantada. Os municípios de maior área plantada foram Fraiburgo (200ha), Frei Rogério (150ha), Curitibanos (126ha) e Lebon Régis (50ha), (Figura 6).

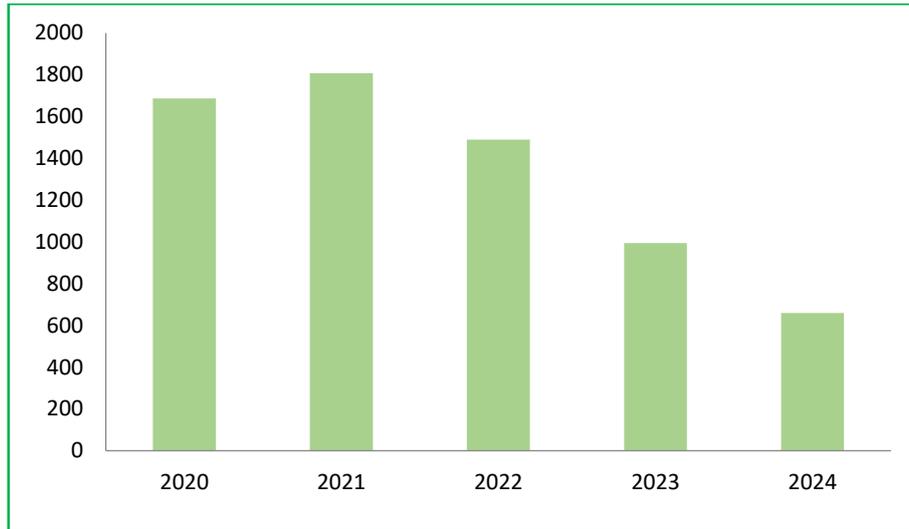


Figura 6. Alho – Santa Catarina: evolução da área colhida – 2020-24 (ha)
Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

A produção da safra catarinense em 2023 foi de 7.262 toneladas, redução de 55,38 % em relação à safra de 2022. A safra 2024, segundo o acompanhamento sistemático de safra de Epagri/Cepa, aponta para uma produção de 6.954 toneladas, redução de 4,24 % em relação à safra anterior (Figura 7).

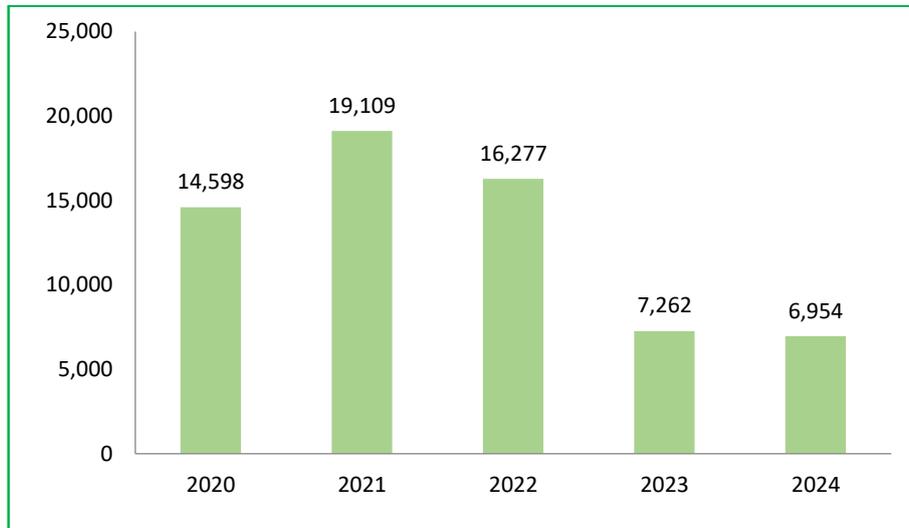


Figura 7. Alho – Santa Catarina: evolução da produção – 2020-24 (t)
Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

A boa infraestrutura das propriedades produtoras de alho em Santa Catarina, o conhecimento dos produtores do saber fazer na cultura do alho e a assistência técnica disponível, não impediram perdas de produção na cultura no estado, inclusive fazendo que muitas famílias desistissem da atividade. Os eventos climáticos adversos, as conjunturas de mercado no período de comercialização e a questão tributária até a comercialização da safra 2023/24 afetaram fortemente a cultura em Santa Catarina.

A safra 2024, apesar da redução da área plantada, se mostra produtiva e rentável para os produtores, sinalizando que a cultura pode recuperar seu espaço nos próximos anos em Santa

Catarina. As boas condições climáticas na safra recuperaram o desempenho das lavouras e o rendimento obtido foi de 10.538kg/ha, aumento de 44,53% em relação à safra anterior.

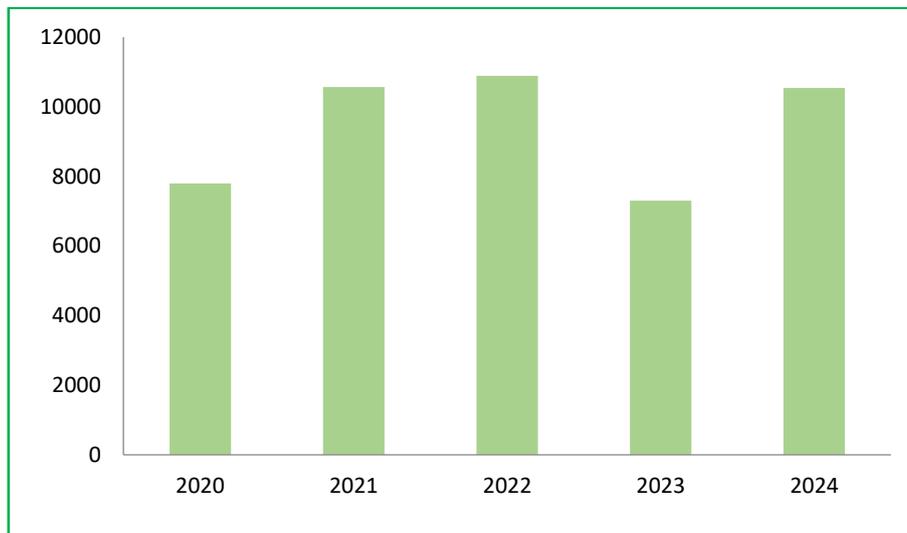


Figura 8. Alho – Santa Catarina: evolução da produtividade – 2020-24

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Para concluir, registramos a participação da cultura do alho no Valor da Produção Agrícola (VPA) na safra 2023, que foi de R\$69,95 milhões, redução de 38,87 % em relação ao da safra anterior, cujo resultado foi de R\$114,42 milhões.



Arroz

Gláucia Padrão – Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

A produção mundial de arroz tem se mantido estável ao longo dos anos. Com pouca disponibilidade de áreas para expansão da cultura nos principais produtores, a variação média tem sido de aproximadamente 1% ao ano no período compreendido entre 2021 e 2024. Na safra 2023/24, a produção mundial foi de 522,62 milhões de toneladas e os principais países produtores permaneceram os mesmos, com a China ocupando 27,67% do total, seguida da Índia com 26,37%. Com uma safra severamente prejudicada pelo excesso de chuva no sul do país, em especial no Rio Grande do Sul, o Brasil caiu para a décima segunda posição no ranking de produtores mundiais em 2023/24, com expectativa de retornar à décima posição na safra 2024/25. Na safra 2023/24, a produção global de arroz beneficiado foi cerca de 2% maior (9,66 milhões de toneladas métricas de arroz beneficiado) do que a obtida na safra anterior. Isso, porque apesar de a China, maior produtor mundial ter reduzido a produção em função de problemas climáticos, em especial inundações que atingiram as lavouras em estágio de polinização, países como Índia e Bangladesh tiveram sua produção aumentada, quer por aumento de área ou por bom desempenho da safra. O Paquistão colheu a maior safra da história, haja vista a boa distribuição das chuvas, o que reduziu a necessidade de água para irrigação. Outros países, por outro lado, tiveram problemas com a safra, causados por condições climáticas adversas. É o caso da Indonésia que apresentou perdas na produção em razão da prolongada estação de seca, que resultou em atrasos no plantio e colheita. Para a safra 2024/25 a expectativa é que a produção mundial de arroz beneficiado aumente em aproximadamente 2%, comparativamente ao ano anterior. Com exceção de Bangladesh, Filipinas e Burma, que têm expectativa de redução da produção nesta safra devido à redução de área e inundações significativas que afetaram o cultivo, os demais países que compõem o ranking de maiores produtores deverão aumentar a produção. Dos principais produtores mundiais, o Brasil e Índia apresentam a maior expectativa de aumento da produção na safra de 2024/25. O Brasil espera aumento de área, especialmente no Rio Grande do Sul e a produtividade deverá retornar ao patamar de normalidade, ao contrário do cenário observado na safra anterior. A Índia, por sua vez, deverá ter uma produção recorde devido às chuvas de monções, que em 2024 foram abundantes e bem distribuídas, o que proporcionou condições ideais para o cultivo do arroz (Tabela 1).

Com o consumo ajustado à produção, os estoques mundiais de arroz são baixos. Na safra 2023/24, o consumo totalizou 523,21 milhões de toneladas, o que representa 0,22% a mais do que foi produzido na mesma safra. Dessa forma, os estoques mundiais na safra totalizaram 179,48 milhões de toneladas e representaram uma leve redução em relação aos 180,65 milhões registrados na safra anterior. O estoque chinês representa a maior parcela do total, 57,4%, e foi reduzido significativamente na referida safra. Na safra 2024/25, a previsão é de aumento nos estoques finais, estimados em 181,63 milhões, graças ao aumento da produção esperada para a safra. Considerando a relação entre estoque/consumo, esta vem se reduzindo ao longo dos anos e na safra 2023/24 foi de 34,29%, o que tem impacto direto nos preços internacionais, haja vista a relação inversa entre estoque e preços. Para a safra 2024/25, espera-se um consumo recorde, alcançando 530,52 milhões de toneladas de arroz beneficiado. Esse crescimento é impulsionado pelo aumento populacional, manutenção do grão como alimento básico em diversos países e aumento significativo da produção global. Apesar disso, a relação estoque consumo deverá continuar em torno de 34%.

Tabela 1. Arroz beneficiado – Principais países produtores – 2020/21-2024/25⁽¹⁾

(milhões de toneladas)

País	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24	2024/25 ⁽¹⁾	Cresc. % (21-24)	Var. % (24-25 ¹)
Total mundial	508,80	513,10	512,96	522,62	532,87	0,90	1,96
China	148,30	148,99	145,95	144,62	145,28	-0,83	0,45
Índia	124,37	129,47	135,76	137,83	145,00	3,48	5,21
Bangladesh	34,60	35,85	36,35	37,00	36,60	2,26	-1,08
Indonésia	34,50	34,40	34,00	33,02	34,00	-1,45	2,97
Vietnã	27,38	26,67	26,94	26,30	26,50	-1,33	0,76
Tailândia	18,86	19,88	20,91	20,00	20,10	1,97	0,50
Filipinas	12,42	12,54	12,63	12,33	12,00	-0,24	-2,64
Burma	12,60	12,40	11,80	11,90	11,85	-1,89	-0,42
Paquistão	8,42	9,32	5,50	9,87	10,00	5,44	1,33
Brasil	8,00	7,34	7,00	7,20	8,00	-3,46	11,11
Cambodja	6,27	6,56	7,00	7,40	7,38	5,67	-0,31
Japão	7,57	7,64	7,48	7,30	7,35	-1,22	0,73

⁽¹⁾ Dados de janeiro de 2025.

Fonte: USDA (janeiro/2025)

No que tange ao mercado externo, observa-se que este ainda se caracteriza como pouco expressivo em termos de comércio entre países. Na safra 2023/24, as exportações mundiais representaram 11,34% do volume produzido. O volume exportado cresceu 4,31% ao ano no período de 2020/21 a 2023/24, sem, contudo, aumentar a participação das exportações no volume produzido, que tem se mantido em torno de 10% a cada ano, e com pouca variação no que se refere aos principais países no ranking. Do volume exportado, Índia, Tailândia e Vietnã representaram 61,29% do total comercializado na safra 2023/24, o que significa uma variação de -7,19% em relação à safra anterior. Isso, porque, em setembro de 2022, a Índia proibiu as exportações de arroz quebrado e impôs uma taxa de 20% sobre os embarques de arroz branco não-basmati, visando conter a inflação alimentar doméstica. Ao longo de 2023, as restrições foram mantidas, em razão de preocupações em relação aos efeitos que o El Niño pudesse ter sobre a produção, o que resultou em menor oferta do grão indiano para exportação, mesmo o país tendo aumentado a produção naquela safra. Outros países reduziram significativamente as exportações na safra 2023/24, como o Brasil, China e Uruguai. O Brasil se manteve na nona posição entre os principais países exportadores em 2023/24 e deverá ocupar a oitava posição na safra 2024/25. Apesar de pouco representativas em comparação aos primeiros colocados, as exportações brasileiras vêm apresentando crescimento, com aumento da participação no mercado externo, principalmente do Rio Grande do Sul. Para a safra 2024/25, o aumento de quase 2% da produção mundial não deverá refletir nas exportações, cuja variação prevista em relação à safra anterior é de -1,92%. Isso, porque os três principais exportadores, com exceção da Índia que deve aumentar em 27% as exportações, estimam exportações significativamente menores para a safra, comparativamente à safra anterior. Por outro lado, o Brasil tende a aumentar sua participação nas exportações em 34,99% na safra 2024/25, se a estimativa de produção se mantiver favorável. (Tabela 2)

Do lado das importações, ao longo do período analisado, observa-se que a China se destacava como maior importador até a safra 2021/22 e com necessidades crescentes até aquele ano. No entanto, na safra 2022/23 houve uma mudança significativa no cenário internacional. As Filipinas, apesar de manter estável a produção naquele ano, se destacaram como maior importador mundial e a Indonésia como segunda no ranking daquele ano. A China que ocupou o segundo lugar na safra 2022/23 caiu para a nona posição na safra 2023/24. Entre as causas dessas alterações, destacam-se as sucessivas reduções na produção da Indonésia, que

enfrentou, assim como a Índia, Tailândia e Vietnã, problemas com seca nas áreas de produção, provocadas pelo El Niño. Por ser um país cuja alimentação tem o arroz como base de consumo, justificou-se a necessidade de aumento das importações. Além disso, para manter a necessidade de consumo de sua população, a China, que também enfrentou problemas na safra 2022/23 e 2023/24, reduziu seus estoques para suprir a redução da produção. Outro aspecto é a elevação dos preços mundiais do grão, influenciados, especialmente, pela proibição das exportações de arroz branco não-basmati da Índia (maior exportador mundial), que na tentativa de segurar os preços internos elevou os preços externos. Para a safra 2024/25 espera-se uma redução de 1,92% no volume mundial importado.

Tabela 2. Arroz beneficiado – Principais países exportadores – 2020/21-2024/25⁽¹⁾

(milhões de toneladas)

País	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24	2024/25 ⁽¹⁾	Cresc. % (21-24)	Var. % (24-25)
Total mundial	45,37	52,18	56,12	52,39	59,22	58,08	4,31
Índia	14,58	21,24	22,12	17,50	17,30	22,00	-6,61
Tailândia	5,72	6,28	7,68	8,70	10,00	7,50	16,76
Vietnã	6,17	6,27	7,05	8,40	9,00	7,50	12,79
Paquistão	3,93	3,93	4,53	4,30	6,40	5,30	17,67
Cambodja	1,35	1,85	1,70	1,90	3,70	3,40	25,99
Estados Unidos	2,86	2,95	2,19	2,25	3,17	3,20	2,43
Burma	2,30	1,90	2,34	1,50	2,70	1,50	12,43
Brasil	1,24	0,78	1,45	1,21	0,96	1,30	7,19
China	2,27	2,41	2,17	1,60	1,15	1,00	-21,82
Uruguai	0,97	0,70	0,98	0,98	0,80	1,00	4,35
Outros países	4,00	3,86	3,92	4,05	4,04	4,38	1,52

⁽¹⁾ Dados de janeiro de 2025.

Fonte: USDA (janeiro/2025)

Tabela 3. Arroz beneficiado – Principais importadores mundiais – 2020/21-2024/25⁽¹⁾

(milhões de toneladas)

País	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24	2024/25 ⁽¹⁾	Cresc. % (21-24)	Var. % (24-25)
Total mundial	52,18	56,12	52,39	59,22	58,08	4,31	-1,92
Filipinas	2,95	3,80	3,75	5,30	5,40	21,57	1,89
Vietnã	1,80	1,70	1,80	3,80	3,40	28,28	-10,53
Nigéria	2,10	2,40	2,10	2,40	2,40	4,55	0,00
União Europeia	1,86	2,49	2,25	2,30	2,20	7,30	-4,35
China	4,92	6,16	2,60	1,40	2,00	-34,23	42,86
Iraque	1,32	2,12	1,90	2,15	2,00	17,81	-6,98
Arábia Saudita	1,16	1,32	1,40	1,75	1,75	14,79	0,00
Malásia	1,16	1,24	1,41	1,85	1,50	16,83	-18,92
Estados Unidos	0,98	1,32	1,30	1,45	1,50	14,03	3,45
Senegal	1,25	1,50	1,40	1,40	1,40	3,85	0,00
África do Sul	1	1,034	1,221	1,10	1,15	3,23	4,55
Outros países	31,68	31,04	31,26	34,32	33,38	2,70	-2,74

⁽¹⁾ Dados de janeiro de 2025.

Fonte: USDA (janeiro/2025)

Produção e mercado nacionais

A produção nacional de arroz é de cerca de 11 milhões de toneladas base casca, plantados em 1,6 milhões de hectares. Nas últimas safras a área tem se reduzido, especialmente nos principais estados produtores. A produção de arroz é observada em boa parte do país, mas concentra-se no Rio Grande do Sul (69% da produção total), Santa Catarina (10%) e Tocantins (6%). Os estados que se destacam são especializados na produção de arroz irrigado, que comparativamente ao arroz de sequeiro, possui menor custo e maior produtividade. Nas regiões norte e nordeste do país, o grão é utilizado para abertura de novas áreas a serem ocupadas com milho e soja, por exemplo, e por isso, as áreas nessas regiões oscilam a cada safra (Tabela 4). Na safra 2023/24, os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina foram afetados por excesso de chuva, no entanto, no resultado final, comparativamente à safra anterior que foi muito afetada pela estiagem, registrou-se um aumento de 3,25% na quantidade produzida. Já a safra 2024/25, iniciou com expectativa de aumento significativo da área e produção, especialmente no Rio Grande do Sul, onde se espera um aumento de 10% da área e 15% da produção. O clima propício tem levado a um bom desempenho da safra, o que tem impactado diretamente os preços, que têm apresentado trajetória decrescente desde o início da colheita.

Tabela 4. Arroz – Área plantada e quantidade produzida do Brasil e principais estados produtores – Safras 2020/21-2024/25⁽¹⁾

UFs	Área plantada (mil ha)					Quantidade produzida (mil t)					Var. Área (%) 24-25 ⁽¹⁾	Var. Quant. (%) 24-25 ⁽¹⁾
	20/21	21/22	22/23	23/24	24/25 ⁽¹⁾	20/21	21/22	22/23	23/24	24/25 ⁽¹⁾		
Brasil	1.679,2	1.618,3	1.479,5	1.607,8	1.745,0	11.766,4	10.788,8	10.030,4	10.585,5	11.985,8	8,53	13,23
RS	946,0	957,4	862,6	900,6	988,0	8.277,5	7.654,4	6.934,4	7.159,8	8.255,2	9,70	15,30
SC	148,6	147,9	146,6	146,0	149,9	1.254,9	1.178,3	1.227,6	1.138,8	1.218,3	2,67	6,98
TO	124,4	100,5	88,1	131,1	131,9	692,2	560,7	532,5	752,6	768,7	0,61	2,14
MT	122,5	93,3	74,9	95,9	113,0	422,0	332,1	277,4	337,6	400,9	17,83	18,75
MA	95,2	103,6	94,6	86,7	88,6	172,4	211,8	188,7	192,9	200,3	2,19	3,84
PR	21,0	21,5	20,9	19,4	20,0	154,7	159,7	159,9	126,6	155,3	3,09	22,67
GO	24,2	18,9	14,6	26,2	32,2	130,9	85,5	81,6	130,1	153,9	22,90	18,29
RO	36,8	32,9	37,3	41,2	36,2	121,4	105,3	122,9	138,5	122,9	-12,14	-11,26
PA	43,8	35,2	34,3	35,1	38,8	117,2	111,0	103,0	112,4	121,2	10,54	7,83
RR	12,5	12,0	12,0	12,9	13,3	90,6	88,8	89,0	88,5	100,1	3,10	13,11
Outros	104	95	94	113	133	333	301	313	408	489	18,10	19,94

⁽¹⁾ Estimativa de janeiro de 2025.

Fonte: Conab (janeiro/2025)

O comércio internacional do arroz no Brasil, como na maioria dos países produtores, é pouco expressivo, devido ao ajuste do consumo à produção. No ano de 2024, houve redução de 9,18% no valor exportado total (US\$564,4 milhões), em razão de fatores climáticos adversos que afetaram a produção nacional. No entanto, cabe destacar que a composição das exportações brasileiras de arroz tem sofrido alterações nos últimos anos, com aumento da participação de arroz beneficiado (semibraneado ou parboilizado) e redução da participação do arroz em casca. Essa alteração se deve especialmente à expansão para novos mercados consumidores. Entre os principais destinos das exportações, destaca-se Senegal (18,21%), Costa Rica (17,41%) e Venezuela (10,20%). O Rio Grande do Sul foi responsável por 96,51% do total exportado no ano, seguido por São Paulo (1,3%), que saiu da quarta posição em 2023 e ocupou a segunda posição no ranking. Essa posição até então era ocupada por Santa Catarina, que em 2024 respondeu por 0,68% do total exportado.

Tabela 5. Arroz – Exportações brasileiras por países de destino – 2020-24

(US\$ milhões)

País	2020	2021	2022	2023	2024
Total	503,58	359,09	656,33	621,46	564,40
Senegal	40,18	34,73	84,85	87,53	102,18
Costa Rica	29,15	27,56	49,69	90,34	97,70
Venezuela	103,69	51,37	79,08	82,16	60,45
Gâmbia	30,89	30,12	29,34	36,50	54,86
Peru	60,77	57,15	36,76	37,96	47,67
Serra Leoa	30,20	12,85	3,56	10,05	29,18
República Dominicana	0,03	-	-	0,00	28,94
Cuba	27,53	29,86	49,83	33,73	25,65
Estados Unidos	30,19	18,14	21,17	28,11	20,20
Guatemala	11,73	0,41	23,38	4,24	16,19
Outros	139,23	96,90	278,66	210,85	81,38

Fonte: Comex Stat (janeiro/2025)

Do lado das importações, houve incremento de 28,42% no valor total, em relação ao ano anterior, haja vista a necessidade de suprir a redução na oferta interna. O Paraguai tem se mantido como principal parceiro comercial do Brasil e nos últimos anos tem aumentado sua participação no mercado. Em 2024, o valor importado foi de US\$679,80 milhões, dos quais o Paraguai participou com 50%. Esta participação só não foi maior do que o ano anterior, pelo aumento da participação da Tailândia no mercado brasileiro no ano, beneficiado pela taxa zero de importações para países além do Mercosul, que a colocou na terceira posição do ranking. Uruguai e Argentina permaneceram como fortes parceiros comerciais do Brasil, sendo responsáveis, respectivamente, por 26,54% e 5,14% do valor importado. A proximidade com as principais indústrias de beneficiamento do grão, localizadas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, menores custos de transporte, bem como a similaridade do grão produzido nestes países com o demandado pelos consumidores brasileiros, facilitam a entrada e permanência destes no mercado (Tabela 6). Entre as explicações para o aumento das importações encontram-se a redução da oferta interna, resultante dos problemas climáticos (excesso de chuva) enfrentados pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina e os compromissos com as exportações do grão, que resultaram em incertezas quanto à oferta interna e levaram o governo federal a tomar medidas que facilitassem as importações e controlassem a elevação dos preços no mercado. Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo foram responsáveis por 84,38% das importações no ano.

Tabela 6. Arroz – Importações brasileiras por países de origem – 2020-24

(US\$ milhões)

País	2020	2021	2022	2023	2024
Total	376,53	316,79	349,99	529,37	679,80
Paraguai	164,69	193,25	214,77	310,18	337,67
Uruguai	89,25	54,41	83,05	173,75	180,39
Tailândia	0,34	13,14	0,31	0,52	101,60
Argentina	47,36	31,13	41,26	29,57	34,97
Itália	7,88	7,74	9,13	11,80	11,51
Vietnã	0,47	0,10	0,08	1,11	4,63
Guiana	16,08	5,34	0,00	0,00	3,74
Chile	0,00	0,00	0,00	1,44	1,88
Suriname	2,61	1,26	0,00	0,00	1,68
Bolívia	0,00	0,00	0,00	0,00	0,73
Paquistão	0,21	0,40	0,30	0,46	0,43

Fonte: Comex Stat (janeiro/2025)

Produção e mercado estaduais

Em Santa Catarina, o arroz irrigado é produzido em 86 municípios, concentrados no Litoral Sul (66,84%), seguido da região Litoral Norte (23,19%), Alto Vale do Itajaí (7,09%) e Grande Florianópolis (2,88%). A safra 2023/24 encerrou com produtividade média 7,6% menor do que a observada na safra 2022/23, devido ao excesso de chuva ocorrido especialmente no Alto Vale do Itajaí, que levou a replantio de áreas e redução da produtividade, causados por excesso de nebulosidade e baixa luminosidade. Com isso, a produção alcançou a marca de 1,158 milhão de toneladas (8,41% a menos do que na anterior), que segue tanto para o mercado externo quanto para beneficiamento na indústria. Os principais municípios produtores foram Turvo, Forquilha e Meleiro, responsáveis por 23,85% da produção estadual.

Tabela 7. Arroz Irrigado – Santa Catarina: Comparativo de safra por região agro, safras 2023/24 e 2024/25⁽¹⁾

Região Agro	2023/24			2024/25 ⁽¹⁾			Variação (%)		
	Área Plantada (mil ha)	Quant. produzida (mil t)	Rend. Médio (t/ha)	Área Plantada (mil ha)	Quant. produzida (mil t)	Rend. Médio (t/ha)	Área Planta da	Quant. produzi da	Rend. Médi o
Santa Catarina	145,74	1158,54	7,95	145,30	1268,79	8,73	-0,30	9,52	9,85
Litoral Sul	97,41	773,90	7,94	97,06	835,42	8,61	-0,36	7,95	8,34
Litoral Norte	33,80	279,62	8,27	33,71	298,87	8,87	-0,27	6,88	7,17
Alto Vale do Itajaí	10,33	75,46	7,30	10,33	104,50	10,12	0,00	38,48	38,48
Grande Florianópolis	4,20	29,56	7,04	4,20	30,00	7,14	0,00	1,49	1,49

⁽¹⁾ Safra em andamento, atualizada em janeiro de 2025.

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

No que tange à safra 2024/25, em andamento, a estimativa atual aponta para estabilidade com leve redução da área em relação à safra anterior (variação de -0,31%), ocorrida principalmente na região do Litoral Norte e Tubarão, e explicada pela conversão de áreas de várzea em construções urbanas comerciais e/ou pousio devido à ocorrência de plantas



daninhas em excesso. A expectativa é de que a produção seja 9,52% maior do que na safra passada, impulsionada por um aumento de 9,85% na produtividade média, estimada em 8,73 toneladas por hectare. Espera-se que as lavouras se desenvolvam dentro da normalidade, com cultivares de alto potencial produtivo e investimento em tecnologia e melhorias de manejo, resultando nesse aumento de produtividade média e confirmando a tendência observada em anos anteriores. A expectativa é de safra com resultados favoráveis, haja vista as boas condições climáticas que têm permitido um bom desempenho das lavouras. Com isso, a produção estimada é de 1,268 milhão de toneladas de arroz em casca a ser absorvido pela indústria. A demanda da indústria catarinense gira em torno de 1,5 milhão de toneladas, em sua maior parte suprida pela produção do estado e o restante pelos países do Mercosul (Uruguai e Paraguai) e pelo Rio Grande do Sul.

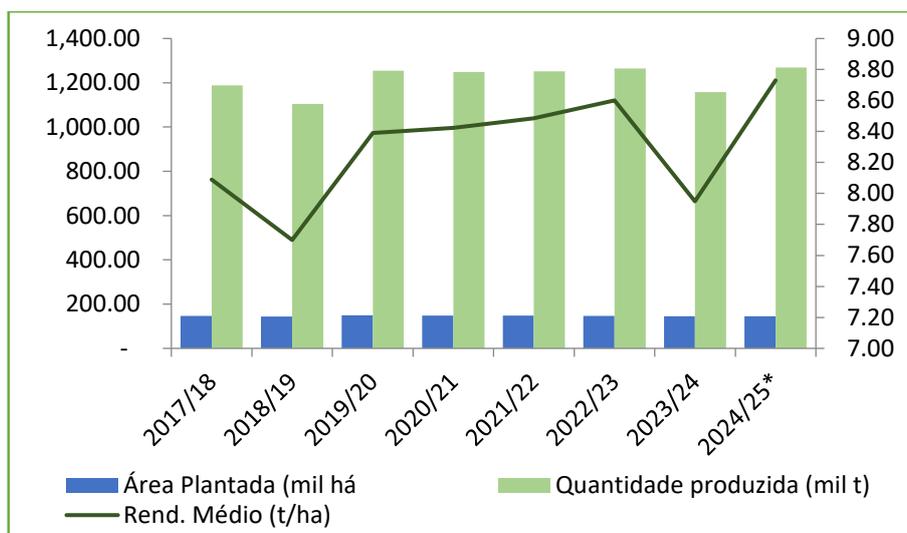


Figura 1. Arroz – Santa Catarina: evolução da área, produção e rendimento médio, safra 2017/18 a 2024/25⁽¹⁾

⁽¹⁾ Safra em andamento, atualizada em janeiro de 2025.

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Em 2023, Santa Catarina foi o segundo maior exportador de arroz do país, ficando atrás apenas do Rio Grande do Sul, que respondeu por 96,68% do total. De janeiro a dezembro de 2023, as exportações catarinenses de arroz e seus derivados somaram US\$9,723 milhões, tendo como principal destino a Venezuela (76,09% do total exportado). Esse valor foi mais que o dobro do total exportado em todo o ano de 2022 e representou cerca de 2,0% do total exportado pelo Brasil em 2023. Isso porque o dólar estava favorável e impulsionou as exportações, e os Estados Unidos, grande concorrente do Brasil no mercado externo, apresentou quebra daquela safra. No entanto, as importações foram 103,85% maiores do que o total de 2022, para suprir a necessidade da indústria e em razão da baixa oferta interna. A necessidade de importação do Brasil foi maior em 2023, visto que a safra gaúcha foi muito prejudicada pela estiagem. Já em 2024, o cenário foi bem diferente: de janeiro a dezembro de 2024 foram exportados US\$3,837 milhões, tendo como principais destinos Trinidad e Tobago (38,9%), Senegal (24%) e Gâmbia (13,5%). Esse valor é cerca de 61% menor do que o valor exportado no mesmo período do ano passado. Isso, porque a safra catarinense sofreu com o excesso de chuvas e o mercado externo não estava favorável, comparativamente ao mercado doméstico, que alcançou patamares de preço equivalentes aos observados na pandemia. Do lado das importações, de janeiro a dezembro de 2024 o valor foi 19,56% maior do que o observado no mesmo período de 2023. Entre as explicações para tal comportamento destaca-se a menor

oferta interna, resultante de problemas na safra enfrentados pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Entre os principais parceiros comerciais de Santa Catarina no período analisado, encontram-se Uruguai (55,36%), Paraguai (10,55%) e Tailândia (10,27%).

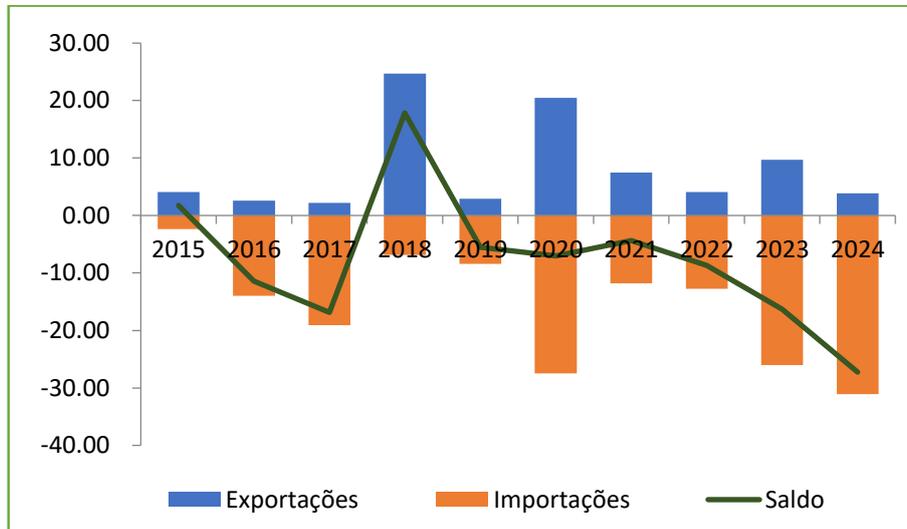


Figura 2. Arroz – Exportações, importações e saldo da balança comercial catarinense – 2015-24 (US\$ milhões)

Fonte: Comex Stat/MDIC (janeiro/2025)

Analisando as características do comércio internacional do arroz catarinense, houve uma modificação significativa em 2024. De maneira geral, o produto que ocupa a maior parte das exportações é o arroz com casca, que em 2023 representou cerca de 76% do valor total exportado. No entanto, em 2024, em razão da menor produção, houve um incremento nas exportações de arroz beneficiado, destacando o arroz semibranqueado ou branqueado, como principal categoria de arroz exportado (52,15%). Do lado das importações, este também foi o produto de maior participação, e representou cerca de 85% do valor total importado no ano. Esta não foi uma característica exclusiva do estado de Santa Catarina, e se repetiu no estado de São Paulo (segundo maior exportador em 2024). No Rio Grande do Sul, no entanto, as categorias de maior participação no mercado exportador foram arroz quebrado (35,63%) e arroz com casca não parboilizado (31,37%).

Banana

Rogério Goulart Junior, Economista, Dr. – Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Em 2023, a bananicultura mundial produziu 139,2 milhões de toneladas, com crescimento de 2,6% a.a., entre 2021 e 2023. Com mais de 5,97 milhões de hectares de área colhida, apresentou produtividade média de 23.317 quilos por hectare.

Entre os cinco continentes, a Ásia participou com 51,9% da produção da fruta, as Américas com 23,9%, a África com 22,5%, a Oceania com 1,2% e a Europa com apenas 0,5%. No continente americano, a América do Sul representou 14,5% e a América Central 9,4% da produção mundial (Figura 1).

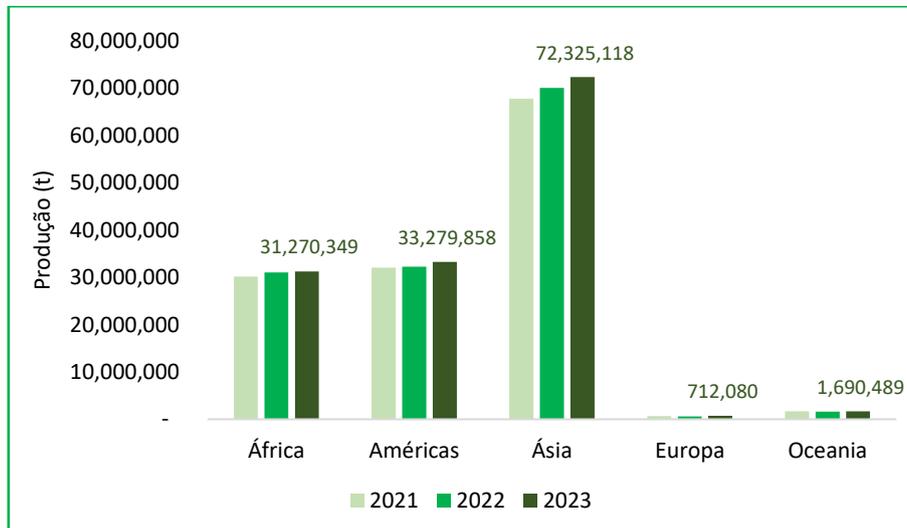


Figura 1. Banana – Produção mundial por continente – 2021 a 2023

Fonte: FAO (janeiro/2025)

Os dois principais continentes produtores apresentaram produtividade média acima da mundial: a Ásia com 33.457 quilos por hectare, e crescimento de 1,4% a.a., entre 2021 e 2023, e as Américas com 24.352 quilos por hectare, e aumento de 1,2% nos dois últimos anos. A África apresentou produtividade abaixo da média, com 13.451 quilos por hectare, e crescimento de 0,7%, entre 2021 e 2023.

Entre 2019-23, a produção mundial de banana e a área colhida mundial apresentaram taxa de crescimento positiva de 4,4% ao ano.

Os seis principais países produtores representam 56,8% da produção de banana no mundo, com crescimento anual de 3,2% nos cinco anos analisados. A Índia mantém a liderança da produção mundial, com 4,7% de crescimento médio anual no quinquênio. A China, com crescimento de 0,1% a.a. no período. A Indonésia mantém a terceira posição com aumento de 6,4%. A Nigéria o quarto lugar com crescimento de 1,7%. O Equador ocupa a quinta colocação com 2,3% a.a., no quinquênio. Já o Brasil passa para a sexta posição, com taxa anual negativa de 0,02% nos cinco anos e redução de 1,4% entre 2022 e 2023 (Tabela 1).

Tabela 1. Banana – Quantidade produzida: mundo e principais países – 2019-23 (mil t)

Local	Anos					Partic. 2023 (%)	Ranking (2023)
	2019	2020	2021	2022	2023		
Mundo	117.685	126.811	132.669	135.857	139.637	100	-
Índia	30.460	32.597	33.062	34.528	36.614	26,2	1º
China	11.998	11.873	12.061	12.128	12.062	8,6	2º
Indonésia	7.281	8.183	8.741	9.245	9.335	6,7	3º
Nigéria	6.832	6.593	7.389	8.016	7.308	5,2	4º
Equador	6.583	6.023	6.717	6.123	7.198	5,2	5º
Brasil	6.832	6.593	6.803	6.923	6.826	4,9	6º
Filipinas	6.050	5.955	5.942	5.900	5.871	4,2	7º
Angola	4.037	4.205	4.346	4.589	4.894	3,5	8º
Guatemala	3.911	4.055	4.650	4.475	4.391	3,1	9º
Tanzânia	3.407	3.427	3.572	3.614	3.674	2,6	10º
Demais países	30.294,3	37.306,3	39.385,7	40.315,0	41.464,2	29,7	-

Fonte: FAO (janeiro/2025)

Em 2023, a área colhida no mundo foi de 5,98 milhões de hectares. Os principais países com maior participação de área colhida, em 2023, foram: Índia (16,6%), Nigéria (9,5%), Brasil (7,6%), Tanzânia (5,8%) e China (5,6%). No quinquênio, a Índia apresentou crescimento anual na área (3,5%) com ampliação de 3,2% entre 2022 e 2023, passando de 963 mil hectares para 994 mil hectares. Outros países com taxas positivas nos cinco anos foram: Indonésia, com crescimento anual de 6,3% e aumento de 0,5%, entre 2022 e 2023; a Nigéria, com acréscimo anual de 5,2%; a Tanzânia com taxa anual de 3,7% e a Índia com crescimento anual de 3,5% a.a. no quinquênio. Já a China, o Brasil e as Filipinas apresentaram taxa anual negativa no quinquênio de 0,8%, 0,3% e 0,1%, respectivamente. O Brasil apresentou variação negativa na área colhida de 0,4%, entre 2022 e 2023.

Entre 2021 e 2023, o volume mundial exportado de banana reduziu 8,6% a.a., sendo que os seis principais países participaram com 60,3% da quantidade total. No período, o Equador se manteve como maior exportador mundial de banana, mas com decréscimo na taxa anual de 23,6% e variação negativa de 42,2% entre 2022 e 2023. Entre os maiores exportadores, a Guatemala foi o país com o maior aumento nos volumes negociados no triênio (5,9%) e aumento de 13,6% entre 2022 e 2023. Enquanto a Colômbia apresentou redução na taxa de crescimento das exportações (-10,2%); seguida das Filipinas com diminuição de 8,6% no volume exportado devido a problemas climáticos e de mercado, como aumento nos custos de insumos e de transporte (Tabela 2). Na 6ª e 7ª posições, os Países Baixos e a Bélgica, principais entrepostos comerciais europeus, apresentaram comportamentos distintos, com o primeiro ampliando em 5,7% ao ano as suas exportações e o segundo reduzindo 1,6%, no triênio.

No período analisado, o valor das exportações mundiais reduziu 0,2% a.a. passando de US\$12,66 bilhões, em 2021, para US\$12,70 bilhões, em 2023. Neste último ano, o Equador participou com US\$2,67 bilhões, ou seja, 21,1% do valor das exportações no mundo, seguido das Filipinas com US\$1,21 bilhão (9,6%), Costa Rica com US\$1,18 bilhão (9,3%), Guatemala com US\$980 milhões (7,7%) e a Colômbia com US\$811 milhões (6,4%). O Brasil ficou na 34ª posição, com US\$25 milhões resultantes das exportações da fruta, em 2023.

Tabela 2. Banana – Exportações brutas por país – 2021-23

Local	Quantidade (mil t)			Participação 2023 (%)	Taxa Cresc. 2021-23 (%)	Ranking 2023
	2021	2022	2023			
Mundo	25.337	24.343	21.148	100,0	-8,6	-
Equador	6.813	6.879	3.978	18,8	-23,6	1º
Guatemala	2.494	2.464	2.799	13,2	5,9	2º
Costa Rica	2.312	2.054	2.244	10,6	-1,5	3º
Filipinas	2.430	2.302	2.032	9,6	-8,6	4º
Colômbia	2.103	2.224	1.695	8,0	-10,2	5º
Brasil	108	83	56	0,3	-28,0	34º
Demais países	9.077	8.336	8.344	39,5	-	-

Fonte: FAO (janeiro/2025)

Entre 2021 e 2023, a importação líquida mundial de banana apresentou decréscimo na taxa anual de 1,1% a.a. Em 2023, os cinco maiores importadores da fruta representaram 47,5% do volume mundial comprado da fruta. Desses principais compradores, a Federação Russa e os EUA obtiveram os maiores crescimentos anuais na quantidade importada no triênio, sendo que entre 2022 e 2023, a Federação Russa reduziu 5,5% suas compras (Tabela 3). Os Países Baixos, a Bélgica e o Reino Unido, na 5ª, 7ª e 8ª posições, apresentaram taxas anuais negativas de 3,8%, 5,0% e 3,8%, respectivamente, no período analisado.

Nos três anos, o valor das importações líquidas passou de US\$15,5 bilhões para US\$16,3 bilhões, com acréscimo de 2,5% ao ano. Em 2023, os EUA participaram com US\$2,75 bilhões, ou seja, 16,9% do valor líquido das importações mundiais, seguido da Alemanha com US\$1,14 bilhão (7,0%), China com US\$1,13 bilhão (6,9%), os Países Baixos com US\$1,12 bilhão (6,9%) e a Federação Russa com US\$1,07 bilhão (6,6%). Os maiores entrepostos comerciais da fruta para Europa, Países Baixos e Bélgica, juntos participaram com 10,8% dos valores pagos na importação da fruta. Entre os países analisados, os EUA apresentaram a maior taxa de crescimento no triênio, com 3,9% a.a., seguido dos Países Baixos com 3,3% a.a. e da Alemanha com 2,9%, no triênio. Já a Bélgica e a Federação Russa obtiveram as maiores reduções nos valores pagos no período, com 18,8% e 0,4%, respectivamente.

Tabela 3. Banana – Importações líquidas mundiais por país – 2021-23

Local	Quantidade (mil t)			Participação 2023 (%)	Taxa de Cresc. 2021-23 (%)	Ranking (2023)
	2021	2022	2023			
Mundo	23.034	22.586	22.512	100,0	-1,1	-
EUA	4.635	4.615	4.653	20,7	0,2	1º
China	1.933	1.872	1.827	8,1	-2,8	2º
Federação Russa	1.460	1.623	1.534	6,8	2,5	3º
Alemanha	1.414	1.283	1.363	6,1	-1,8	4º
Países Baixos	1.435	1.431	1.327	5,9	-3,8	5º
Bélgica	1.077	968	973	4,3	-5,0	7º
Brasil	0,04	0,04	0,05	0,0	11,2	114º
Demais países	11.078	10.796	10.835	48,1	-	-

Fonte: FAO (janeiro/2025)

Produção e mercado nacionais

Em 2024, o Brasil produziu 6,87 milhões de toneladas de banana em mais de 455 mil hectares de área colhida. Os principais estados produtores brasileiros de banana são: São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Santa Catarina. Estes estados, em 2024, representaram 50,1% da produção brasileira e 44,9% da área colhida, concentrada principalmente nas mesorregiões de Bom Jesus da Lapa (BA), Vale do Ribeira (SP), Norte de Minas Gerais e Norte de Santa Catarina.

As safras brasileiras de 2023 e 2024

Em 2024, houve redução de 0,2% na área colhida e aumento de 0,7% na produção em relação a 2023. A Bahia, Minas Gerais e São Paulo foram os estados com as maiores áreas, representando 35,1% da área colhida e 39,9% da quantidade produzida em 2024. Santa Catarina representou 6,3% da área colhida de banana no país, sendo responsável por 10,3% da produção nacional; e o segundo em produtividade média.

Já os dez maiores estados produtores participaram com 81,9% da produção e com 78,7% da área colhida brasileira. No quinquênio, as maiores taxas médias de crescimento anual na produção foram da Bahia (4,1%), Rio Grande do Norte (2,3%), Pará (1,6%) e do Ceará (1,5%), contando com a ampliação de novas áreas de produção de banana. O Estado catarinense obteve ampliação de 1,3% a.a., no período (Tabela 4). Entre 2023 e 2024, ampliaram suas produções o Paraná (17,4%), Ceará (8,4%), Bahia (6,7%), Rio Grande do Norte (3,9%), Goiás (3,2%) e Espírito Santo (2,9%) acima de 5,5 mil toneladas. Santa Catarina apresentou aumento de 1,7%, entre 2023 e 2024, com acréscimo na produção de 11,5 mil toneladas. Por outro lado, apresentaram as maiores reduções em suas produções os estados de Pernambuco (2,5%) e Pará (1,4%), em torno de 11,9 mil e 6,2 mil toneladas, respectivamente.

Tabela 4. Banana – Brasil: área colhida, produção e produtividade média nos principais estados produtores – 2020-24

Local	Ano					Ranking (em 2024)
	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾	
Área colhida (ha)						
Brasil	451.874	453.305	458.489	456.522	455.631	-
Bahia	64.912	65.450	66.358	64.722	64.500	1º
Minas Gerais	47.872	47.044	48.917	49.959	49.882	3º
São Paulo	48.817	48.013	46.416	45.770	45.711	2º
Pernambuco	42.222	43.180	44.211	42.996	44.663	4º
Pará	35.654	39.736	39.126	37.155	37.809	5º
Ceará	35.690	35.997	36.983	35.655	37.045	6º
Espírito Santo	28.737	28.797	28.595	28.734	29.098	7º
Santa Catarina	29.410	29.646	29.991	28.789	28.862	8º
Goiás	13.880	12.233	12.880	12.261	12.391	9º
Rio Grande do Sul	12.154	12.207	12.164	12.157	12.161	10º
Rio Grande do Norte	7.803	7.928	8.584	8.373	8.405	13º
Subtotal	367.151	370.231	374.225	366.571	370.527	-
Demais estados	84.723	83.074	84.264	89.951	85.104	-

(Continua)

(Continuação)

Local	Ano					Ranking (em 2024)
	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾	
Quantidade produzida (t)						
Brasil	6.593.437	6.803.350	6.923.179	6.825.724	6.872.960	-
São Paulo	1.000.132	1.007.343	991.836	976.455	974.086	1º
Bahia	785.061	869.088	892.990	862.568	920.342	2º
Minas Gerais	833.715	791.746	841.688	846.837	845.606	3º
Santa Catarina	669.255	708.983	722.860	693.387	704.914	4º
Pernambuco	461.862	474.704	497.050	482.643	470.670	5º
Ceará	431.017	412.103	440.017	421.320	456.674	6º
Pará	407.372	472.281	485.005	440.861	434.614	7º
Espírito Santo	415.882	412.684	399.989	411.962	424.003	8º
Rio Grande do Norte	193.816	219.063	238.553	204.197	212.080	9º
Goiás	221.539	202.049	198.033	177.958	183.582	10º
Paraná	184.751	167.106	143.912	148.164	173.963	11º
Subtotal	5.486.707	5.709.283	5.845.751	5.660.585	5.765.454	-
Demais estados	1.106.730	1.094.067	1.077.428	1.165.139	1.107.506	-
Maiores produtividades médias estaduais (kg.ha⁻¹)						
Brasil	14.787	14.591	15.008	14.968	15.335	-
Rio Grande do Norte	24.839	27.632	27.790	24.388	25.233	1º
Santa Catarina	22.756	23.915	24.103	24.085	24.424	2º
Paraná	22.741	23.467	18.981	19.848	23.195	3º
São Paulo	20.487	20.981	21.368	21.334	21.310	4º
Distrito Federal	18.483	18.483	18.483	18.483	18.483	5º

⁽¹⁾ Ano 2024 – dados preliminares sujeitos a ratificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2020 a 2024) e LSPA (dezembro/2024)

Exportações brasileiras

O volume das exportações, entre 2020 e 2024, apresentou taxa anual com decréscimo de 12,5% a.a. No período analisado, 2024 foi o ano com menor volume exportado da fruta com redução de 12,7% entre 2023 e 2024 devido à concorrência de mercados externos (Tabela 5).

No quinquênio, o Uruguai foi o principal destino das frutas brasileiras, com taxa anual negativa de 7,5%, mas com aumento de 35,5% entre 2023 e 2024. A Argentina também com redução anual de 12,6% nas compras das frutas brasileiras foi o segundo destino das exportações. O terceiro país comprador foram os Países Baixos, com taxa anual de crescimento positiva de 25,3% no período, mas com redução de 44,4% entre os dois últimos anos. O Reino Unido e a Alemanha apresentaram decréscimo médio anual de 37,0% e 29,7% entre os cinco anos, respectivamente.

O valor das exportações de banana, entre 2020 e 2024, indicou redução na taxa anual de 4,4% ao ano. Em 2020, o valor foi de US\$25,8 milhões e em 2023 houve aumento para US\$21,6 milhões. Entre 2023 e 2024, houve redução de 13,3%, ambos os anos com valores abaixo da média do quinquênio de US\$28,4 milhões. Em 2024, entre os cinco principais países compradores do Brasil, o Uruguai participou com US\$ 10,3 milhões (48,0%) com crescimento de 1,2% no período, e aumento de 11,4% em 2024 com relação ao ano anterior. A Argentina com US\$8,28 milhões (38,3%) reduziu os negócios em 0,4% no quinquênio e 15,9% entre os últimos dois anos. Os Países Baixos ampliaram em 28,4% a.a. os valores negociados nas exportações de bananas brasileiras. Já o Reino Unido com participação de 5,2%, na 4ª posição,

apresentou decréscimo de 36,6% entre 2020 e 2024. Entre os demais países com histórico de negócios com o Brasil, a Alemanha, na 8ª posição, obteve redução de 28,6% no período, e com redução de 82,1% nos últimos dois anos.

Tabela 5. Banana – Brasil: quantidade exportada aos principais destinos – 2020-24

País	Quantidade (t)						Participação 2024 (%)
	2020	2021	2022	2023	2024	Média 2020-24	
Uruguai	32.937	38.291	33.105	23.794	24.157	30.457	49,6
Argentina	33.312	49.336	39.948	20.554	19.430	32.516	39,9
Países Baixos	936	1.022	922	4.150	2.307	1.868	4,7
Reino Unido	5.144	9.027	4.085	1.339	811	4.081	1,7
Alemanha	883	1.185	2.939	1.274	216	1.299	0,4
Subtotal	73.211	98.860	80.999	51.110	46.920	70.220	92,7
Demais países	9.984	8.862	2.365	4.694	1.818	5.545	7,3
Total	83.196	107.722	83.364	55.805	48.739	75.765	100,0

Fonte: MDIC/Comex Stat (2025)

Produção e mercado estaduais

Santa Catarina é o quarto produtor nacional de banana, com produção de mais de 10,3% do total nacional. A produção se caracteriza em grande parte por pequenas propriedades familiares com produtores organizados em associações ou cooperativas. As frutas produzidas no Estado são direcionadas ao mercado interno local e principais centrais de abastecimento nacionais para consumo “in natura” ou para o mercado externo dos países do Mercosul.

Segundo os levantamentos do sistema de acompanhamento de safras da Epagri/Cepa, a produção das bananas caturra e prata no Estado apresentou taxa de crescimento anual de 0,6%, entre 2018 e 2025, tendo aumento de 16,7% entre 2024 e 2025. A produtividade apresentou aumento de 13,8% entre os dois últimos anos, após ter reduzido 7,0% entre 2023 e 2024, resultado de eventos climáticos adversos (Tabela 6).

Tabela 6. Banana – Safras recentes nas principais regiões produtoras de Santa Catarina

Safra	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg.ha ⁻¹)
2017/18	28.024	732.218	26.128
2020/21	28.134	489.509	17.399
2021/22	28.556	719.184	25.185
2022/23	27.762	703.399	25.337
2023/24	27.744	653.993	23.572
2024/25 ⁽¹⁾	28.466	763.589	26.825

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Conforme estimativas da Epagri/Cepa, em 2024, Santa Catarina contou com cerca de 3.800 bananicultores gerando um valor bruto da produção (VBP) total estimado em R\$1,24 bilhão.

As principais mesorregiões produtoras catarinenses são: o Norte Catarinense, que é responsável por cerca de 50,5% da produção da fruta, e o Vale do Itajaí com cerca de 30% da quantidade produzida. Outra mesorregião produtora estadual é a do Sul Catarinense, com cerca de 16% da produção estadual da fruta. Entre as lavouras da fruticultura catarinense estima-se que a bananicultura represente cerca de 28% do valor bruto da produção.

As safras catarinenses de 2022/23 e 2023/24

2022/23

Entre 2022 e 2023, com maior amplitude térmica nas fases de desenvolvimento e floração, houve problemas na qualidade dos cachos. A estiagem também prejudicou a produtividade dos bananais.

No **primeiro semestre de 2023**, a banana-caturra e a banana-prata, entre março e fevereiro de 2023, apresentaram valorização nas cotações com aumento na demanda relativa e na qualidade da fruta que vinha sendo comercializada. No final de fevereiro, na região norte, tempestade com fortes ventos e chuvas atingiram os municípios de Luiz Alves, Massaranduba e São João do Itaperiú danificando bananais na região. No entanto, o aumento da produção ao longo do mês de março manteve a oferta da fruta no mercado. Nos bananais, o clima chuvoso e a falta de calor atrasaram o cacheamento da fruta e afetaram o tamanho. Entre abril e maio apresentaram desvalorização nas cotações, com aumento na oferta relativa da fruta que vinha sendo comercializada. Em maio, o predomínio do tempo seco e ensolarado, com temperaturas baixas à noite e amenas durante o dia, favoreceu os tratamentos culturais e fitossanitários nos bananais da região. A estratégia dos produtores foi diminuir o ritmo da colheita, pela expectativa de que a redução na oferta da fruta e a valorização das cotações futuras compensasse a diminuição sazonal na demanda de fruta.

No **segundo semestre de 2023**, a banana-caturra e a banana-prata apresentaram valorização nas cotações, com aumento na demanda relativa pela fruta no mercado nacional, devido à baixa oferta. No período, o aumento das precipitações retardou as aplicações de defensivos agrícolas para o controle da Sigatoka, provocando o aumento nos custos operacionais e refletindo no aumento dos preços com menor margem ao produtor. Em agosto, chuvas ocasionais e temperaturas máximas bateram recordes para o período do ano. O calor ajudou a amadurecer a fruta e aumentou ainda mais sua oferta. Em setembro, o consumo manteve-se retraído devido ao preço elevado e a problemas na qualidade. Entre outubro e novembro, a banana-caturra e a banana-prata apresentaram valorização nas cotações, mas com expectativa de desvalorização em dezembro. Em outubro, na região norte do Estado, as chuvas persistentes, com grande volume acumulado, provocaram alagamentos, inundações e estragos nas estradas, dificultando a distribuição das frutas para outras regiões do país e prejudicando a demanda e as cotações da fruta catarinense. Nas primeiras semanas de novembro voltaram as chuvas intensas com altas temperaturas, determinando problemas no desenvolvimento dos cachos e, como consequência, a valorização nos preços devido à menor oferta no período. No início de dezembro, na região Sul Catarinense, as chuvas acumuladas voltaram a impactar a atividade, dificultando a colheita e a distribuição da fruta. Com a menor disponibilidade de banana-prata, houve valorização dos preços, mesmo com problemas na qualidade.

O ano de 2023 foi marcado pela ampliação da área em produção, mas com redução na produtividade média decorrente de problemas de qualidade, devido às temperaturas com grande amplitude térmica que impactaram o desenvolvimento dos cachos e agravaram problemas fitossanitários nos bananais.

2023/24

No **primeiro semestre de 2024**, entre janeiro e fevereiro, as cotações da banana-caturra apresentaram valorização devido à baixa oferta com a redução na qualidade das frutas nos bananais. No comparativo entre fevereiro de 2024 e fevereiro do ano anterior houve valorização de 93,9% nos preços da variedade, o que reduziu a demanda pela fruta com a concorrência de outras da estação. Entre março a abril de 2024, as cotações da banana-caturra



apresentaram desvalorização de 37,4% devido ao aumento na oferta nacional da variedade. No comparativo entre abril de 2024 e abril do ano anterior houve desvalorização de 15,9% nos preços da variedade. A expectativa era de manutenção nos preços apenas na segunda quinzena de maio, com a diminuição das temperaturas e da oferta da fruta. Entre maio e junho de 2024, as cotações da banana-caturra apresentaram recuperação com valorização de 28,7% devido à menor oferta nacional da variedade. Mas, no comparativo entre junho de 2024 e junho do ano anterior houve desvalorização de 21,6% nos preços da variedade.

Para a banana-prata, entre janeiro e fevereiro de 2024, houve valorização de 1,4% nos preços com manutenção da baixa oferta da variedade no período. Em fevereiro, as cotações estavam 5,7% valorizadas em relação ao mesmo mês do ano anterior. A expectativa era de desvalorização nos preços para escoar a produção. Entre março a abril de 2024, houve desvalorização de 1,5% nos preços, mas com expectativa de recuperação. Em abril, as cotações estavam 10,4% valorizadas em relação ao mesmo mês do ano anterior, devido à melhoria na qualidade e redução na oferta. Entre maio e junho de 2024, houve desvalorização de 19,8% nos preços com a perda da qualidade devido ao aumento da precipitação nos bananais. Em junho as cotações estavam 2,5% valorizadas em relação ao mesmo mês do ano anterior com a redução na oferta da fruta.

O 1º semestre de 2024 apresentou valorização nos preços de 9,2% em relação ao mesmo período de 2023, pois a oferta estava mais limitada. A expectativa era de manutenção nos preços com demanda e oferta reduzidas. Para a banana-prata, em junho os preços estavam valorizados 10,8% no comparativo entre o 1º semestre de 2024 e do ano anterior como resultado da menor produção atual. A expectativa era de desvalorização dos preços, com a menor demanda pela variedade com as férias escolares.

No **segundo semestre de 2024**, entre julho e agosto de 2024, as cotações da banana-caturra apresentaram valorização de 67,9% devido à menor oferta nacional. No comparativo entre agosto de 2024 e os preços dos anos anteriores houve valorização de 24,2% em relação a 2023, 43,1% para 2022 e 101,0% no comparativo com 2021. Em julho, as precipitações acumuladas e as temperaturas abaixo da média reduziram o desenvolvimento dos cachos diminuindo a oferta e elevando as cotações da variedade. Em agosto, geadas e frio intenso mantiveram a oferta baixa. A expectativa era de desvalorização nos preços devido à perda da qualidade dos cachos, com frutos de menor calibre e atraso na colheita em setembro. Entre setembro e outubro, as cotações da banana-caturra apresentaram valorização de 3,8% devido à menor oferta nacional. No comparativo entre outubro de 2024 e os preços dos anos anteriores houve valorização de 54,5% em relação a 2023. As geadas ocorridas em agosto afetaram o volume e a qualidade da variedade catarinense, o que pressionou os preços. Mas, no mês de novembro, houve desvalorização nos preços, com o aumento da oferta da variedade e a menor qualidade da fruta.

Para a banana-prata, entre julho a agosto de 2024, houve valorização de 25,9% nos preços com a maior demanda pela variedade mesmo com a concorrência de outras frutas. Em julho, os preços desvalorizaram com menor demanda em função das férias escolares, e no mês seguinte a demanda relativa aumentou e pressionou a elevação dos preços. Em agosto, as cotações estavam 17,2% valorizadas em relação ao mesmo mês do ano anterior, 34,9% em relação a 2022 e 125,4% na comparação com agosto de 2021. A expectativa era de manutenção das cotações, com a maior demanda pela variedade, mas equilibrada pela permanência da concorrência com outras frutas da época. Entre setembro e outubro de 2024, houve desvalorização de 8,6% nos preços com aumento da oferta da variedade e a concorrência de outras frutas. Em outubro, as cotações estavam 14,9% valorizadas em relação ao mesmo mês do ano anterior. A expectativa era de aumento das cotações, com a redução da oferta da variedade nos próximos meses.

O 2º semestre de 2024 apresentou valorização nos preços da banana-caturra de 14,0% em relação ao mesmo período de 2023, pois a demanda nacional estava mais aquecida com a oferta limitada em relação ao ano anterior e aumentou a demanda da variedade no período. Mas, ao final do período problemas climáticos e meteorológicos afetaram a qualidade e houve redução na demanda com o início das férias escolares e os preços foram desvalorizados. Para a banana-prata, os preços estavam valorizados 0,4% no comparativo entre o 2º semestre de 2024 do ano anterior como resultado da redução da oferta da variedade.

A cultura da banana, com o *El Niño*, na safra 2023/24 foi afetada em 2023 por condições climáticas como as chuvas intensas e temperaturas baixas que impactaram o desenvolvimento dos cachos e a qualidade das frutas, além de problemas no transporte e distribuição devido a inundações e estragos nas estradas de acesso aos mercados. Em 2024, o clima continuou afetando os bananais em termos da qualidade das frutas, mas com melhoria de produtividade, resultando em maior volume produzido que o ano anterior.

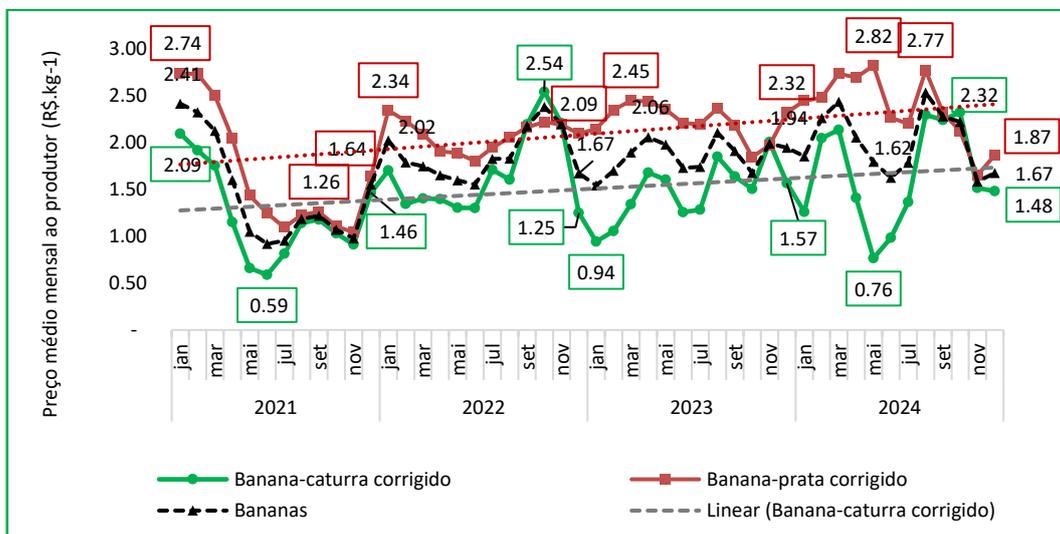


Figura 2. Banana – Santa Catarina: preço médio (corrigido) ao produtor – 2021-24

Nota: preços corrigidos (IGP-DI/FGV – dezembro/24=100).

Fonte: Epagri/Cepa (2025)

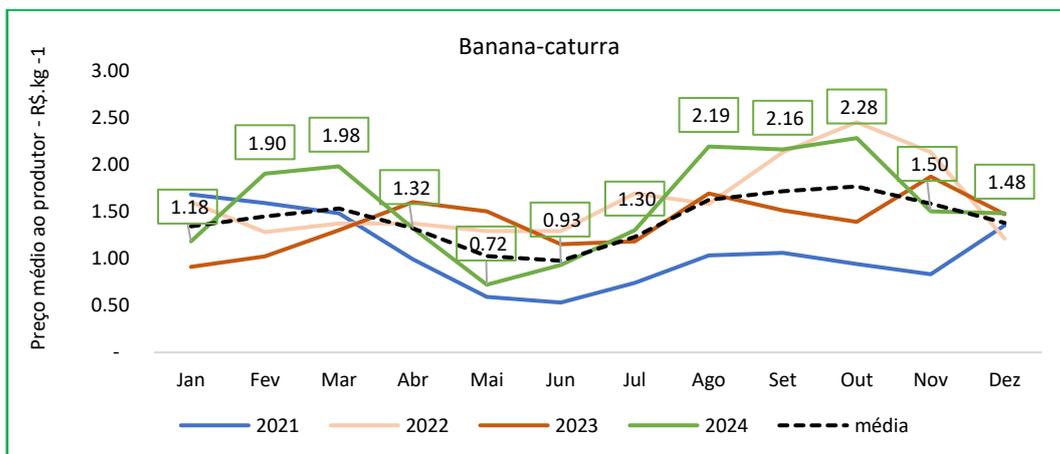


Figura 3. Banana-caturra – Santa Catarina: preço (nominal) ao produtor – 2021-24

Fonte: Epagri/Cepa (2025)

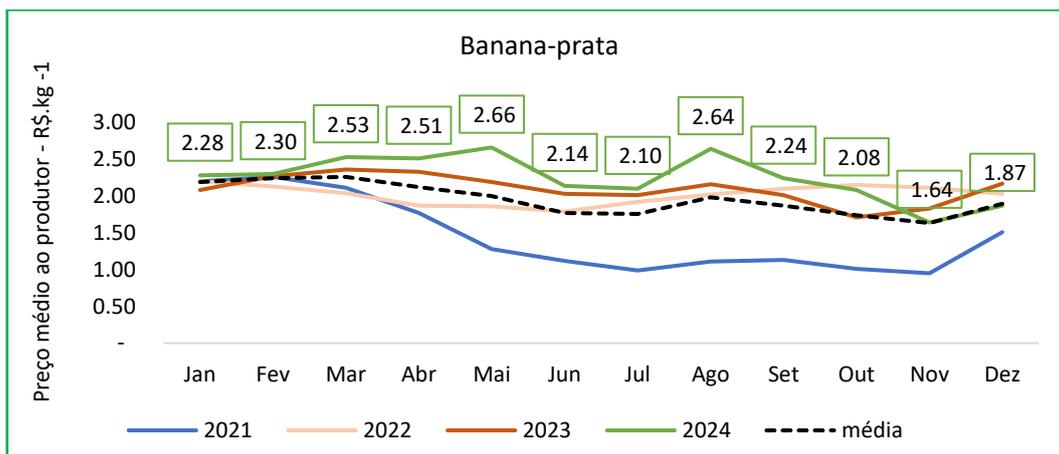


Figura 4. Banana-prata – Santa Catarina: preço (nominal) ao produtor – 2021-24

Fonte: Epagri/Cepa (2025)

Atacado

No **primeiro semestre de 2024**, no mercado atacadista estadual, entre janeiro e fevereiro houve valorização de 1,9% nas cotações da banana-caturra, em função da redução na oferta da variedade; enquanto houve desvalorização de 1,7% nas de banana-prata com problemas na qualidade da fruta comercializada. Entre março e abril houve desvalorização de 9,9% nas cotações da banana-caturra, em função do aumento na oferta da variedade; enquanto houve valorização de 2,2% nas de banana-prata com a diminuição dos estoques da variedade nas centrais de abastecimento. Entre maio e junho houve desvalorização de 11,5% nas cotações da banana-caturra, em função do aumento na oferta da variedade; e desvalorização de 0,5% nas de banana-prata com concorrência sazonal com outras frutas que reduz a demanda pela variedade.

Entre janeiro e junho de 2024, os preços estavam valorizados em 4,5% para a banana-caturra e em 10,3% para a banana-prata em comparação aos do mesmo período do ano anterior. A expectativa no atacado era de manutenção nas cotações com redução na demanda com as férias escolares e na oferta com a redução nas temperaturas afetando o desenvolvimento dos cachos nos próximos meses.

No **segundo semestre de 2024**, entre julho e agosto, houve valorização de 33,3% nas cotações da banana-caturra, em função da redução na oferta da variedade; e de 11,5% nas de banana-prata com melhoria na qualidade e aumento na demanda pela variedade, com o final das férias escolares. Entre setembro e outubro houve valorização de 2,2% nas cotações da banana-caturra, em função da baixa oferta nacional da variedade; e desvalorização de 8,9% nas de banana-prata com problemas na qualidade e concorrência com outras frutas da estação. Entre novembro e dezembro de 2024 houve desvalorização de 7,3% nas cotações da banana-caturra, em função da redução na demanda e aumento na oferta; e valorização de 2,8% nas de banana-prata com a menor oferta da variedade.

Entre julho e dezembro de 2024, os preços estavam desvalorizados em 7,9% para a banana-caturra e em 2,2% para a banana-prata em comparação aos do mesmo período do ano anterior. A expectativa no atacado era de desvalorização nas cotações com redução na demanda com as férias escolares e o aumento na oferta devido às temperaturas mais elevadas afetando o desenvolvimento dos cachos nos próximos meses.

O mercado de bananas em Santa Catarina no final de 2024 foi caracterizado pela valorização de preços da banana-caturra no início do primeiro semestre com a redução na oferta devido a

fatores climáticos e a desvalorização das cotações da banana-prata devido a fatores relacionados a problemas fitossanitários que afetaram a qualidade dos cachos.

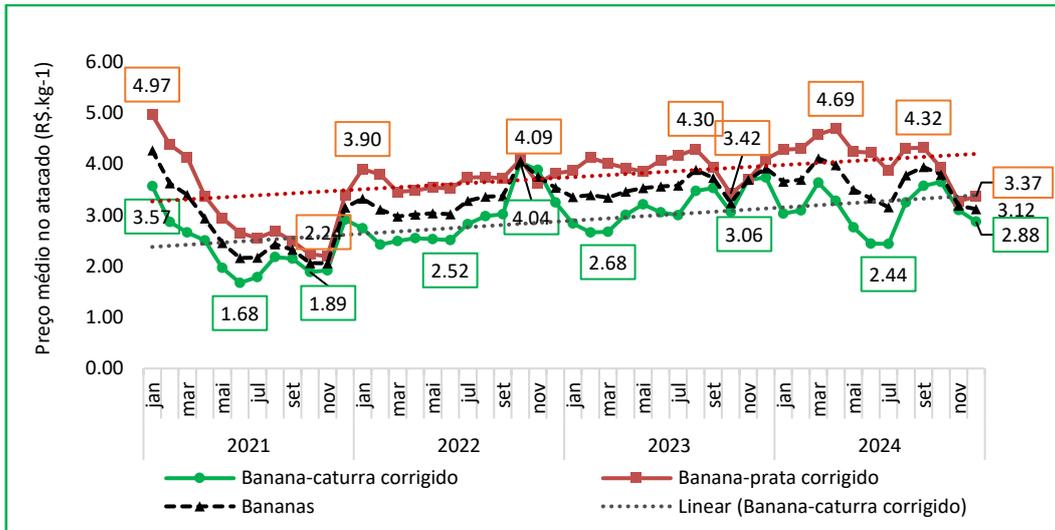


Figura 5. Banana – Santa Catarina: evolução do preço (corrigido) da Ceasa/SC – 2021-24

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – dezembro/24=100).

Fonte: Epagri/Cepa (2025)

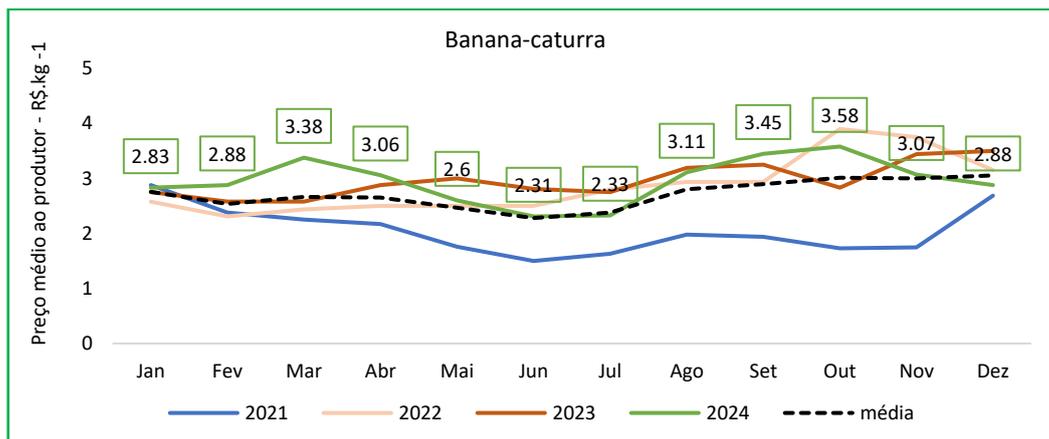


Figura 6. Banana-caturra – Santa Catarina: preço (nominal) no atacado – 2021-24

Fonte: Epagri/Cepa (2025)

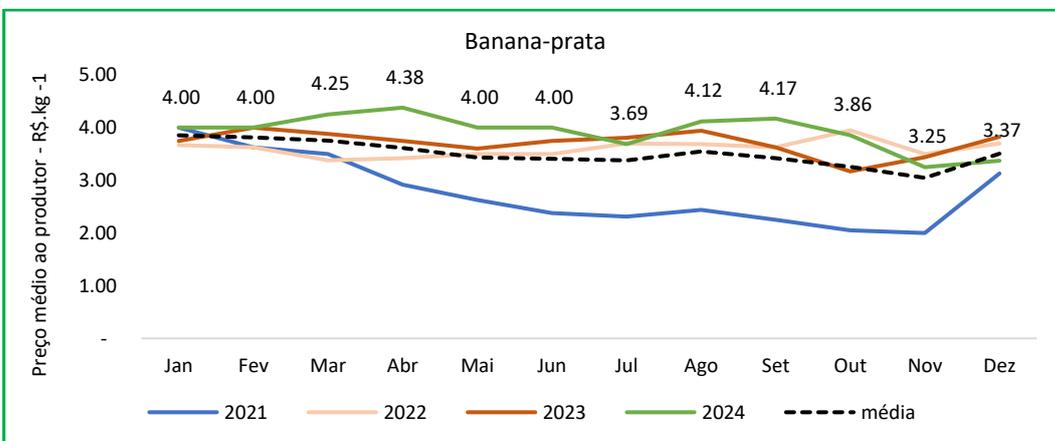


Figura 7. Banana-prata – Santa Catarina: preço (nominal) no atacado – 2021-24

Fonte: Epagri/Cepa (2025)

Exportações estaduais

Os principais estados exportadores de banana participaram com 97,6% do volume comercializado da fruta e obtiveram redução de 81,6%, entre 2023 e 2024.

Em 2024, Santa Catarina participou com 52,0% do volume brasileiro exportado e apresentou decréscimo de 7,5% entre os dois últimos anos, com taxa anual negativa de 27,1% no triênio (Tabela 7). O estado catarinense enfrentou queda nas exportações de banana em 2023 e 2024, principalmente para a Argentina, devido à crise econômica naquele país e para o Uruguai devido à concorrência com outros países.

O Rio Grande do Sul apresentou recuperação com aumento (71,7%) em relação a 2023 e crescimento anual no período analisado (10,1%). O Paraná segue com redução nas exportações (19,0%) em relação a 2023 e decréscimo anual no período analisado (38,1%). Os três estados sulinos são responsáveis pelas exportações, via rodoviária, com os países do Mercosul, principalmente.

Já o Ceará, apresentou decréscimo na taxa anual de 23,9% no triênio, e redução de 54,6% em relação a 2023. O Rio Grande do Norte apresentou redução de 71,2% entre os dois últimos anos analisados. Os estados nordestinos direcionam suas exportações em via aérea e marítima, principalmente para a Europa.

Tabela 7. Banana – Brasil: quantidade exportada por estado da federação – 2022-24

Local	Quantidade (t)			Participação 2024 (%)	Taxa cresc. 2022-24 (%)	Ranking (em 2024)
	2022	2023	2024			
Brasil	83.364	55.805	48.739	100,00	-23,5	-
Santa Catarina	47.723	27.401	25.340	52,00	-27,1	1º
Rio Grande do Sul	11.062	7.814	13.418	27,50	10,1	2º
Ceará	8.917	11.368	5.166	10,60	-23,9	3º
Paraná	6.712	3.178	2.573	5,30	-38,1	4º
Rio Grande do Norte	4.980	3.715	1.069	2,20	-53,7	5º
Demais estados	3.970	2.329	1.173	2,40	-	-

Fonte: MDIC/Comex Stat (2025)

Em 2024, os valores das exportações de bananas foram de US\$21,6 milhões, mas com redução de 13,3% em relação ao ano anterior. Os cinco principais estados exportadores foram responsáveis por 94,6% do valor negociado de banana com o exterior.

Santa Catarina participou com US\$10,7 milhões (49,8%) com diminuição de 3,1% em comparação a 2023. O Rio Grande do Sul, com US\$5,4 milhões (25,3%) apresentou acréscimo de 10,6% a.a., seguido do Ceará com US\$2,7 milhões (12,6%), Paraná com US\$1,07 milhão (5,0%) e o Rio Grande do Norte com US\$423 mil (2,0%), os três últimos com decréscimo nos valores negociados nos anos anteriores.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel – Engenheiro-agrônomo, Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

A cultura da cebola é produzida em todos os continentes e praticamente em quase todos os países. A produção mundial se mantém crescente nos últimos anos e ultrapassou a 111,2 milhões de toneladas em 2023 (Figura 1).

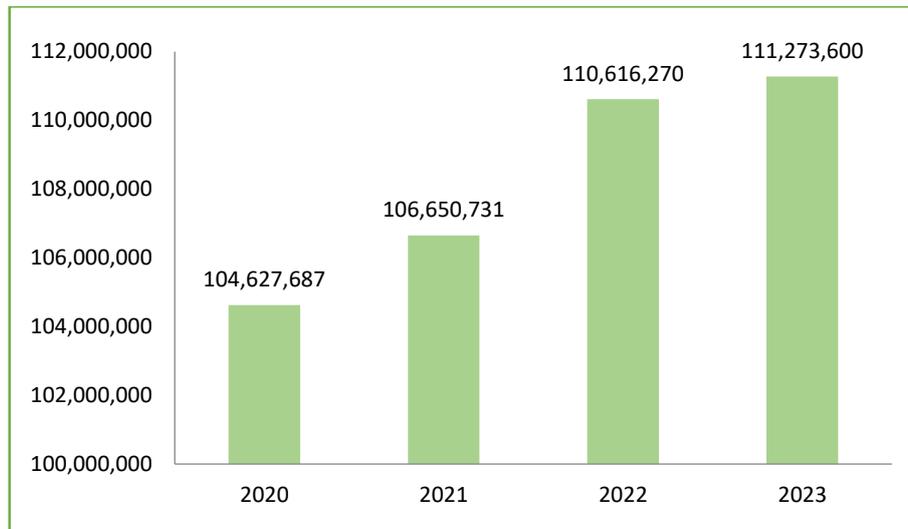


Figura 1. Produção mundial de cebola – 2020-23 (t)

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

Em 2023, a distribuição da produção nos continentes foi da seguinte forma: Oceania, 0,4%; África, 11,6%; Europa, 11,6%; Américas, 12,0% e Ásia, 64% da produção mundial. Os países que se destacaram em 2023 como os maiores produtores foram: China, Índia, Egito, EUA, Turquia, Bangladesch, Irã, México e Federação Russa que juntos, produziram 67,26 % da produção mundial (Tabela 1).

Mesmo que tenha ocorrido redução da área colhida em 2023 em relação ao ano de 2022, nos últimos quatro anos houve incremento de área na ordem de 5,62%. O rendimento médio mundial em 2022 foi de 18,55 t/ha. Em 2023 houve aumento na produtividade em relação ao ano anterior na ordem de 2,64%, passando para um rendimento médio de 19,04 t/ha.

As exportações mundiais em 2022 foram de 9,56 milhões de toneladas, crescimento de 3,57% em relação a 2021. Em 2023 houve novo incremento das exportações totais passando para 10,88 milhões de toneladas, aumento de 13,80% em relação ao ano anterior.

No período de 2020 a 2023, o volume das exportações mundiais aumentaram 21,97%, saindo de 8,92 milhões de toneladas para 10,88 milhões. Em relação aos valores, o aumento foi de 31,49%, saindo de US\$3,80 bilhões em 2020 para US\$5,00 bilhões em 2023 (Figura 2).

Tabela 1. Cebola – Principais países produtores: área colhida, produção e produção mundial – 2020-23

Países	Área (mil ha)				Países	Produção (mil t)			
	2020	2021	2022	2023		2020	2021	2022	2023
Índia	1.431	1.624	1.941	1.740	China	26.091	26.641	31.678	30.208
China	1.099	1.101	1.122	1.128	Índia	24.179	24.223	24.605	24.918
Nigéria	686	705	596	622	EUA	3.354	3.102	2.918	3.315
Bangladesh	185	194	205	203	Egito	3.199	2.269	3.663	3.804
Paquistão	148	154	140	135	Irã	2.366	2.306	1.900	2.099
Indonésia	187	195	184	181	Paquistão	2.122	2.005	2.062	1.843
Vietnam	97	97	98	102	Turquia	2.280	349	2.350	2.600
Federação Russa	60	56	51	53	Bangladesh	1.954	1.609	2.517	2.546
Sudão	106	111	88	89	Federação Russa	1.738	2.051	1.599	1.714
Uganda	81	81	81	81	México	1.500	1.451	1.509	1.801
Demais países	1.451	1.463	1.457	1.509	Demais países	35.846	41.778	35.815	36.425
Mundo	5.532	5.780	5.963	5.843	Mundo	104.628	106.174	110.616	111.273

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

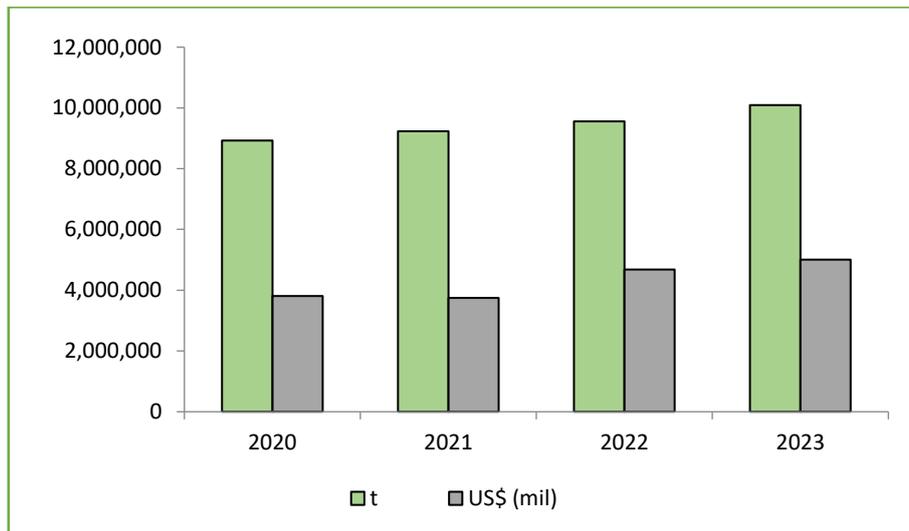


Figura 2. Cebola – Evolução das exportações mundiais – 2020-23

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

Dentre os dez países com maiores volumes exportados em 2023, destacam-se a Índia com exportação de 2,52 milhões de toneladas, os Países Baixos com 1,51 milhão de toneladas e a China com 1,19 milhão de toneladas (Figura 3).

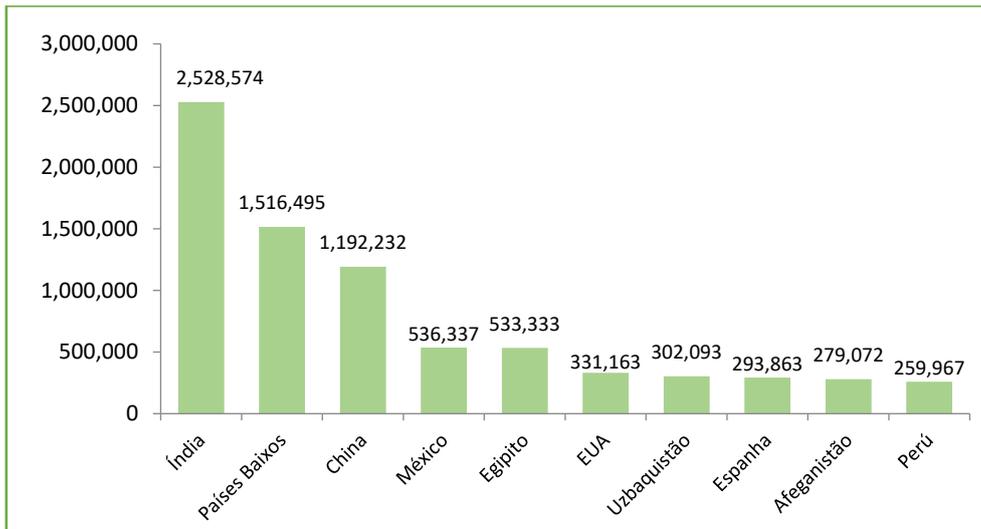


Figura 3. Cebola – Principais países exportadores – 2023 (mil t)
 Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

Do lado das importações, em 2022, Bangladesh foi o país que mais importou cebola com volume de 712 mil toneladas, seguida pelos Estados Unidos da América com 660 mil toneladas, a Malásia em terceiro com 525 mil toneladas e na casa das 400 mil toneladas figuram Paquistão com 493 mil toneladas e Emirados Árabes Unidos com 423 mil toneladas. Em 2023, quadro muito semelhante ao de 2022, os maiores importadores foram Bangladesh, Estados Unidos da América, Malásia como os principais importadores. A quantidade total dos dez maiores importadores em 2022 foi de 4,27 milhões de toneladas, equivalente a 44,71% do total das exportações mundiais. Em 2023, os dez principais importadores internalizaram 4,39 milhões de toneladas, equivalente a 43,60% do total global das importações (Tabela 2).

Tabela 2. Cebola – Principais países importadores – 2020–23 (mil t)

2020		2021		2022		2023	
Bangladesh	687	EUA	666	Bangladesh	712	Bangladesh	888
EUA	561	Bangladesh	571	EUA	660	EUA	626
Malásia	480	Malásia	485	Malásia	525	Malásia	565
E. Árabes	390	E. Árabes	363	Paquistão	493	Paquistão	387
Arábia Saudita	330	Países Baixos	314	E. Árabes Unidos	423	E. Árabes Unidos	384
Reino Unido	302	Arábia Saudita	295	Reino Unido	363	Reino Unido	380
Sri Lanka	272	Reino Unido	292	Vietnã	300	Vietnã	349
Alemanha	249	Sri Lanka	270	Japão	280	Sri Lanka	305
Iraque	246	Iraque	261	Sri Lanka	278	Alemanha	258
Países Baixos	233	Canadá	248	Polônia	240	Países Baixos	257
Total	3.750	Total	3.766	Total	4.274	Total	4.399

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

Produção e mercado nacionais

Segundo dados da PAM/IBGE (Produção Agrícola Municipal), a produção brasileira de cebola em 2023 foi de 1,63 milhão de toneladas, redução de 0,97% em relação a 2022. A área colhida foi de 49.358ha com produtividade média de 33.226kg/ha. A redução da produção foi devido às perdas ocorridas no Sul do Brasil, especialmente em Santa Catarina que foi fortemente afetada por chuvas no período de desenvolvimento, maturação, colheita e pós-colheita, cuja produção pereceu na armazenagem.

A produção de cebola no Brasil está bem consolidada em regiões que se complementam, sazonalmente, no abastecimento do mercado interno. Os principais estados produtores, respondem por 97,53% da produção nacional, sendo Santa Catarina o maior produtor com 377,6 mil toneladas (IBGE), significando 23,02 % da produção brasileira.

Como pode ser observado na tabela que segue, a produção e a produtividade média nacional baixaram no último ano puxadas por Santa Catarina que teve perdas significativas de produção (Tabela 3).

Tabela 3. Cebola – Brasil: área colhida, produção e rendimento médio – 2021-23

UF	Área colhida (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2021	2022	2023	2021	2022	2023	2021	2022	2023
Pernambuco	2.104	2.395	1.793	61.739	53.819	46.295	29.344	22.471	25.820
Bahia	7.033	6.778	7.571	260.399	278.310	298.980	37.025	41.061	39.490
Minas Gerais	3.899	3.700	4.148	215.567	212.251	233.636	55.288	57.365	56.325
São Paulo	4.473	4.597	4.713	165.758	183.443	186.769	37.057	39.905	39.628
Paraná	3.947	3.969	3.276	102.553	117.210	103.480	25.983	29.531	31.587
Santa Catarina	17.216	17.291	17.501	481.233	492.740	377.603	27.953	28.497	21.576
Rio Grande do Sul	6.428	6.221	5.987	133.585	135.359	151.379	20.782	21.758	25.285
Goiás	2.460	2.365	2.700	181.177	144.177	201.442	73.649	60.963	74.608
Demais UF	1.464	1.579	1.669	36.399	38.767	40.386	24.863	24.552	24.197
Brasil	49.024	48.895	49.358	1.638.410	1.656.076	1.639.970	33.421	33.870	33.226

Fonte: IBGE (novembro/2024)

A quantidade de cebola importada em 2023 foi de 134,13 mil toneladas (Siscomex/MDICS), redução de 10,90 % em relação ao ano de 2022, que foi de 150,5 mil toneladas, puxada pela maior oferta de produção interna e aumento dos preços internacionais. Em 2024, com as perdas de produção na safra 2023/24 na Região Sul, o Brasil teve que importar cebola em quantidades significativas, especialmente no primeiro semestre. Assim o ano fechou com a importação de 257,43 mil toneladas, aumento de 91,91% em relação ao ano de 2023 (Figura 4).

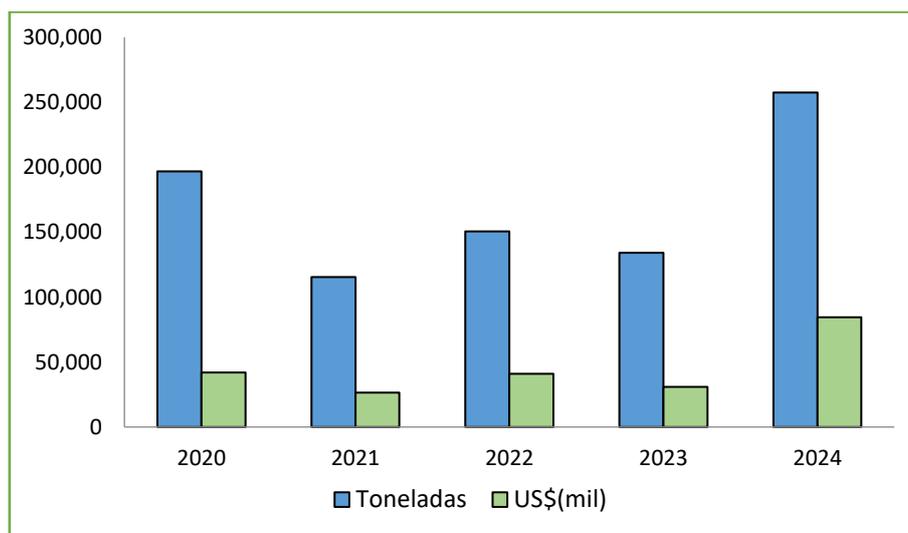


Figura 4. Cebola – Brasil: evolução do volume e valor das importações – 2020-24

Fonte: Siscomex/MDICS (janeiro/2025)

Em 2023, o preço médio (FOB) da cebola importada pelo Brasil foi de US\$0,23/kg, enquanto o de em 2024 foi de US\$0,33/kg, aumento de 22,22% em relação ao do ano anterior. A Argentina foi o maior fornecedor de cebola para o Brasil com 120,08 mil toneladas, correspondendo a 89,52% do total importado no ano. O valor (FOB) das importações no ano de 2023 foi de US\$30,97 milhões.

Em 2024, a menor oferta interna de cebola no primeiro semestre contribuiu para que as cotações fossem elevadas abrindo espaço para a importação, especialmente do produto argentino. Dessa forma, a quantidade importada pelo Brasil foi 257,43 mil toneladas, quantidade 91,91% superior ao volume importado no ano de 2023 com valor (FOB) de US\$84,4 milhões. Também nesse ano, a Argentina foi o maior fornecedor de cebola ao Brasil, com um total de 197,12 mil toneladas internalizadas pelo Brasil.

Produção e mercado estadual

Na safra 2023, segundo os dados da Epagri/Cepa, Santa Catarina produziu 402 mil toneladas, produção na roça, redução de 27,04% em relação à safra de 2022. Esta safra foi afetada por eventos climáticos adversos, especialmente chuva excessiva que proporcionaram perdas na quantidade produzida e na qualidade comercial do produto. O Valor da Produção Agrícola (VPA) da safra 2023 da hortaliça foi de R\$938,7 milhões.

A distribuição da produção nas microrregiões tem como destaque a microrregião de Ituporanga, com 8.607 ha, a Microrregião da Serra do Tabuleiro, com plantio de 3.475ha, a Microrregião de Joaçaba, com área plantada de 1.822ha, Microrregião de Rio do Sul, com 1.703ha, a de Tijucas com 1.205 ha e Campos de Lages com 1.175ha. Nas demais Microrregiões (Canoinhas e Curitibaanos), o plantio foi de 491ha.

A safra 2024/25 tem uma previsão de produção de mais de 556 mil toneladas, uma das maiores da história. Além das condições climáticas mais favoráveis à produção, outros fatores foram determinantes para o desempenho da cultura no estado, como o aumento da área plantada e o investimento em tecnologias por parte dos produtores, puxados pelo histórico dos bons preços ao produtor nos últimos anos (Figura 5).

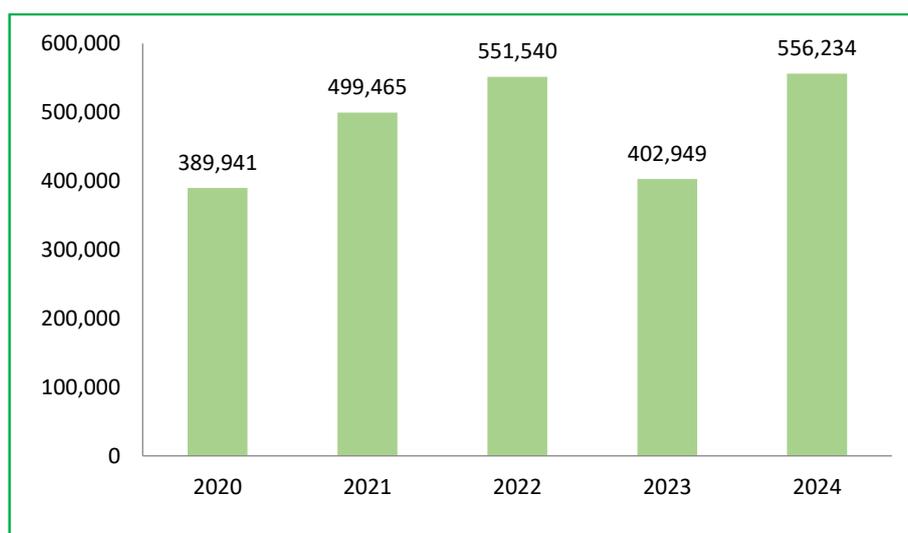


Figura 5. Cebola – Santa Catarina: evolução do volume produzido – 2020-24 (t)

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

A área plantada com a cultura no estado se mantém em crescimento nos últimos anos. De acordo com o Projeto Safras da Epagri/Cepa, nos últimos cinco anos houve um aumento de 10,68% na área plantada, reflexo do bom retorno econômico que os produtores tiveram com o produto no estado nos últimos anos (Figura 6).

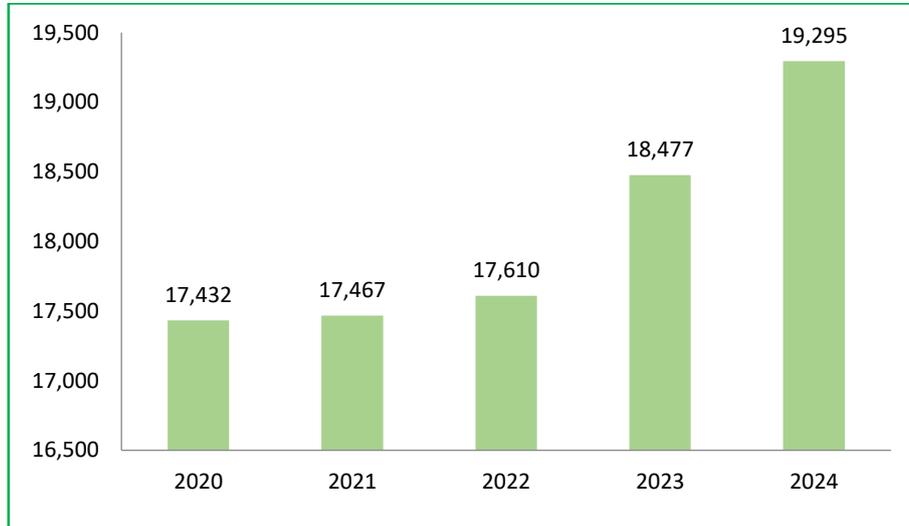


Figura 6. Cebola – Santa Catarina: evolução da área colhida – 2020-24 (ha)

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Com relação ao rendimento da safra 2023/24, em Santa Catarina a produtividade foi de 21,80t/ha, redução de 30,39 % em relação à safra de 2022, devido às perdas pelo excesso de chuvas durante o ciclo de desenvolvimento da cultura. Para a safra 2024, a previsão é de uma produtividade de 28,8 t/ha, portanto dentro do desempenho médio histórico do estado (Figura 7).

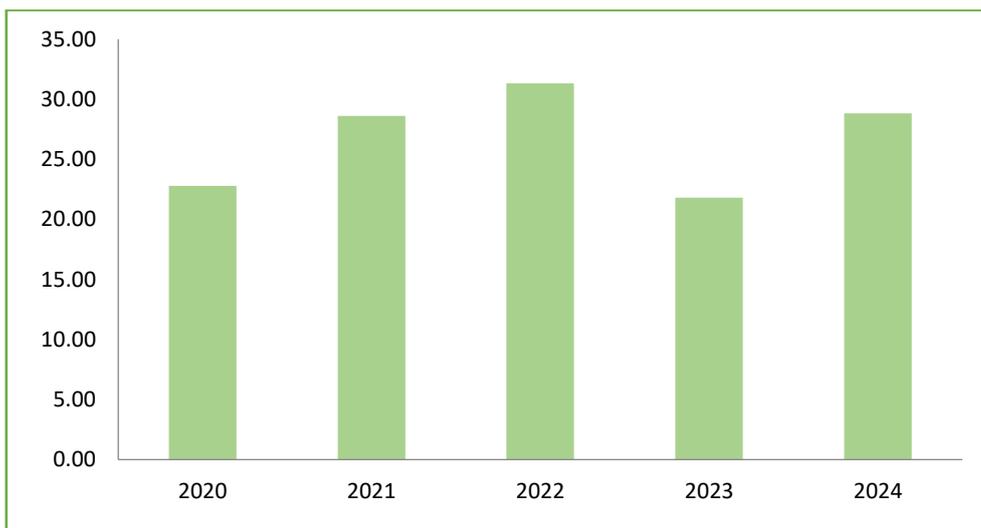


Figura 7. Cebola – Santa Catarina: evolução do rendimento médio – 2020-24 (t/ha)

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)



A cultura da cebola em Santa Catarina tem sua base produtiva assentada na agricultura familiar. Nesse sentido, as políticas públicas de apoio ao segmento como a oferta regular de crédito via o Pronaf, associada a mecanismos de proteção de perdas como o Seguro Rural, o Proagro Mais e o Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar (PGPAF), proporcionam maior segurança aos produtores facilitando o uso de melhores tecnologias e práticas de produção e assim consolidando cada vez mais a cultura da cebola em solo catarinense.

Feijão

João Rogério Alves – Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

A cultura do feijão comum ou *Phaseolus vulgaris* L. possui como centro de origem a América Central e o México. É a leguminosa alimentar mais importante para alimentação direta em todo mundo. No século 17, os colonos que retornaram à Europa levaram feijão para a Espanha. No Brasil, a leguminosa foi introduzida pelos portugueses, tornando-se útil para os viajantes, tanto no mar como em terra. Com mais de 40 mil variedades já foram identificadas, o feijão apresenta um dos níveis mais elevados de variação no hábito de crescimento, características da semente (tamanho, forma, cor), maturidade, adaptação e variabilidade genética.

O feijão comum, enquanto consumo primário, se dá a partir de seus grãos imaturos e/ou secos. Os grãos secos de feijão são a parte econômica do feijoeiro. Além de ser apreciado em todo o mundo, o feijão tem uma vida útil longa, boas propriedades nutricionais e pode ser facilmente armazenado e preparado para comer. Os mercados tradicionais acentuaram as preferências locais na cor dos grãos e no tamanho do tegumento, entretanto, os feijões secos têm composição semelhante.

A Índia, com uma população estimada de 1,45 bilhão de pessoas, 17,9% da população mundial, lidera a produção mundial de feijão. Em segundo lugar está a China, que com 1,48 bilhões de habitantes, responde por cerca de 18,3% da população mundial. Esses dois países juntos respondem por mais de 27,3% da produção mundial de feijão. O Brasil ocupa a segunda posição nesse *ranking*, com uma contribuição de cerca de 10,2% de todo o feijão produzido mundialmente em 2023 (Tabela 1).

Tabela 1. Feijão – Mundo: área de produção mundial e dos principais países – 2021-23

País	Área colhida (milhões ha)			País	Produção (milhões t)		
	2021	2022	2023		2021	2022	2023
Índia	14,72	15,87	15,56	Índia	6,12	6,61	6,49
Myanmar	2,87	2,89	2,82	Brasil	2,90	2,87	2,90
Brasil	2,61	2,64	2,47	Myanmar	2,69	2,72	2,68
Burundi	1,59	1,38	1,47	Tanzânia	1,29	1,27	1,48
Quênia	1,13	1,27	1,22	China	1,31	1,31	1,30
Uganda	0,96	1,03	1,16	Estados Unidos	1,01	1,16	1,07
Moçambique	0,91	0,57	1,16	Uganda	0,77	0,83	0,87
Tanzânia	0,99	0,94	1,08	Quênia	0,67	0,75	0,86
México	1,67	1,45	0,76	Burundi	0,95	0,80	0,83
Angola	0,70	0,70	0,74	Argentina	0,76	0,68	0,79
China	0,74	0,74	0,73	México	1,29	0,97	0,72
Outros países	8,51	8,30	8,57	Outros países	8,58	8,37	8,49
Mundo	37,41	37,77	37,75	Mundo	28,34	28,34	28,51

Fonte: FAO/FAOSTAT (janeiro/2025)

O principal produtor e consumidor de feijão é a América Latina, onde é um alimento tradicional e significativo, especialmente no Brasil, México, Zona Andina, América Central e o Caribe. O feijão é uma importante fonte de proteína no Quênia, Tanzânia, Uganda e Zâmbia. Na Ásia, o feijão é geralmente menos importante do que outras leguminosas, mas as

importações da China são crescentes ano a ano. Já na América Latina, África e Ásia, o feijão é uma cultura de pequena escala, cultivada com poucos insumos externos à propriedade rural, sujeita a problemas biológicos, edáficos e climáticos.

A importância do feijão para a alimentação fez com que a Organização das Nações Unidas (ONU) marcasse a data de 10 de fevereiro como o Dia Mundial das Leguminosas. Nessa mesma linha, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), destaca que as leguminosas contribuem de diversas maneiras para a transformação de nossos sistemas agroalimentares e podem ajudar a enfrentar várias crises globais. Destaca ainda que as leguminosas podem contribuir para aumentar a resiliência dos sistemas agrícolas e ajudar a melhorar a biodiversidade do solo, sendo assim componentes cruciais de vários sistemas de cultivo.

Com relação ao comércio mundial de feijão, a Índia, além de ser a maior produtora é o maior importador mundial da leguminosa. Em 2023, o país importou cerca de 772,75 mil toneladas, 3,8% a mais do que no ano anterior. A China segue em segundo lugar, respondendo por cerca de 13,9% das importações mundiais. Quanto às exportações, Mianmar lidera o comércio internacional, em 2023 o país foi responsável por aproximadamente 27,9% de todas as exportações mundiais do produto. Cabe destacar o crescimento das exportações dos Estados Unidos, que em 2023 teve um incremento de 53,8% em relação ao ano anterior, e atualmente responde por cerca de 11,2% das exportações mundial de feijão (Tabela 2).

Tabela 2. Feijão – Mundo: principais importadores e exportadores – 2021-23

País/Bloco	Importação (mil t)			País/Bloco	Exportação (mil t)		
	2021	2022	2023		2021	2022	2023
Índia	867,28	744,67	772,75	Mianmar	1.443,61	1.522,09	1.334,65
China	378,85	764,28	656,30	Estados Unidos	420,55	347,21	534,25
México	175,47	82,58	286,41	Argentina	411,23	423,98	445,65
Estados Unidos	192,18	198,67	207,53	Canadá	375,48	321,81	391,63
Vietnã	118,16	155,99	177,36	Uzbequistão	182,15	224,16	271,65
Paquistão	118,27	134,97	142,12	Egito	170,78	212,95	224,39
Itália	137,20	125,44	139,04	Etiópia	100,11	136,57	165,08
Indonésia	116,66	99,05	119,62	Índia	86,93	55,02	114,00
Japão	86,34	111,50	107,63	Tanzânia	83,95	71,84	100,93
Reino Unido	115,00	116,54	105,46	Nicarágua	80,74	90,46	95,36
Turquia	69,16	108,07	102,42	Turquia	117,06	91,21	89,29
Venezuela	100,00	110,00	100,00	Brasil	153,45	89,59	85,41
Outros países	1.790,69	1.793,89	1.800,74	Outros países	1.052,33	993,37	931,36
Total	4.265,26	4.545,65	4.717,38	Total	4.678,36	4.580,28	4.783,64

Fonte: FAO/FAOSTAT (janeiro/2025)

Produção e mercado nacionais

O Brasil, em função de aspectos culturais e socioeconômicos, se destaca globalmente no consumo de feijão. Contudo, nos últimos dez anos, o consumo entre os brasileiros vem diminuindo. Em 2012, cada brasileiro consumia, em média, 15,1kg de feijão ao ano; em 2022, esse consumo caiu para 11,9kg, redução de 25% em 10 anos. O feijão comum (*Phaseolus vulgaris* L.) destaca-se no hábito alimentar dos brasileiros. Neste grupo estão os conhecidos feijão-preto e feijão-carioca. Mas há uma grande diversidade de espécies para consumo humano, como feijão-azuki (*Vigna angularis* (Willd.); feijão-fava (*Phaseolus lunatus* L.), consumido como grão verde; e o feijão-caupi (*Vigna unguiculata* (L.) Walp.), que se constitui na principal espécie cultivada nas regiões Norte e Nordeste do País).

No Brasil, o cultivo do feijão é realizado em três safras, sendo a primeira denominada “safra das águas”, a segunda “safra da seca” ou “safrinha” e, a terceira “safra de inverno” ou “irrigada”. O plantio da primeira safra, segundo o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC), ocorre nas regiões Sul e Sudeste entre os meses de agosto a dezembro, com colheita acontecendo nos meses de novembro a abril. Já nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, o plantio é de outubro a fevereiro, com colheita entre janeiro a maio.

O cultivo do feijão segunda safra abrange todos os estados brasileiros e, de acordo com o calendário, o plantio das regiões Sul e Sudeste ocorrem de janeiro e abril e a colheita nos meses de março a agosto. Já nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, o plantio fica entre os meses de janeiro e junho e a colheita de março a setembro. Já na Região Sudeste a terceira safra vai de março a junho e a colheita nos meses de junho a outubro. Nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste o plantio da terceira safra é realizado nos meses de abril a junho e a colheita de junho a outubro.

Segundo estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a área plantada da safra brasileira de feijão² 2023/24 sofreu um aumento de 6,8% em relação à safra 2022/23. O cultivo de feijão vem sistematicamente perdendo área para lavouras de soja e milho, as quais, nos últimos anos, têm apresentado maior rentabilidade e estabilidade de preços. A produtividade média das lavouras, por outro lado, reduziu 0,9%, como resultado, o aumento na produção chegou a 6,8% (Tabela 3).

Tabela 3. Feijão – Brasil: área, produção e produtividade – principais estados – safras 2022/23-2023/24

Estado	Área plantada (mil ha)		Produtividade (kg/ha)		Produção (mil t)	
	2022/23	2023/24	2022/23	2023/24	2022/23	2023/24
Paraná	423	532	1.720	1.557	728	829
Minas Gerais	324	319	1.707	1.619	553	517
Mato Grosso	154	184	1.990	1.807	307	332
Bahia	432	424	669	835	289	354
Goiás	108	107	2.656	2.577	286	274
São Paulo	71	76	2.554	2.284	182	173
Santa Catarina	57	62	1.857	1.749	106	108
Ceará	358	356	178	343	64	122
Pernambuco	185	174	540	669	100	116
Piauí	193	205	395	409	76	84
Rio Grande do Sul	48	49	1.485	1.478	71	72
Demais estados	347	373	794	706	276	263
Brasil	2.700	2.860	1.125	1.135	3.037	3.244

Nota: Estimativa em janeiro 2025.

Fonte: Conab (janeiro/2025)

Nos últimos 25 anos, a produção brasileira de feijão está estabilizada em aproximadamente 3 milhões de toneladas. Nesse período, a área plantada foi reduzida em 33,6%. O que manteve nosso abastecimento normalizado foram os ganhos em produtividade, que ao longo desse período passaram de 668kg/ha para 1.135kg/ha, volume que representa um incremento de produtividade de 70% (Figura 2).

² A safra brasileira de feijão é composta de três safras (1ª, 2ª e 3ª); é uma cultura de plantio e colheita simultâneos nas diferentes regiões do País.

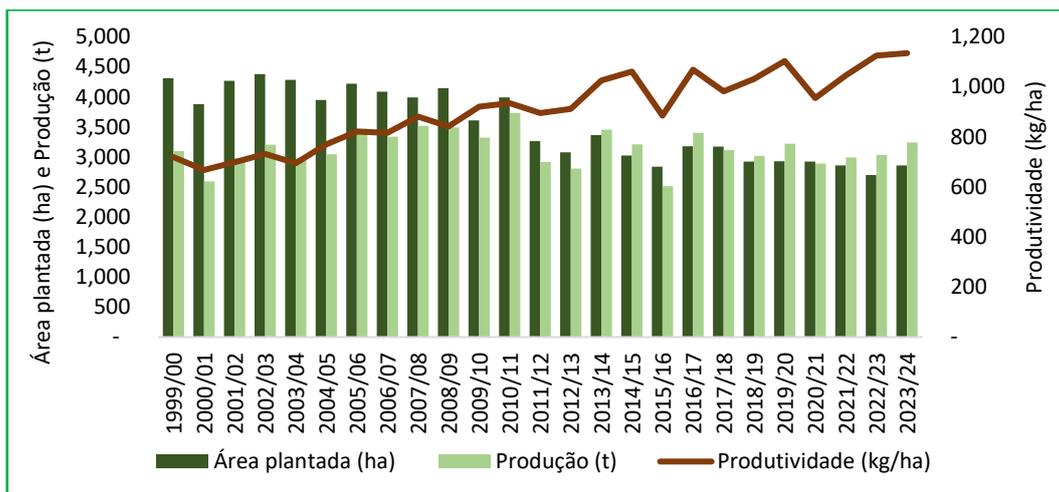


Figura 1. Feijão – Brasil: evolução da área plantada, produção e produtividade – safras 1999/2000 – 2023/24⁽¹⁾

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Conab (janeiro/2025)

Entre os três tipos de feijão mais cultivados e monitorados no País, o feijão-cores, com destaque para o feijão-carioca. Esse tipo de feijão é o mais consumido no país, e na última safra ocupou 38,8% da área cultivada com feijão, respondendo por 56,7% da produção total de feijão. Trata-se de um tipo com pouca aceitação no mercado internacional. O feijão-preto, por outro lado, é produzido em quase todos os estados brasileiros. Na safra 2023/24, ocupou apenas 16,5% da área plantada, sendo responsável por 22,0% da produção nacional de feijão. Principal matéria-prima da tradicional feijoada brasileira, os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul lideram a produção e o consumo dessa variedade. O feijão-cupi, por sua vez, é um produto com grande aceitação pelo mercado exportador, sendo cultivado em 38,8% da área plantada com feijão, respondendo por aproximadamente 21,3% da produção nacional de feijão. Trata-se de um produto regional, os estados das regiões Norte e Nordeste se destacam no seu cultivo em função de aspectos culturais e de hábitos de consumo (Tabela 4).

Tabela 4. Feijão – Brasil: área, produtividade e produção por estado e tipo de feijão – 2023/24

Estados	Feijão-cores		Feijão-preto		Feijão-caupi		Feijão total	
	Área (mil ha)	Produção (mil t)						
Paraná	185	289	347	540	-	-	532	829
Minas Gerais	289	497	14	12	16	8	319	517
Bahia	200	197	-	-	224	157	424	354
Mato Grosso	92	231	-	-	91	102	184	332
Goiás	100	266	-	-	7	8	107	275
São Paulo	76	173	-	-	-	-	76	173
Pernambuco	53	57	12	15	109	45	174	116
Santa Catarina	11	22	51	86	-	-	62	108
Rio Grande do Sul	8	19	41	53	-	-	49	72
Distrito Federal	12	33	2	3	-	-	14	36
Mato Grosso do Sul	13	16	-	-	-	-	13	16
Demais estados	72	42	5	3	831	373	908	418
Brasil	1.111	1.840	471	712	1.278	692	2.860	3.244

Nota: Ranking pela produção de feijão total.

Fonte: Conab (janeiro/2025)



Produção e mercado estadual

Em Santa Catarina, o número de estabelecimentos rurais que produzem feijão vem diminuindo a cada ano que passa. Com menos produtores envolvidos na atividade, a mecanização dos sistemas de produção se intensificou, com máquinas cada vez mais especializadas, sobretudo para as operações de plantio e colheita. Segundo o Censo Agropecuário, entre 2006 e 2017, o número de propriedades rurais com produção de feijão sofreu uma redução de 18%, passando de 43 mil para 35 mil estabelecimentos.

Também contribuem decisivamente para essa redução no número de estabelecimentos e a grande oscilação de preços do produto, aspecto que causa insegurança ao produtor na hora de decidir sobre o que plantar e o quanto plantar. É um produto que possui um curto período de armazenagem, ou seja, o produtor comercializa sua produção assim que a colhe, uma vez que sua qualidade se deprecia rapidamente, comprometendo seu valor comercial. Essas características são desfavoráveis ao feijão, quando o produto é comparado as *commodities* que possuem um padrão de qualidade definido, preços mais estáveis e mercado internacional consolidado.

Em Santa Catarina, a produção de feijão é composta por duas safras: feijão primeira safra e feijão segunda safra. Dois tipos de feijão predominam nos cultivos catarinenses, o feijão-carioca e o feijão-preto. O Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) estabelece as datas ou períodos de plantio/semeadura por cultura e por município, considerando as características do clima, o tipo de solo e o ciclo de cultivares, de forma a evitar que adversidades climáticas coincidam com as fases mais sensíveis das culturas, minimizando as perdas agrícolas. Em nosso Estado, a janela de plantio para o feijão primeira safra vai de agosto a dezembro e, para o feijão segunda safra, de janeiro a março.

A cada ano, o cultivo do feijão primeira safra vem perdendo espaço no Estado. Muitos produtores têm migrado para o cultivo de milho e soja na primeira janela de plantio, deixando a decisão de plantar feijão no segundo período, o que tem elevado a área do plantio dessa safra. Na safra 2023/24, o feijão primeira safra respondeu por 56% da área plantada estadual, enquanto a segunda safra, respondeu por 44% do total da área plantada (Figura 4).

Em Santa Catarina, o feijão-preto é cultivado em 80% da área estadual, e responde por 82% da produção, já o feijão-carioca, plantado em 20% da área, e contribui com 18% da produção estadual. Nos últimos anos, o feijão-preto vem ganhando a preferência dos produtores, sua produção se concentra na Região Sul do país, onde nas últimas safras os produtores têm enfrentado dificuldades em função de problemas climáticos recorrentes. Com isso, a oferta desse produto acaba sendo reduzida, fazendo com que os preços recebidos pelos produtores sejam mais atrativos do que aqueles praticados para o feijão-carioca, cuja oferta nacional é muito maior.

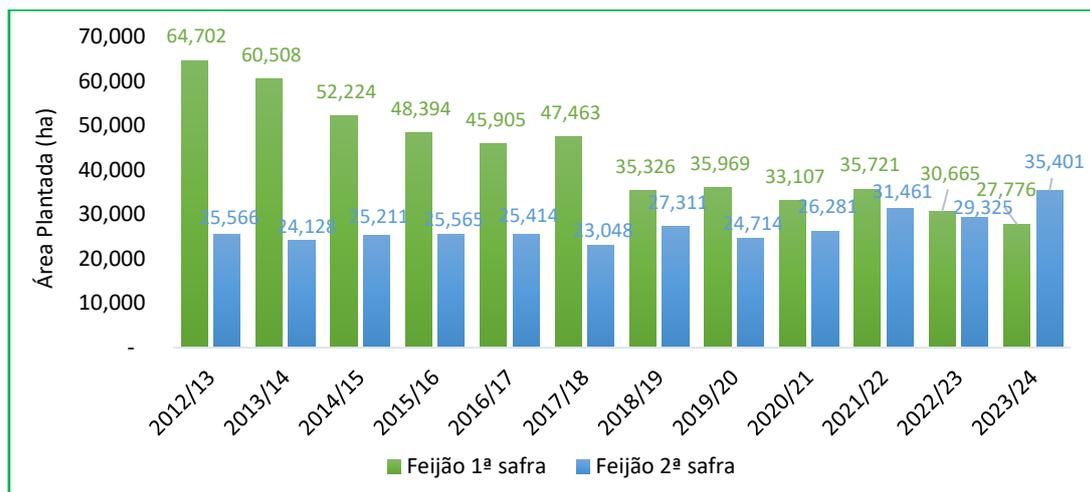


Figura 2. Feijão – Santa Catarina: evolução da área plantada de feijão 1ª e feijão 2ª safras – safra 2012/13-2023/24

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Na safra 2023/24, tivemos um aumento de 5,31% na área plantada com feijão quando comparado ao ano anterior. Um dos motivos fundamentais para esse aumento de área foram as boas condições climáticas no momento do plantio e os bons preços que estavam sendo praticados nesse período, sobretudo para o feijão-preto. Entretanto, o clima desfavorável e o excesso de chuvas nos meses de novembro e dezembro frustraram as expectativas dos produtores. Com a redução da produtividade média de muitas lavouras, o resultado foi uma safra com uma produção praticamente idêntica à do ano anterior, com uma pequena redução de 0,75% no volume de produção, em comparação ao resultado obtido na safra anterior (Tabela 5).

Tabela 5. Feijão total – Santa Catarina: área, produtividade e produção por microrregião – 2022/23-2023/24

Microrregião	Área plantada (ha)		Produtividade (kg/ha)		Produção (t)	
	2022/23	2023/24	2022/23	2023/24	2022/23	2023/24
Araranguá	635	629	803	1.102	510	693
Blumenau	-	119	-	1.254	-	149
Campos de Lages	7.970	6130	1.925	1.912	15.344	11.722
Canoinhas	10.300	10111	1.950	1.566	20.090	15.837
Chapecó	6.384	6090	2.093	1.980	13.360	12.060
Concórdia	285	305	898	704	256	215
Criciúma	1.540	1508	1.047	1.134	1.613	1.711
Curitibanos	2.476	2680	2.180	1.977	5.397	5.300
Florianópolis	15	-	1.000	-	15	-
Ituporanga	2.010	1715	1.501	1.013	3.018	1.738
Joaçaba	2.820	2640	2.100	2.191	5.922	5.784
Rio do Sul	1.273	1217	1.266	943	1.612	1.148
São B. do Sul	750	740	1.728	1.480	1.296	1.095
São M. do Oeste	2.335	3675	1.868	1.657	4.362	6.089
Tabuleiro	330	325	1.076	1.000	355	325
Tijucas	190	170	1.426	1.034	271	176
Tubarão	1.330	1268	1.023	1.170	1.361	1.484
Xanxerê	19.347	23.855	2.023	1.993	39.141	47.544
Santa Catarina	59.990	63.177	1.899	1.790	113.922	113.067

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

O estado de Santa Catarina apresenta uma grande diversidade de condição edafoclimática, o que permite a realização de duas safras de feijão. Nesse sentido, algumas microrregiões se destacam: na primeira safra, Campos de Lages e Canoinhas se destacam, respondendo por aproximadamente 48% da produção estadual da safra 2023/2024. Já no plantio de feijão segunda safra, com semeadura a partir de janeiro, se destaca a microrregião de Xanxerê, que nessa safra foi responsável por mais de 61% da produção estadual (Tabela 6).

Tabela 6. Feijão – Santa Catarina: área, produtividade e produção por microrregião, 1ª e 2ª safras - 2023/24

Microrregião Geográfica	Feijão 1ª safra			Microrregião Geográfica	Feijão 2ª safra		
	Área (ha)	Produtiv (kg/ha)	Produção (t)		Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)
Araranguá	53	1.122	59	Araranguá	576	1.100	634
Blumenau	119	1.254	149	-	-	-	-
Campos de Lages	6.130	1.912	11.722	-	-	-	-
Canoinhas	7.250	1.534	11.120	Canoinhas	2.861	1.649	4.717
Chapecó	1.760	1.701	2.994	Chapecó	4.330	2.094	9.066
Concórdia	305	704	215	-	-	-	-
Criciúma	667	1.199	800	Criciúma	841	1.083	910
Curitibanos	1.320	2.177	2.874	Curitibanos	1.360	1.784	2.426
Ituporanga	845	1.173	991	Ituporanga	870	858	747
Joaçaba	2.640	2.191	5.784				
Rio do Sul	749	1.003	751	Rio do Sul	468	846	396
São Bento do Sul	600	1.467	880	São Bento do Sul	140	1.536	215
São Miguel do Oeste	650	1.698	1.104	São Miguel do Oeste	3.025	1.648	4.985
Tabuleiro	325	1.000	325	-	-	-	-
Tijucas	170	1.034	176	-	-	-	-
Tubarão	523	1.133	592	Tubarão	745	1.196	891
Xanxerê	3.670	2.036	7.473	Xanxerê	20.185	1.985	40.071
Total Geral	27.776	1.728	48.009	Total Geral	35.401	1.838	65.058

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Com dados da safra 2023/24, verificamos que em 12 anos tivemos uma redução de 30% na área plantada com feijão no Estado. Por outro lado, nesse período, a produtividade cresceu 20%, como resultado, a produção estadual tem oscilado, com alguns picos de alta como o observado entre as safras de 2012/13 e 2017/18. Na safra 2023/24, apesar dos problemas climáticos enfrentados durante o ciclo de cultivo, a produção estadual se manteve com volume acima das 110 mil toneladas (Figura 4).

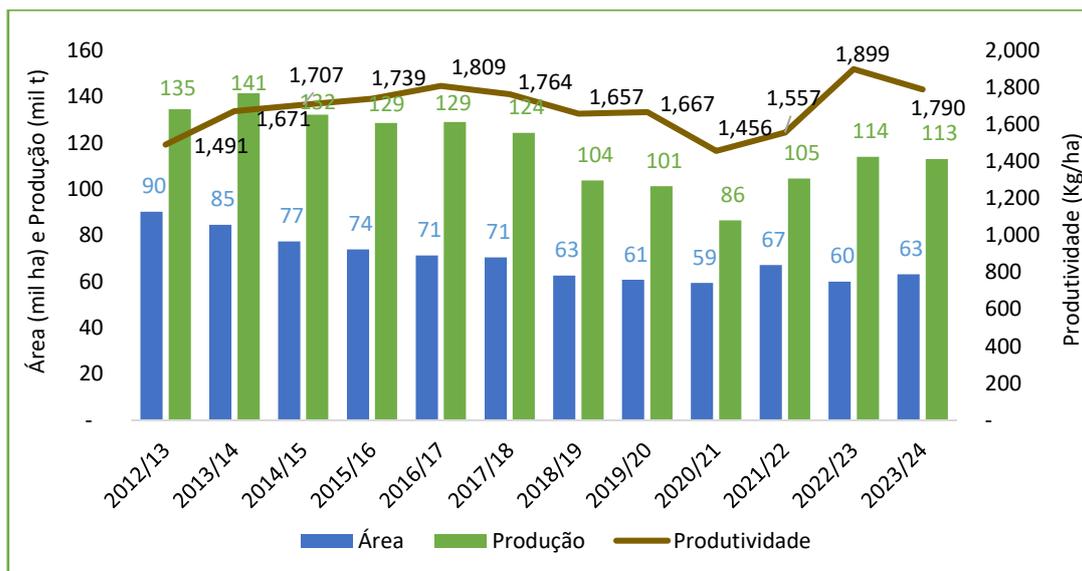


Figura 3. Feijão – Santa Catarina: evolução da área plantada, produção e produtividade – 2012/13-2023/24

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Os agentes envolvidos na cadeia do feijão são: produtores, que através dos empacotadores/indústrias se ligam à distribuição varejista; o empacotador, que compra o produto em sacas de 60kg e normalmente recebe o feijão seco, fazendo as funções de recepção, limpeza e embalagem e em seguida revendendo o feijão em embalagens de 1kg a 2kg e em fardos de 20kg. Da produção ao consumo podem existir três diferentes preços: primeiro o preço recebido pelo produtor, pago aos agricultores pelos empacotadores, cooperativas ou agroindústrias; os preços praticados pelos empacotadores em relação à distribuição no varejo; e o preço pago pelos consumidores.

Em relação aos mercados, a produção catarinense de feijão é predominantemente voltada ao mercado interno. A formação de seu preço depende de diversos fatores, como: diferentes variedades – o feijão-carioca normalmente é mais valorizado do que o feijão-preto; o tempo de armazenagem – o feijão novo (recém-colhido) é mais valorizado; a qualidade do produto – o feijão de 1ª safra oferece ao mercado um produto de melhor qualidade que o da 2ª safra; a demanda – durante as férias escolares e festividades de final de ano, a procura pelo produto é reduzida.

Com relação aos preços recebidos pelos produtores de feijão, monitorados pela Epagri/Cepa, podemos verificar que o preço médio anual do feijão-carioca praticado em 2024 ficou 23% abaixo do praticado durante 2023. A grande oferta desse tipo de feijão pelos estados produtores da Região Sudeste acabou fazendo com que os preços praticados ficassem estabilizados em patamares mais baixos, quando comparados aos anos anteriores. Já, para o feijão-preto, observamos uma variação positiva, registrando um aumento de 8%. Isso se deve fundamentalmente a problemas com a safra da Região Sul do país. Estiagens na época de plantio e excesso de chuvas na colheita comprometeram a safra, diminuindo a oferta do produto, fazendo as cotações da saca do feijão-preto se elevarem significativamente (Tabela 7).

Tabela 7. Feijão – Santa Catarina: preço médio estadual pago aos produtores de feijão – 2022-24

Mês	(R\$/sc 60kg)					
	Feijão-preto			Feijão-carioca		
	2022	2023	2024	2022	2023	2024
Janeiro	253,04	253,54	322,22	239,59	328,32	237,08
Fevereiro	281,49	262,53	336,42	269,80	321,63	217,08
Março	291,55	252,54	310,00	293,80	325,71	226,10
Abril	249,89	247,72	199,94	290,37	330,35	180,97
Mai	208,23	215,20	189,61	318,00	265,46	151,54
Junho	189,96	195,61	202,27	294,89	229,42	152,69
Julho	179,60	208,20	220,34	265,01	161,35	164,66
Agosto	180,90	214,74	221,89	256,43	154,79	155,65
Setembro	180,85	214,74	280,32	253,80	151,40	175,01
Outubro	180,70	215,66	276,36	248,60	151,78	175,60
Novembro	182,00	234,40	253,02	225,60	181,18	173,76
Dezembro	224,10	292,07	219,17	301,37	228,36	159,33
Média	216,86	233,91	252,63	271,44	235,81	180,79

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Maçã

Rogério Goulart Junior, Economista, Dr. – Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Em 2023, a maleicultura mundial produziu 97,3 milhões de toneladas, com taxa de crescimento de 1,9% a.a. entre 2021 e 2023. Com 4,6 milhões de hectares de área colhida, a produtividade média foi de 21.077 quilos por hectare, com crescimento de 2,7% a.a. no período.

Do volume total da fruta, em 2022 foram produzidos 67,3% na Ásia, 18,0% na Europa, 10,1% nas Américas, 3,8% na África e 0,9% na Oceania. No continente americano, a América do Norte participou com 5,7% da produção total; a América do Sul, com 3,5% e a América Central, com 0,9%.

Os dois principais continentes produtores apresentaram produtividade média abaixo da mundial: a Ásia com 20.337 quilos por hectare, com crescimento de 3,2% entre 2021 e 2023, e a Europa com 19.425 quilos por hectare e crescimento de 0,8% a.a. no mesmo período. As Américas apresentaram produtividade média acima da mundial com 32.953 quilos por hectare e crescimento de 3,6% a.a., entre 2021 e 2023.

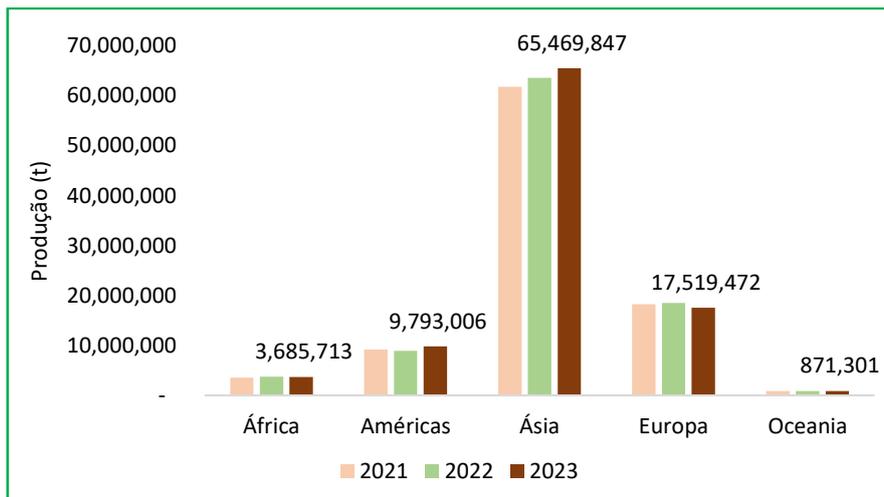


Figura 1. Maçã – Produção nos cinco continentes – 2021- 23

Fonte: FAO (janeiro/2025)

Entre 2019 e 2023, a produção de maçã apresentou taxa média de crescimento de 2,7% a.a. Em 2023, houve aumento na produção mundial de 1,8% em relação ao ano anterior, influenciado principalmente por países como EUA, Índia, Irã e França, que tiveram participação conjunta de 12,43%, e a China, que representa 51% e aumentou a produção em 4,3% entre 2022 e 2023. A China apresentou uma taxa de crescimento anual de 4,0% na quantidade produzida entre 2019 e 2023, com 1,99 milhões de hectares de área colhida e acréscimo de 2,1% na área entre 2022 e 2023.

No quinquênio, os países com as taxas de crescimento anual de produção acima da média mundial foram: a China, Turquia, Polônia e Índia, com taxas acima de 4,0%. A Turquia apresentou o maior aumento na produção, com 6,2% a.a., seguida da Polônia com 6,0%, Índia com 5,6% e China com 4,0% a.a. (Tabela 1). Já os países com taxas anuais negativas de crescimento na produção foram o Chile, o Irã e a Itália, no intervalo de -1,9% a -0,4% ao ano.

No período analisado a produtividade média mundial apresentou crescimento anual de 3,1%. Entre os principais países produtores com produtividade média acima da mundial, estão: o Chile, com 50.884 quilos por hectare em 2023; os EUA com 42.847 quilos por hectare e a Itália, com 41.933 quilos por hectare.

O Brasil participou com 1,2% da produção na safra de 2023 e taxa anual negativa de 0,8% a.a. no quinquênio, mas apresentou variação positiva de 13,0% entre 2022 e 2023. Com 33,4 mil hectares de área em produção, em 2023, houve acréscimo de 0,7% a.a. no período. A produtividade média sentiu os impactos climáticos e problemas fitossanitários com redução de 5,2% no último triênio, mas apresentou variação positiva de 12,9%, entre 2022 e 2023.

Tabela 1. Maçã – Quantidade produzida: mundo e principais países – 2019-23 (mil t)

Local	Anos					Partic. 2023 (%)	Ranking (em 2023)
	2019	2020	2021	2022	2023		
Mundo	87.448	90.612	93.698	95.612	97.341	100	-
China	42.427	44.067	45.985	47.573	49.603	51,0	1º
EUA	5.029	4.665	4.569	4.525	5.152	5,3	2º
Turquia	3.619	4.300	4.493	4.818	4.603	4,7	3º
Polônia	3.081	3.555	4.067	4.265	3.893	4,0	4º
Índia	2.316	2.814	2.276	2.589	2.876	3,0	5º
Itália	2.304	2.462	2.212	2.256	2.268	2,3	6º
Irã	2.241	2.241	2.768	1.990	2.177	2,2	7º
Federação Russa	1.951	2.041	2.215	2.380	2.083	2,1	8º
França	1.754	1.743	1.633	1.786	1.894	1,9	9º
Chile	1.593	1.614	1.549	1.464	1.476	1,5	10º
Brasil	1.223	983	1.297	1.047	1.184	1,2	15º
Demais países	19.912	20.125	20.634	20.920	20.132	20,7	-

Fonte: FAO (janeiro/2025)

Entre 2021 e 2023, o volume das exportações mundiais de maçã apresentou decréscimo anual de 7,2%. Os seis principais países exportadores responderam por 58,7% da quantidade exportada de maçãs frescas. Em 2023, a Itália lidera a exportação da fruta participando com 11,1%, mesmo com taxa negativa de 3,1% no triênio, tendo redução de 2,4% entre os dois últimos anos. A China manteve forte redução desde 2022, participando com 10,6% das exportações e taxa negativa de 13,8% a.a. A Polônia está recuperando o volume exportado com 10,4%, tendo aumento de 10,5% entre 2022 e 2023, mas com taxa negativa de 6,3% a.a. no triênio. O Irã ocupa a quarta posição com 9,6% das exportações, com 12,8% de redução média anual nos três anos (Tabela 2). Nos anos analisados houve persistência de eventos climáticos extremos e fitossanitários que afetaram a produção e o volume da fruta destinado à exportação desses países.

No triênio, os valores mundiais das exportações apresentaram redução de 5,7% a.a., passando de US\$6,99 bilhões em 2022, para US\$7,18 bilhões em 2023. Em 2023, China, Itália, EUA, África do Sul e Polônia somaram mais de 53,85% dos valores exportados de maçã. A China participou com 14,2% dos valores mundiais da fruta, com US\$1,0 bilhão e decréscimo de 17,1% no triênio por problemas na qualidade e redução do volume exportado. A Itália, representando 13,8% dos valores negociados, com US\$995 milhões, obteve decréscimo anual de 2,1% nos três anos. Os EUA participaram com 13,0%, com US\$931 milhões e crescimento anual de 0,8%. A África do Sul com US\$486 milhões, representou 6,8% dos valores totais. A Polônia ficou na 5ª posição, com participação de 6,0% e crescimento anual de 2,4% no triênio. Já os Países Baixos, principal entreposto de exportação da fruta europeia, foram o 11º país em

valores, com participação de 2,8% e decréscimo anual de 16,2% a.a., entre 2021 e 2023. O Brasil, com participação de 0,4% nos valores das exportações mundiais de maçãs em 2023, apresentou redução na taxa anual de 35,7% no triênio, passando de US\$73,8 milhões para US\$30,5 milhões.

Tabela 2. Maçã – Exportações brutas por país – 2021-23

Local	Quantidade (mil t)			Participação 2023 (%)	Taxa de cresc. 2021-23 (%)	Ranking (em 2023)
	2021	2022	2023			
Mundo	9.089	8.274	7.820	100,00	-7,2	-
Itália	920	885	864	11,05	-3,1	1º
China	1.116	844	829	10,61	-13,8	2º
Polônia	922	733	809	10,35	-6,3	3º
Irã	985	723	750	9,59	-12,8	3º
EUA	753	698	730	9,33	-1,5	4º
África do Sul	589	625	607	7,77	1,5	5º
Brasil	99	35	36	0,46	-25,2	29º
Demais países	3.705	3.731	3.194	40,84	-	-

Fonte: FAO (janeiro/2025)

Entre 2021 e 2023, a importação mundial de maçã apresentou decréscimo anual de 3,7% no volume comercializado. Os quatro principais países importadores responderam por 25,8% da quantidade comercializada no mercado importador das frutas frescas. No triênio, a Federação Russa assumiu a liderança na quantidade mundial importada de maçã, com aumento na taxa de crescimento anual no triênio, sendo 34,9% entre 2022 e 2023. A Índia, na 3ª posição com 3,8% da importação, apresentou a maior taxa de crescimento no período, com aumento de 19,6% entre os dois últimos anos. Entre os países selecionados, Alemanha e China apresentaram variação negativa na quantidade importada da fruta no triênio. Já o Brasil, com menor produção nacional, obteve aumento do volume importado no período, crescimento anual de 73,6% a.a. no triênio e participação de 2,0% nas compras mundiais da fruta.

Em 2023, os quatro principais países com maiores valores de importação de maçã, que juntos representaram 24,4% dos negócios com US\$8,2 bilhões, foram: China (8,3%), Alemanha (6,3%), Federação Russa (5,4%) e Índia (4,4%). A Índia ficou na 7ª posição dos valores totais das importações atrás de México (5,0%), Vietnã (4,7%) e Reino Unido (4,7%). Em 2023, o preço médio pago para importação da fruta foi de US\$1,06 o quilo, sendo que o preço pago pela Índia, México, Vietnã e Reino Unido ficou acima com US\$1,30 o quilo. Já Alemanha, Brasil, Federação Russa e China compraram ao preço médio de cerca de US\$0,91 o quilo.

Tabela 3. Maçã – Importações líquidas por país – 2021-23

Local	Quantidade (mil t)			Participação 2023 (%)	Taxa de cresc. 2022-23 (%)	Ranking (em 2023)
	2021	2022	2023			
Mundo	8.369	7.986	7.763	100,0	-3,7	-
Federação Russa	616	490	661	8,5	3,6	1º
Alemanha	606	538	503	6,5	-8,9	2º
Índia	436	392	470	6,0	3,8	3º
China	386	373	369	4,8	-2,3	4º
Brasil	78	107	51	2,0	73,6	16º
Demais países	6.246	6.086	5.711	72,2	-	-

Fonte: FAO (janeiro/2025)

Produção e mercado nacionais

Em 2024, a participação na produção dos principais estados brasileiros foi de 46,8% para Santa Catarina, 49,7% para Rio Grande do Sul e 3,0% para o Paraná, os quais, juntos, representaram 99,5% da produção e 99,3% da área em produção da maleicultura nacional. Estas produções estão concentradas principalmente nas microrregiões dos Campos de Lages, Joaçaba e Curitiba, em Santa Catarina; em Vacaria e Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul; Lapa e Palmas, no Paraná.

As safras brasileiras de 2022/23 e 2023/24

Em 2024, houve redução de 1,7% na área colhida em relação a 2023. Os estados com as maiores áreas colhidas foram: Santa Catarina (49,0%), Rio Grande do Sul (47,4%) e Paraná (2,9%). Com os eventos climáticos adversos na safra 2023/24 e acréscimo novas áreas, o estado catarinense diminuiu sua produtividade média na última safra.

No quinquênio, a produção brasileira apresentou taxa anual negativa de 0,3% e redução de 16,1% entre os últimos dois anos. Entre 2023 e 2024, Santa Catarina apresentou decréscimo na produção (21,6%), sendo que nos cinco anos analisados a taxa de crescimento foi de 0,6% a.a. O Rio Grande do Sul obteve taxa positiva anual da produção (0,2%) no quinquênio, com redução de 10,9% entre 2023 e 2024 (Tabela 4).

Tabela 4. Maçã – Área colhida, produção e produtividade média – Brasil e principais estados produtores – 2020-24

Local	Anos					Ranking (em 2024)
	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾	
Área colhida (ha)						
Brasil	32.469	32.879	33.311	33.358	32.776	-
Santa Catarina	15.441	15.730	15.910	16.004	16.059	1º
Rio Grande do Sul	15.689	15.763	15.983	15.959	15.532	2º
Paraná	995	1.007	996	960	950	3º
Subtotal	32.125	32.500	32.889	32.923	32.541	-
Demais estados	344	379	422	435	235	-
Quantidade produzida (t)						
Brasil	983.255	1.297.424	1.047.217	1.183.794	993.520	-
Rio Grande do Sul	490.066	628.711	435.312	553.768	493.330	1º
Santa Catarina	454.823	628.592	572.372	593.140	465.036	2º
Paraná	29.161	30.635	29.005	26.281	30.269	3º
Subtotal	974.050	1.287.938	1.036.689	1.173.189	988.635	-
Demais estados	9.205	9.486	10.528	10.605	4.885	-
Produtividade média dos principais estados (kg.ha⁻¹)						
Brasil	30.283	39.461	31.438	35.488	30.312	-
Paraná	29.308	30.422	29.121	27.376	31.862	1º
Rio Grande do Sul	31.236	39.885	27.236	34.699	31.762	2º
São Paulo	31.369	31.188	31.727	31.553	29.776	3º
Santa Catarina	29.456	39.961	35.976	37.062	28.958	4º

⁽¹⁾ Dados estimados sujeitos a ratificação.

Fonte: IBGE-Produção Agrícola Municipal (2020 a 2024) e LSPA⁽¹⁾ (dezembro/2024)

Exportações brasileiras

Maçãs frescas

O volume total das exportações brasileiras, entre 2020 a 2024, apresentou taxa anual com redução de 36,6% a.a., devido à redução no volume produzido nas últimas duas safras por fatores climáticos adversos. Os cinco principais países compradores são responsáveis por 90,9% do volume exportado pelo Brasil, sendo que no período apresentou decréscimo de 17,1% a.a.

No quinquênio, a Índia foi o principal destino da maçã brasileira, com taxa anual negativa de 12,3%, e com redução de 70,4% entre 2023 e 2024. Portugal foi o segundo destino com redução anual de 16,7%, com diminuição (50,9%) entre 2023 e 2024. Já com a Irlanda houve taxa negativa de 26,2 a.a. com volumes comprados em 2022 a 2024 abaixo da média. O Reino Unido foi o quarto destino com redução anual de 20,2% a.a., no quinquênio, e com diminuição (26,3%) entre 2023 e 2024, mas abaixo da média de compras de maçã brasileira. Com a redução de mercados ocasionada pela menor oferta de maçãs brasileiras nas últimas duas safras, a Arábia Saudita aparece como quinto destino das exportações da fruta brasileira, mas também com taxa anual negativa de 7,4% a.a. nos cinco anos analisados (Tabela 5). A Federação Russa e Bangladesh reduziram as compras com a maior oferta da fruta de outros fornecedores asiáticos e africanos, como a África do Sul, que aumentou o volume comercializado com Bangladesh a partir de 2023.

O valor das exportações de maçãs frescas, entre 2020 e 2024, apresentou taxa negativa de 30,6% a.a. Em 2023, o valor foi de US\$30,4 milhões; em 2024, houve redução para US\$9,60 milhões, ou seja, variação anual negativa de 68,5% no biênio. Os cinco principais países de destino das exportações da fruta apresentaram juntos decréscimo de 13,1% a.a. no quinquênio, e redução de 58,7% nas compras entre 2023 e 2024.

Em 2024, a Índia participou com US\$3,92 milhões (40,8%); Portugal, com US\$1,45 milhão (15,1%); a Irlanda, com US\$1,16 milhão (12,1%); Reino Unido, com US\$1,09 milhão (11,3%) e Arábia Saudita, com US\$499 mil, ou seja, 5,2% do valor total negociado no ano. A Irlanda, mesmo com redução de 25,8% a.a. no quinquênio, passou para terceiro destino das maçãs em 2024 devido à redução da participação de outros países compradores, como Bangladesh. No quinquênio a Índia apresentou a menor taxa negativa anual (5,5%), passando de compras no valor de US\$4,90 milhões, em 2020, para US\$ 3,92 milhões em 2024, sendo que a variação entre 2023 e 2024 foi negativa de 67,2%.

Tabela 5. Maçã fresca – Brasil: quantidade exportada – principais destinos – 2020-24

País	Quantidade (t)						Participação 2024
	2020	2021	2022	2023	2024	Média 2020-24	
Índia	6.860	23.899	11.652	13.739	4.065	12.043	40,3
Portugal	3.569	6.770	559	3.493	1.717	3.222	17,0
Irlanda	4.524	4.112	2.437	2.560	1.339	2.994	13,3
Reino Unido	3.761	4.880	3.116	2.068	1.525	3.070	15,1
Arábia Saudita	720	2.159	572	1.673	529	1.131	5,2
Subtotal	19.434	41.821	18.336	23.534	9.175	22.460	90,9
Federação Russa	19.484	21.178	191	85	315	8.250	3,1
Bangladesh	17.866	24.196	14.815	6.689	170	12.747	1,7
Demais países	5.780	11.854	1.710	5.671	433	5.090	4,3
Total	62.564	99.048	35.052	35.980	10.093	48.547	100,0

Fonte: MDIC/Comex Stat (2024)

Nas exportações brasileiras de 2024, o preço médio negociado foi de US\$950,95 a tonelada. Os países que pagaram preços acima da média foram a Federação Russa e Bangladesh, com valores de US\$1.124,67 e US\$962,78 a tonelada.

Suco de maçã

O volume exportado de sucos de maçã (Brix \geq 20 e outros), entre 2020 e 2024, apresentou taxa negativa de 1,8% a.a. Os três principais países de destino do suco de maçã brasileiro apresentaram juntos uma redução de 3,5% no período analisado, e de 42,2% entre 2023 e 2024.

No quinquênio, os EUA seguem como principal destino de suco brasileiro, mas com taxa negativa anual de 1,3%. O Japão apresentou taxa de crescimento de 1,0% a.a., enquanto que para a Alemanha a taxa negativa foi de 46,2% a.a. Entre 2023 e 2024, houve redução de 39,7% no volume total exportado de suco. Nos últimos dois anos, os EUA, o Japão e a Alemanha reduziram o volume demandado entre 42,0%, 23,4% e 89,5%, respectivamente (Tabela 6).

O valor das exportações de suco apresentou taxa positiva de 10,1% a.a. no quinquênio. Entre 2023 e 2024 houve redução, no valor, de US\$26,9 milhões para US\$21,0 milhões, ou seja, a variação anual foi negativa em 21,8%. Os três principais países de destino do suco de maçã brasileiro apresentaram juntos um aumento de 9,3% nos valores das exportações de suco, nos cinco anos analisados, mas redução de 22,0%, entre 2023 e 2024.

Em 2024, a participação dos EUA foi de US\$16,4 milhões (78,2%); a do Japão, de US\$3,03 milhões (14,4%) e a da Alemanha, de 0,9% do valor total negociado. Os valores das exportações de sucos de maçã em 2024 ficaram abaixo da média do quinquênio para os três principais países compradores. O preço médio de sucos de maçã exportados foi de US\$1.732,32 por tonelada, estando acima dessa média apenas o preço negociado com os EUA.

Tabela 6. Sucos de maçã⁽¹⁾: Brasil – Quantidade exportada para os principais destinos – 2020-24

País	Quantidade (t)						Participação 2024
	2020	2021	2022	2023	2024	Média 2020-24	
EUA	9.258	17.998	14.364	15.157	8.796	13.115	72,4
Japão	1.951	2.810	3.525	2.648	2.028	2.592	16,7
Alemanha	1.428	881	1.796	1.138	119	1.073	1,0
Subtotal	12.637	21.688	19.686	18.943	10.943	16.780	90,1
Outros países	429	801	1.313	1.216	1.203	992	9,9
Total	13.066	22.490	20.999	20.159	12.147	17.772	100,0

⁽¹⁾ Os dados de volume e valores de ‘Sucos de maçã’ resultam da soma dos produtos NCM 200971 (não fermentado, Brix \geq 20) e NCM 200979 (Outros, não fermentados).

Fonte: MDIC /Comex Stat (2025)

Importações brasileiras

Maçãs frescas

A quantidade importada de maçã fresca, entre 2020 e 2024, apresentou taxa de crescimento de 27,7% a.a. Entre 2023 e 2024 houve aumento de 53,0% no volume total importado da fruta devido à redução do volume interno da fruta nacional. O conjunto dos seis principais países de origem das maçãs importadas apresentou um aumento de 27,7% a.a., representando 98,2% do volume importado (Tabela 7).

No quinquênio, o Chile foi a principal origem da fruta importada, seguido pela Itália, com taxas anuais de crescimento de 46,6% e 34,9%, respectivamente. Outros dois países com crescimento no período foram Portugal com 60,7% e a França com e 32,1%. Já com a Argentina com 29,4% e a Espanha com 45,6% apresentaram maior aumento entre 2023 e 2024.

O valor das importações brasileiras de maçãs, entre 2020 e 2024, apresentou taxa de crescimento de 29,5% a.a., com o valor negociado de US\$90,9 milhões em 2020, passando para US\$263,3 milhões em 2024. Nos dois últimos anos, a soma dos valores dos principais países de origem da fruta ficou acima da média, com crescimento de 29,5% no quinquênio e 59,5% entre 2023 e 2024.

Em 2024, a participação do Chile foi de US\$122,2 milhões (46,4%); da Itália, de US\$57,8 milhões (22,0%) e da Argentina, de US\$38,4 milhões (14,6%) do valor total negociado na importação da fruta. Portugal participa com US\$24,5 milhões (10,1%), Espanha com US\$9,71 milhões (3,7%) e a França com US\$7,97 milhões (3,0%). Os seis países obtiveram crescimento anual no quinquênio. Em 2024, o preço médio da maçã importada foi de US\$1.119,98 por tonelada. Os preços negociados com o Chile e a Argentina ficaram abaixo da média, entre US\$1.070,00 e US\$1.110,00 a tonelada.

Tabela 7. Maçã fresca: Brasil – Quantidade importada por país de origem – 2020-24

País	Quantidade importada (t)						Participação 2024
	2020	2021	2022	2023	2024	Média 2020-24	
Chile	47.818	12.657	65.366	52.566	113.952	58.472	48,5
Itália	12.975	8.291	23.663	44.264	47.924	27.424	20,4
Argentina	32.851	23.296	19.237	26.724	34.593	27.340	14,7
Portugal	7.260	1.929	13.154	18.491	23.504	12.867	10,0
Espanha	2.731	3.073	2.976	5.498	8.007	4.457	3,4
França	3.603	1.310	2.738	5.770	6.559	3.996	2,8
Subtotal	107.238	50.556	127.134	153.313	234.539	134.556	99,8
Outros países	83	422	2.852	394	580	866	0,2
Total	107.320	50.978	129.986	153.707	235.120	135.422	100

Fonte: MDIC/Comex Stat (2025)

Produção e mercado estaduais

Em 2023/24, Santa Catarina passou para segundo maior produtor nacional de maçã. A produção está dividida em pequenas propriedades familiares, caracterizadas pela presença de produtores em cooperativas e por grandes empresas que produzem e fornecem os serviços de classificação e embalagem automatizados. As frutas produzidas no Estado são direcionadas, principalmente, ao mercado interno para consumo *in natura* ou para processamento na indústria de sucos.

Conforme estimativas da Epagri/Cepa, na safra 2023/24, Santa Catarina contou com cerca de 2.700 pomicultores gerando um valor bruto da produção (VBP) total estimado em R\$998,6 milhões.

Tabela 8. Maçã: safras recentes nas 3 principais regiões produtoras de Santa Catarina

Safra	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)
2017/18	15.495	574.652	37.086
2020/21	15.157	596.246	39.338
2021/22	15.304	570.234	37.260
2022/23	15.302	555.195	36.282
2023/24	15.779	423.092	26.814
2024/25 ⁽¹⁾	17.283	545.463	31.561

⁽¹⁾ Valor estimado.

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/ 2025)

As principais mesorregiões produtoras catarinenses são: a Serrana, responsável por cerca 85,7% da produção da fruta, com as microrregiões dos Campos de Lages e de Curitibaanos; a mesorregião do Oeste Catarinense, com destaque para a microrregião de Joaçaba, responsável por cerca de 13,9% da produção estadual. Entre as variedades cultivadas, 53,7% das áreas são de maçã Fuji; 44,3%, de maçã Gala e 2,0%, de maçãs precoces.

As safras catarinenses de 2022/23 e 2023/24

2022/23

Na safra 2022/23 as questões fitossanitárias afetaram negativamente a colheita, determinando dificuldades no processo de maturação das frutas com redução na qualidade e quantidade produzida. As altas temperaturas, estiagem e granizo prejudicaram o desenvolvimento das frutas, com floração e frutificação afetadas.

Na **microrregião de Joaçaba e Curitibaanos**, no **primeiro semestre** de 2023, a região enfrentou uma desvalorização de 11,5% nos preços da maçã Gala entre janeiro e fevereiro, com perspectiva de manutenção dessa tendência devido ao aumento da oferta. Contudo, nos pomares, as frutas exibiam qualidade adequada ao mercado, com coloração e calibre superiores aos da safra anterior. A colheita da maçã Fuji, entre março e abril, resultou em desvalorização nos preços da variedade nas classificadoras, mas a estimativa era de recuperação e valorização entre abril e maio, com o término da colheita. Posteriormente, entre maio e junho, ocorreu valorização nos preços médios das maçãs Fuji e Gala, classificadas.

No **segundo semestre** de 2023, entre julho e agosto, a comercialização da maçã Fuji na microrregião apresentou valorização nos preços médios, mas houve diminuição nas cotações devido ao aumento da oferta de outras frutas sazonais.

Nos pomares, durante a florada da maçã Gala, os produtores enfrentaram chuvas excessivas, tempestades, rajadas de vento forte e granizo localizados, o que levou ao abortamento e queda de flores, especialmente nas variedades que floresceram em outubro. As chuvas frequentes e persistentes afetaram a maturação das maçãs, levando a uma produção irregular e uma estimativa de redução na produção, principalmente devido aos danos causados pelo granizo em outubro. A falta de uniformidade no tamanho dos frutos também foi observada devido às condições climáticas desfavoráveis durante a florada. Para a maçã Fuji, em agosto houve o início do ciclo de crescimento das plantas, com a fase de dormência e avançando para



a brotação e a floração, entre setembro e novembro. No entanto, as chuvas no mês de outubro trouxeram preocupações sobre a possível perda na produção devido à interferência na floração e polinização. Em novembro houve o início da fase de frutificação, seguida pelo raleio manual em dezembro de 2023.

Já na **microrregião dos Campos de Lages**, no **primeiro semestre** de 2023, a região enfrentou uma desvalorização significativa de 17,3% nos preços da maçã Gala, iniciada em fevereiro, com a perspectiva de uma tendência similar em março devido ao aumento da oferta no mercado. Entre março e abril, a maçã Fuji, cuja colheita foi iniciada, teve uma desvalorização. Mas em maio houve valorização nas cotações com a diminuição da oferta no mercado para comercialização no segundo semestre. Apesar das condições climáticas adversas que prejudicaram a safra em toda a região, as maçãs apresentaram boa qualidade, garantindo valorização nos preços finais e a possibilidade de escalonamento na comercialização de frutas de atmosfera controlada nos meses seguintes.

No **segundo semestre** de 2023, entre julho e agosto, houve uma valorização significativa nos preços médios das maçãs Fuji e Gala, estocadas em atmosfera controlada, com variação positiva. A estratégia de escalonamento foi adotada nas classificadoras, com a maior presença da maçã Fuji em setembro e a expectativa de maior oferta, resultando em um recuo nas cotações. Entre setembro e outubro, a valorização nos preços médios das maçãs Fuji e Gala continuou, com variação positiva e a estratégia de escalonamento se manteve, projetando um recuo nas cotações em novembro.

Nos pomares, durante a floração da **maçã Gala**, as chuvas ocorridas no início de outubro afetaram a florada e o período de polinização. A partir do início de novembro, as macieiras entraram na fase de frutificação, seguida pelo raleio manual dos frutos com expectativa de frutas de menor calibre e menor safra em relação à safra anterior. Após o raleio, os frutos entram na fase de crescimento, com período de temperaturas acima da média e redução no volume de chuvas na segunda quinzena de novembro e em dezembro. Para a **maçã Fuji** observou-se um padrão semelhante de dormência seguida de brotação e floração. As chuvas em outubro também preocuparam os produtores quanto às perdas potenciais na produção de frutas. A fase de raleio manual ocorreu em novembro e dezembro.

2023/24

Na safra 2023/24, a qualidade da maçã foi impactada pelo fenômeno El Niño com precipitações excessivas e granizo, no segundo semestre de 2023, determinando menor calibre das frutas e redução no volume em relação à safra anterior, além de problemas fitossanitários como a mancha foliar de glomerella que afetou as macieiras.

Nas **microrregiões de Joaçaba e Curitiba**, no **primeiro semestre**, com atraso na colheita da maçã Gala em janeiro devido aos impactos das chuvas nos estágios de desenvolvimento da fruta no 2º semestre de 2023, a comercialização das frutas da safra 2023/24 apresentou em fevereiro valorização nas cotações. Em março as cotações da maçã Gala apresentaram desvalorização, em parte, devido a comercialização da maçã Fuji a partir de março. Em abril a expectativa era de valorização nos preços de ambas as cultivares com a menor produção estimada para a região, devido ao atraso na colheita e problemas fitossanitários. Entre maio e junho, com calibres menores e quantidade de frutas abaixo da safra anterior a tendência foi escoar frutas com menos resistência ao armazenamento para comercialização das frutas estocadas em câmaras frias no segundo semestre. Em maio as cotações da maçã Gala apresentaram valorização, e a expectativa era que as classificadoras mantivessem a variedade estocada em atmosfera controlada. O preço da maçã Fuji valorizou entre abril e maio com menor comercialização da variedade.



Nos pomares a maturação da **maçã Gala** demorou, o que resultou em um atraso na colheita. A incidência de doenças como a mancha foliar de glomerella foi observada, e os danos causados pelo granizo contribuíram para uma expectativa de safra abaixo do normal, com frutos de tamanho e padrão um pouco abaixo da média. A colheita se iniciou apenas na segunda quinzena de fevereiro, com uma expectativa de safra menor em comparação ao ano anterior. Para a **maçã Fuji**, a frutificação se estendeu até o final de janeiro, com atraso na maturação que teve início na 2ª quinzena de janeiro de 2024. A colheita começou atrasada em março de 2024, com preocupações sobre o calibre dos frutos e da qualidade devido a problemas fitossanitários.

No **segundo semestre**, com quantidade de frutas abaixo da safra anterior a tendência foi escoar frutas com menos resistência ao armazenamento. Em julho as cotações da maçã Gala se mantiveram em valores acima dos negociados em maio com o escalonamento nas variedades. O preço da maçã Fuji apresentou leve desvalorização na concorrência com a maçã Gala regional. Entre setembro e outubro, as frutas com menos resistência ao armazenamento estavam sendo comercializadas e, com o escoamento e a menor produção, os estoques estavam baixos nas classificadoras. Em setembro as cotações da maçã Gala se mantiveram em valores acima dos negociados em agosto, mas com expectativa de escoamento dos estoques finais com preços menores. O preço da maçã Fuji apresentou valorização com a menor oferta. Entre novembro e dezembro, os estoques das classificadoras da safra 2023/24 já estavam encerrados para as duas variedades. Nos pomares, as maçãs precoces para a safra 2024/25 estavam entre 20% em frutificação e 80% em maturação e as maçãs Gala e Fuji em 100% de frutificação. A expectativa é de redução na produção esperada devido a problemas fitossanitários nas macieiras afetando a produtividade média.

Na **microregião de dos Campos de Lages**, no **primeiro semestre**, entre dezembro e janeiro, houve valorização nos preços médios das maçãs Fuji e Gala da safra anterior, estocadas em atmosfera controlada (AC). Entre fevereiro e março de 2024, o preço da maçã Gala obteve desvalorização com a colheita e a comercialização da fruta. Em abril iniciou a comercialização da maçã Fuji colhida na safra 2023/24. Com menor oferta, devido a efeitos adversos climáticos e meteorológicos e fitossanitários que afetaram a qualidade da fruta na safra, a tendência era de valorização nas cotações de maçã nos meses seguintes. Em maio as cotações da maçã Gala apresentaram valorização com expectativa de comercialização da variedade regional de menor calibre em junho. O preço da maçã Fuji valorizou com tendência de manutenção na valorização e comercialização da variedade com menor oferta em junho.

Nos pomares, para a **maçã Gala**, em janeiro voltaram chuvas persistentes entre 60mm e 100mm e com aumento das temperaturas mínimas na região. O início da maturação das frutas determina a partir do final de janeiro o atraso na colheita da cultivar e a redução na quantidade a ser produzida em comparação à safra anterior. Na **maçã Fuji**, a frutificação se estendeu de novembro de 2023 a 1ª quinzena de março de 2024. A maturação teve início em março e se estendeu até abril. A colheita iniciada em março, continuou ao longo de abril, enfrentando desafios em relação ao calibre dos frutos e qualidade exigida para armazenamento em câmaras frias e problemas fitossanitários.

No **segundo semestre**, em julho as cotações da maçã Gala apresentaram desvalorização em relação ao mês anterior, mas com expectativa de valorização com aumento na demanda pela variedade regional. O preço da maçã Fuji desvalorizou entre junho e julho com tendência de valorização com a comercialização em agosto. Em setembro as cotações da maçã Gala apresentaram desvalorização, mas com expectativa de redução em outubro com aumento da oferta da variedade. O preço da maçã Fuji valorizou entre agosto e setembro com tendência de desvalorização com a maior comercialização dos estoques da safra 2023/24. Em outubro as cotações da maçã Gala apresentaram desvalorização com o aumento da oferta da variedade. O preço da maçã Fuji valorizou entre outubro e novembro depois de desvalorizar entre setembro



e outubro devido ao maior escoamento para a comercialização regional. Em dezembro, houve valorização nas cotações com o menor estoque na classificadora. Nos pomares, as maçãs Gala e Fuji já estavam 100% em frutificação para a safra 2024/25.

Preço no atacado

No **final de 2023**, manteve-se uma valorização nos preços da categoria 1. As categorias 2 e 3 também registraram aumentos, contribuindo para uma valorização geral da maçã no mercado. No 2º semestre de 2023 houve valorização de 10,9% nas cotações da cat. 1, em comparação ao mesmo período de 2022, com acréscimo de 6,1% para categoria 2 e de 1,3% para categoria 3.

No primeiro trimestre de 2024, o mercado da maçã em Santa Catarina, com o final da comercialização de estoques da safra passada, baixa oferta e início da colheita da maçã Gala apresentou valorização nos preços médios de 12,5% em comparação ao mesmo período de 2023 e de 55,2% em relação a 2022. A maçã Gala contribuiu com valorização de 19,9% nas cotações, entre janeiro e março de 2024. A maçã Fuji participou com valorização de 6,0% em relação aos três primeiros meses do ano passado. Entre janeiro e março de 2024, as cotações das categorias 1, de Gala e Fuji, apresentaram valorização de 7,8% em relação ao ano anterior; já os preços das categorias 2 e 3 apresentaram valorização de 22,0% em comparação ao mesmo período do ano anterior.

No segundo trimestre, a maçã Gala contribuiu com valorização de 0,2% nas cotações, entre junho e julho do ano corrente, e com valorização de 41,5% em comparação a julho de 2023. A maçã Fuji participou com desvalorização de 10,1% entre junho e julho, e com valorização de 12,3% em relação a julho do ano passado. Em julho de 2024, as cotações da categoria 1 apresentaram desvalorização de 4,8% em relação ao mês anterior; já os preços das categorias 2 e 3 apresentaram desvalorização de 4,2% e 5,8%, respectivamente.

No 1º semestre de 2024 houve valorização nos preços médios de 29,3% em comparação ao mesmo período de 2023 e de 62,5% em relação a 2022. A maçã Gala valorizou suas cotações 38,1% no comparativo entre os seis primeiros meses de 2024 e 2023; enquanto a maçã Fuji valorizou seus preços 21,5% no mesmo período. Já as cotações das categorias 1 estavam 30% valorizadas e as das categorias 2 e 3 estavam 32,1% valorizadas no 1º semestre de 2024 em relação ao do ano anterior. O mercado da maçã em Santa Catarina e no Brasil no primeiro semestre de 2024 apresentou variações nos preços e volumes comercializados, influenciados por fatores como oferta reduzida e condições climáticas adversas.

No terceiro trimestre, a maçã Gala contribuiu com valorização de 1,2% nas cotações, entre agosto e setembro do ano corrente, e com valorização de 34,9% em comparação a setembro de 2023. A maçã Fuji participou com valorização de 8,1% entre agosto e setembro, e com valorização de 26,7% em relação a setembro do ano passado. Em setembro de 2024, as cotações da categoria 1 apresentaram valorização de 2,1% em relação ao mês anterior; já os preços das categorias 2 e 3 apresentaram valorização de 5,4% e 6,2%, respectivamente.

Entre julho e setembro de 2024 houve valorização nos preços médios de 29,4% em comparação ao mesmo período de 2023 e de 50,9% em relação a 2022. A maçã Gala valorizou suas cotações 37,8% no comparativo entre os três meses de 2024 e 2023; enquanto a maçã Fuji valorizou seus preços 20,9% no mesmo período. Já as cotações das categorias 1 estavam 24,3% valorizadas e as das categorias 2 e 3 estavam 39,3% valorizadas no 3º trimestre de 2024 em relação ao do ano anterior.

No quarto trimestre, a maçã Gala contribuiu com desvalorização de 5,1% nas cotações, entre outubro e novembro do ano corrente, mas com valorização de 18,1% em comparação a novembro de 2023. A maçã Fuji participou com desvalorização de 0,2% entre outubro e

novembro, mas com valorização de 10,8% em relação a novembro do ano passado. Em novembro de 2024, as cotações da categoria 1 apresentaram desvalorização de 0,5% em relação ao mês anterior; já o preço da categoria 2 apresentou desvalorização de 1,2%, representando 92,7% do valor da categoria 1. Na categoria 3 as cotações desvalorizaram 7,5% em comparação ao mês de outubro representando 77,1% do preço médio da categoria 1 no atacado.

No 2º semestre de 2024 houve valorização nos preços médios de 22,7% em comparação ao mesmo período de 2023 e de 33,5% em relação a 2022. A maçã Gala valorizou suas cotações 29,6% no comparativo entre os seis últimos meses de 2024 e 2023; enquanto a maçã Fuji valorizou seus preços 16,7% no mesmo período. Já as cotações das categorias 1 estavam 24,6% valorizadas e as das categorias 3 estavam 19,7% valorizadas no 2º semestre de 2024 em relação ao do ano anterior.

O mercado da maçã em Santa Catarina e no Brasil apresenta estoques baixos de frutas nas classificadoras e expectativa de recuperação na produção na safra 2024/25. Entre agosto e setembro de 2024, o preço médio das maçãs no atacado de Santa Catarina obteve valorização. Entre outubro e novembro de 2024, o preço médio das maçãs no atacado de Santa Catarina obteve desvalorização, devido à qualidade e concorrência de frutas importadas com cotações competitivas no mercado.

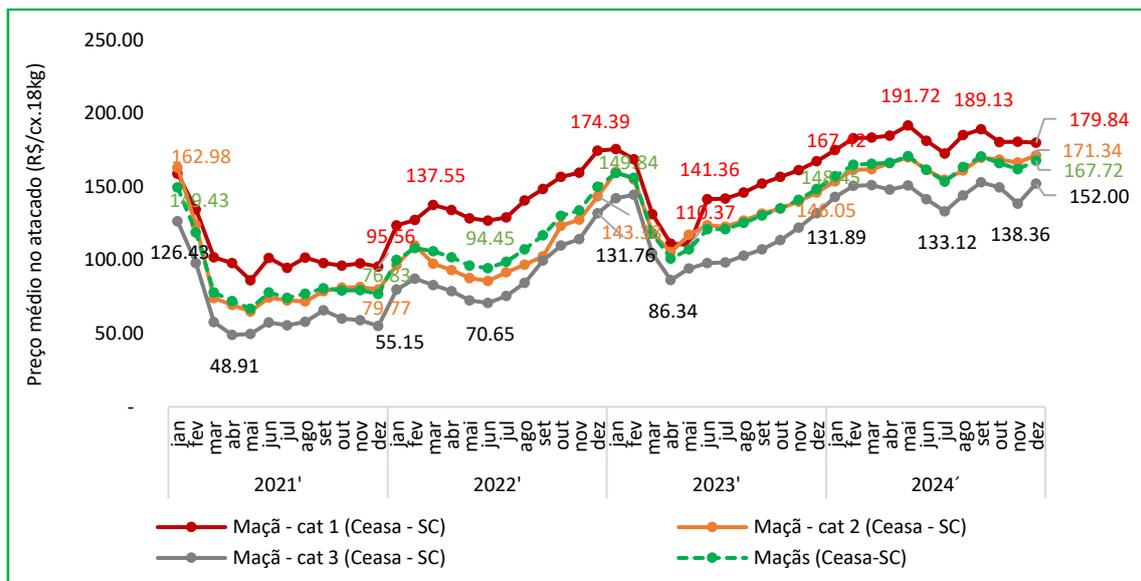


Figura 2. Maçãs por categorias – Evolução do preço (corrigido) Ceasa-SC – 2021-24

Nota: Preço corrigido IGP-DI da FGV (dez. 23=100); Cat. 1, 2 e 3 é a classificação vegetal para maçã - Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Fonte: Epagri/Cepa e Ceasa-SC (2025)

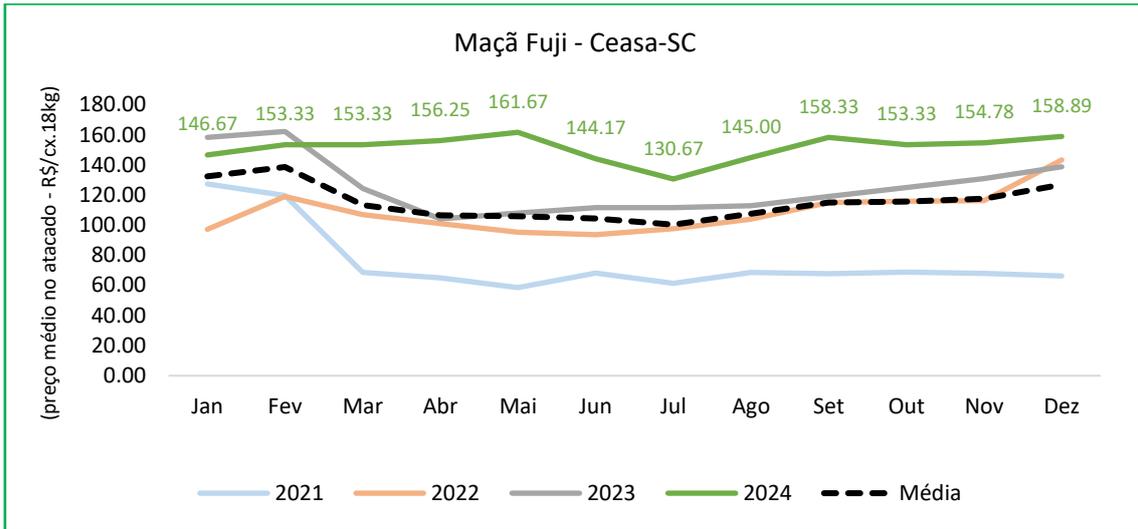


Figura 3. Maçã Fuji – Preço médio (nominal) na Ceasa-SC – 2021-24

Nota: Preço médio entre as categorias 1, 2 e 3.

Fonte: Epagri/Cepa e Ceasa-SC (2025)

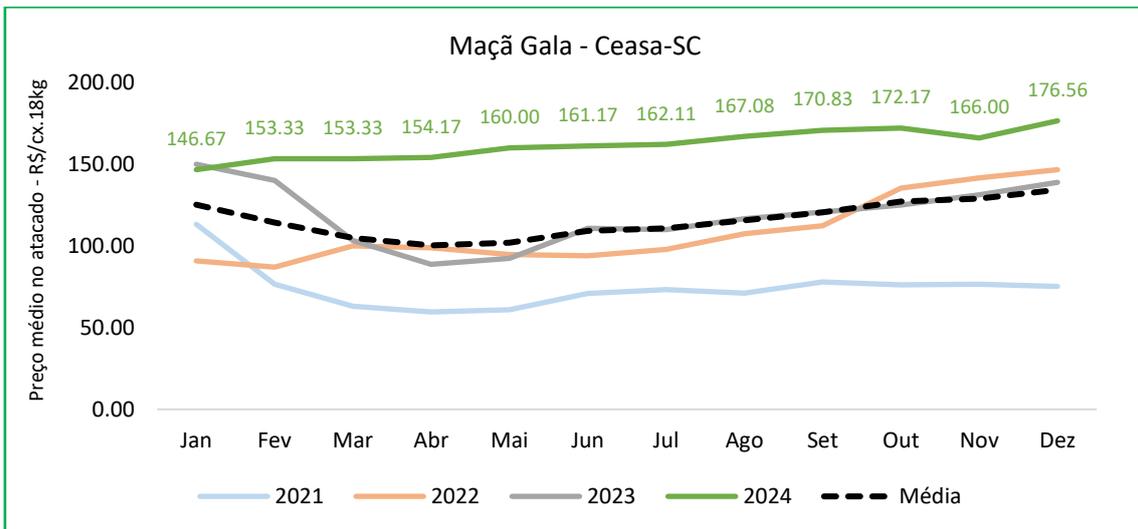


Figura 4. Maçã Gala – Preço médio (nominal) na Ceasa-SC – 2021-24

Nota: Preço médio entre as categorias 1, 2 e 3.

Fonte: Epagri/Cepa e Ceasa-SC (2025)

Exportações estaduais

Maçã fresca

Os principais estados exportadores de maçã participaram com 98,2% do volume comercializado da fruta e obtiveram redução de 71,6%, entre 2023 e 2024. O Rio Grande do Sul apresentou variação negativa no volume exportado de maçã *in natura*, com redução de 75,1% em relação a 2023, e com decréscimo anual de 50,7% no triênio. O estado de Santa Catarina, com participação de 26,6% na quantidade vendida, obteve redução de 61,9% entre 2023 e 2024, mas o volume exportado teve redução de 30,1% na taxa média anual dos três anos analisados (Tabela 9).

Tabela 9. Maçã fresca – Brasil: quantidade exportada por estado da federação – 2022-24

Local	Quantidade (t)			Participação 2024 (%)	Taxa cresc. 2022-24 (%)	Ranking (em 2024)
	2022	2023	2024			
Brasil	35.052	35.980	10.093	100,0	-46,3	-
Rio Grande do Sul	29.321	28.598	7.113	70,5	-50,7	1º
Santa Catarina	5.501	7.057	2.686	26,6	-30,1	2º
São Paulo	98	114	110	1,1	5,7	3º
Demais estados	132	211	185	1,8	-	-

Fonte: MDIC/Comex Stat (2025)

O valor nacional exportado, de US\$30,5 milhões em 2023, reduziu para US\$9,6 milhões em 2024, com variação negativa de 68,5%, no triênio houve decréscimo de 37,4% nos valores.

Entre 2023 e 2024, o Rio Grande do Sul, que representou 67,5% dos valores nacionais, reduzindo as exportações de US\$24,4 milhões, em 2023, para US\$6,5 milhões em 2024, com diminuição de 73,5%; e no triênio houve redução de 43,7%. Em 2024, Santa Catarina participou com 24,0% (US\$2,29 milhões) dos valores negociados de maçã, com acréscimo de 56,5% em relação a 2023. Porém, no triênio, o estado catarinense apresenta decréscimo anual de 20,2%, uma vez que os valores negociados em 2022 foram de US\$3,61 milhões.

Suco de maçã

Em 2024, os três principais estados são responsáveis por 98,3% das exportações brasileiras de suco de maçã, com redução de 39,7% em relação a 2023. Santa Catarina manteve a maior participação (85,1%) no volume exportado de suco de maçã e obteve redução de 31,6% no volume exportado entre 2023 e 2024, devido ao menor volume produzido na safra 2023/24. O Rio Grande do Sul, que participou com 7,9% do volume total de suco de maçã, apresentou redução de 77,5% em relação a 2023 (Tabela 10).

Tabela 10. Suco de maçã – Brasil: quantidade exportada por estado da federação – 2022-24

Local	Quantidade (t)			Participação 2024 (%)	Taxa cresc. 2022-24 (%)	Ranking (em 2024)
	2022	2023	2024			
Brasil	20.999	20.159	12.147	100,0	-23,9	-
Santa Catarina	14.885	15.109	10.331	85,1	-16,7	1º
Rio Grande do Sul	5.550	4.274	961	7,9	-58,4	2º
São Paulo	515	730	651	5,4	12,5	3º
Demais estados	49	46	203	1,7	103,0	-

Fonte: MDIC/Comex Stat (2025)

Em 2024, a exportação de suco de maçã movimentou US\$21,0 milhões, com redução de 10,6% no triênio. O estado catarinense foi responsável por 88,9% dos valores negociados (US\$18,7 milhões), com redução de 5,2% entre 2023 e 2024, mas com crescimento anual de 0,1% entre os três anos analisados. O estado gaúcho participou com 6,8% dos valores em 2024, com redução de 77,2% nos valores em relação a 2023 e variação anual negativa de 54,7% entre 2022 e 2024.

Milho

Haroldo Tavares Elias – Engenheiro-agrônomo. Dr. - Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Os principais produtores mundiais do grão são Estados Unidos, China e Brasil, os quais, somados, produziram 800,51 milhões de toneladas na safra 2023/24, o equivalente a quase 66% da produção mundial. Na safra 2023/24 houve um aumento de 5,7% na produção global em relação ao ano anterior. Isso decorreu de expressivos aumentos nas produções dos EUA, China e Argentina. O Brasil, México e África do Sul tiveram suas produções retraídas (Tabela 1). Este aumento representou em termos absolutos, mais de 60 milhões de toneladas, que influenciou no comportamento dos preços em 2024.

Tabela 1. Milho – Principais países produtores mundiais – 2020/21-2023/24 (em milhões de toneladas)

País/Bloco	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24	Var. % (2023/24)
Estados Unidos	357,82	381,47	346,74	389,67	12,38
China	260,67	272,55	277,20	288,84	4,20
Brasil	87,00	116,00	137,00	122,00	-10,95
União Europeia	67,44	71,55	52,40	61,87	18,06
Argentina	52,00	49,50	35,00	50,00	42,86
Índia	31,65	33,73	38,09	37,67	-1,10
Ucrânia	30,30	42,13	27,00	32,50	20,37
México	27,35	26,76	28,08	23,50	-16,30
Canadá	16,95	16,14	17,10	15,42	-9,82
África do Sul	16,95	16,14	17,10	13,40	-21,64
Outros	183,64	190,88	181,50	195,14	7,52
Total mundial	1.133,81	1.218,51	1.163,38	1.230,01	5,73

Fonte: USDA (janeiro/2025)

O consumo mundial cresceu 6% de 2021 a 2024. A produção mundial cresceu 8,4% no mesmo período. Com isto, houve elevação dos estoques mundiais em 7,1% no período avaliado (Tabela 2). Dessa forma, os preços permaneceram pressionados em 2024, embora grande parte dos estoques esteja concentrada na China.

Tabela 2. Milho – Balanço de oferta e demanda mundial – 2020/21-2023/24 (em toneladas)

Discriminação	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24
Produção	1.133.806	1.218.514	1.163.378	1.230.007
Importações	184.930	184.743	173.397	197.135
Exportações	183.096	206.514	180.335	192.035
Consumo	1.152.856	1.179.084	1.165.818	1.222.318
Estoque final	296.392	314.051	304.673	317.462

Fonte: USDA (janeiro/2025)

O Brasil em 2023 exportou 54 milhões de toneladas, sendo o maior exportador mundial do cereal naquele ano. Em 2024, os Estados Unidos retomam a liderança das exportações de milho, com volume de 58 milhões de toneladas, a recuperação da safra dos Estados Unidos e o recuo da safra brasileira explicam esta mudança (Tabela 3). O Brasil, Estados Unidos, Argentina e Ucrânia responderam por mais de 80% das exportações mundiais do milho em 2024. A variação da safra nestes países reflete no mercado global.

Tabela 3. Milho – Principais exportadores mundiais – 2020/21-2023/24 (em milhões de toneladas)

País	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24
Brasil	21,02	48,28	54,26	39,50
Estados Unidos	69,78	62,80	42,22	58,23
Ucrânia	23,86	26,98	27,12	29,49
Argentina	40,94	34,69	25,24	34,00
Rússia	3,99	4,00	5,90	6,60
União Europeia	3,74	6,03	4,20	4,39
África do Sul	3,73	3,65	3,44	2,00
Paraguai	1,35	4,80	3,68	2,00
Índia	3,61	3,36	3,12	2,20
Canada	1,56	2,19	2,86	2,09
Myanmar	2,60	2,30	2,00	2,85
Outros	10,53	10,79	9,42	10,90
Total mundial	183,10	206,51	180,34	192,04

Fonte: USDA (janeiro/2025)

Os principais importadores mundiais são: a União Europeia, o México, China, Japão, Coreia do Sul e Vietnã, que responderam por cerca de 50% das importações mundiais em 2023/2024. Depois de um recuo de quase 14 milhões de toneladas de 2022 para 2023, houve um incremento das importações de mais de 26 milhões de toneladas em 2024. A China se tornou o maior importador mundial em 2021 e 2022, mudou a dinâmica do mercado internacional de milho e passou a primeiro importador mundial, junto com a União Europeia (Tabela 4).

Tabela 4. Milho – Principais importadores mundiais de milho – 2019/20-2023/24 (em milhões de toneladas)

País	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24
União Europeia	17,38	14,49	19,74	23,15	23,50
China	7,58	29,51	21,88	18,71	23,00
México	16,53	16,50	17,57	19,36	19,60
Japão	15,88	15,47	15,00	14,93	15,50
Coreia do Sul	11,88	11,71	11,51	11,10	11,80
Vietnam	10,60	13,50	9,20	9,80	10,30
Iran	6,80	7,20	8,60	6,40	8,60
Egito	10,43	9,63	9,76	6,22	8,50
Colômbia	5,98	5,80	6,51	6,34	6,50
Arábia Saudita	4,51	3,02	4,07	3,30	4,90
Taiwan	4,58	4,39	4,55	4,19	4,60
Argélia	5,28	4,62	3,13	3,69	4,40
Malásia	3,78	3,70	3,68	3,45	3,85
Peru	3,94	3,68	3,53	3,32	3,60
Canada	1,84	1,58	6,14	2,13	3,20
Marrocos	3,07	2,84	1,88	1,99	2,80
Inglaterra	2,38	2,86	2,22	2,13	2,40
Chile	2,79	2,26	2,45	2,35	2,35
Turquia	3,08	1,75	3,51	2,66	2,00
Outros	29,38	25,35	32,09	28,07	38,27
Mundial	167,69	179,85	187,02	173,28	199,67

Fonte: USDA (janeiro/2025)

Em 2024, o Brasil exportou milho em grão para mais de 50 países, foram 39,7 milhões de toneladas e 8,04 bilhões de dólares (Tabela 5). A China foi o principal mercado em 2023, no

entanto, houve uma redução drástica dos volumes embarcados para este país em 2024, em função da menor safra e produto disponível. O Egito, Vietnã, Irã e Coreia do Sul continuaram como parceiros tradicionais, importando mais de 40% do volume total exportado pelo Brasil. Além da diminuição do volume exportado, os preços do milho recuaram, em 2024, em cerca de 16% em relação ao ano anterior no mercado internacional.

Tabela 5. Milho – Exportações brasileiras por países de destino – 2021/24

País	2021		2022		2023		2024	
	FOB (milhões US\$)	t (milhões)	FOB (milhões US\$)	t (milhões)	FOB (milhões US\$)	t (milhões)	FOB (milhões US\$)	t (milhões)
Egito	667,0	3,3	1.069,5	4,0	400,7	1,6	1.103,2	5,5
Vietnã	194,0	1,0	480,5	1,8	1.133,5	4,7	936,0	4,6
Irã	702,4	3,2	2.008,3	6,6	828,3	3,2	920,5	4,3
Coreia do Sul	227,9	1,1	638,2	2,4	865,8	3,5	557,7	2,8
Japão	322,9	1,7	1.359,5	4,9	1.470,4	6,0	512,9	2,6
China	0,0	0,0	323,3	1,2	3.646,2	16,1	478,0	2,3
Taiwan	227,4	1,1	423,4	1,6	612,0	2,5	461,2	2,2
Argélia	129,7	0,6	213,3	0,8	448,8	1,8	424,7	2,1
Arábia Saudita	89,9	0,5	346,4	1,2	359,4	1,4	341,0	1,7
Marrocos	72,2	0,4	178,3	0,6	294,5	1,2	297,2	1,5
Rep. Dominicana	133,4	0,7	211,0	0,8	260,6	1,1	246,7	1,2
Bangladesh	25,7	0,1	108,4	0,4	40,3	0,2	208,7	1,1
Espanha	392,2	2,0	1.343,3	4,9	471,8	2,0	177,3	0,9
Malásia	105,3	0,5	155,9	0,6	245,5	1,0	111,6	0,5
Indonésia	36,8	0,2	40,1	0,1	129,2	0,5	114,3	0,5
Venezuela	42,9	0,2	97,2	0,3	122,6	0,5	102,7	0,5
Outros	726,8	3,7	3.075,9	11,1	2.130,3	8,5	1.055,2	5,2
Total Geral	4.096,6	20,4	12.072,4	43,2	13.459,8	55,9	8.048,9	39,7
US\$/tonelada	200,8		279,7		241,0		202,5	

Fonte: MDIC, Comex Stat (janeiro, 2025)

Produção e mercado nacionais

No Brasil, a importância do milho é evidenciada por suas diversas formas de utilização: a alimentação animal, que representa cerca de 70% do consumo; a alimentação humana e a produção de biocombustível³. A produção da segunda safra registrou aumento de 20% de 2019 a 2024, representando mais de 75% da produção total no Brasil, enquanto a primeira safra se estabilizou em cerca de 25 milhões de toneladas. Embora haja lavouras de milho em praticamente todo Brasil, alguns estados concentram grande parte da produção nacional. Em 2024, Mato Grosso, Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul responderam por cerca de 70% das 113,2 milhões de toneladas de milho produzidas no Brasil. A produção diminuiu em mais de 13% em relação a 2023. Este recuo deveu-se a problemas climáticos na primeira e na segunda safra (Tabelas 5 e 6).

³ Segundo dados da União Nacional do Etanol de Milho (Unem), a produção de etanol de milho alcançou 5,12 bilhões de litros na safra 2022/23, incremento de 25% em comparação à da safra anterior. Para este volume de etanol, o montante necessário às 20 indústrias instaladas no Brasil é de 12,8 milhões de toneladas, o que representará 17% do total do etanol produzido no Brasil.

Primeira safra

Os principais estados produtores na primeira safra foram: Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, que somaram 42% da produção brasileira da primeira safra (Tabela 5). Em 2023, a produção teve aumento de 9% em relação aos anos anteriores. No sul do Brasil, a produção da primeira safra vem se mantendo estabilizada nos últimos quatro anos em torno de 10 milhões de toneladas. A soja conquista áreas antes destinadas ao milho. Cada vez mais o sul do Brasil dependerá do produto milho de outras regiões do Brasil e/ou de importações, uma vez que o consumo da região ultrapassa 35 milhões de toneladas. Em contraponto, os estados da Região Nordeste aumentaram a produção em mais de 20% no período de 2019 a 2023 em 2024 houve uma retração na produções desta região. Isto é relevante, uma vez que essa região, assim como a do sul do Brasil, é deficitária no suprimento do produto.

Tabela 6. Evolução da produção de milho primeira safra – Brasil: principais estados produtores (1.000 toneladas)

UF	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24
RS	3.936	4.390	2.901	3.732	4.850
MG	4.673	5.056	5.513	5.151	3.900
PR	3.535	3.124	2.996	3.830	2.524
SC	2.780	1.980	2.146	2.547	2.371
BA	1.786	1.901	2.089	2.848	1.602
SP	1.867	1.841	1.996	2.050	1.573
MA	1.219	1.328	1.540	1.563	1.453
GO	2.218	1.639	1.833	1.559	1.416
PI	2.049	1.810	2.104	2.128	1.235
Outros	1.628	1.657	1.911	1.967	2.038
Brasil	25.690	24.727	25.026	27.373	22.962

Fonte: Conab (janeiro/2025)

Segunda Safra

Na segunda safra, o destaque é o estado do Mato Grosso, que respondeu por mais de 50% da produção nacional em 2024. Os estados da região do Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), incluindo Rondônia, apresentam um consistente aumento na produção dos últimos quatro anos, ultrapassando, em conjunto, 5,8 milhões de toneladas, na primeira e segunda safra. No entanto, em 2024 houve um decréscimo na produção em vários estados. No Mato Grosso do Sul, houve uma redução de cerca de 5 milhões de toneladas em relação ao ano anterior, fatores climáticos afetaram a produção.

A soja, com demanda internacional, se constitui como concorrente do milho pelo uso das áreas na primeira safra. Na segunda safra, o milho entra em sucessão à soja, em especial na Região Centro-Oeste. Na Região Sul, aumenta a dependência do produto de outras regiões do Brasil e/ou de importações. Em 2023, com consumo estimado em mais de 35 milhões de toneladas, a produção regional ficou abaixo de 25 milhões de toneladas. Parte disso se dá pelo plantio de soja em áreas antes destinadas ao milho. Um aspecto cada vez mais evidente ao longo dos anos é o distanciamento da produção da segunda safra em relação à primeira. Em 2011, 60% da produção nacional foi colhida na primeira safra. Em 2023, essa participação foi de pouco mais de 21%. Nos últimos anos, a produção nacional tem se expandido quase que exclusivamente pelo aumento na segunda safra (Figura 1). Existe também a terceira safra, cultivada em especial no Nordeste, cuja produção foi de 2,8 milhões de toneladas em 2024. O

Nordeste é um importante consumidor do cereal e a produção regional está diminuindo a pressão por importações, tanto externas quanto de outras regiões do país.

Tabela 7. Evolução da produção de milho na segunda safra – Brasil e principais produtores (em 1.000 toneladas)

UF	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24
MT	34.609	32.806	41.104	50.731	48.205
PR	11.413	6.490	13.426	14.680	12.472
GO	10.399	6.792	7.912	11.082	9.919
MS	8.648	6.300	12.254	12.931	7.950
MG	2.852	1.969	2.170	2.791	2.227
SP	2.336	1.430	2.334	2.666	2.055
TO	1.224	925	1.613	1.689	1.717
RO	969	1.038	1.277	1.525	1.660
MA	977	1.076	1.367	1.581	1.299
PA	339	603	654	937	1.190
Outros	1.288	1.313	1.783	1.753	1.561
Brasil	75.053	60.742	85.892	102.365	90.255

Fonte: Conab (janeiro/2025)

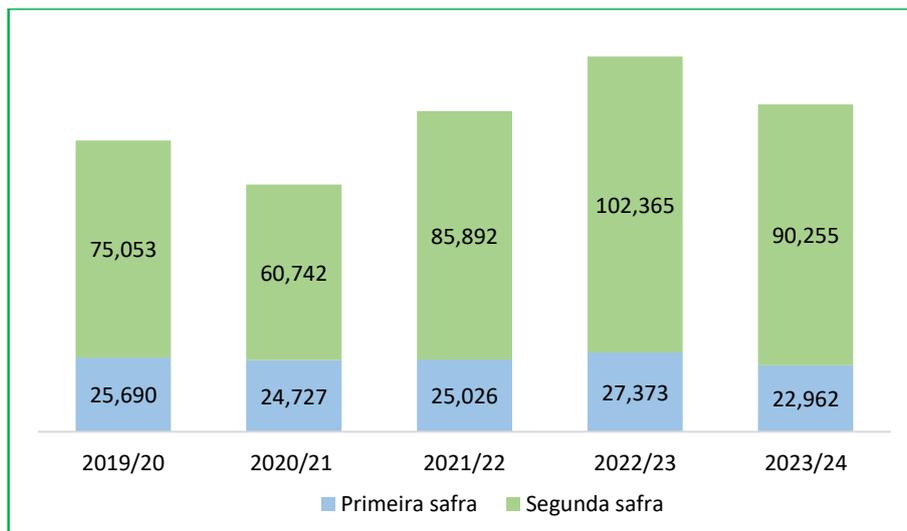


Figura 1. Milho – Produção no Brasil na 1ª e 2ª safras – 2019/20-2023/24 (em 1.000 de toneladas)

Fonte: Conab (janeiro/2025)

Em 2023, foi obtida uma produção recorde, de 131,9 milhões de toneladas. No entanto, em 2024, houve retração da produção em 12,3%. Com isso, o estoque nacional teve grande retração no mesmo período. O aumento do consumo também justifica a redução aos menores níveis da série (Figura 2). O estoque final para a safra 2023/24 é de 2,53 milhões de toneladas e o consumo nacional cerca de 7 milhões de toneladas mensais. As intercorrências climáticas podem deixar vulnerável o suprimento interno no país, em especial em regiões com maior consumo, como o sul do Brasil.

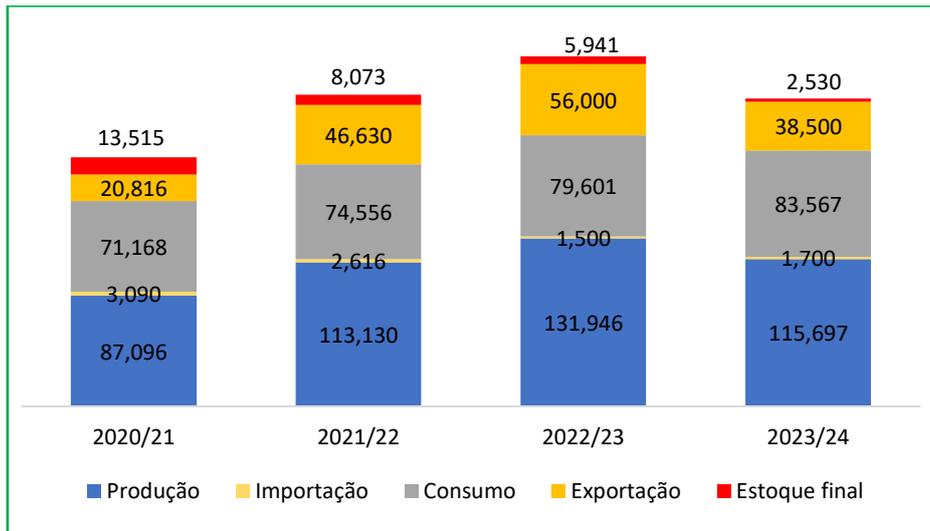


Figura 2. Milho – Brasil: oferta e demanda – 2020/21-2023/24 (em 1.000 toneladas)
 Fonte: Conab (janeiro/2024)

As importações brasileiras de milho em grão são pequenas em relação às exportações. No acumulado de 2010 a 2024, são 10 milhões de toneladas, significando cerca de 5% das exportações do período. O Paraguai foi responsável por mais de 80% dessa quantidade. As importações estão concentradas quase que exclusivamente nos três estados da Região Sul, que respondeu por mais 98% das importações brasileiras do período 2020-24 (Tabela 8).

Tabela 8. Milho – Brasil: Importação por estado – 2020/24

UF	Mil toneladas					Total 2020-24	
	2020	2021	2022	2023	2024	Mil t	Partic. %
Paraná	731	1.673	1.597	798	963,9	5.763	56
Santa Catarina	425	617	614	353	471,49	2.480	24
Rio Grande do Sul	144	796	407	209	153,02	1.709	17
Outros	71	118	18	-	44,3	251,3	2
Total	1.371	3.204	2.636	1.360	1.633	10.204	100

Fonte: MDIC/Comex Stat (janeiro/2025)

As importações catarinenses nos últimos cinco anos totalizaram 2,48 milhões de toneladas, o que equivale à produção total em um ano no Estado. Em termos financeiros, estas importações correspondem a um valor superior a 277 milhões de dólares em 2024 (MDIC/Comex Stat, 2025). O Paraguai está se tornando a origem preferencial do produto, em função da menor distância em relação ao centro-oeste brasileiro.

Produção e mercado estaduais

Em Santa Catarina, a área cultivada de milho-grão reduziu-se em 113 mil hectares entre as safras 2013/14 e 2023/24. Boa parte dessa área foi destinada ao plantio da soja. A constante valorização e maior liquidez da soja, o custo de produção, são alguns dos fatores que estimularam essa conversão de áreas. Nos últimos três anos, a área cultivada se estabilizou em torno de 330 mil hectares e o rendimento médio variou drasticamente por anomalias climáticas. Na safra 2022/23, o rendimento voltou a superar os 8.000kg/ha. No entanto, em 2024, com o excesso de chuvas durante o desenvolvimento, a produtividade caiu para menos

de 7.000kg/ha, resultando em uma produção de pouco mais de 2 milhões de toneladas (Figura 3).

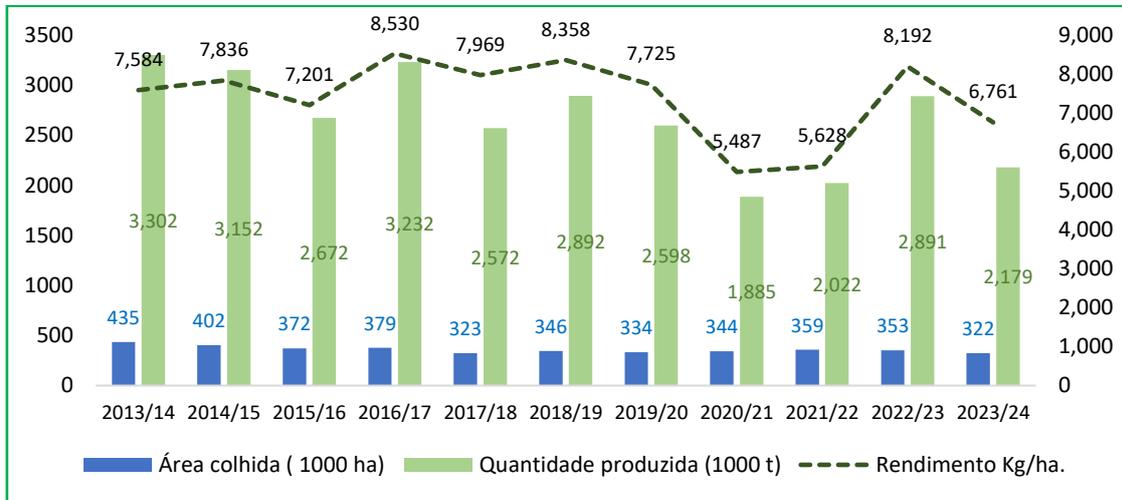


Figura 3. Milho – Santa Catarina: evolução das safras 2013/14 a 2023/24

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra (2024)

O milho é cultivado de forma distribuída em todas as microrregiões do estado, sendo que as microrregiões de Joaçaba, Chapecó, Campos de Lages e Canoinhas somam cerca de 50% da área cultivada. As microrregiões que registraram as maiores reduções em 2024 foram Curitibanos e Canoinhas, a opção pela soja foi evidente, em função de que nestas regiões há possibilidade de somente uma safra.

Tabela 9. Milho – Santa Catarina: comparativo da 1ª safra – 2021/22-2022/23 e 2023/24

Microrregião	Safra 2021/2022			Safra 2022/2023			Safra 2023/2024		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)
Araranguá	7.786	6.771	55.346	7.786	7.728	60.168	7.786	105.400	60.248
Blumenau	1.993	5.018	9.767	1.975	4.967	9.811	1.849	52.700	8.789
C.de Lages	36.010	4.764	170.516	31.270	8.146	254.716	26.530	110.802	177.359
Canoinhas	36.200	7.258	272.495	33.300	9.761	325.040	29.900	99.200	246.010
Chapecó	39.276	5.345	215.807	43.460	8.916	387.471	41.295	260.000	281.832
Concórdia	21.750	4.704	104.748	22.730	6.792	154.371	21.830	88.320	129.927
Criciúma	7.109	7.340	52.539	7.109	8.015	56.978	7.109	79.090	56.074
Curitibanos	26.730	4.860	143.902	24.470	8.710	213.123	19.719	83.180	154.694
Ituporanga	10.380	5.486	60.393	9.450	7.727	73.020	8.850	54.000	68.580
Joaçaba	63.640	4.889	310.993	60.815	8.463	514.697	59.226	159.100	355.730
Joinville	417	5.875	2.445	520	5.221	2.715	390	24.500	1.914
Rio do Sul	19.320	5.489	108.723	18.290	7.088	129.648	16.780	115.440	96.557
São B. do Sul	3.800	7.333	28.000	3.100	9.077	28.140	4.600	22.800	31.870
São M. Oeste	23.390	3.936	96.050	22.840	7.634	174.359	20.880	118.965	118.698
Tijucas	2.220	6.352	14.102	2.080	28.400	12.352
Tabuleiro	1.800	7.200	12.960	3.315	5.486	18.185	3.635	31.200	19.406
Tubarão	4.753	6.817	34.583	4.433	7.791	34.536	4.433	90.890	34.548
Xanxerê	22.350	6.118	149.996	24.180	9.926	240.020	18.800	140.400	163.895
Total geral	326.704	5.494	1.829.264	321.263	8.377	2.691.099	295.692	1.664.387	2.018.481

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra (2024)

Em 2021/2022, houve uma forte redução na produção catarinense em função da estiagem que aconteceu no início da safra. Na safra 2022/23, a produção estadual é recuperada para 2,89 milhões de toneladas. Em 2024, novamente fatores climáticos afetam a produção, refletindo na redução da produção estadual para 2,18 milhões de toneladas (Tabelas 9 e 10). A segunda safra no Estado representa cerca de 10% da área total, sendo cultivada em regiões com altitude inferior a 500 metros, cujo zoneamento agroclimático é compatível. No entanto, uma parcela considerável desta área é cultivada novamente com milho, o que em termos fitossanitários não é recomendável.

Tabela 10. Milho – Santa Catarina: comparativo da safra 2021/22-2023/24

Safra	Safra 2021/22			Safra 2022/23			Safra 2023/24		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Prod. (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Prod. (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Prod. (t)
Milho 1ª safra	326.704	5.599	1.829.264	321.263	8.194	2.691.099	295.692	6.761	2.018.481
Milho 2ª safra	32.527	5.923	192.671	31.616	6.335	200.287	26.549	6.335	160.101
Milho total	359.231	5.629	2.021.935	352.879	8.194	2.891.386	322.241	6.760	2.178.582

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra (2024)

Oferta e demanda em Santa Catarina

Santa Catarina tem produção muito abaixo da demanda de milho. Esse déficit estrutural é suprido por importações interestaduais e internacionais, notadamente do Paraguai e da Argentina. Embora tenha havido uma “pausa” em 2023, esse déficit se acentuou nos anos recentes, pela redução da oferta e aumento da demanda (Tabela 11). Em 2024, o déficit se eleva novamente, alcança 5,4 milhões de toneladas, se considerarmos as importações neste ano, o déficit alcança 5,9 milhões de toneladas. Essa falta de produção para atender a demanda reflete em aumento do custo do produto, principalmente em função do transporte. Os dados dos custos de produção de frangos de corte por estado corroboram este fato. Conforme a Embrapa, os custos para a produção de 1kg de frango em Santa Catarina, média anual de 2024, foi de R\$4,69/kg vivo, enquanto do Paraná foi de R\$4,52/kg. Esta diferença representa um percentual 3,6% superior em Santa Catarina em relação ao Paraná, o que para a economia de grande escala, é significativo.

Tabela 11. Milho – Santa Catarina: evolução do quadro de oferta e demanda de milho – 2021/24 (x 1.000 toneladas)

		2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾		
Oferta	Produção	1ª safra	1.810,20	1.829,30	2.691,09	2.018,48	
		2ª safra	75,04	192,67	200,28	160,00	
		Total	1.885,24	2.021,97	2.882,05	2.260,00	
	Importações		616,79	614,19	352,00	472,00	
	Total		2.502,03	2.636,16	3.234,05	2.732,00	
Demanda	Consumo	Animal in natura	Suíños	3.569,43	3.894,82	3.960,74	3.963,01
			Frangos de corte	2.822,07	2.770,45	2.890,33	2.942,28
			Galinhas poedeiras	172,48	175,38	162,86	185,59
			Perus	206,35	206,12	140,94	130,08
			Bovinos (corte)	110,48	106,25	102,45	114,20
			Bovinos de leite	712,55	726,80	726,80	730,00
			Codornas (Corte e ovos)	19,39	27,28	30,38	37,43
			Patos e marrecos	12,84	12,46	13,58	14,44
			Humano in natura	30,30	30,31	30,31	30,31
	Reservas para sementes		1,08	1,00	1,00	1,00	
	Perdas		2,50	2,64	2,64	2,64	
	Exportações		17,01	181,90	182,80	40,27	
	Total		7.644,24	8.135,46	8.244,82	8.150,98	
Saldo		-5.142,21	-5.459,56	-5.010,77	-5.418,98		

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Levantamento e estimativas Epagri/Cepa (2024)

Preços e perspectivas de mercado para 2025

Os preços ao produtor nos últimos 6 anos tiveram comportamento diferenciado. Em 2024, as cotações oscilaram entre R\$59,20/sc em fevereiro e R\$69,10/sc em novembro, apresentaram, na maior parte do ano cotações superiores somente aos praticados em 2019 e 2023 (após maio). Em relação aos anos 2020, 2021 e 2022, os preços registrados em 2024 foram inferiores. É necessário observar que, de 2020 a 2022 houve influência da pandemia de Covid-19, guerra Rússia x Ucrânia e mercado internacional com menores estoques. Os preços reagiram no final de 2024, com expectativas de cotações mais elevadas do que o ano anterior. O principal fator que fundamenta a expectativa de melhores cotações para 2025 está em função do quadro mundial e interno da oferta e demanda do milho, além de fatores climáticos na Argentina e Brasil.

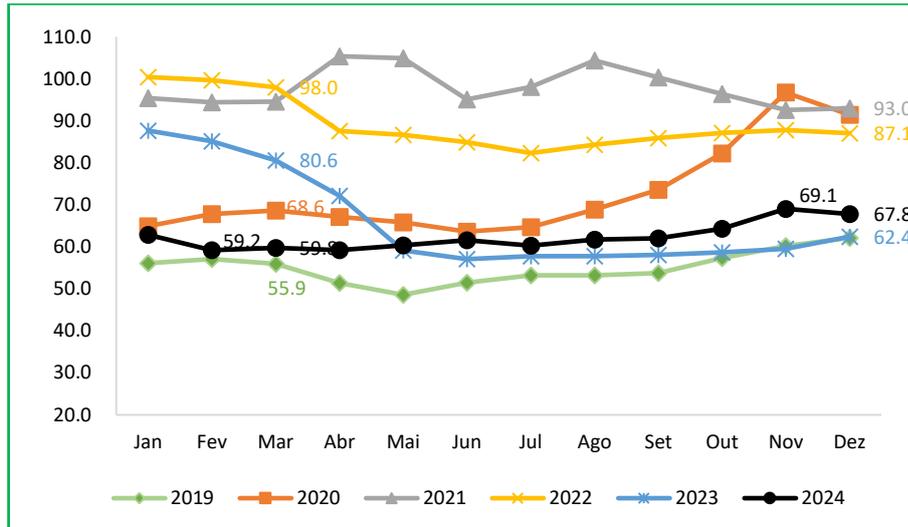


Figura 4. Milho – SC: preço médio aos produtores – 2019-24, em R\$/sc de 60kg (corrigido pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Perspectivas de mercado para 2025

No início de 2025, os fatores que estão predominando são os de fortalecimento dos preços. Os fatores fundamentais, relacionados à oferta e demanda, apontam para preços melhores aos praticados em 2024. No entanto, há outros fatores que atuam no mercado das commodities: movimento das Bolsas Chicago e IBOVEPA-B3, e o clima, que atua diretamente na produção, em especial na segunda safra no Brasil.

Fatores geopolíticos, elevação de tarifas comerciais entre EUA e China poderão afetar o mercado internacional em 2025.

Soja

Haroldo Tavares Elias – Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

O Brasil, maior produtor mundial de soja, apresenta um aumento contínuo da produção, tendo alcançado cerca de 153 milhões de toneladas em 2024. Desde 2019/20 a 2024 o incremento foi de 19% enquanto que, a produção mundial aumentou apenas 15,58%. As produções dos EUA e da Argentina mantêm-se estabilizadas nos últimos quatro anos. O Brasil é um dos poucos países com possibilidade de expansão da área cultivada, a qual vem aumentando sistematicamente. Na produção mundial, a safra 2022/23 deixou sua marca, tornando-se a maior da série histórica, fato que impactou nos preços em 2023 e 2024. Brasil, Estados Unidos e Argentina são os maiores produtores mundiais de soja, representando cerca de 80% da produção global em 2022/23 (Tabela 1). A soja tornou-se a principal *commodity* agrícola brasileira. Alguns autores comparam este crescimento ao fenômeno ocorrido com os ciclos da cana-de-açúcar, da borracha e do café, que, em distintos períodos dos séculos 17 a 20, comandaram o comércio exterior do País.

Tabela 1. Soja – Principais países produtores de grãos – 2019/20 a 2023/24 (milhões de toneladas)

Soja em grão					
País	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24
Brasil	128,50	139,50	130,50	162,00	153,00
Estados Unidos	96,64	114,75	121,50	116,22	113,27
Argentina	48,80	46,20	43,90	25,00	48,21
China	18,09	19,60	16,40	20,28	20,84
Índia	9,30	10,46	11,89	12,41	11,88
Paraguai	10,55	9,64	4,18	10,25	11,00
Canada	6,15	6,36	6,22	6,54	6,98
Rússia	4,36	4,31	4,76	6,00	6,80
Ucrânia	4,50	3,00	3,80	4,10	5,20
Bolívia	3,19	3,65	3,62	3,67	3,80
Outros	11,63	12,14	13,77	11,69	13,99
Total mundial	341,72	369,60	360,54	378,16	394,97

Fonte: USDA (fevereiro/2025)

A produção mundial de óleo de soja apresenta um aumento contínuo nos últimos anos. No período de 2013/14 a 2023/24, o aumento foi de 6,6% (Figura 1). A oleaginosa se apresenta como a principal matéria-prima empregada na produção de biocombustível, em 2024 apresentou um incremento de 5,2% na produção de óleo, assim como a produção de farelo, de 6,03% em relação ao ano anterior. Por outro lado, a produção da soja-grão teve oscilações em algumas safras (Figura 2), contudo, na safra 2023/24, a produção mundial de grãos apresentou um incremento de 15,5%, desde 2020 até 2024. Esta oscilação na produção mundial é uma das principais variáveis que influenciam o comportamento do mercado internacional.

Após a colheita no campo, a soja é transportada para as indústrias, onde passa por processamentos. Dentre esses estão a secagem, pré-limpeza, limpeza, remoção da casca, moagem e condicionamento, *flaking* e expansão. Após esses processos, a soja é destinada para

obtenção do óleo e dos subprodutos (casca, farelo, soja integral extrusada, proteína concentrada e proteína texturizada de soja).

Tabela 2. Soja – Principais países produtores dos derivados da soja: farelo e óleo soja – 2018/19 a 2023/24 (milhões de toneladas)

Farelo de soja					
País/Bloco	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24
China	72,47	75,24	71,28	76,03	78,41
Estados Unidos	46,36	45,87	47,01	47,62	49,12
Brasil	35,99	35,94	39,09	41,13	42,12
Argentina	30,24	31,32	30,29	23,65	28,54
União Europeia	12,32	12,48	12,17	11,30	11,46
Índia	6,89	8,00	6,80	8,24	9,04
México	4,74	4,90	5,02	5,26	5,16
Rússia	3,66	3,55	3,86	4,26	4,65
Egito	3,72	2,92	3,56	1,74	2,47
Irã	1,82	1,90	1,98	2,37	2,13
Outros	27,10	27,63	27,12	26,33	27,01
Total mundial	245,31	249,75	248,16	247,91	260,10

Óleo de soja					
País/Bloco	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23 ¹	2023/24
China	16,40	17,02	16,13	17,20	17,74
Estados Unidos	11,30	11,35	11,86	11,90	12,31
Brasil	9,35	9,34	10,15	10,58	10,94
Argentina	7,70	7,93	7,66	5,99	7,25
União Europeia	2,96	3,00	2,93	2,72	2,76
Índia	1,55	1,80	1,53	1,85	2,03
México	1,11	1,15	1,17	1,23	1,21
Rússia	0,83	0,81	0,88	0,97	1,06
Egypto	0,86	0,68	0,82	0,40	0,57
Irã	0,42	0,44	0,46	0,55	0,495
Outros	6,43	6,55	6,45	6,28	6,44
Total mundial	58,91	60,06	60,05	59,67	62,80

Fonte: USDA (fevereiro/2025)

A evolução comparativa entre grãos e derivados mostra que, a produção de soja em grãos e derivado de óleo teve uma equivalência, cerca de 39% de crescimento da produção no período de 10 anos. Em relação ao derivado farelo, este crescimento foi de 36,5% no mesmo período. A produção de farelo tem outras derivações, como farinha, casca, bagaço, proteína concentrada e outros. Isto explica a diferença no crescimento na produção de farelo em relação aos grãos e óleo no período avaliado. Quanto ao óleo, o crescimento no período avaliado foi de 38,7%.

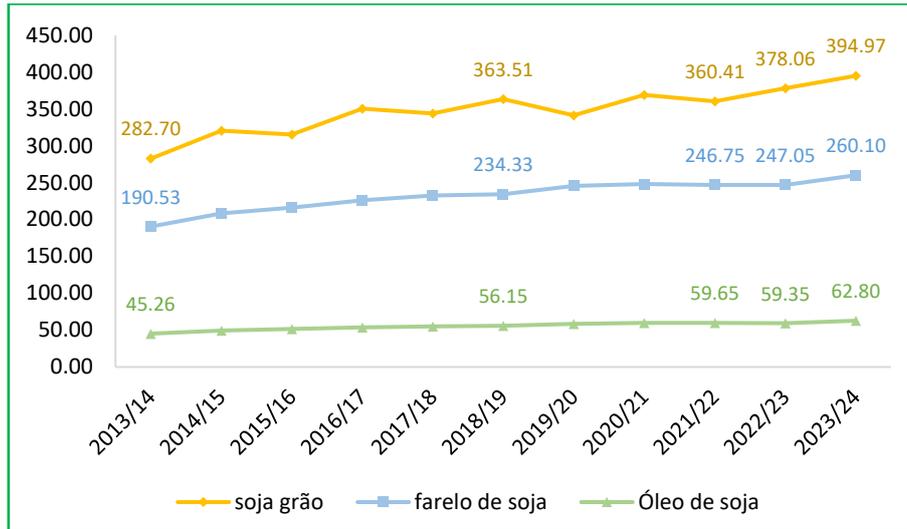


Figura 1. Soja – Evolução da produção mundial de soja-grão, farelo e óleo – 2013/14 a 2023/24 (milhões de t)

Fonte: USDA (fevereiro/2025)

Exportações

O Brasil se consolidou como o maior exportador mundial de soja, com média de volume exportado nos últimos três anos de 92,9 milhões de toneladas. As exportações globais do produto soja grão apresentaram um aumento de 3,4% em 2023/24 em relação ao período anterior. O Brasil impulsionou este índice com aumento de mais de 9% em 2024 (Tabela 3). No período de 2023/24, o Brasil comercializou um volume recorde na série, de 104,17 milhões de toneladas. Em relação ao farelo e ao óleo, a Argentina se destaca como maior exportadora, sendo que em 2024 comercializou 5,5 milhões de toneladas (MT) de farelo e 24,9 MT de óleo. Estes movimentos dos volumes exportados justificam a variação dos preços no mercado internacional no período.

Tabela 3. Soja – Exportações mundiais e dos principais países – 2021/22 a 2022/24 (milhões de toneladas)

	Soja grão			Soja farelo			Soja óleo		
	2021/22	2022/23	2023/24	2021/22	2022/23	2023/24	2021/22	2022/23	2023/24
Brasil	79,06	95,50	104,17	2,41	2,69	1,35	20,21	21,33	22,72
Estados Unidos	58,57	53,87	46,13	0,80	0,17	0,28	12,30	13,20	14,61
Argentina	2,86	4,19	5,11	4,87	4,14	5,53	26,59	20,76	24,89
Bolívia	0,59	0,47	0,20	0,52	0,62	0,43	2,16	2,16	1,90
Canadá	4,29	4,24	4,85	0,15	0,14	0,14	0,41	0,38	0,33
Paraguai	2,27	6,50	7,99	0,37	0,52	0,50	1,27	1,99	1,68
Rússia	0,90	1,50	1,40	0,67	0,75	0,76	0,70	0,75	0,80
Mundo	154,44	171,75	177,51	12,43	11,75	11,82	68,76	67,06	74,42

Fonte: USDA (fevereiro/2025)

Oferta e demanda mundial

Os estoques mundiais de soja mantêm-se estáveis no período de 2020/21 a 2023/24, com algumas oscilações, já em 2024 os estoques se elevaram em cerca de 11% em relação a 2023. Por outro lado, o consumo doméstico mundial no mesmo período passou de 367 milhões de toneladas para 384 milhões de toneladas, alta de 4,6% (USDA, fev.2024). É necessário observar que os números de estoques do USDA divergem dos da Conab para o Brasil, pois a coleta das informações do USDA acontece em agosto/setembro, momento de pré-colheita nos EUA. Nesta época, o Brasil apresenta estoques consideráveis, com grandes volumes ainda a serem exportados. O mesmo acontece com a Argentina. Em 2024, ocorreu um aumento significativo da produção mundial da oleaginosa de cerca de 5%, em termos absolutos correspondeu a 16,8 milhões de toneladas. As exportações tiveram elevação de 3,4% em relação à safra anterior. Com isso, os estoques mundiais apresentaram uma recuperação de 11%, a boa safra brasileira em 2023 e 2024 contribuiu no quadro mundial. As alterações no quadro da oferta e demanda, bem como os estoques se constituem em fator relevante no mercado internacional.

Tabela 4. Soja em grão – Quadro da oferta e demanda e estoque mundial – 2020/21-2023/24 (milhões de toneladas)

Discriminação	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24
Produção	369,60	360,54	378,16	394,97
Exportações	165,18	154,44	171,75	177,62
Consumo doméstico	367,14	366,38	366,68	384,29
Estoque final	98,70	92,90	101,24	112,38

Fonte: USDA (fevereiro/2025)

Oferta/demanda nacional

No tocante ao balanço da oferta/demanda nacional de soja-grão e derivados, observa-se uma forte evolução na produção de grãos de 2020-2024, com aumento de 20% (Tabela 5). As exportações aumentaram mais de 19% no período, favorecidas expansão da produção e demanda do mercado internacional. Por outro lado, o estoque final registrou retração, passando de 5,85 milhões de toneladas, em 2023, para 3,2 milhões de toneladas em 2024, em função das exportações crescentes nas últimas três safras. O processamento vem acompanhando em ritmo um pouco inferior o da produção, já que o Brasil exporta grande parte da soja em grão sem processamento. A produção de farelo aumentou 18,8% de 2020 a 2024, enquanto os estoques se elevaram no período em 38%. As exportações de farelo, no período avaliado, evoluíram 36,5%. Em relação à produção de óleo, houve um aumento de cerca de 16% de 2020 a 2024, acompanhando a demanda do mercado interno. O incremento do consumo interno ocorre em parte em função da mudança do percentual da mistura de biodiesel na composição do óleo diesel. A Agência Nacional do Petróleo elevou de 10% para 12% o percentual de biodiesel na mistura com diesel em 2023 (ANP, 2024).

Tabela 5. Soja e derivados – Balanço de oferta e demanda nacional – 2020-24 (mil toneladas)

Discriminação	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Soja					
Estoque inicial	7.224	2.910	5.259	3.706	5.586
Produção	127.989	138.856	129.944	160.300	153.500
Importação	822	864	419	181	822
Sementes/outros	3.307	3.482	2.254	2.291	2.779
Exportação	82.973	86.108	78.730	101.870	98.815
Processamento	46.845	47.781	50.932	54.165	55.400
Estoque final	2.910	5.259	3.706	5.861	3.189
Farelo					
Estoque inicial	1.674	1.810	2.183	2.322	1.632
Produção	36.021	36.771	39.210	42.292	42.800
Importação	5	4	3	3	1
Exportação	16.938	17.149	20.353	22.474	23.134
Vendas no mercado interno	18.952	19.314	18.661	20.511	18.800
Estoque final	1.810	2.123	2.382	1.632	2.499
Óleo					
Estoque inicial	296	412	488	520	312
Produção	9.557	9.638	9.945	10.781	11.100
Importação	199	107	24	21	100
Exportação	1.110	1.651	2.597	2.333	1.367
Vendas no mercado interno	8.530	8.017	7.342	8.677	9.970
Estoque Final	412	490	520	312	175

⁽¹⁾ Refere-se à previsão para o ano de 2024.

Fonte: Abiove (fevereiro/2025)

Exportações brasileiras

As exportações nacionais de soja de 2014 a 2024 mais que duplicaram. Em 2023, segundo o Ministério da Economia, o Brasil exportou 101,8 milhões de toneladas de soja grão, quantidade recorde para a série histórica (Tabela 6). No entanto, em 2024 as exportações recuaram para 98,8 milhões de toneladas em função da diminuição da produção nacional de soja. Do total das exportações do complexo soja em 2024, 80,1% foi de soja em grão (Tabela 6). Os demais coprodutos exportados são: farelo e resíduos sólidos da extração do óleo e óleo. O óleo de soja bruto é exportado num volume de 1,4 milhão de toneladas, além de outros óleos refinados. O Brasil é o principal produtor e exportador mundial do grão. No entanto, quanto aos coprodutos, óleo e farelo, os volumes não são tão significativos quando comparados com a crescente produção da oleaginosa. Já Em termos de valores (US\$/t), em 2023 houve um recuo do valor da tonelada exportada, uma desvalorização de 11,6% em relação ao ano anterior o que reflete a valorização da *commoditie* no mercado internacional. Em 2024, nova retração das cotações internacionais, agora de 16,8% frente a 2023. No período designado como “boom das *commodities*”, de 2012 a 2014, as cotações também superaram a US\$500/t, sendo que a média do valor da tonelada em 10 anos foi de US\$430,71.

Tabela 6. Soja – Brasil: evolução das exportações do complexo soja e soja-grão – 2014-24

Ano	Quantidade		Valor das exportações (soja grão)	
	Complexo soja (milhões de t)	Soja em grão (milhões de t)	US\$ milhões	US\$/t
2014	60,71	45,69	23,27	509,30
2015	70,82	54,32	20,98	386,23
2016	67,28	51,58	19,33	374,76
2017	83,67	68,15	25,71	377,26
2018	101,34	83,25	33,05	397,00
2019	91,79	74,06	26,07	352,01
2020	101,02	82,97	28,56	344,22
2021	104,91	86,1	38,63	448,66
2022	101,68	78,73	46,55	591,26
2023	126,795	101,86	53,23	522,58
2024	123,319	98,81	42,94	434,57

Fonte: ME/Comex Stat (fevereiro/2025)

Destino das exportações brasileiras

Os embarques da soja brasileira em 2024 tiveram como destino mais de 100 países. No entanto, somente para o mercado chinês, o percentual chegou a 73% em 2024, contra 68% do volume exportado em 2023. A dependência do mercado chinês não é a melhor estratégia, pois um leque maior de compradores poderia gerar uma estabilidade nas relações comerciais. Nos últimos anos, a China tem buscado diversificar sua base de fornecedores e garantir um suprimento estável de alimentos para sua população. Uma mudança moderada em direção a outras fontes de proteína, como colza e farelo de semente de girassol, dificilmente prejudicou a crescente dependência de soja do Brasil, enquanto as importações de soja dos EUA continuam a diminuir. Espanha, Tailândia e Turquia também são mercados relevantes, adquirindo cada um cerca de 4% das exportações brasileiras.

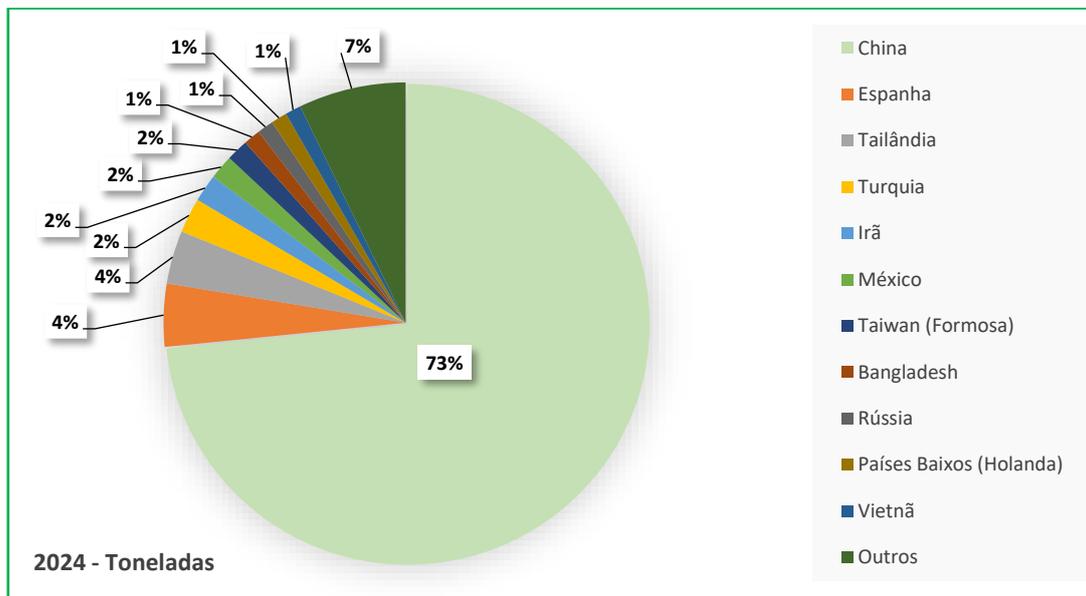


Figura 2. Soja – Brasil: destino das exportações em 2024

Fonte: ME/Secex-Comex Stat (fevereiro/2025) – Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura

Produção e mercado nacionais

A produção brasileira de soja aumentou mais de 17% de 2020-2024, representando cerca de 22 milhões de toneladas em termos absolutos (Tabela 7). Os principais estados produtores são: Mato Grosso, Paraná, Goiás, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, que representam aproximadamente 70% da produção total nacional. A produção do Mato Grosso corresponde a mais de 26% do total (Figura 3), enquanto o Centro-Oeste é responsável por mais de 40% do total produzido no Brasil. É importante destacar que os estados nordestinos, no período de 2020 a 2024, apresentaram uma forte elevação da produção, chegando a duplicar em alguns deles, passando a representar, junto com Tocantins, a nova fronteira de expansão do cultivo da soja no Brasil. É necessário ressaltar que, as estimativas da produção brasileira de soja na safra 2023/24 reportadas pelo Departamento da Agricultura dos EUA (USDA) foi de 157 milhões de toneladas e, da Conab em 147,7. Nesta publicação os dois números são considerados. No comparativo mundial são utilizados os dados do USDA, para produção nacional as informações da Conab.

Tabela 7. Soja em grão – Produção Nacional e principais estados produtores – 2020-24 (milhões de toneladas)

UF	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24
Mato Grosso	35.885	36.522	41.490	45.601	39.344
Rio Grande do Sul	11.444	20.788	9.111	13.018	19.652
Paraná	21.598	19.880	12.250	22.385	18.351
Goiás	14.199	15.786	17.390	17.735	16.822
Mato Grosso do Sul	11.363	12.703	9.198	14.472	11.651
Minas Gerais	6.172	7.022	7.591	8.347	7.791
Bahia	6.122	6.838	7.283	7.717	7.481
Tocantins	3.581	3.814	4.541	5.214	4.576
Maranhão	3.130	3.286	3.574	4.191	4.404
Pará	1.859	2.231	2.498	2.878	4.063
Piauí	2.563	2.720	3.014	3.549	3.848
São Paulo	3.959	4.299	4.177	4.911	3.653
Santa Catarina	2.253	2.364	2.039	2.874	2.970
Rondônia	1.234	1.375	1.669	2.037	2.281
Roraima	152	210	285	344	354
Outros	372	343	371	441	477
Brasil	125.884	140.179	126.480	155.713	147.719

Fonte: Conab, histórico de grãos (2024)

No período de 2014 a 2024, a evolução da área cultivada e produção no Brasil foi de 43,4%. O aumento da área cultivada está em mais de 1,4 milhão de hectares por ano. Nesse período, a produção total aumentou sobretudo em função do aumento da área, uma vez que o rendimento teve um aumento de 5% no mesmo período. Em Santa Catarina, o rendimento médio na safra 2023 foi de 3,4t/ha, superior à média nacional, que foi de 3,2t/ha (Figura 3).

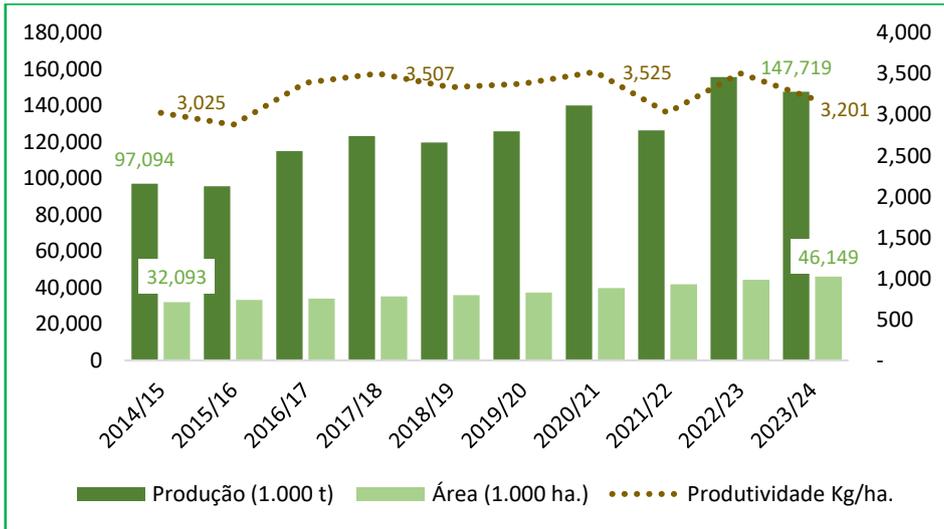


Figura 3. Soja em grão – Brasil: evolução da área, produção e rendimento – 2014/15-2023/24

Fonte: IBGE/LSPA (fevereiro/2025)

Produção e mercado estadual

Acompanhando a tendência da cultura no país, a área de cultivo com soja apresentou crescimento significativo em Santa Catarina (Figura 6). Entre as safras de 2013 e 2024, foram incorporados cerca de 292 mil hectares (Figura 4). O aumento da produção foi superior a um milhão de toneladas no período, avançando sobre áreas de milho, feijão, pastagens e até de florestas plantadas (Observatório do Agro Catarinense, 2025). A partir de 2020/21, o sistema de acompanhamento de safra (Epagri/Cepa) levanta a área cultivada da soja de segunda safra, que registra cerca de 60 mil hectares em 2024, valor compreendido nos dados apresentados na Figura 4.

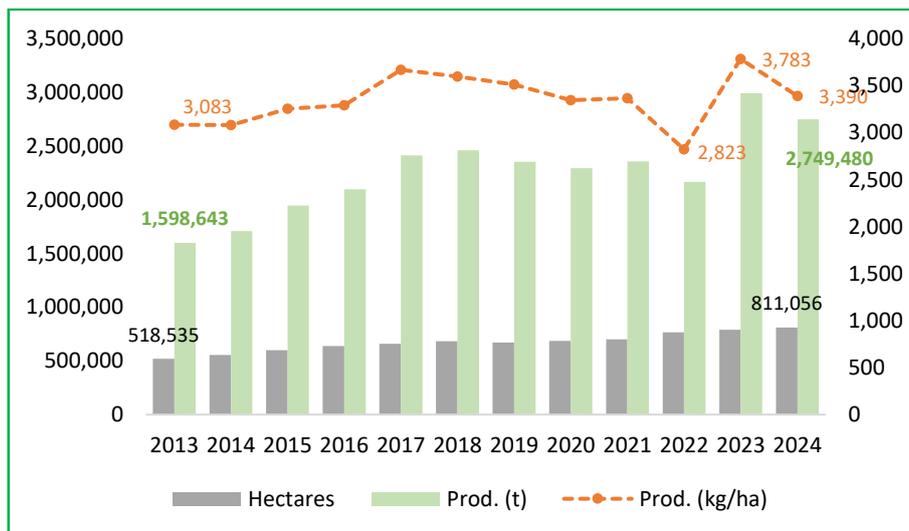


Figura 4. Soja – Santa Catarina: evolução da área cultivada – Safras 2012/13 a 2022/24

Fonte: Epagri/Cepa – ObservatórioAgro (2025)



As regiões que registram as maiores áreas de cultivo na safra 2022/23 foram: Canoinhas, Xanxerê (Abelardo Luz), Curitibanos (Campos Novos), que, juntas, respondem por mais de 50% da área de cultivo do estado (Tabela 8). A região de Campos de Lages foi a que apresentou 28% no aumento de área cultivada, com maior expansão absoluta no estado. O cultivo de soja também está sendo registrado na safra 2018/19 no litoral do sul catarinense. Em Criciúma, Tubarão e Araranguá, atualmente são cultivados 8.855 ha em substituição às áreas de feijão e arroz e em sucessão às de milho. Na safra de 2022/23 houve a recuperação da produção, nessa safra, foram cultivados 791 mil hectares, com produção estimada 2,99 milhões de toneladas, sendo maior safra da série histórica. Na safra 2023/24 a área aumentou, no entanto, em função das condições climáticas, excesso de chuvas em outubro e novembro de 2023, a produtividade foi reduzida, com isso a produção total foi 2,75 milhões de toneladas (Observatório Agro catarinense, 2025).

Tabela 8. Soja – Santa Catarina: área plantada e quantidade produzida no estado e microrregiões – 2020/21 a 2023/24

Microrregião	2020/2021		2021/2022		2022/2023		2023/2024	
	Área (1000 ha)	Qtde. produz. (1000 t)	Área (1000 ha)	Qtde. produz. (1000 t)	Área (1000 ha)	Qtde. produz. (1000 t)	Área (1000 ha)	Qtde. produz. (1000 t)
Araranguá	1.115	3.545	1.125	3.582	1.125	3.774	1.348	4.466
Campos de Lages	67.930	227.984	72.590	191.240	82.350	309.410	90.350	90.350
Canoinhas	147.450	478.375	157.201	541.480	158.450	623.535	164.552	720.682
Chapecó	95.780	274.320	117.120	273.181	120.510	382.849	117.470	414.156
Concórdia	7.350	24.468	8.595	23.492	9.100	34.060	10.152	40.904
Criciúma	4.440	14.318	5.780	18.840	5.780	19.918	5.820	24.959
Curitibanos	111.220	434.811	116.695	348.239	121.480	496.865	125.330	125.330
Ituporanga	8.350	27.593	9.130	22.791	8.700	31.890	9.100	9.100
Joaçaba	53.070	188.524	56.982	169.346	61.565	248.044	63.619	63.619
Rio do Sul	5.695	18.425	6.560	17.412	8.020	27.786	10.040	10.040
São Bento do Sul	12.000	35.282	12.750	41.595	12.900	48.395	12.850	56.500
S. Miguel do Oeste	41.605	125.456	45.640	79.910	49.790	185.029	51.415	195.532
Tubarão	650	1.911	1.830	5.705	1.950	6.150	2.010	6.402
Xanxerê	142.773	499.108	155.010	428.455	149.320	574.468	147.000	666.945
Santa Catarina	699.428	2.354.121	767.008	2.165.268	791.040	2.992.172	811.056	2.749.281

Fonte: Epagri/Cepa – Sistema de Acompanhamento de safra (2025)

Exportações estaduais

As exportações catarinense de soja em grão se mantiveram estáveis de 2014 a 2024, embora a produção tenha se elevado em cerca de um milhão de toneladas no mesmo período. A instalação de unidade esmagadora de soja em Chapecó vem utilizando volumes crescentes da produção interna do estado. Em 2024, Santa Catarina exportou 1,62 milhão de toneladas do complexo soja (Tabela 9), que inclui, além do produto em grão, óleos, farelos e outros coprodutos. Entre os principais destinos das exportações, a China lidera o *ranking* de compra da soja catarinense, adquirindo em torno de 80% de seu total comercializado. A quase totalidade dessas exportações, porém, foi de soja em grão, com mais de 90% do total embarcado. Em termos de valor, em 2024 o Estado atingiu valores 8,6% inferiores em relação ao período anterior, enquanto em volume o recuo foi de 1,8%. A retração das cotações da soja no mercado internacional foram de 15,2%, o que justifica a maior diminuição do valor total resultado das exportações.

Tabela 9. Soja – Santa Catarina: exportações, soja grão – 2014-24

Ano	Complexo soja Volume (t)	Soja grão Volume (t)	Valor (US\$ mil)	Soja grão (US\$/t)
2014	1.742.335	1.629.386	832.177	510,73
2015	1.651.115	1.509.219	582.235	385,79
2016	1.614.885	1.564.279	592.783	378,95
2017	1.893.528	1.844.618	707.097	383,33
2018	2.694.315	2.334.653	918.794	393,55
2019	1.932.464	1.860.501	646.637	347,56
2020	2.004.596	1.934.703	663.996	343,20
2021	1.529.290	1.454.966	667.372	458,69
2022	1.119.277	1.024.616	642.434	627,00
2023	1.646.916	1.560.234	888.742	569,62
2024	1.616.695	1.501.455	812.339	541,03

Nota: Complexo soja e Soja grão.

Fonte: ME. Comex Stat (fevereiro/2025)

Preços

Dos últimos cinco anos analisados, 2020 e 2021 apresentaram um comportamento diferenciado (Figura 5) e em 2020 apresentaram forte elevação, alcançando recordes nominais e em valores corrigidos pelo IGP-DI. A pandemia representou um fator adicional para as cotações das *commodities* (milho, soja e trigo) no mercado internacional, seja devido ao câmbio, seja pela demanda dos grãos no contexto da segurança alimentar. No início de 2022, as cotações seguiram firmes, próximas a R\$190,00/sc, em função da guerra entre Rússia e Ucrânia, quando se registrou uma elevação significativa em março, recuando ao longo de 2022. No início de 2023, houve pressão sobre os preços no início da colheita da safra 2022/23 no Brasil, a qual bateu recorde, com grande oferta do produto. Em 2024 os preços oscilaram entre R\$117,00/sc, menor valor em junho e R\$133,83 em novembro, quando o produto registrou a maior cotação média mensal. O valor médio nestes seis anos apresentados foi de 153,20/saca de 60Kg. O custo operacional total (Epagri/Cepa), em 2024 foi de R\$5.749,46/ha, que corresponde a 96 sacas de soja por hectare. O custo é referencial em julho de 2024, quando produtor decide pelo plantio da próxima safra, não inclui o valor do arrendamento.

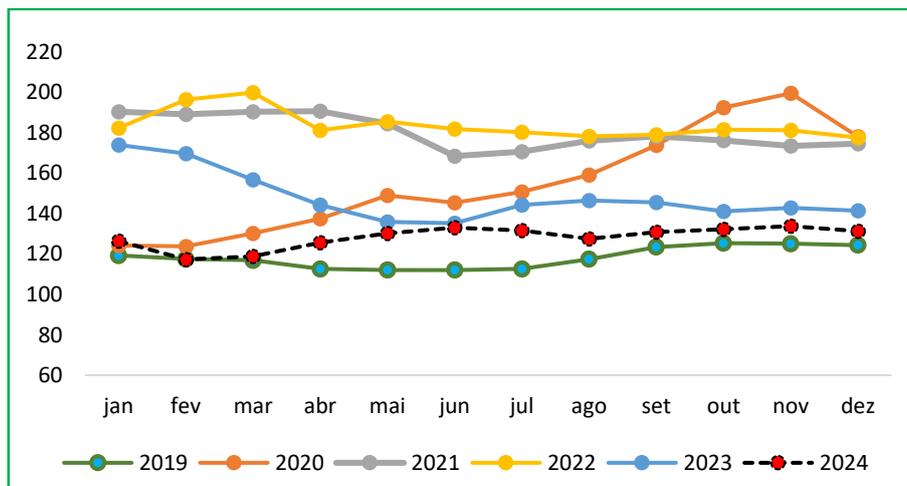


Figura 5. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2019-24 (corrigido pelo IGP-DI, janeiro/2025)

Fonte: Epagri/Cepa (2025)



Perspectivas 2025

Cenário global

Produção mundial: Estimada em 420,76 MT (USDA), com incertezas na Argentina e recuperação do Brasil (USDA, jan.2025).

Demanda: Pressão por biodiesel (B15 no Brasil) e demanda asiática (China).

Brasil

Posição dominante: Liderança na exportação, com safra recorde 166,06 milhões de toneladas (MT) e logística desafiadora.

Políticas internas: Pressão por aumento da mistura de biodiesel (B12 ou B15) e custos de produção elevados.

EUA e Argentina

EUA: Possível redução da área plantada de soja em favor do milho influenciado pelas tarifas impostas pelos EUA e China.

Argentina: Safra abaixo do esperado (49 MT) e impacto no esmagamento/exportação.

Fatores críticos

Clima: Transição do La Niña para neutralidade (março-maio/2025) e efeitos no plantio da safra norte-americana.

Políticas comerciais: Alteração das tarifas dos EUA em 2025 sobre commodities e resposta da China poderá afetar o comércio internacional.

Mercado financeiro: Taxas de juros dos EUA (FED) e (des) valorização do dólar.

Tabaco

Luis Augusto Araujo, Engenheiro-agrônomo, M.Sc - Epagri/Cepa
laraujo@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

A produção mundial de tabaco desempenha um papel significativo na economia de diversos países, especialmente em regiões onde a agricultura é um dos principais pilares econômicos.

A Figura 1 ilustra a evolução da área plantada e da produção mundial de tabaco entre 2013 e 2023. Durante esse período, a redução da demanda global por tabaco não manufaturado impulsionou uma tendência de declínio na área plantada e na produção, iniciada em 2013 e mantida até 2022. Nesse cenário, o ano de 2013 marcou o pico da produção mundial, com 7.508 mil toneladas colhidas e 4.209 mil hectares plantados. Em contraste, em 2023, esses números caíram para 6.024 mil toneladas e 3.222 mil hectares, respectivamente. O ano de 2022 destacou-se como o de menor produção e menor área plantada do período analisado.

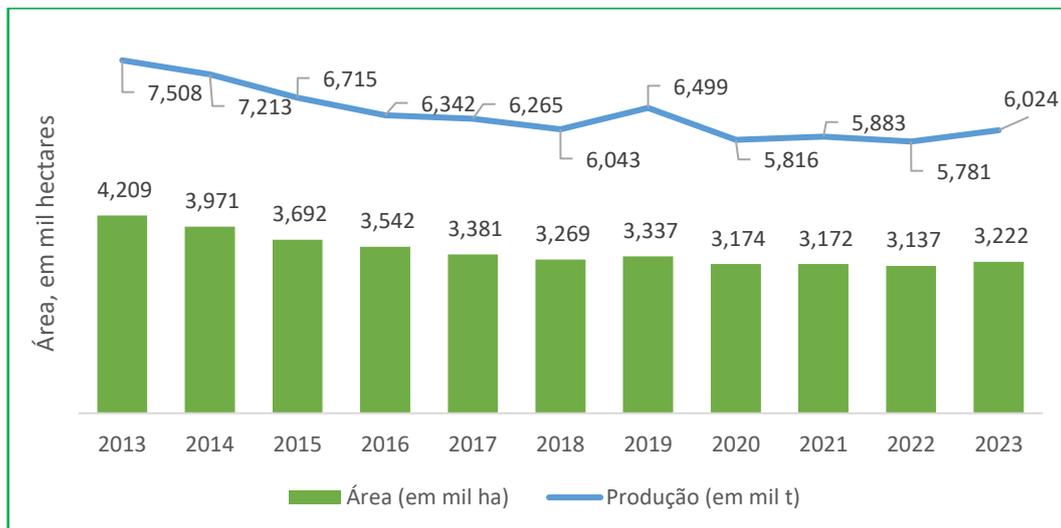


Figura 1. Tabaco: evolução da área plantada e da produção mundial – 2013-23 – (área: mil hectares e produção: mil toneladas)

Obs: Tabaco não manufaturado.

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

Em 2022, em comparação a 2019, entre os dez maiores produtores de tabaco, os países que mais contribuíram para a redução da área de plantio foram a China (-2,2%), o Brasil (-11,3%), a Indonésia (-15,4%), os Estados Unidos (-12,5%), o Malawi (-39,7%), a Argentina (-10,0%) e Moçambique (-50,6%). Por outro lado, registraram aumento na área de plantio o Paquistão (+28,1%) e o Zimbábue (+7,7%). Vale destacar que a Índia, segundo maior produtor mundial, manteve estabilidade na área de plantio, com uma variação de apenas +0,2% no período.

Em 2023, os três maiores produtores de tabaco foram responsáveis por 62,2% da produção mundial. A China liderou como o maior produtor global, respondendo por 38,1% da produção, seguida pela Índia (12,8%) e pelo Brasil (11,3%). Além desses países, destacaram-se como importantes produtores mundiais a Indonésia (4,0%), o Zimbábue (3,9%) e os Estados Unidos (3,3%), conforme indicado na Tabela 1.

Tabela 1. Tabaco – Mundo: área plantada e produção – 2020-23 (mil toneladas)

País	Área (mil ha)				Produção (mil t)			
	2020	2021	2022	2023	2020	2021	2022	2023
China	1014	1014	1005	1053	2135	2129	2189	2297
Índia	425	425	425	422	758	765	772	770
Brasil	354	349	325	325	703	744	667	683
Indonésia	220	219	205	192	261	245	226	239
Zimbábue	105	99	105	136	203	162	167	237
EUA	77	87	82	76	169	208	203	196
Paquistão	51	55	62	46	133	168	134	152
Outros	929	925	927	972	1454	1461	1423	1451
Mundo	3174	3172	3137	3.222	5816	5883	5781	6.024

OBS: Tabaco não manufaturado.

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

O Brasil mantém a posição de líder mundial na exportação de tabaco desde 1993, respondendo por 19% do total global em 2023. Em segundo lugar, aparece a Índia, com aproximadamente 10,5% das exportações mundiais, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2. Tabaco – Mundo: principais países exportadores e total – 2014-23 (mil toneladas)

País	Mil toneladas									
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Brasil	461	498	466	443	441	530	485	434	553	477
Índia	216	206	218	191	194	186	177	190	260	263
Zimbábue	142	148	155	157	171	174	178	177	188	226
Bélgica	105	165	162	187	224	230	220	205	177	174
China	160	155	174	207	187	195	186	192	222	172
EUA	159	110	174	159	151	105	98	105	105	114
Malawi	155	126	150	151	140	136	112	108	100	106
Outros	566	662	628	629	665	760	705	639	931	977
Mundo	2.385	2.333	2.496	2.460	2.443	2.437	2.246	2.224	2535	2509

Obs: Tabaco não manufaturado.

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

Nos últimos 10 anos, de 2014 a 2023, o maior volume mundial de exportação de tabaco foi registrado em 2022. Em 2023, observou-se uma leve diminuição em relação ao ano anterior. Neste ano, os cinco principais exportadores de tabaco representaram mais da metade do volume mundial exportado, totalizando 52,3%.

No período analisado, ao comparar 2023 com 2014, destacam-se movimentos distintos entre os principais exportadores. Houve redução na participação dos Estados Unidos (-28%) e do Malawi (-31%), enquanto o Brasil (+3%), a Índia (+22%), a China (+8%), o Zimbábue (+60%) e a Bélgica (+65%) ampliaram sua presença no mercado global de exportação.

Quanto ao volume mundial importado, verificou-se uma retração de 11,6% em 2023 em comparação com 2014 (Tabela 3). Entre os principais países importadores, destacaram-se a Polônia (+51,9%) e a Indonésia (+34,9%), que aumentaram significativamente suas importações ao longo do período.

Tabela 3. Tabaco – Mundo: principais países importadores e total – 2014-23 (mil toneladas)

País	Mil toneladas									
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
China	199	179	162	172	156	184	109	174	185	199
Alemanha	165	183	159	182	158	150	136	153	171	171
Bélgica	168	181	185	234	264	236	205	185	187	167
Polônia	96	115	111	127	137	138	143	135	139	146
Indonésia	96	75	82	168	121	103	110	117	141	129
Outros	1722	1622	1604	1569	1621	1558	1434	1418	1436	1348
Mundo	2503	2445	2357	2303	2451	2458	2369	2138	2182	2259

Obs: Tabaco não manufaturado.

Fonte: FAOSTAT (janeiro/2025)

Em 2023, a Bélgica destacou-se como o terceiro maior importador e o quarto maior exportador mundial de tabaco. No período de 2014 a 2023, o país apresentou um leve decréscimo nas importações (-0,4%) e um expressivo aumento de 65% nas exportações do produto.

Produção e mercado nacionais

A evolução anual da quantidade produzida, área colhida e rendimento do tabaco brasileiro pode ser verificada na Figura 2, com base em dados da Pesquisa Agrícola Municipal/IBGE (PAM).

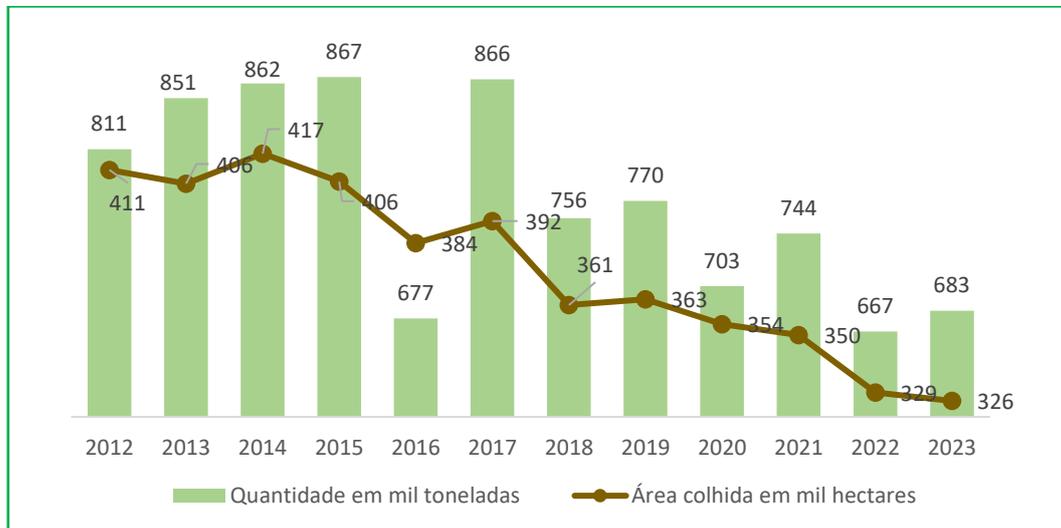


Figura 2. Tabaco – Brasil: evolução da área plantada e da produção – 2012-23 – (mil hectares e toneladas)

Fonte: IBGE – Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) – (janeiro/2025)

Entre as safras de 2012 e 2023, o Brasil apresentou duas tendências lineares: redução da área agrícola colhida de tabaco (-2,0% ao ano) e da quantidade produzida (-0,8% ao ano). A menor taxa de decréscimo na produção, em comparação à redução da área, é explicada pelo aumento da produtividade da cultura.

Conforme ilustrado na Figura 2, a safra de tabaco de 2022/23 manteve-se estável, registrando um aumento de apenas 2,4% em relação à safra anterior. Por outro lado, o preço médio recebido pelos produtores apresentou um crescimento mais expressivo, com alta de 6,5% em média. A evolução do preço médio nominal do tabaco recebido pelos produtores está detalhada na Figura 3.

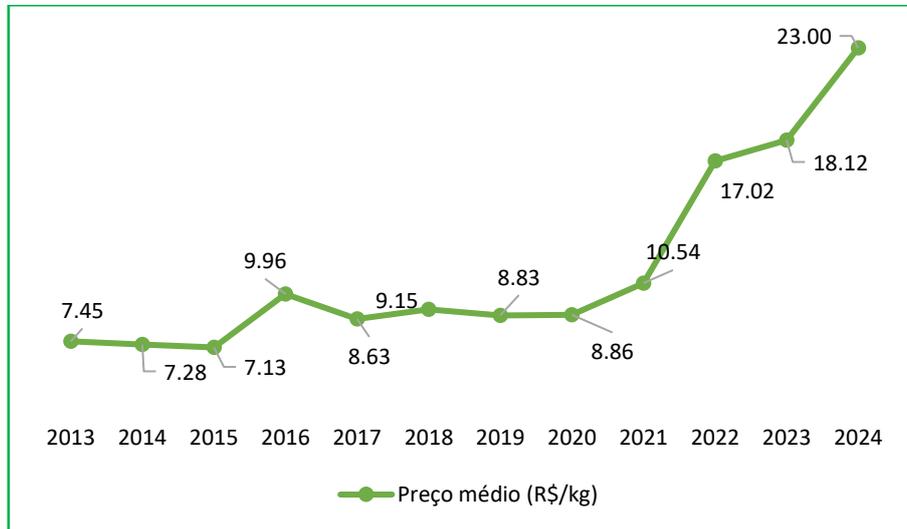


Figura 3. Tabaco – Evolução do preço médio pago aos produtores da Região Sul do Brasil – safras 2013 a 2024 – R\$ (em valores nominais)

Fonte: Afubra (janeiro/2025)

Entre 2013 e 2020, os preços do tabaco apresentaram relativa estabilidade. No entanto, entre 2020 e 2024, o preço médio do produto registrou um aumento significativo, com crescimento de 2,6 vezes no período.

Entre 2013 e 2024, as exportações de tabaco representaram, em média, 67% da produção total brasileira. Em 2024, com 73% da produção destinada ao mercado externo, o Brasil manteve sua posição de maior exportador mundial do produto (Figura 4).

A maior parte da produção brasileira de tabaco é destinada ao mercado internacional, em função de sua reconhecida qualidade. Em 2024, o volume exportado alcançou 2,98 bilhões de dólares, com o tipo Virgínia representando a maior participação, seguido pelos tipos Burley e outros.

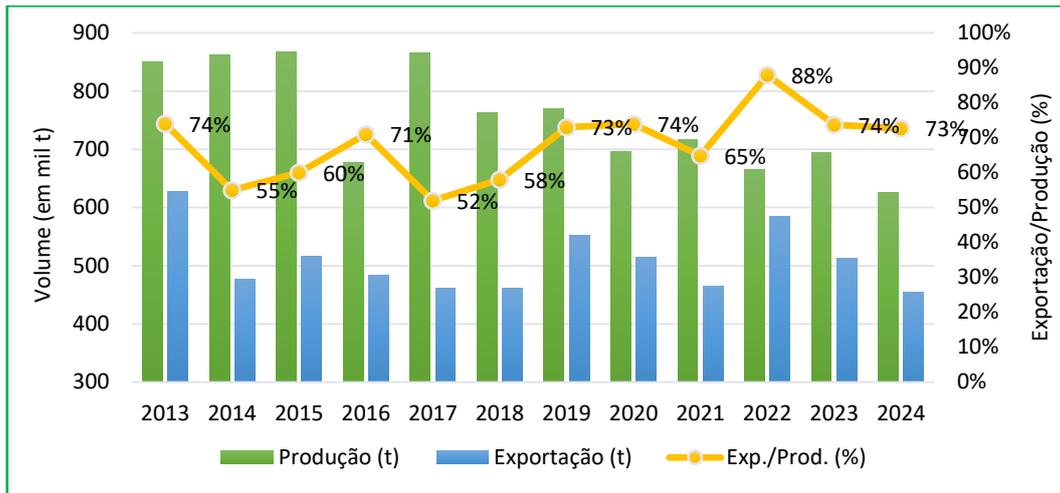


Figura 4. Tabaco – Brasil: evolução da produção e do volume exportado – safras 2013 a 2024

Nota: entre os produtos exportados estão o tabaco em folhas, cigarros e talos.

Fonte: IBGE e AGROSTAT - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (janeiro/2025)

Produção estadual

De acordo com a Afubra, na safra 2023/2024, a produção de tabaco na Região Sul do Brasil atingiu 508 mil toneladas. Deste total, a variedade Virgínia foi responsável por 91%, seguida pelo Burley (7,5%) e pelo Galpão Comum (1,5%). Os fumicultores de Santa Catarina contribuíram com 29,6% da produção regional de tabaco.

A evolução da área plantada e da produção de tabaco em Santa Catarina, entre as safras de 2014 e 2024, está apresentada na Figura 5. Nesse período, assim como observado na produção brasileira, a produção catarinense registrou taxas de crescimento negativas tanto na área plantada (-3,7% ao ano) quanto na produção (-4,6% ao ano). A redução no rendimento da safra 2023/24 contribuiu significativamente para que a taxa de crescimento negativo na produção fosse superior à observada na área plantada.

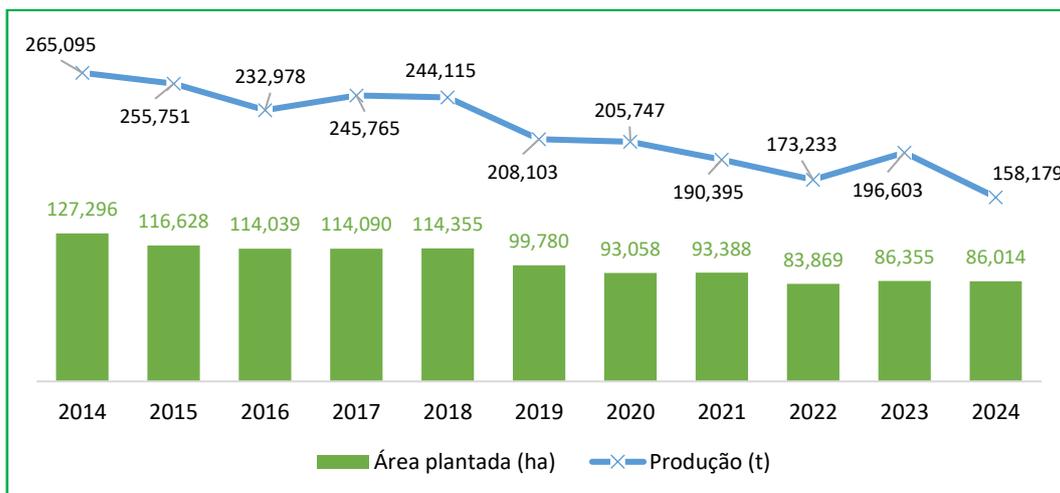


Figura 5. Tabaco – Santa Catarina: evolução da área plantada e da produção 2014 a 2024 (ha e toneladas)

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Assim como no Rio Grande do Sul, as chuvas acima da média impactaram negativamente o desenvolvimento, a colheita e a secagem do tabaco em Santa Catarina. De acordo com a Afubra, na safra 2023/24, a produtividade média catarinense foi de 1.784kg/ha, uma redução de 28,1% em comparação à safra 2022/23. O clima adverso afetou as três variedades cultivadas: Virgínia, com produtividade de 1.822kg/ha (-27,5%); Burley, com 1.453kg/ha (-33,9%); e Comum, com 1.232kg/ha (-38,2%).

Na safra 2023/24, o preço médio recebido pelos fumicultores catarinenses foi de R\$23,00, representando um aumento significativo de 24,6% em relação ao preço praticado na safra 2022/23. As variedades de tabaco contribuíram com os seguintes valores: Virgínia, R\$23,22 (+25,4%); Burley, R\$20,33 (+14,6%); e Comum, R\$20,29 (+24,4%).

A área plantada e a quantidade produzida de tabaco na safra 2023/24, por microrregião de Santa Catarina, estão ilustradas na Figura 6. De acordo com levantamento da Epagri/Cepa, as três principais microrregiões produtoras do estado foram responsáveis por 72,5% da produção estadual, com a seguinte distribuição: microrregião de Canoinhas (46,5%), microrregião de Rio do Sul (13,3%) e microrregião de Ituporanga (12,6%).

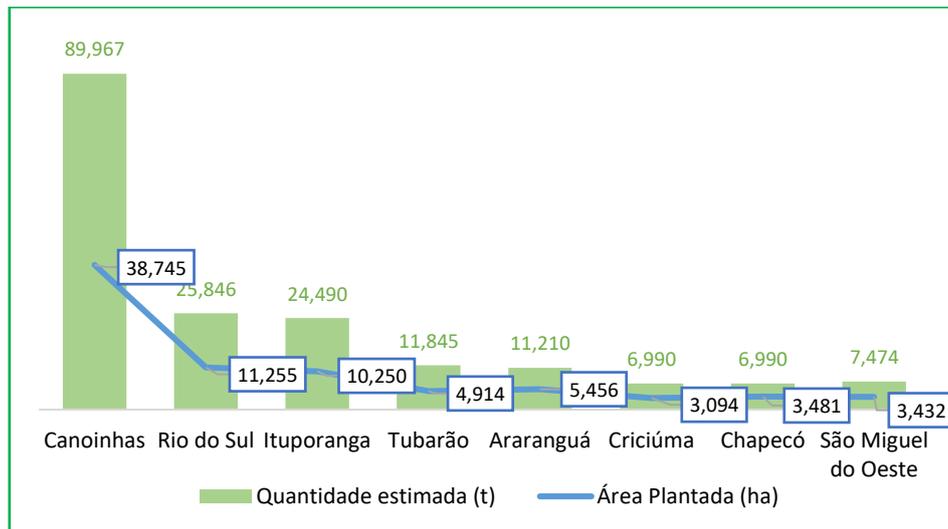


Figura 6. Tabaco – Santa Catarina: área plantada e quantidade produzida para a safra 2023/24, por Microrregião

Fonte: Epagri/Cepa, Observatório Agro Catarinense (janeiro/2025)

A safra 2024/25 será marcada por um aumento de 11,78% na área cultivada, totalizando 94.212 hectares plantados. Esse incremento reflete também o aumento no número de famílias produtoras, que cresceu 4,03%, alcançando 41.720 famílias em Santa Catarina, conforme dados da Afubra. Em relação à safra anterior, projeta-se um aumento de 34% na produtividade, variável que ainda dependerá das condições climáticas e dos tratamentos culturais adotados pelos produtores.

Durante a safra 2024/25, caso o incremento esperado na produtividade se confirme, Santa Catarina deverá ampliar sua produção de tabaco em 49,84%, atingindo 225 mil toneladas. O aumento da área plantada, combinado com a expectativa de maior produtividade, deverá influenciar diretamente a remuneração obtida pelos produtores.

Trigo

João Rogério Alves – Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

O trigo é o principal cereal consumido no mundo, juntamente com o milho e o arroz, é uma das mais importantes fontes de nutrientes para as populações há séculos. Em área plantada, o trigo é a cultura mais cultivada no mundo, seguida pelo milho, o arroz e a soja. Seu grão é utilizado amplamente na alimentação humana, desde a farinha de trigo para o pão, até como ingrediente na fabricação de cervejas. Além disso, o trigo também compõe a alimentação animal na forma de farelo. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), em 2022 o consumo estimado de trigo no mundo foi de 68,68kg/habitante/ano, no Brasil, o consumo de trigo chega a 53,50kg/habitante/ano.

Em 2023, o trigo ocupou 220,4 milhões de hectares de área, o que representa 14,8% da área cultivável de todo mundo. A China vem liderando a produção mundial de trigo, na safra 2023/24, foi responsável por 17,3% de todo trigo produzido. Os países da União Europeia produtores de trigo, responderam por 16,9% e, a Índia, segue em terceiro lugar, contribuindo com 14,0% da produção mundial. Os maiores produtores também são os maiores consumidores mundiais. A China, a Índia e a União Europeia responderam na safra 2023/24 por 19,2%, 14,1% e 13,9%, respectivamente (Tabela 1).

Na safra 2023/24, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) registrou o crescimento de 0,17% da produção mundial de trigo, passando de 789,89 para 791,21 milhões de toneladas, no mesmo período, o consumo cresceu 1,06%. Na comparação entre países, o destaque positivo na produção vai para os Estados Unidos e para a Argentina, que entre as safras de 2022/23 e 2023/2024, crescerem 9,4% e 26,3%, respectivamente. Por outro lado, Austrália e Brasil tiveram reduções importantes nas suas produções, 36,0% e 23,3%, respectivamente.

Tabela 1. Trigo – Mundo: produção e consumo mundiais – 2022/23-2024/25

País/Bloco	Produção (milhões de toneladas)			País/Bloco	Consumo (milhões de toneladas)		
	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	2024/25 ⁽²⁾		2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	2024/25 ⁽²⁾
China	137,72	136,59	140,10	China	148,00	153,50	151,00
União Europeia	134,49	134,10	121,30	Índia	108,67	112,34	112,24
Índia	104,00	110,55	113,29	União Europeia	109,00	110,50	108,75
Rússia	92,00	91,50	81,50	Rússia	41,00	39,00	38,25
Estados Unidos	44,90	49,10	53,65	Estados Unidos	30,33	30,16	31,30
Canadá	34,81	32,95	34,96	Reino Unido	15,20	9,11	14,80
Austrália	40,55	25,96	32,00	Brasil	11,85	12,00	11,90
Ucrânia	21,50	23,00	22,90	Canadá	8,29	9,11	9,60
Argentina	12,55	15,85	17,50	Austrália	8,00	7,80	7,50
Reino Unido	15,54	13,98	11,05	Argentina	6,85	7,05	7,05
Brasil	10,55	8,10	8,10	Ucrânia	7,80	6,70	6,70
Outros países	141,28	149,53	156,89	Outros países	294,59	300,72	302,80
Mundo	789,89	791,21	793,24	Mundo	789,58	797,99	801,89

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Projeção.

Fonte: USDA/WASDE (janeiro/2025)

Na safra de trigo 2023/24, as exportações mundiais tiveram um recuo de 0,24% em relação ao ano safra anterior, problemas de ordem climática, tanto no Hemisfério Norte como no Hemisfério Sul, limitaram a produção de importantes exportadores, o que restringiu as exportações desses países. Rússia e União Europeia lideram as exportações mundiais do cereal, respondendo por 25,1% e 17,2%, respectivamente. A Argentina, principal parceiro comercial brasileiro de trigo grão, farinhas e derivados, em função de problemas climáticos, tem enfrentado nos últimos anos problemas severos na sua produção, mas na safra 2023/24 conseguiu um bom incremento de 125,9% em suas exportações quando comparado ao ano anterior.

Para a safra 2024/2025 que está sendo colhida, projeções do USDA indicam novamente uma queda nas exportações mundiais, a entidade prevê uma redução 4,2% em relação à safra anterior. A Rússia deverá reduzir 17,1% sua participação nas exportações mundiais, apesar dessa redução o país deverá permanecer na liderança mundial. Na América do Sul, a Argentina deverá aumentar sua oferta internacional, com um incremento de 39,7% na comparação com a temporada 2023/24.

Em relação às importações mundiais, na safra 2023/24 houve um incremento nas compras internacionais de trigo da ordem de 4,0%. O Brasil, em função de frustração da safra 2022/2023, acabou tendo que aumentar suas importações, acusando um incremento de 41,2% em relação à temporada anterior. Para a safra 2024/2025, as projeções do USDA apontam um recuo importante nas importações da China. Caso isso se confirme, a União Europeia deverá passar a liderar o ranking dos maiores importadores mundiais. Nesse cenário, o Brasil, em função de problemas com a qualidade da safra recém-colhida, deverá continuar com importações elevadas (Tabela 2).

Tabela 2. Trigo – Mundo: principais exportadores e importadores de trigo e derivados – 2022/23-2024/25

País/Bloco	Exportações (milhões de toneladas)			País/Bloco	Importações (milhões de toneladas)		
	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	2024/25 ⁽²⁾		2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	2024/25 ⁽²⁾
Rússia	49,00	55,50	46,00	China	13,28	13,64	10,50
União Europeia	35,08	37,97	29,00	União Europeia	12,23	12,65	11,50
Canadá	25,62	25,44	25,00	Bangladesh	5,12	6,70	6,90
Estados Unidos	20,73	19,24	31,30	Brasil	4,68	6,61	6,40
Austrália	31,83	19,84	25,00	Japão	5,45	5,35	5,40
Ucrânia	17,12	18,58	16,00	Nigéria	4,73	5,11	5,80
Argentina	3,66	8,23	11,50	Estados Unidos	3,31	3,76	3,54
Outros	38,71	36,42	28,20	Outros	164,51	167,97	158,44
Mundo	221,75	221,22	212,00	Mundo	213,31	221,79	208,48

⁽¹⁾ Estimado.

⁽²⁾ Projetado.

Fonte: USDA/WASDE (janeiro/2025)

Produção e mercado nacionais

A cultura do trigo é a principal lavoura de grãos de inverno no Brasil e sua produção ocorre predominantemente nos estados da Região Sul do país. O seu cultivo normalmente ocorre em sucessão às culturas de verão, onde é muito comum a utilização do sistema de produção de plantio direto. Nesse sistema, a rotação de culturas, quando realizada adequadamente, deixa na superfície do solo os restos culturais do trigo. Essa cobertura morta tem papel importante no sistema plantio direto, pois além de proteger da erosão, mantém o solo úmido nos períodos de estiagem, entre outros benefícios que serão aproveitados pela cultura de verão em sucessão.

Em 2023, o principal estado produtor de trigo foi o Paraná, sendo responsável por 44,5% da produção nacional do cereal, seguido pelo Rio Grande do Sul, que respondeu por 35,8%. Quanto à produtividade média, entre os estados que produzem sem irrigação, o Paraná se destacou, alcançando 2.560kg/ha. Em 2023, os produtores da Região Sul do país, com destaque para os gaúchos, tiveram muitos problemas em suas lavouras em função de eventos climáticos extremos, como estiagens e excesso de chuvas, o que reduziu significativamente a qualidade da produção e resultou em redução de produção esperada.

O ano de 2024, o comportamento da safra nacional de trigo foi melhor. As condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura em praticamente todo seu período de desenvolvimento. Apesar de uma redução na área plantada, a produtividade média das lavouras foi bem melhor. Segundo estimativas da Conab, na safra 2024, o país cultivou aproximadamente 3,1 milhões de hectares, com o estado do Rio grande do Sul reassumindo a liderança na produção nacional do cereal. O estado de Santa Catarina deverá ter uma das melhores produtividades de os tempos e deve produzir cerca de 461 mil toneladas de trigo (Tabela 3).

Tabela 3. Trigo – Brasil: área, produtividade e produção – 2023-24

Estado	Área (mil ha)		Produtividade (kg/ha)		Produção (mil t)	
	2023	2024 ⁽¹⁾	2023	2024 ⁽¹⁾	2023	2024 ⁽¹⁾
Rio Grande do Sul	1.501	1.339	1.930	2.923	2.897	3.914
Paraná	1.408	1.147	2.560	2.087	3.603	2.394
Santa Catarina	134	125	2.150	3.700	288	461
Minas Gerais	168	154	2.778	2.668	468	412
São Paulo	124	124	3.050	2.901	377	358
Goiás	80	110	3.338	2.133	267	235
Bahia	10	8	5.700	5.700	57	46
Mato Grosso do Sul	46	45	2.765	992	126	45
Distrito Federal	3	7	4.147	3.657	14	26
Brasil	3.473	3.059	2.331	2.579	8.097	7.889

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Conab (janeiro/2025)

A área plantada com trigo no Brasil apresenta uma tendência de crescimento, na comparação dos extremos da série analisada (2000 a 2024), o crescimento foi de 108,4%. A produtividade média também cresceu nesse período, passando de 1.130kg/ha para 2.579kg/ha, um incremento de 128,2%. O resultado do aumento de área plantada e o ganho em produtividade permitiram um aumento crescente na produção nacional. Para o ano de 2024, a Conab estima que devermos produzir aproximadamente 7,9 milhões de toneladas, ou seja, um incremento de 375,8% (Figura 1).

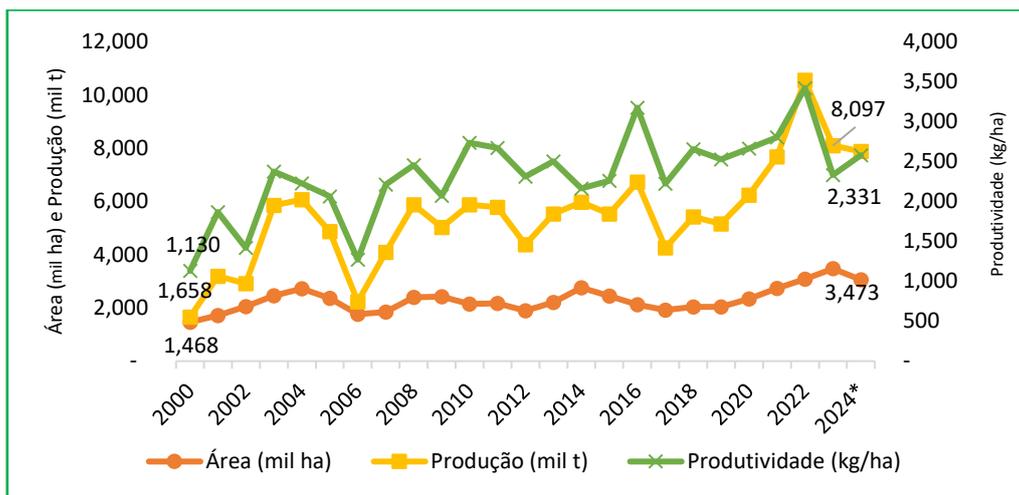


Figura 1. Trigo – Brasil: evolução da área, produção e produtividade – 2000-24⁽¹⁾

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Conab (janeiro/2025)

Em relação às importações, o Brasil ocupa a quarta posição entre os maiores importadores de trigo, pois dependemos de outros países para atender a demanda nacional. A Argentina tem sido nosso principal parceiro comercial nos últimos anos, respondendo em 2023 por aproximadamente 56,0% de todo trigo grão, farinhas e seus derivados importados pelo Brasil. A safra argentina foi extremamente reduzida nessa temporada, o que fez com que o Brasil tivesse que aumentar o volume importado de outros parceiros, como o Uruguai e os Estados Unidos. Em 2023 as importações brasileiras chegaram a 4,5 milhões de toneladas, contra aproximadamente 6,0 milhões de toneladas importadas em 2022, uma redução de 25,0%.

O Brasil possui importância reduzida nas exportações de trigo grão e seus derivados. Segundo dados do sistema para consultas e extração de dados do comércio exterior brasileiro (Comex Stat), em 2023 exportamos aproximadamente 2,4 milhões de toneladas. Os principais compradores do trigo brasileiro são países asiáticos. Em 2023, a Indonésia foi responsável por 26,9% de todo volume exportado pelo Brasil. Nesse período, o volume de trigo comercializado internacionalmente pelo país reduziu 23,4% (Tabela 4).

Tabela 4. Trigo – Brasil: importação e exportação de trigo-grão, farinha de trigo e derivados por país de origem – 2022-24

País	Importação (Mil toneladas)			País	Exportação (toneladas)		
	2022	2023	2024 ⁽¹⁾		2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Argentina	4.721	2.512	4.492	Vietnã	362	216	1.332
Estados Unidos	252	624	822	Filipinas	0	187	918
Uruguai	307	898	712	Tailândia	0	113	258
Itália	340	202	505	Equador	99	198	235
Paraguai	329	107	372	Venezuela	74	115	65
Áustria	35	111	62	Indonésia	595	637	25
China	7	9	10	Cuba	-	1	0
Bélgica	4	4	5	Estados Unidos	0	0	0
França	4	7	3	Paraguai	0	0	0
Outros países	44	10	15	Outros países	1.959	898	1
Total	6.043	4.484	6.997	Total	3.089	2.366	2.835

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Comex Stat - MIDC (janeiro/2025)

Com relação ao balanço de oferta e à demanda em 2023, as estimativas indicam que deveremos chegar ao final da safra com um volume de importação de trigo na ordem de 4,5 milhões de toneladas, uma redução de 25,8% em relação a 2022. Apesar dessa redução, as compras internacionais de trigo argentino deverão se sobressair perante outros fornecedores internacionais. Por outro lado, as exportações de trigo seguem firmes, porém com uma redução estimada de 23,4% em comparação às exportações realizadas em 2022.

O trigo é um dos principais itens da pauta de importações brasileira. Com uma produção de 8,1 milhões de toneladas na safra 2023, somadas às importações de 5,7 milhões de toneladas e os 1,4 milhões de toneladas de estoque inicial, o suprimento de trigo foi estimado em 15,2 milhões de toneladas. Com um consumo na ordem de 11,9 milhões de toneladas, o estoque final deverá ficar em torno de 505 mil toneladas. O consumo do cereal e seus subprodutos tem se mantido estável nos últimos cinco anos, variando entre 11,0 e 12,0 milhões de toneladas anuais (Tabela 5).

Tabela 5. Trigo – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2020-24

Discriminação	Mil toneladas				
	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Estoque inicial	2.238	2.059	923	1.440	505
Produção	6.235	7.679	10.554	8.097	7.889
Importação	6.008	6.080	4.514	5.703	6.400
Suprimento	14.481	15.818	15.991	15.240	14.795
Consumo	11.599	11.850	11.894	11.944	11.891
Exportação	823	3.046	2.657	2.791	2.000
Demanda total	12.422	14.896	14.551	14.735	13.891
Estoque final	2.059	923	1.440	505	904

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Conab (janeiro/2025)

Produção e mercado estaduais

A posição geográfica de Santa Catarina favorece a expansão da atividade em praticamente todas as regiões do Estado, com exceção da região litorânea. No Extremo Oeste, que faz divisa com a Argentina, predominam as pequenas propriedades de economia familiar, já no Planalto Norte, Meio-Oeste e Planalto Sul predomina o plantio em propriedades maiores, onde se observa o maior uso de tecnologia e o emprego de mão de obra contratada. Nos últimos anos, a produção catarinense de trigo cresceu a passos largos. Um dos fatores que tem contribuído para isso, é a possibilidade de otimização dos fatores de produção disponíveis na propriedade, como terra, máquinas e mão de obra, reduzindo o risco de perdas de renda. As safras de verão subsequentes, normalmente a cultura da soja, também se beneficiam com o cultivo em sistema de plantio direto, pois a resteva do trigo desempenha papel fundamental na conservação de solo e água, o que resulta em ganhos de produtividade e melhoria dos sistemas de produção.

Desde a safra 2012/13, a Epagri/Cepa vem acompanhando sistematicamente a produção de trigo por meio de um sistema de monitoramento de safras. Nesse período, presenciamos uma grande oscilação na área plantada no Estado, contudo, a partir da safra 2021/22 ultrapassamos o patamar de cem mil hectares. Também observamos a grande variação na produtividade, alternando safras excelentes, como as observadas em 2022/23 e 2024/25, que foram as mais produtivas da série analisada. É importante destacar que a produtividade média estadual das lavouras de trigo tem sido fortemente impactada por conta de eventos climáticos extremos,

que prejudicaram o desenvolvimento das plantas, interferindo diretamente na produção estadual. Para a safra 2024/25 recém-colhida, as condições climáticas permitiram uma safra abundante e de boa qualidade. Assim, deveremos ter a maior produtividade média dos últimos 12 anos (Figura 2).

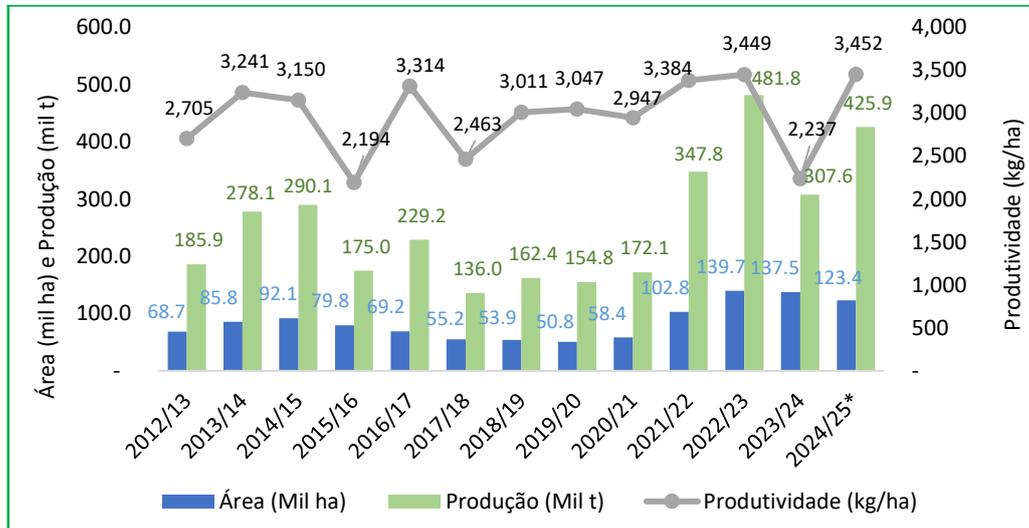


Figura 2. Trigo – Santa Catarina: evolução da área plantada, produção e rendimento – 2012/13–2024/25⁽¹⁾

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

É preciso destacar também que o crescimento da produção estadual de trigo está associado ao aumento do acesso ao crédito rural pelos agricultores. Segundo dados do Banco Central do Brasil, entre 2020 e 2024, o número de contratos de financiamento de custeio para a cultura do trigo em Santa Catarina cresceu 179,1%, e o valor financiado por essa linha de crédito passou de R\$51,8 milhões para R\$182,8 milhões, um crescimento de 252,9% no período. O maior volume de crédito de custeio para o trigo foi contratado em 2022, em decorrência dos elevados preços praticados em 2021, resultando na contratação total de R\$260,9 milhões. Esses números demonstram que, a cada ano que passa, mais produtores estão investindo na atividade, fortalecendo a consolidação da atividade no Estado.

Na safra 2023/24 foi cultivada no Estado uma área de 137,5 mil hectares de trigo, o que representou uma pequena redução de 1,6% em relação à área plantada na safra 2022/23. Nessa safra, a produtividade média foi fortemente impactada por problemas climáticos, passando de 3.449kg/ha para 2.237kg/ha, redução de 35,1%. O resultado foi uma safra em que os produtores não tiveram muito a comemorar: a produção catarinense passou de 481,8 mil toneladas, para 307,6 mil toneladas, queda de 36,2%. As microrregiões geográficas catarinenses que mais se destacaram foram Chapecó, Xanxerê e Curitibanos, que responderam por 24,2%, 23,4% e 15,4% da produção estadual, respectivamente. A soma da produção de trigo dessas três microrregiões representou 63,0% da produção estadual de trigo grão (Tabela 6).

Tabela 6. Trigo – Santa Catarina: área, produção e participação por microrregião geográfica - 2021/22-2023/24

Microrregião	Área plantada (ha)			Produção (t)			Participação em relação a SC (%)
	2021/22	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	2021/22	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	
Araranguá	-	-	360	-	-	719	0,23
Campos de Lages	3.465	8.380	5.750	14.313	33.868	10.230	3,33
Canoinhas	22.700	27.100	21.700	73.740	91.130	30.145	9,80
Chapecó	24.520	27.880	29.224	74.847	85.940	74.519	24,22
Concórdia	1.810	3.455	3.710	6.540	13.106	8.816	2,87
Criciúma	-	-	580	-	-	1.139	0,37
Curitibanos	14.320	24.680	22.390	63.892	103.704	47.269	15,37
Ituporanga	1.940	3.660	2.715	4.488	7.704	3.232	1,05
Joaçaba	6.116	9.580	12.090	22.675	36.576	29.662	9,64
Rio do Sul	1.060	1.990	1.465	2.430	4.453	1.741	0,57
São Bento do Sul	1.150	1.150	800	3.710	3.610	1.020	0,33
São Miguel do Oeste	8.260	8.615	10.812	24.859	25.237	26.175	8,51
Tubarão	-	-	490	-	-	984	0,32
Xanxerê	17.450	23.210	25.430	56.300	76.462	71.985	23,40
Santa Catarina	102.791	139.700	137.516	347.794	481.790	307.634	-

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

O ano de 2024 para o mercado do trigo em Santa Catarina foi bastante desafiador. Os preços iniciaram o ano com perspectiva de alta dos preços, já que a safra 2023 foi severamente prejudicada por problemas climáticos, sobretudo nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Com uma safra menor, a expectativa é de que os preços possam reagir, retomando os patamares praticados no primeiro trimestre de 2023. No segundo trimestre, os preços se mantiveram estáveis, alicerçados pela alta nas cotações do dólar e pela baixa qualidade e disponibilidade de trigo da safra gaúcha. No terceiro trimestre, os preços voltaram a oscilar, mas com tendência de alta nas cotações, sustentados pela baixa disponibilidade de trigo nacional e pela demanda interna aquecida. A partir do quarto trimestre, com o início da colheita da safra 2025 no sul do país, a perspectiva de uma safra abundante e de boa qualidade e com os moinhos realizando compras internacionais para abastecer seus estoques, as cotações do cereal não encontraram suporte para conter a estagnação dos preços recebidos pelos produtores (Figura 3).



Figura 3. Trigo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal ao produtor (jan./2023 a dez./2024)

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Em 2023, o preço médio anual recebido pelos produtores catarinenses foi de R\$ 71,64/saca de 60kg, valor 26,1% inferior ao praticado em 2022. O preço médio em 2024 foi de R\$ 67,75/saca de 60kg, valor 5,43% inferior ao preço médio anual recebido pelos produtores em 2023. Com dois anos seguidos de desvalorização nas cotações do cereal, a safra recém-colhida, que será comercializada durante o ano de 2025, certamente enfrentará desafios, mas o mercado dá alguns sinais de que isso ainda pode mudar. No Hemisfério Norte, a União Europeia e a Rússia já anunciaram redução em suas produção e exportação na safra 2024/25, e a previsão é de um aumento no consumo global de trigo de 0,7%. Esses fatores são fundamentos que podem indicar uma melhora na cotação do cereal no primeiro semestre de 2025. Por outro lado, a Argentina registrou um aumento de 16% em sua produção e a China deverá reduzir suas importações em 41%, fatores que podem promover um aumento de oferta de trigo no mercado internacional, diminuindo a possibilidade de uma maior valorização do cereal no mercado internacional (Tabela 7).

Tabela 7. Trigo – Santa Catarina: preço médio estadual pago aos produtores – 2021-24

Mês/ano	R\$/saca 60kg			
	2021	2022	2023	2024
Janeiro	73,09	89,05	87,42	64,89
Fevereiro	75,69	89,54	85,75	64,39
Março	77,86	97,69	84,53	63,45
Abril	83,49	94,58	80,71	63,52
Mai	85,73	98,82	73,47	64,88
Junho	82,55	104,64	70,12	68,60
Julho	80,80	107,59	69,95	68,42
Agosto	85,10	105,83	68,50	67,88
Setembro	84,98	95,46	58,19	71,54
Outubro	83,53	93,40	56,00	72,39
Novembro	85,77	95,52	61,88	71,86
Dezembro	86,70	90,43	63,19	71,25
Média	82,11	96,88	71,64	67,75

Nota: Trigo superior PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

Desempenho da produção animal

Carne bovina

Alexandre Luís Giehl – Engenheiro-agrônomo, Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Em 2024, observou-se um cenário geral de crescimento na produção mundial de carne bovina. De acordo com os dados preliminares do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção mundial cresceu 2,4% naquele ano em comparação a 2023. A maioria dos principais produtores registrou variações positivas nesse período, com destaque para o Brasil (8,2%), a China (3,6%) e a União Europeia (2,2%). A Austrália, que ocupa a 7ª posição no ranking, também apresentou crescimento expressivo (14,9%). Os Estados Unidos, principal produtor mundial, mantiveram praticamente o mesmo volume do ano anterior, com alta de apenas 0,1%. Na Argentina, por outro lado, houve queda de 5,5% na produção, decorrente, em grande parte, da crise econômica que o país enfrenta.

Segundo os dados do USDA, os quatro maiores produtores foram responsáveis por 62,8% do total mundial em 2024.

Tabela 1. Carne bovina – Produção mundial – 2020-24

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Estados Unidos	12.389	12.734	12.890	12.286	12.298
Brasil	9.975	9.750	10.350	10.950	11.850
China	6.720	6.980	7.180	7.530	7.800
União Europeia	6.903	6.883	6.722	6.461	6.600
Índia ⁽²⁾	3.760	4.195	4.350	4.470	4.565
Argentina	3.170	3.000	3.140	3.280	3.100
Austrália	2.123	1.895	1.878	2.224	2.555
México	2.079	2.129	2.177	2.215	2.260
Rússia	1.378	1.380	1.350	1.365	1.400
Canadá	1.314	1.385	1.412	1.326	1.315
Demais países	7.809	8.004	7.879	7.854	7.634
Total	57.620	58.335	59.328	59.961	61.377

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Os dados da Índia incluem a carne de búfalo.

Fonte: USDA (novembro/2024)

Para 2025, o USDA projeta uma queda de 0,8% na produção mundial, com desempenho negativo da maioria dos principais produtores: Estados Unidos (-4,0%), Brasil (-0,8%), China (-0,3% e União Europeia (-1,5%). No caso brasileiro, o declínio decorre principalmente da mudança no ciclo pecuário, com início de um período de baixa disponibilidade de animais para abate e reposição.

De forma semelhante à produção, o consumo mundial de carne bovina apresentou crescimento de 2,1% em 2024 ante 2023. Os dados preliminares do USDA demonstram que a maioria dos principais mercados consumidores registrou variação positiva, destacando-se Estados Unidos (2,5%), China (4,2%) e Brasil (2,7%). Entre os dez maiores consumidores,

apenas a Argentina apresentou queda (-9,2%), reflexo direto de sua crise econômica. Vale ressaltar que os quatro maiores consumidores de carne bovina foram responsáveis por 65,7% da demanda mundial em 2024.

Tabela 2. Carne bovina – Consumo mundial – 2020-24

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Estados Unidos	12.531	12.717	12.799	12.637	12.959
China	9.485	9.987	10.662	11.089	11.557
Brasil	7.486	7.492	7.524	8.108	8.330
União Europeia	6.539	6.529	6.468	6.200	6.260
Índia ⁽²⁾	2.476	2.798	2.908	2.918	2.990
Argentina	2.383	2.350	2.422	2.512	2.281
México	1.898	1.938	1.945	2.080	2.210
Rússia	1.708	1.628	1.597	1.592	1.652
Japão	1.295	1.263	1.228	1.227	1.229
Reino Unido	1.161	1.132	1.156	1.146	1.160
Demais países	9.087	9.093	8.878	8.815	8.923
Total	56.049	56.927	57.587	58.324	59.551

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Os dados da Índia incluem a carne de búfalo.

Fonte: USDA (novembro/2024)

Para o ano de 2025, o USDA projeta uma leve retração de 0,7% no consumo global de carne bovina, provocada principalmente pela redução em três grandes mercados: Estados Unidos (-2,3%), Brasil (-1,4%) e União Europeia (-1,0%).

Mantendo a tendência histórica, em 2024 as importações de carne bovina apresentaram crescimento significativo de 7,8% em relação a 2023, com destaque para: China, com ampliação de 5,5%, após desaceleração no ritmo de alta em 2023; Estados Unidos, com aumento expressivo de 17,6% e; Japão, com avanço de 3,3%.

Os quatro maiores importadores concentraram 63,4% do total transacionado internacionalmente, com a China respondendo sozinha por 33,9% das importações globais em 2024.

Tabela 3. Carne bovina – Importações mundiais – 2020-24

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
China	2.781	3.024	3.502	3.577	3.775
Estados Unidos	1.515	1.517	1.538	1.690	1.988
Japão	832	807	777	702	725
Coreia do Sul	549	588	595	595	570
Reino Unido	399	393	400	384	400
União Europeia	350	321	372	363	370
Chile	342	464	350	356	355
Rússia	363	298	295	275	300
Canadá	249	212	214	241	270
Arábia Saudita	148	170	176	220	260
Demais países	2.156	2.141	201	192	2.112
Total	9.684	9.935	10.229	10.323	11.125

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA (novembro/2024)

O USDA estima crescimento de 0,5% nas importações mundiais em 2025, impulsionado principalmente pelo aumento nas aquisições da China (1,3%) e dos Estados Unidos (1,0%).

De acordo com os dados preliminares do USDA, as exportações mundiais cresceram 7,7% em 2024, com destaque para o desempenho do Brasil (23,4%) e da Austrália (19,6%). Também se registraram aumentos significativos nas exportações da Argentina (6,3%) e da União Europeia (13,8%). Entre os principais exportadores, os Estados Unidos apresentaram um dos poucos resultados negativos (-2,8%).

Os dados oficiais divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), apresentam crescimento ainda maior nas exportações brasileiras do que o estimado pelo USDA, como será detalhado no tópico "Produção e mercado nacionais".

Os quatro maiores exportadores mundiais responderam por 64,4% dos embarques em 2024, com o Brasil sendo responsável por mais de ¼ do total (27,6%).

Tabela 4. Carne bovina – Exportações mundiais – 2020-24⁴

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Brasil	2.539	2.320	2.898	2.897	3.575
Austrália	1.473	1.291	1.238	1.560	1.865
Índia ⁽²⁾	1.284	1.397	1.442	1.552	1.575
Estados Unidos	1.338	1.555	1.608	1.378	1.340
Argentina	801	658	725	771	820
União Europeia	714	675	626	624	710
Nova Zelândia	634	685	643	682	675
Canadá	511	593	583	572	585
Uruguai	411	556	513	483	500
Paraguai	371	434	462	441	470
Demais países	1.131	1.185	1.181	1.080	857
Total	11.207	11.349	11.919	12.040	12.972

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Os dados da Índia incluem a carne de búfalo.

Fonte: USDA (novembro/2024)

O USDA projeta relativa estabilidade no comércio global de carne bovina em 2025, com uma leve retração de 0,2% no volume total de exportações. Brasil e Austrália, os dois principais exportadores, devem registrar crescimento nos embarques, mas em ritmo menor que no ano anterior: 0,7% e 1,9%, respectivamente. Os Estados Unidos, por sua vez, devem registrar forte contração (-12,0%), o que pressiona negativamente o balanço global. Vale destacar que a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima aumento de 2,5% das exportações brasileiras em 2025, em comparação com o ano anterior.

Produção e mercado nacionais

De acordo com a Pesquisa Pecuária Municipal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PPM/IBGE), o rebanho bovino nacional apresentou expansão de 1,6% em 2023, na comparação com o ano anterior (Tabela 5). A maioria dos estados apresentou resultados positivos, com destaque para Mato Grosso do Sul (2,5%), Rondônia (2,7%) e Bahia (6,1%). Contudo, alguns dos principais estados produtores tiveram desempenho negativo, como é o

⁴ A diferença entre as quantidades totais importadas e exportadas a cada ano é decorrente da metodologia de levantamento do USDA.

caso de Mato Grosso (-0,7%), Goiás (-2,8%) e Minas Gerais (-2,2%). No caso específico de Santa Catarina, os dados do IBGE indicam crescimento de 1,3% no efetivo bovino. Contudo, vale ressaltar que as estatísticas do governo estadual apontam para uma redução no rebanho catarinense no ano em questão, divergência que será examinada em maior detalhe posteriormente.

Tabela 5. Bovinos – Brasil: evolução do rebanho – 2010-2023⁽¹⁾

Unidade da federação	Milhões de cabeças					Variação 2022-23 (%)
	2010	2020	2021	2022	2023	
1º Mato Grosso	28,757	32,338	32,425	34,246	33,994	-0,7
2º Pará	17,633	22,432	23,921	24,791	25,041	1,0
3º Goiás	21,348	23,627	24,294	24,410	23,730	-2,8
4º Minas Gerais	22,698	22,166	22,856	22,993	22,498	-2,2
5º Mato Grosso do Sul	22,354	19,027	18,609	18,434	18,892	2,5
6º Rondônia	11,842	14,804	15,110	17,688	18,163	2,7
7º Bahia	10,528	9,749	11,755	12,526	13,291	6,1
8º Rio Grande do Sul	14,469	11,128	11,057	11,933	12,012	0,7
9º Tocantins	7,994	9,130	10,162	10,773	11,313	5,0
10º São Paulo	11,198	10,569	10,718	11,066	10,768	-2,7
14º Santa Catarina	3,986	4,533	4,542	4,484	4,541	1,3
Demais UFs	36,733	38,334	39,153	41,508	44,384	6,9
Brasil	209,541	217,836	224,602	234,852	238,626	1,6

⁽¹⁾ Até a data de publicação desta Síntese, o IBGE ainda não havia divulgado os dados referentes ao rebanho de 2024.

Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal (março/2025)

O crescimento do rebanho bovino brasileiro nos últimos anos decorreu principalmente da significativa valorização do boi gordo, cujos preços iniciaram trajetória ascendente no último trimestre de 2019. Esse cenário estimulou os produtores a intensificarem a retenção de fêmeas, visando à ampliação do plantel de matrizes e ao consequente aumento da produção de bezerros. Contudo, essa tendência foi interrompida em meados de 2022, resultando, em 2023, na desaceleração do ritmo de crescimento anteriormente observado e, em alguns dos principais estados produtores, até mesmo em redução dos efetivos pecuários.

Em 2024, registrou-se um expressivo volume de abates, totalizando 39,3 milhões de cabeças – número que representa um incremento de 15,2% em relação ao ano anterior. Esse significativo aumento da oferta constitui um dos fatores explicativos para a queda nos preços do boi gordo que predominou durante grande parte do ano, tendência que só foi revertida no último quadrimestre, como será detalhado adiante. A análise dos dados por unidade federativa revela que quase todos os estados acompanharam essa expansão nos abates, com desempenhos particularmente relevantes em Mato Grosso (19,2%), São Paulo (16,2%), Minas Gerais (21,7%) e Pará (19,2%). O único estado que registrou queda no número de animais abatidos foi o Rio Grande do Sul (-8,7%), variação que pode ser associada aos impactos da catástrofe climática que atingiu o estado em maio de 2024, evento que comprometeu significativamente a atividade pecuária regional.

Tabela 6. Bovinos – Brasil: abates por unidade da federação – 2010-2024

Unidade da Federação	Milhões de cabeças					Variação 2023-24 (%)
	2010	2020	2022	2023	2024	
1º Mato Grosso	4,083	5,091	4,710	5,949	7,089	19,2
2º Goiás	2,612	2,793	3,005	3,540	4,012	13,4
3º São Paulo	3,533	3,120	3,421	3,453	4,012	16,2
4º Mato Grosso do Sul	3,298	3,389	3,342	3,312	3,769	13,8
5º Minas Gerais	2,393	2,685	2,844	3,091	3,762	21,7
6º Pará	2,105	2,218	2,431	2,878	3,430	12,2
7º Rondônia	1,902	2,180	2,045	2,886	3,239	19,2
8º Rio Grande do Sul	1,939	1,902	1,654	1,768	1,615	-8,7
9º Paraná	1,459	1,449	1,300	1,305	1,448	11,0
10º Tocantins	0,906	0,895	1,104	1,253	1,346	7,4
13º Santa Catarina	0,509	0,605	0,528	0,543	0,629	15,7
Demais UFs	4,538	3,561	3,564	4,122	4,924	19,5
Brasil	29,278	29,887	29,948	34,102	39,275	15,2

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (março/2025)

Também foi observada alta expressiva na produção de carne bovina em 2024. De acordo com os dados do IBGE, foram produzidas 10,2 milhões de toneladas de carcaças bovinas⁵ – um expressivo crescimento de 14,2% em relação ao ano anterior.

Quando se analisa o abate por sexo e faixa etária, verifica-se que os dados de 2024 apresentam crescimento na participação de fêmeas no total de bovinos abatidos (Tabela 7). As fêmeas (vacas e novilhas) representaram 43,0% do total de abates, maior participação registrada desde 2006. Esse fenômeno está diretamente relacionado às condições de mercado desfavoráveis que se estenderam desde 2023 até os primeiros oito meses de 2024, marcados pela queda nos preços do boi gordo e pela pressão nos custos de produção. Diante desse cenário, muitos pecuaristas optaram por descartar matrizes menos produtivas ou mais velhas, como estratégia para reduzir custos e manter a viabilidade financeira de seus negócios. Esse movimento de ajuste nos rebanhos explica tanto o recorde na produção de carne quanto a alteração na composição dos abates observada no período.

Tabela 7. Bovinos – Brasil: participação de cada categoria animal no total de abates – 2010-2024

Categoria	2010	2015	2020	2022	2023	2024
Bois	55,9	55,2	58,4	58,0	53,6	52,9
Vacas	30,0	30,4	26,0	26,9	29,4	29,6
Novilhos	8,0	5,8	5,1	4,6	4,7	4,0
Novilhas	6,1	8,5	10,5	10,4	12,2	13,5
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (março/2025)

A maior participação de fêmeas nos abates pode ter implicações importantes para o setor, representando potencialmente um ajuste temporário nos rebanhos frente às condições de mercado, mas que merece monitoramento quanto aos possíveis efeitos na futura produção de bezerros e na capacidade reprodutiva do rebanho nacional.

⁵ Peso da carcaça quente, entendendo-se por carcaça: o animal abatido, formado das massas musculares e ossos, desprovido de cabeça, mocotós, cauda, couro, órgãos e vísceras torácicas e abdominais, tecnicamente preparado.

De acordo com dados do sistema Comex Stat, do MDIC, o Brasil alcançou um marco inédito em suas exportações de carne bovina em 2024. O volume total embarcado – que inclui carne *in natura*, industrializada e miudezas – atingiu 2,87 milhões de toneladas, representando um crescimento expressivo de 25,4% em relação ao ano anterior. Esse desempenho consolida um novo recorde na série histórica iniciada em 1997. O resultado reflete tanto a maior disponibilidade de produto no mercado doméstico – impulsionada pelo aumento dos abates – quanto a sólida demanda internacional pela carne bovina brasileira.

Tabela 8. Carne bovina – Brasil: exportações – 2010-2024

Ano	2010	2015	2020	2022	2023	2024
Quantidade exportada (mil t)	1.227,21	1.352,97	2.011,24	2.263,29	2.289,88	2.872,63
Valor exportado (milhões - US\$)	4.780,06	5.756,09	8.478,22	12.960,35	10.540,82	12.827,19

Fonte: Comex Stat/Secex (março/2025)

As receitas, por sua vez, alcançaram US\$ 12,87 bilhões em 2024, crescimento de 21,7% em relação ao registrado no ano anterior. Esse valor representa o segundo melhor resultado de toda a série histórica, ficando atrás apenas do recorde estabelecido em 2022.

A Figura 1 apresenta a evolução das exportações brasileiras de carne bovina de 2015 a 2024.

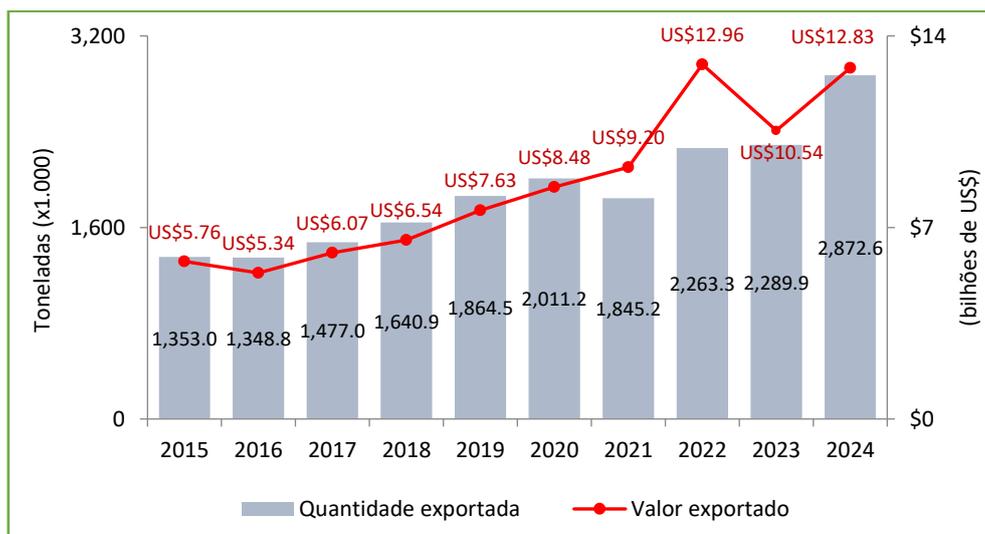


Figura 1. Carne bovina – Brasil: exportações – 2015-24

Fonte: Comex Stat/MDIC (março/2025)

O expressivo desempenho foi impulsionado pelo aumento dos embarques para a maioria dos principais mercados compradores, com destaque para: China, com crescimento de 10,6% em volume e 4,3% em valor; Estados Unidos, com incrementos de 65,7% e 58,9%, respectivamente; e Emirados Árabes Unidos, com variações de 72,5% e 79,0%, respectivamente. Dentre os dez maiores importadores, apenas Hong Kong apresentou desempenho negativo, com queda de 2,3% no volume adquirido.

Tabela 9. Carne bovina – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2024

País	Valor - US\$ (milhões)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
China	5.980,21	46,6	1.322.758	46,0
Estados Unidos	1.350,16	10,5	229.567	8,0
Chile	605,20	4,7	132.713	4,6
Hong Kong	532,34	4,2	109.866	3,8
Emirados Árabes Unidos	389,97	3,0	117.251	4,1
Egito	335,32	2,6	92.294	3,2
Arábia Saudita	306,60	2,4	86.027	3,0
Filipinas	305,46	2,4	84.631	2,9
Rússia	256,42	2,0	57.291	2,0
Países Baixos (Holanda)	250,85	2,0	56.593	2,0
Demais países	2.514,66	19,6	583.635	20,3
Total	12.827,19	100	2.872.626	100

Fonte: Comex Stat/MDIC (março/2025)

A China, principal destino das exportações brasileiras, manteve sua posição estratégica ao responder por 46,6% do total de receitas, embora com participação reduzida em relação aos anos anteriores. O fortalecimento da demanda chinesa por proteína animal, que se intensificou após os surtos de peste suína africana (PSA) em 2018, continua influenciando significativamente o mercado, embora com crescimento mais moderado nos últimos anos.

A carne bovina brasileira atingiu 160 países em 2024, com predominância da carne *in natura* congelada, que representou 90,9% do valor total exportado. As miudezas responderam por 5,2% das receitas, enquanto a carne industrializada contribuiu com 3,9%, mantendo o padrão histórico de composição das exportações do setor.

A disponibilidade per capita de carne bovina no mercado interno apresentou forte alta em 2024, atingindo 36,12kg/habitante – crescimento de 9,7% em relação ao ano anterior. Esse resultado deve-se, essencialmente, ao crescimento da produção (14,2%).⁶

Tabela 10. Carne bovina – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2024

Parâmetro	2010	2015	2020	2022	2023	2024
Produção (t)	6.977.484	7.493.435	7.824.888	8.012.320	8.962.423	10.237.584
Importação (t)	33.386	47.091	50.808	64.683	50.110	46.313
Exportação (t)	1.227.212	1.352.966	2.011.240	2.263.286	2.289.883	2.872.626
Disponibilidade interna (t)	5.783.659	6.187.561	5.864.457	5.813.717	6.722.650	7.411.270
População (milhões hab.) ⁽¹⁾	190,76	195,77	200,91	203,06	204,12	205,20
Kg/habitante/ano	30,32	31,61	29,19	28,63	32,94	36,12

⁽¹⁾ Os dados populacionais de 2010 a 2021 foram ajustados pela Conab, a partir dos resultados do Censo Demográfico 2022, do IBGE.

Fontes: IBGE; Comex Stat/MDIC; Conab (2025)

O mercado de boi gordo em 2024 apresentou uma nítida divisão em seu comportamento de preços ao longo do ano. O primeiro semestre foi marcado por preços relativamente estáveis, com tendência moderada de queda na maioria dos estados brasileiros. Contudo, este cenário

⁶ Em função da divulgação dos resultados do Censo Demográfico em meados de 2023, foi necessário ajustar os dados populacionais dos anos anteriores, uma vez que o referido censo apresentou valores bastante distintos daqueles que eram estimados anualmente pelo IBGE, o que distorce significativamente os cálculos de disponibilidade *per capita*. Em razão disso, na Tabela 10 são utilizados dados populacionais ajustados pela Conab por meio de cálculos estatísticos específicos, a partir das informações originais do IBGE.



de moderação sofreu uma inversão a partir do meio do ano, quando começou a se consolidar uma trajetória ascendente que se intensificou progressivamente nos meses seguintes. Esta mudança de patamar nos preços foi resultado da convergência de três fatores estruturais. Primeiramente, observou-se uma redução significativa na oferta de animais prontos para abate, decorrente tanto do aumento do abate de fêmeas registrado em 2023 e no início de 2024 – que diminuiu o plantel de matrizes disponíveis – quanto dos impactos da severa estiagem que atingiu diversas regiões produtoras, com especial intensidade no Centro-Oeste. Paralelamente, o setor enfrentou um crescimento excepcional das exportações brasileiras de carne bovina, que atingiram um recorde histórico no volume embarcado, elevando a competição pelo produto disponível no mercado interno. Por fim, o tradicional aquecimento da demanda doméstica no período que antecede as festas de final de ano contribuiu para pressionar ainda mais os preços para cima.

Produção e mercado estaduais

De acordo com a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), o estado registrou um rebanho bovino de 4,38 milhões de cabeças no final de 2024, representando uma redução de 1,2% em relação ao ano anterior.⁷

A distribuição por sexo mostra um rebanho composto predominantemente por fêmeas, que representam 74,3% do total, enquanto os machos correspondem a apenas 25,7%. A análise por faixa etária demonstra que a maior parte do rebanho (52,6%) é composta por animais adultos com mais de 36 meses, sendo que as fêmeas nesta categoria representam expressivos 45,4% do total, contrastando com os apenas 7,3% de machos na mesma faixa etária. Os animais jovens (0 a 24 meses) constituem 34,7% do plantel, enquanto aqueles entre 25 e 36 meses correspondem a 12,7%. O perfil do rebanho catarinense evidencia uma pecuária especializada, com destaque para a produção leiteira. A predominância de fêmeas adultas sustenta a produção de leite – atividade econômica crucial para o estado.

Tabela 11. Bovinos – Santa Catarina: composição do rebanho, por faixa etária e sexo – 2024

Faixa etária (meses)	Sexo		Total
	Machos	Fêmeas	
0 a 12	306.972	402.343	709.315
13 a 24	330.956	476.294	807.250
25 a 36	168.408	387.979	556.387
> 36	317.340	1.985.175	2.302.515
Total	1.123.676	3.251.791	4.375.467

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

Ao longo da última década, Santa Catarina registrou uma redução significativa em seu rebanho bovino, que encolheu 6,5% entre 2015 e 2024. Essa trajetória de declínio apresenta diferenças marcantes quando analisada por sexo dos animais: enquanto o número de machos sofreu uma expressiva queda de 13,9% no período, o efetivo de fêmeas apresentou uma redução mais moderada, de 3,6%. O ano de 2024 manteve essa tendência decrescente, com quedas observadas em ambos os sexos: -1,1% para os machos e -1,2% para as fêmeas, em relação a

⁷ Os dados referentes à bovinocultura em Santa Catarina disponibilizados pela Cidasc destoam dos apresentados pelo IBGE, principalmente em função da diferença entre as metodologias utilizadas pelos dois órgãos. No segmento “Produção e mercado nacionais”, utilizaram-se os dados do IBGE, de forma a possibilitar comparações com outras unidades da Federação. Neste segmento – “Produção e mercado estaduais” –, contudo, optou-se pela utilização dos dados da Cidasc, em função do maior grau de detalhamento, necessário para algumas análises aqui apresentadas.

2023. Esses resultados recentes estão diretamente vinculados às mudanças no ciclo pecuário estadual, particularmente ao aumento do abate de fêmeas ocorrido nos anos anteriores – fenômeno já abordado previamente.

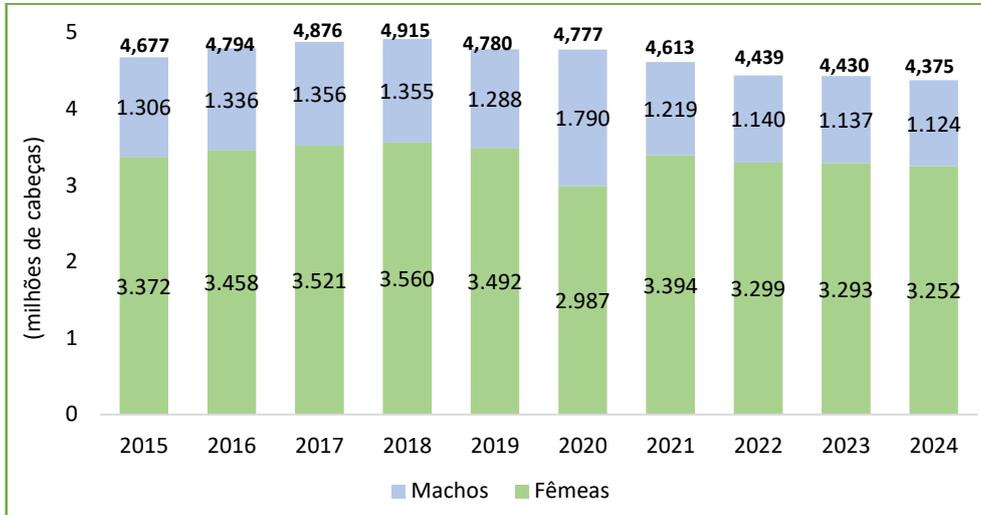


Figura 2. Bovinos – Santa Catarina: evolução do rebanho – 2015-24

Fonte: Cidasc (fevereiro/2024)

O abate de bovinos, por outro lado, registrou um aumento significativo de 8,7% em 2024 em relação ao ano anterior, totalizando 791,8 mil animais abatidos, conforme dados da Cidasc. Este crescimento contrasta com a redução de 1,2% observada no rebanho estadual no mesmo período, indicando um processo de ajuste na estrutura produtiva da pecuária local. Desse total, 685,1 mil (86,5%) foram abatidos em estabelecimentos com inspeção sanitária localizados em Santa Catarina, modalidade que registrou crescimento de 11,5% frente a 2023. Por outro lado, os abates para autoconsumo⁸, que representaram 13,5% do total (106,6 mil animais), registraram queda de 6,2% no período. A comercialização para abate em outros estados foi insignificante, com apenas 109 animais (0,01% do total), confirmando que Santa Catarina processa praticamente toda sua produção internamente.

Tabela 12. Bovinos – Santa Catarina: abate por destino ou finalidade – 2022-24

Destino	Nº de cabeças			Participação no total - 2024 (%)
	2022	2023	2024	
Com sistema de inspeção	637.398	614.621	685.091	86,5
Autoconsumo	107.497	113.598	106.609	13,5
Abate em outra UF	55	16	109	0,01
Total	744.950	728.235	791.809	100

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

Dos abates realizados em estabelecimentos com inspeção sanitária em Santa Catarina em 2024, 89,9% foram processados em abatedouros sob fiscalização municipal (SIM) ou estadual (SIE). Essa predominância reflete um mercado interno com demanda significativamente superior à produção local, resultando na absorção de praticamente toda a carne bovina produzida no estado pelos próprios consumidores catarinenses.

⁸ Quando os animais são abatidos e consumidos na propriedade rural em que foram produzidos.

Tabela 13. Bovinos – Santa Catarina: abate segundo o sistema de inspeção – 2024

Sistema de inspeção	Nº de cabeças (milhares)	%
Federal	69,2	10,1
Estadual	573,6	83,7
Municipal	42,3	6,2
Total	685,1	100

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

Em 2024, a pecuária bovina manteve-se presente em todos os 295 municípios catarinenses, demonstrando a capilaridade dessa atividade no estado. O setor envolveu expressivos 165,5 mil produtores, dos quais 30 mil (18,1% do total) comercializaram animais para abate em estabelecimentos com inspeção sanitária – número que representa leve crescimento de 0,4% frente a 2023 (Tabela 14). A presença em todos os municípios confirma a importância estratégica da bovinocultura na economia rural catarinense.

Tabela 14. Bovinos – Santa Catarina: número de produtores que destinaram animais para abate em estabelecimentos com inspeção – 2013-24

Parâmetro	2013	2020	2021	2022	2023	2024
Número de produtores	36.783	35.111	32.679	32.683	29.895	30.019

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

Os abates para autoconsumo, por sua vez, englobaram 54,0 mil produtores em 2024. É importante ressaltar que existem sobreposições entre os dois grupos de produtores (autoconsumo e abate inspecionado). Considerando as sobreposições, o total de produtores envolvidos foi de 72,0 mil.

A análise dos produtores catarinenses que destinaram animais para abate em estabelecimentos com inspeção sanitária em 2024 revela uma estrutura produtiva marcada por significativa desigualdade de escala. Os dados demonstram que 75,4% dos produtores – cerca de 22,9 mil – comercializaram entre 1 e 10 animais no período. Contudo, apesar de sua expressiva participação numérica, esse contingente foi responsável por apenas 11,1% do volume total de abates, evidenciando sua limitada participação relativa no mercado formal de carne bovina. Em contraste, um grupo de 3,6% dos produtores – aproximadamente 1,1 mil estabelecimentos – que destinaram 100 ou mais animais ao abate, concentrou impressionantes 61,6% de toda a produção inspecionada. Entre esses dois extremos, situam-se 21% dos produtores (6,4 mil) que venderam de 11 a 99 animais e contribuíram com 27,3% dos abates, configurando uma faixa intermediária de produção.

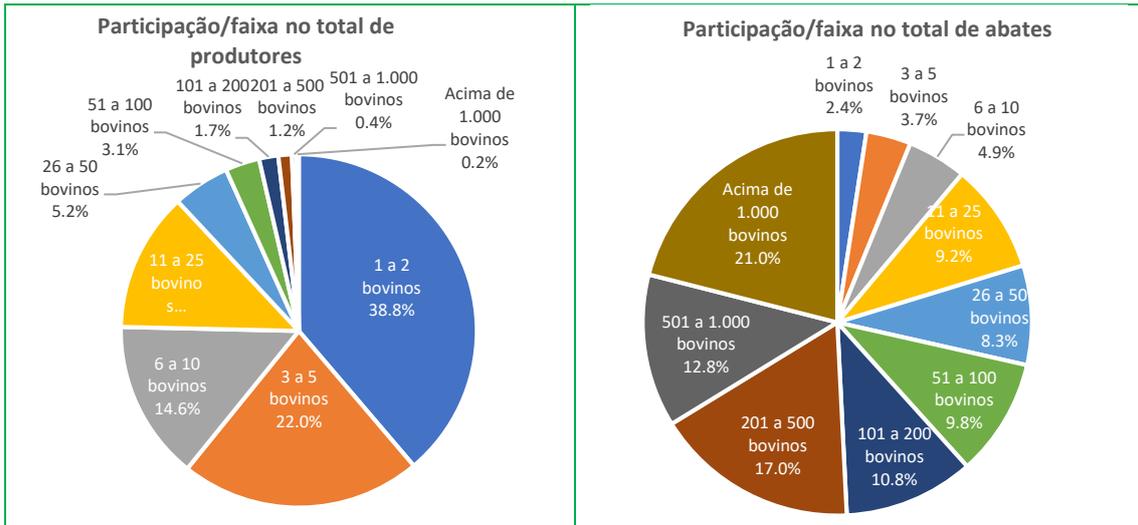


Figura 3. Bovinos – Santa Catarina: participação de cada faixa de produção no total de produtores e de abates inspecionados – 2024

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025). Elaborado por Epagri/Cepa

Essa distribuição evidencia uma nítida concentração produtiva, onde poucas propriedades de maior escala respondem pela maior parte do abastecimento formal, enquanto a maioria absoluta dos pecuaristas atua em patamares quantitativos reduzidos. Tal configuração reflete as características peculiares da pecuária catarinense, que conjuga uma ampla base de agricultores familiares – muitos dedicados à produção leiteira ou a sistemas mistos – com um segmento mais profissionalizado e voltado especificamente para a bovinocultura de corte.

A produção bovina catarinense apresenta forte concentração regional, com a Mesorregião Oeste Catarinense respondendo por mais da metade dos abates. Formada pelas microrregiões de Chapecó, Joaçaba, São Miguel do Oeste, Xanxerê e Concórdia, essa mesorregião foi responsável por 51,6% de todos os bovinos produzidos no estado em 2024, consolidando sua posição como principal pólo pecuário do estado. Em segundo lugar, destaca-se o Sul Catarinense, que ampliou sua participação para 15,9% da produção estadual, mantendo trajetória ascendente nos últimos anos. Esse crescimento progressivo sugere uma reconfiguração gradual da geografia da pecuária catarinense, com o Sul emergindo como região complementar ao tradicional eixo produtivo do Oeste.

Tabela 15. Bovinos – Santa Catarina: microrregiões de origem dos animais abatidos – 2024

Microrregião	Abate inspecionado	Comércio interestadual	Autoconsumo	Total de animais	%
Chapecó	96.777	20	24.126	120.923	15,3
Joaçaba	95.310	0	7.158	102.468	12,9
Tubarão	90.907	0	3.935	94.842	12,0
São Miguel do Oeste	59.738	73	20.958	80.769	10,2
Concórdia	46.420	0	11.700	58.120	7,3
Canoinhas	42.706	16	5.631	48.353	6,1
Xanxerê	41.212	0	4.838	46.050	5,8
Campos de Lages	43.035	0	1.408	44.443	5,6
Curitibanos	31.305	0	1.287	32.592	4,1
Rio do Sul	25.394	0	5.489	30.883	3,9
Itajaí	20.910	0	488	21.398	2,7
Blumenau	16.031	0	2.783	18.814	2,4
Araranguá	13.695	0	3.403	17.098	2,2
Joinville	12.024	0	2.157	14.181	1,8
Florianópolis	12.280	0	1.422	13.702	1,7
Criciúma	10.413	0	3.212	13.625	1,7
Ituporanga	7.122	0	3.306	10.428	1,3
Tijucas	8.065	0	1.088	9.153	1,2
São Bento do Sul	6.748	0	983	7.731	1,0
Tabuleiro	4.999	0	1.237	6.236	0,8
Total	685.091	109	106.609	791.809	100

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

A Figura 4 apresenta a distribuição do rebanho bovino catarinense em 2024. Quanto mais escura a coloração no mapa, maior o número de animais produzidos.

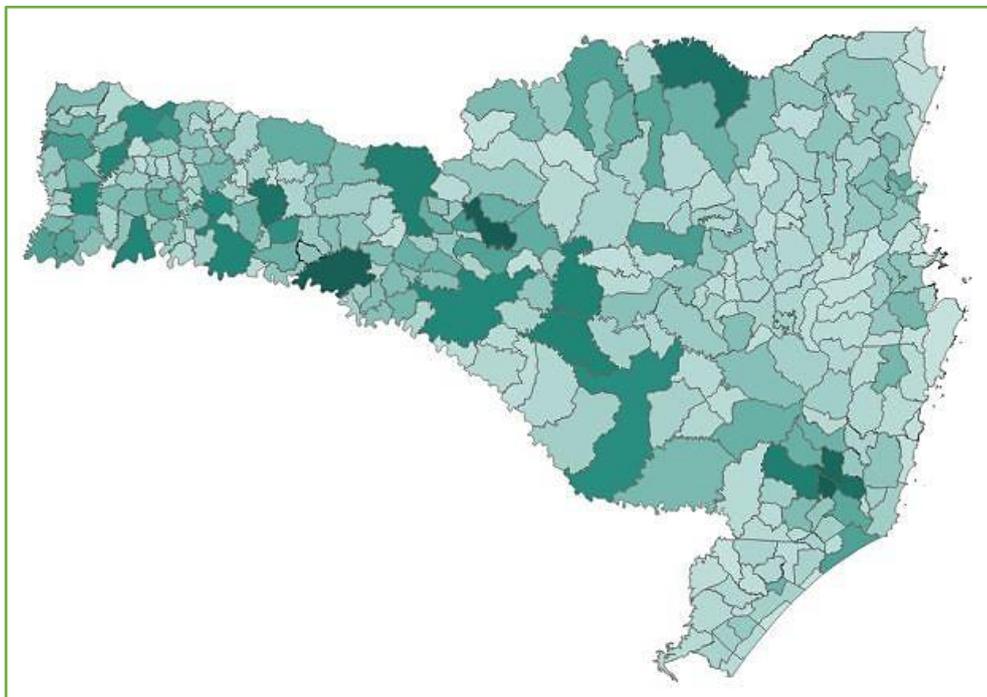


Figura 4. Bovinos – Santa Catarina distribuição da produção de animais destinados ao abate – 2024

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025). Elaborado por Epagri/Cepa

Santa Catarina exportou 1,97 mil toneladas de carne bovina em 2024, com US\$ 7,91 milhões em receitas, altas de 95,1% e 115,7% em relação ao ano anterior, respectivamente. O estado ocupa a 16ª posição no *ranking* nacional. O principal destino da carne bovina catarinense nesse ano foi Israel, com receitas de US\$ 3,52 milhões, o que equivale a 43,7% do total exportado pelo estado.

Em 2024, os preços do boi gordo em Santa Catarina seguiram a tendência nacional, porém com um característico atraso ("delay") nas oscilações, reflexo da particularidade da pecuária de corte no estado. Diferentemente de grandes polos produtores, Santa Catarina depende significativamente da "importação" de carne bovina de outras unidades da federação para suprir sua demanda interna, o que explica essa defasagem nos ajustes de preço. Além disso, os reflexos das exportações sobre o mercado local se dão de forma indireta e difusa, dada a baixa participação desse canal de comercialização no âmbito estadual. Durante o primeiro semestre, os preços mantiveram-se relativamente estáveis, com flutuações mínimas, refletindo um equilíbrio inicial entre oferta e demanda.

A partir de julho, iniciou-se uma inflexão nos preços, que passaram a apresentar trajetória ascendente, tendência que se intensificou a partir de setembro. Esta mudança alinhou-se ao cenário nacional, marcado por três fatores principais: o expressivo volume de exportações brasileiras de carne bovina, o aquecimento da demanda interna e o retardo na disponibilidade de animais prontos para abate, esta última agravada por adversidades climáticas em importantes regiões produtoras.

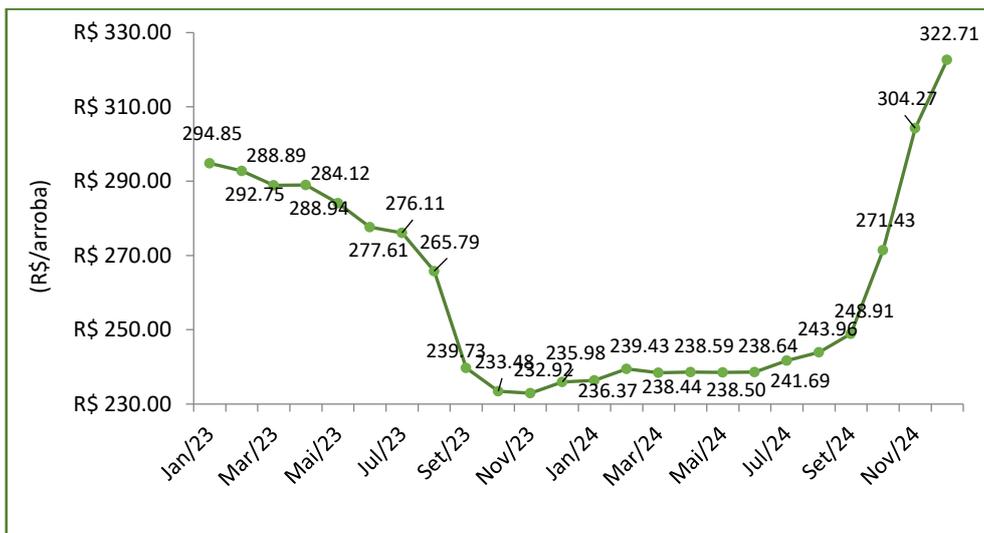


Figura 5. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal estadual ao produtor (R\$/arroba) – 2023-24

Fonte: Epagri/Cepa (fevereiro/2025)

Em dezembro de 2024, o preço médio estadual do boi gordo encontrava-se 36,8% acima do valor registrado no mesmo período do ano anterior (considerando-se os valores nominais, não corrigidos).

Carne de frango

Alexandre Luís Giehl – Engenheiro-agrônomo, Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Após vários anos consecutivos de crescimento, a produção mundial de carne de frango registrou queda de 0,8% em 2024, na comparação com o ano anterior, segundo dados preliminares do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Contudo, entre os dez maiores produtores globais, a maioria apresentou desempenho positivo, destacando-se Estados Unidos (1,4%), China (1,4%) e União Europeia (2,7%). Vale notar que as variações negativas concentraram-se nos demais países, possivelmente em decorrência de inconsistências nos registros do USDA relativos a essas nações.

Os quatro maiores produtores responderam por 60,9% do total mundial em 2024.

Tabela 1. Carne de frango – Produção mundial – 2020-24

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Estados Unidos	20.255	20.391	20.993	21.082	21.384
Brasil	13.880	14.500	14.465	14.900	15.000
China	14.600	14.700	14.300	14.800	15.000
União Europeia	11.030	10.840	10.880	11.084	11.385
Rússia	4.680	4.600	4.800	4.800	4.800
México	3.596	3.665	3.763	3.888	3.985
Tailândia	3.250	3.220	3.300	3.450	3.490
Argentina	2.215	2.290	2.319	2.436	2.485
Turquia	2.136	2.246	2.418	2.330	2.400
Colômbia	1.685	1.773	1.893	1.890	1.920
Demais países	22.420	23.113	23.068	23.168	21.197
Total	99.747	101.338	102.199	103.828	103.046

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA (novembro/2024)

Para 2025, as projeções iniciais do USDA indicam crescimento global de 1,8%, bem como desempenho positivo em todos os grandes produtores, com destaque para Estados Unidos (1,6%) e China (2,0%).

Em 2024, o consumo global de carne de frango registrou uma retração de 0,9%, segundo dados do USDA, marcando um contraste com o desempenho positivo observado nos anos anteriores. Apesar desse resultado negativo em nível mundial, a maioria dos principais mercados consumidores manteve trajetória de crescimento no período. Os Estados Unidos se destacaram com um aumento de 3,1%, seguidos pela União Europeia (1,7%) e México (1,2%). Por outro lado, China e Brasil figuram como exceções, com reduções de 1,1% e 0,3%, respectivamente. Vale ressaltar que os quatro maiores mercados consumidores concentraram 53,4% do total mundial, demonstrando a elevada concentração da demanda nesses polos.

Tabela 2. Carne de frango – Consumo mundial – 2020-24

(mil toneladas)

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Estados Unidos	16.994	17.170	17.676	17.866	18.412
China	15.211	15.031	14.401	15.002	14.830
União Europeia	9.651	9.648	9.881	10.157	10.325
Brasil	10.010	10.279	10.023	10.135	10.105
México	4.431	4.575	4.666	4.890	4.951
Rússia	4.688	4.632	4.750	4.812	4.850
Japão	2.757	2.848	2.877	2.845	2.940
Reino Unido	2.068	2.173	2.484	2.569	2.610
Tailândia	2.323	2.279	2.309	2.332	2.360
Argentina	2.025	2.116	2.138	2.298	2.320
Demais países	27.221	28.121	28.488	28.597	26.888
Total	97.379	98.872	99.693	101.503	100.591

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA (novembro/2024)

Para 2025, as projeções do USDA apontam uma recuperação do setor, com expectativa de crescimento de 1,7% no consumo mundial e resultados positivos em todos os principais mercados.

Em 2024, o mercado internacional de carne de frango registrou uma retração de 1,3% nas importações em relação ao ano anterior, conforme dados preliminares do USDA. Esse resultado foi impulsionado principalmente pela expressiva redução de 32,5% nas aquisições chinesas, somada às quedas no México (-3,6%) e na União Europeia (-0,3%). Contudo, esse cenário foi parcialmente compensado pelo crescimento nas importações do Japão (6,3%), Arábia Saudita (6,4%) e Reino Unido (3,2%). Os quatro maiores importadores concentraram 34,2% do total transacionado globalmente.

Tabela 3. Carne de frango – Importações mundiais – 2020-24

(mil toneladas)

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Japão	1.005	1.077	1.101	1.063	1.130
México	842	917	915	1.006	970
Reino Unido	732	689	903	935	965
União Europeia	660	647	703	722	720
Arábia Saudita	618	615	594	564	600
Iraque	468	388	486	529	550
China	999	788	633	756	510
Filipinas	336	437	496	437	480
Emirados Árabes Unidos	358	384	356	375	385
Cuba	262	353	345	314	325
Demais países	4.415	4.513	4.564	4.514	4.430
Total	10.695	10.808	11.096	11.215	11.065

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA (novembro/2024)

Para 2025, as projeções indicam uma recuperação moderada, com crescimento estimado de 0,8% nas importações mundiais, tendo o México (2,1%) como um dos principais motores dessa expansão.



No segmento exportador, 2024 registrou um desempenho ligeiramente positivo (0,3%), marcado por resultados heterogêneos entre os principais *players*. Enquanto o Brasil (2,8%) e a União Europeia (7,9%) apresentaram crescimentos significativos, os Estados Unidos enfrentaram retração de 7,4% em seus embarques. A concentração do mercado ficou evidente, com os quatro maiores exportadores respondendo por mais de 80% do comércio global, sendo o Brasil responsável sozinho por 36,1% do total.

Tabela 4. Carne de frango – Exportações mundiais – 2020-24⁹

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Brasil	3.875	4.226	4.447	4.767	4.900
Estados Unidos	3.376	3.350	3.314	3.302	3.058
União Europeia	2.039	1.839	1.702	1.649	1.780
Tailândia	917	907	1.021	1.098	1.150
China	388	457	532	554	680
Ucrânia	428	458	419	428	445
Turquia	465	559	646	459	335
Reino Unido	443	357	266	224	255
Rússia	216	218	245	220	225
Argentina	196	183	194	144	170
Demais países	735	750	738	685	576
Total	13.078	13.304	13.524	13.530	13.574

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA (novembro/2024)

As perspectivas para 2025 são mais otimistas, com projeção de crescimento de 2,0% nas exportações mundiais. Todos os principais exportadores deverão registrar desempenhos positivos, com o Brasil mantendo sua liderança com alta de 2,0%. Vale destacar que essa estimativa mostra notável convergência com a projeção da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), que prevê expansão de 1,9% nas exportações brasileiras no próximo ano.

Produção e mercado nacionais

O setor avícola brasileiro consolidou seu crescimento em 2024, reforçando a posição do país como um dos principais *players* globais do segmento. Conforme os números oficiais (Figura 1), o Brasil registrou o abate de 6,46 bilhões de frangos no período, representando um aumento de 2,7% em relação a 2023. Esse volume expressivo de abates resultou na produção de 13,64 milhões de toneladas de carne de frango (em equivalente-carcaça), crescimento de 2,4% frente ao ano anterior.

⁹ A diferença entre as quantidades totais importadas e exportadas a cada ano é decorrente da metodologia de levantamento de dados do USDA.

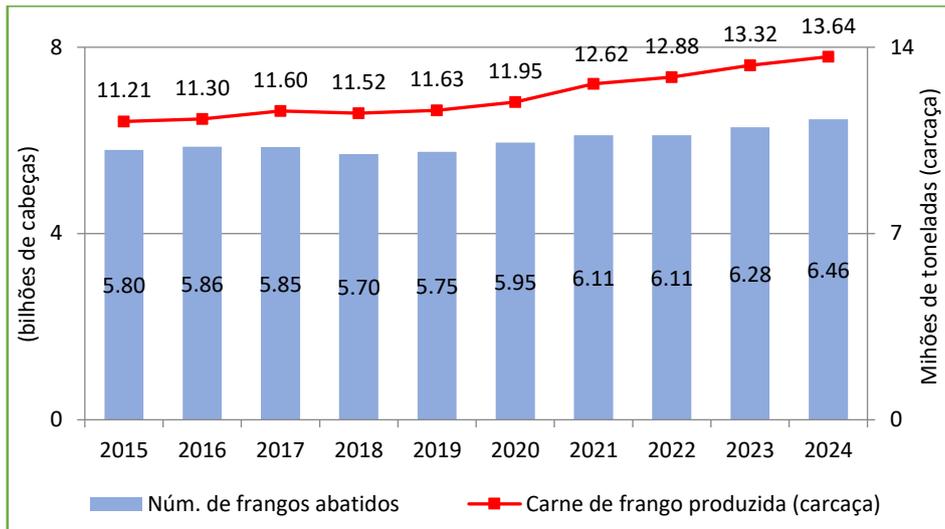


Figura 1. Carne de frango – Brasil: evolução da produção – 2015-24

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (março/2025)

O Paraná segue como principal produtor de frangos do país, com mais de 1/3 do total nacional. A segunda posição do ranking é ocupada por Santa Catarina (13,5%), seguida por São Paulo (11,9%) e Rio Grande do Sul (9,3%). A Tabela 5 apresenta os dados consolidados de produção de carne e número de aves abatidas nos anos de 2022 a 2024.

Tabela 5. Carne de frango – Brasil: produção dos principais estados – 2022-24

Unidade da Federação	Carcaça (x 1.000 t)				Animais abatidos (milhões de cabeças)			
	2022	2023	2024	Particip. em 2024 (%)	2022	2023	2024	Particip. em 2024 (%)
Paraná	4.353,19	4.612,55	4.755,83	34,9	2.043,18	2.155,18	2.208,45	34,2
Santa Catarina	1.638,16	1.739,79	1.838,67	13,5	798,08	839,04	890,96	13,8
São Paulo	1.498,30	1.536,47	1.624,02	11,9	642,89	669,93	710,14	11,0
Rio Grande do Sul	1.464,82	1.418,40	1.262,95	9,3	820,78	787,81	737,90	11,4
Goiás	1.019,28	1.094,74	1.132,30	8,3	466,40	489,34	501,94	7,8
Minas Gerais	938,47	1.011,46	1.023,97	7,5	436,21	470,96	484,80	7,5
Mato Grosso	394,42	392,25	442,75	3,2	197,60	191,74	211,87	3,3
Mato Grosso do Sul	413,74	398,88	413,67	3,0	186,91	175,90	183,07	2,8
Bahia	309,65	288,59	288,65	2,1	138,56	128,60	130,92	2,0
Pernambuco	124,83	131,23	146,29	1,1	57,55	60,15	66,26	1,0
Demais estados	720,54	697,51	714,15	5,2	321,66	314,15	329,20	5,1
Brasil	12.875,40	13.321,86	13.643,26	100	6.109,83	6.282,79	6.455,52	100

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (março/2025)

A avicultura brasileira apresentou um desempenho heterogêneo entre os principais estados produtores em 2024. Enquanto a maioria registrou crescimento significativo na produção de carne de frango (em equivalente-carcaça), com destaque para o Paraná (6,0%) e Santa Catarina (6,2%), o Rio Grande do Sul foi uma das exceções, com queda de 3,2% no volume produtivo. Essa retração gaúcha está associada aos impactos da catástrofe climática que atingiu o estado em maio de 2024, evento que comprometeu parte da capacidade produtiva local, bem como à ocorrência de um foco da doença de *Newcastle* naquele estado, em julho.

A análise regional confirma a manutenção do tradicional eixo produtivo concentrado nas regiões Sul e Sudeste, que juntas responderam por 79,4% dos abates nacionais de frangos em

2024. A Região Sul, embora tenha mantido sua posição dominante com 59,4% do total de abates, apresentou ligeira redução em sua participação relativa frente aos 60,2% registrados em 2023. O Sudeste consolidou-se como segunda maior região produtora, com 20,0% dos abates, seguido pelo Centro-Oeste (13,9%), Nordeste (4,4%) e Norte (2,3%).

O Brasil consolidou sua posição como líder global no comércio de carne de frango em 2024, alcançando resultados históricos tanto em volume quanto em valor. As exportações totalizaram 5,16 milhões de toneladas, representando um crescimento de 2,9% em relação ao ano anterior, enquanto as receitas atingiram US\$ 9,74 bilhões, com aumento de 1,3%. Estes números marcam os melhores desempenhos desde o início da série histórica, em 1997.

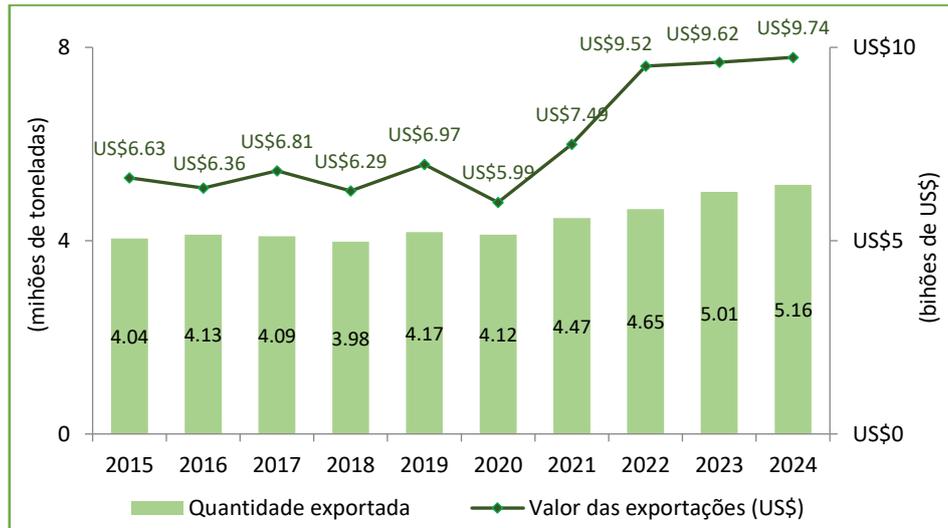


Figura 2. Carne de frango – Brasil: evolução das exportações – 2015-24

Fonte: Comex Stat/MDIC (março/2025)

O cenário internacional de sanidade animal continuou favorável às exportações brasileiras, com a ocorrência de surtos de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) em importantes países produtores, contrastando com a situação sanitária privilegiada do Brasil, que manteve seu status livre da doença em granjas comerciais. É importante destacar que em 2024 o Brasil registrou 15 focos da doença – todos em aves silvestres – número expressivamente inferior ao de 2023, quando foram registrados 151 focos.

A posição dominante do Brasil no mercado global deve-se a três pilares principais: boas condições sanitárias de seu plantel, capacidade produtiva em larga escala (com produção recorde de 13,64 milhões de toneladas em 2024) e custos de produção competitivos.

Em 2024, a China se manteve como principal destino das exportações brasileiras de carne de frango, respondendo por 13,2% das receitas totais (equivalente a US\$ 1,29 bilhão) e 10,9% do volume exportado (561,1 mil toneladas). Entretanto, os embarques para o mercado chinês registraram expressivas quedas de 17,8% em quantidade e 19,9% em valor comparado a 2023, reflexo do aumento da produção doméstica chinesa e maior concorrência de outros fornecedores globais, como Tailândia e Rússia. Os Emirados Árabes Unidos consolidaram-se como segundo maior importador, com crescimento de 3,3% em volume e 6,6% em valor, fortalecendo sua posição como mercado estratégico no Oriente Médio.

Apesar da liderança mantida por China e Emirados Árabes Unidos, observou-se um movimento de desconcentração nos destinos das exportações. Os quatro principais mercados importadores (China, Emirados Árabes Unidos, Japão e Arábia Saudita) representaram juntos

40,1% das receitas e 35,5% do volume total – percentuais inferiores aos registrados no ano anterior, indicando uma desejável diversificação de mercados. No total, o Brasil exportou carne de frango para 169 países em 2024.

Quanto ao perfil dos produtos exportados, a carne *in natura* congelada continuou dominando as vendas externas, respondendo por 92,9% do valor total (US\$9,05 bilhões). As carnes industrializadas representaram 4,1% (US\$397,0 milhões), enquanto as miudezas contribuíram com 3,0% (US\$290,0 milhões).

Tabela 6. Carne de frango – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2024

País	Valor - US\$ (milhões)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
China	1.288,03	13,2	561.097	10,9
Emirados Árabes Unidos	946,70	9,7	454.932	8,8
Japão	855,75	8,8	442.979	8,6
Arábia Saudita	818,46	8,4	370.642	7,2
México	533,61	5,5	211.669	4,1
Países Baixos (Holanda)	477,34	4,9	162.195	3,1
Iraque	401,30	4,1	180.038	3,5
Coveite (Kuwait)	305,99	3,1	119.321	2,3
Coreia do Sul	287,98	3,0	155.778	3,0
Reino Unido	279,87	2,9	90.826	1,8
Demais países	3.546,71	36,4	2.407.103	46,7
Total	9.741,73	100	5.156.578	100

Fonte: Comex Stat/MDIC (março/2025)

A diversificação de mercados e a manutenção dos rigorosos padrões de qualidade sanitária permanecem como fatores-chave para a sustentabilidade desse desempenho exportador no longo prazo.

Os dados de 2024 confirmam a hegemonia da Região Sul nas exportações brasileiras de carne de frango, respondendo por mais de $\frac{3}{4}$ do total embarcado pelo país (Tabela 7).

Tabela 7. Carne de frango – Brasil: exportações dos principais estados e da Região Sul – 2024

Abrangência	Valor - US\$ (milhões)	% do total	Quantidade (t)	% do total
Brasil	9.741,73	100	5.156.578,2	100
Região Sul	7.587,60	77,9	4.029.019,7	78,1
Paraná	4.028,67	41,4	2.170.630,9	42,1
Santa Catarina	2.292,00	23,5	1.166.726,1	22,6
Rio Grande do Sul	1.266,92	13,0	691.662,8	13,4

Fonte: Comex Stat/MDIC (março/2025)

Apesar da predominância sulista, observa-se um crescimento relativo de outras regiões, especialmente o Centro-Oeste, que vem ampliando sua participação ano a ano, indicando um processo gradual de desconcentração geográfica da atividade exportadora.

A disponibilidade *per capita* de carne de frango no Brasil registrou um aumento de 1,6% em 2024 em comparação com o ano anterior, refletindo um equilíbrio entre produção e demanda. Esse crescimento foi impulsionado principalmente pelo incremento de 2,4% na produção nacional, que alcançou o recorde de 13,64 milhões de toneladas. O mercado interno se

beneficiou desse cenário, mesmo com a expansão das exportações, que cresceram 2,9% e absorveram parte da produção adicional. Embora as importações tenham apresentado uma variação percentual expressiva (141,8%), seu impacto na disponibilidade geral foi mínimo, já que representaram apenas 0,04% da oferta de 2024.

Tabela 8. Carne de frango – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2024¹⁰

Parâmetro	2010	2015	2020	2022	2023	2024
Produção (t)	9.324.217	11.209.486	11.945.466	12.875.404	13.321.863	13.643.264
Importação (t)	1.240	4.110	5.165	4.831	2.105	5.088
Exportação (t)	3.815.960	4.223.192	4.124.659	4.652.771	5.009.313	5.156.578
Disponibilidade interna (t)	5.509.497	6.990.403	7.825.972	8.227.464	8.314.655	8.491.774
População (milhões hab.) ⁽¹⁾	190,76	195,77	200,91	203,06	204,12	205,20
Kg/habitante/ano	28,88	35,71	38,95	40,52	40,73	41,38

⁽¹⁾ Os dados populacionais de 2010 a 2021 foram ajustados pela Conab, a partir dos resultados do Censo Demográfico 2022, do IBGE.

Fontes: IBGE; Comex Stat/MDIC; Conab (2025)

As projeções para o setor avícola brasileiro em 2025 apontam para um cenário de crescimento moderado, porém sujeito a importantes condicionantes externas e sanitárias. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea - Esalq/USP), a produção nacional de carne de frango deverá alcançar 14,2 milhões de toneladas nesse ano, representando um aumento de 2,9% em relação a 2024 – projeção que se alinha com a estimativa de 2,7% divulgada pela ABPA. No que diz respeito às exportações, a ABPA prevê uma expansão mais modesta de 1,9% no volume embarcado, indicando uma pequena desaceleração no ritmo de crescimento das vendas externas.

Este panorama otimista, contudo, está sujeito a importantes fatores de risco que exigem monitoramento constante. A manutenção do atual status sanitário brasileiro – livre de influenza aviária em granjas comerciais – constitui o pilar fundamental para a concretização dessas projeções. O eventual surgimento de focos da doença em criações comerciais no território nacional poderia desencadear efeitos em cascata, comprometendo não apenas as exportações como toda a cadeia produtiva doméstica. Paralelamente, a evolução da situação sanitária nos países concorrentes continuará influenciando a demanda internacional pela proteína brasileira.

Outras variáveis críticas incluem as possíveis mudanças na política econômica e comercial dos Estados Unidos sob a nova administração de Donald Trump, que podem alterar as dinâmicas do comércio global de proteínas animais. No plano doméstico, a estabilidade dos custos de produção – particularmente dos preços do milho e da soja, que representam cerca de 70% do custo das rações – permanece como fator determinante para a rentabilidade do setor. Flutuações significativas nestes insumos básicos poderiam comprometer tanto o volume projetado de produção quanto a competitividade internacional da carne de frango brasileira.

¹⁰ Em função da divulgação dos resultados do Censo Demográfico em meados de 2023, foi necessário ajustar os dados populacionais dos anos anteriores, uma vez que o referido censo apresentou valores bastante distintos daqueles que eram estimados anualmente pelo IBGE, o que distorce significativamente os cálculos de disponibilidade per capita. Em razão disso, na Tabela 8 são utilizados dados populacionais ajustados pela Conab por meio de cálculos estatísticos específicos, a partir das informações originais do IBGE.

Produção e mercado estaduais

Em 2024, a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc) registrou o abate de 886,7 milhões de frangos¹¹ produzidos em Santa Catarina – volume 1,8% superior ao de 2023. A contabilização inclui exclusivamente aves criadas em território catarinense e processadas em estabelecimentos com inspeção sanitária (sejam eles de âmbito municipal/SIM, estadual/SIE ou federal/SIF), independentemente de estarem localizados em Santa Catarina ou em outras unidades da federação.¹²

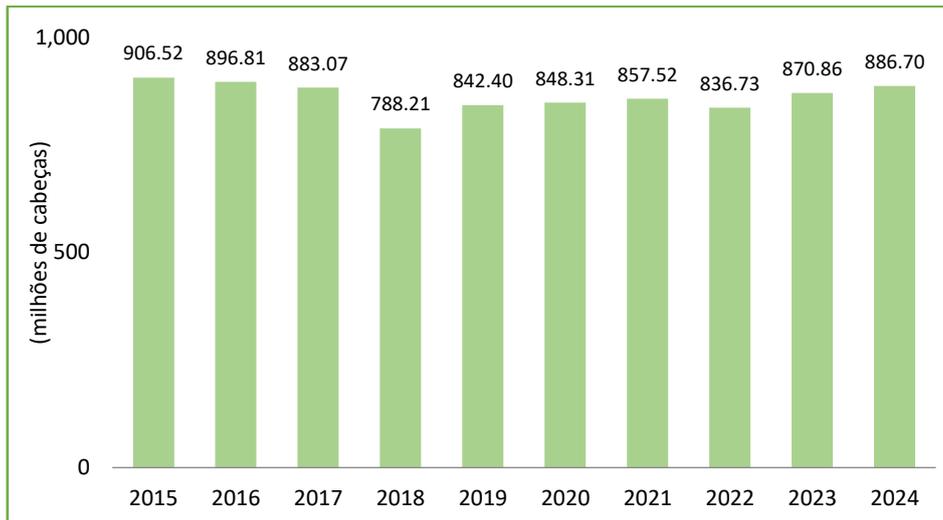


Figura 3. Frangos – Santa Catarina: evolução da produção de aves destinadas ao abate – 2015-24

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

Em 2024, 97,4% das aves produzidas em Santa Catarina foram abatidas no próprio estado, enquanto os 2,6% restantes foram processados em outras três unidades federativas: Paraná (16,8 milhões), Rio Grande do Sul (5,4 milhões) e São Paulo (1,3 milhão).

A Mesorregião Oeste Catarinense, composta pelas microrregiões de Chapecó, Joaçaba, São Miguel do Oeste, Xanxerê e Concórdia, concentrou 77,2% da produção avícola do estado em 2024. A Tabela 9 detalha a distribuição dessa produção segundo a microrregião de origem das aves.

¹¹ Esse montante inclui tanto as aves cuja finalidade principal é o abate (frangos de corte), quanto aquelas com outras finalidades, mas que, em algum momento de seu ciclo de vida, são destinadas ao abate.

¹² Este é um dos fatores que explica a diferença entre os números da Cidasc e os do IBGE. A metodologia utilizada na Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE) considera apenas os animais abatidos em cada unidade da Federação, independente de sua origem. No caso dos dados da Cidasc apresentados neste tópico, levam-se em consideração os municípios e microrregiões de origem dos animais (ou seja, de onde eles saíram para ser abatidos), independente de o abate ter sido realizado em outra região ou estado.

Tabela 9. Frangos – Santa Catarina: microrregiões de origem das aves produzidas – 2024

Microrregião	Nº de aves (milhões) ⁽¹⁾	Participação (%)
Chapecó	197,64	22,3
Joaçaba	188,42	21,2
Concórdia	153,20	17,3
Xanxerê	74,92	8,4
São Miguel do Oeste	70,58	8,0
Canoinhas	49,62	5,6
Araranguá	45,34	5,1
Criciúma	37,23	4,2
Tubarão	23,75	2,7
Curitibanos	13,81	1,6
Demais microrregiões	32,19	3,6
Total	886,70	100

⁽¹⁾ Os dados incluem as aves abatidas em Santa Catarina (97,4%) e aquelas abatidas em outras UF (2,6%), bem como as diversas categorias de galináceos destinados ao abate.

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

Dentre os dez municípios catarinenses que mais produziram frangos em 2024, oito estão localizados na Mesorregião Oeste Catarinense. As exceções foram Itaiópolis e Mafra, situados no Norte Catarinense. Juntos, esses dez municípios concentraram 26,8% do total de aves abatidas no estado durante o ano.

Tabela 10. Frangos – Santa Catarina: principais municípios de origem das aves produzidas – 2024

Município	Nº de aves (milhões) ⁽¹⁾	Participação (%)
1º Rio das Antas	33,42	3,8
2º Videira	32,88	3,7
3º Seara	25,63	2,9
4º Concórdia	24,88	2,8
5º Itaiópolis	23,45	2,6
6º Itá	20,45	2,3
7º Ipumirim	20,38	2,3
8º Ouro	20,23	2,3
9º Mafra	18,63	2,1
10º Palmitos	17,56	2,0
Demais municípios	649,19	73,2
Total	886,70	100

⁽¹⁾ Os dados incluem as aves abatidas em Santa Catarina (97,4%) e aquelas abatidas em outras UF (2,6%), bem como as diversas categorias de galináceos destinados ao abate.

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

A Figura 4 apresenta a distribuição da produção de frangos em 2024, de acordo com o município de origem. Quanto mais escura a coloração no mapa, maior o número de animais produzidos.

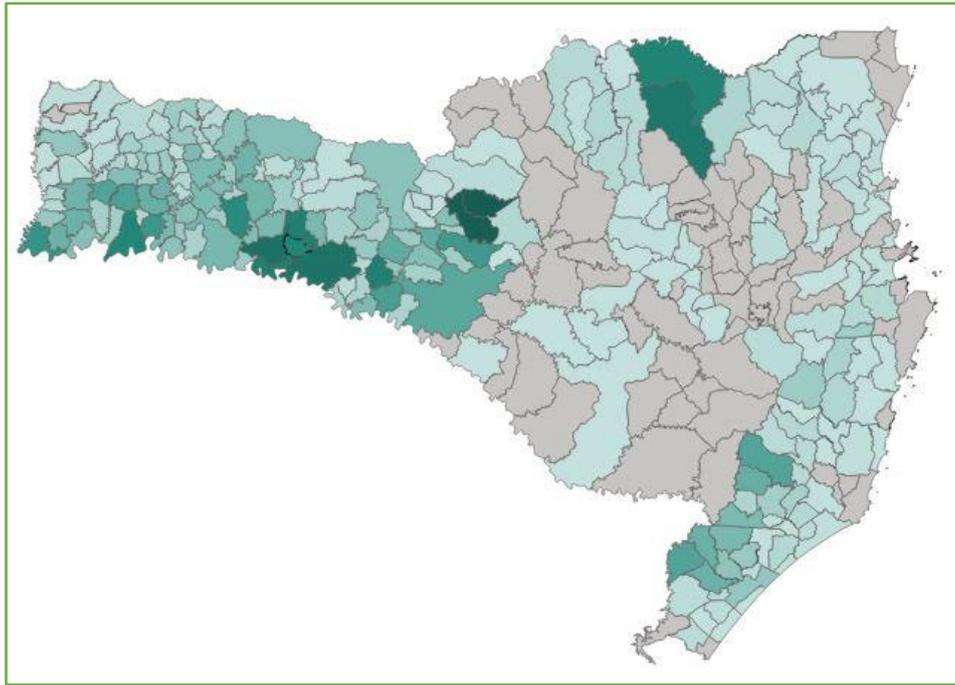


Figura 4. Frangos – Santa Catarina: distribuição da produção de aves destinadas ao abate – 2024

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025). Elaborado por Epagri/Cepa

Em 2024, aproximadamente 4,6 mil avicultores catarinenses forneceram frangos para abate em estabelecimentos inspecionados, representando uma redução de 7,9% em relação ao ano anterior (Tabela 11). Entre 2013 e 2024, observou-se um declínio de 38,7% no número de produtores, evidenciando um intenso processo de concentração na produção avícola do estado durante os últimos anos.

Tabela 11. Frangos – Santa Catarina: número de produtores que destinaram aves para abate – 2013-2024

Parâmetro	2013	2020	2021	2022	2023	2024
Número de produtores	7.512	5.695	5.502	5.258	5.001	4.607

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

Apesar da significativa diminuição no número de produtores, o volume total de abates tem se mantido estável ou mesmo apresentado crescimento moderado, indicando que as propriedades remanescentes vêm aumentando sua capacidade produtiva.

O estado de Santa Catarina manteve sua posição como segundo maior exportador brasileiro de carne de frango em 2024, respondendo por expressivos 22,6% das receitas nacionais com o produto. Os dados revelam um desempenho robusto do setor avícola catarinense, com as exportações registrando crescimento de 5,7% em volume e uma leve alta de 0,2% em valor, em comparação com o ano anterior (Tabela 12 e Figura 5). Este desempenho representou um marco histórico para o estado: as receitas obtidas em 2024 constituíram o melhor resultado de toda a série histórica, enquanto o volume exportado ficou como o terceiro maior já registrado, superado apenas pelos anos de 2018 e 2019.

Tabela 12. Carne de frango – Santa Catarina: exportações – 2010-24

Parâmetro	2010	2015	2020	2022	2023	2024
Quantidade exportada (t)	933.314	906.984	964.908	1.016.616	1.103.685	1.166.726
Valor exportado (milhão - US\$)	1.765,94	1.601,73	1.497,59	2.196,31	2.287,36	2.292,00

Fonte: Comex Stat/MDIC (março/2025)

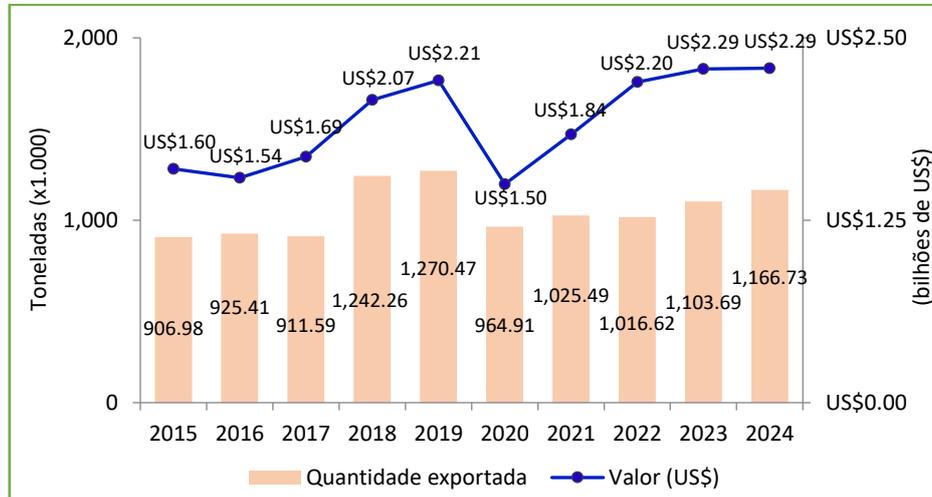


Figura 5. Carne de frango – Santa Catarina: exportações – 2015-24

Fonte: Comex Stat/MDIC (março/2025)

Em 2024, a carne de frango produzida em Santa Catarina chegou a 135 países, demonstrando a ampla aceitação internacional dos produtos avícolas do estado. A ampla diversificação geográfica proporciona maior resiliência ao setor, reduzindo a dependência de mercados específicos e mitigando riscos comerciais.

A composição das exportações revela a predominância da carne *in natura* congelada, que respondeu por 88,0% do valor total exportado, enquanto as carnes industrializadas representaram 9,9% das receitas e os miúdos contribuíram com 2,1% do total.

As exportações de carne de frango de Santa Catarina apresentaram um desempenho heterogêneo entre seus principais mercados em 2024, com tendência predominante de crescimento. O Japão registrou aumentos expressivos de 25,2% em volume e 8,4% em valor, o que lhe garantiu 12,4% de participação no total exportado pelo estado. Esse resultado marcou o retorno do país asiático à liderança entre os compradores da proteína catarinense, posição que havia perdido no ano anterior. Os Países Baixos, segundo maior importador, também apresentaram performance positiva, com crescimentos de 9,1% em quantidade e 5,1% em receitas, consolidando sua posição estratégica como porta de entrada para o mercado europeu. Outro desempenho notável foi o do México, que, embora ocupando a sexta posição no *ranking*, registrou saltos significativos de 29,4% em volume e 57,1% em valor, demonstrando o potencial de expansão daquele destino. Em contrapartida, a China apresentou queda acentuada, com reduções de 17,8% na quantidade e 24,2% no valor importado de Santa Catarina. Essa retração reflete tanto o aumento da produção doméstica chinesa quanto a maior concorrência de outros exportadores no mercado asiático.

A Ásia manteve-se como principal região compradora, responsável por 62,6% das receitas catarinenses com carne de frango em 2024. No entanto, houve uma redução em sua participação relativa frente aos 66,1% registrados em 2023, indicando um processo gradual de diversificação geográfica das exportações. Esse movimento sugere que, embora continue

dependente fortemente do mercado asiático, o setor avícola catarinense vem buscando alternativas em outras regiões, como Europa e América, para equilibrar seus fluxos comerciais e reduzir vulnerabilidades.

Tabela 13. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 2023-24⁽¹⁾

País	2023		2024		Variação 2023/2024	
	Valor (milhões US\$)	Quantidade (t)	Valor (milhões US\$)	Quantidade (t)	Valor (%)	Quantidade (%)
Japão	261,89	118.537	283,71	148.394	8,3%	25,2
Países Baixos (Holanda)	258,84	84.453	272,09	92.172	5,1%	9,1
Arábia Saudita	260,49	117.922	245,30	118.220	-5,8%	0,3
China	277,55	129.336	210,24	106.220	-24,3%	-17,9
Emirados Árabes Unidos	185,38	85.808	186,48	81.325	0,6%	-5,2
México	79,85	35.372	125,38	45.747	57,0%	29,3
Reino Unido	122,13	37.685	122,34	42.010	0,2%	11,5
Coreia do Sul	139,13	66.957	103,97	55.868	-25,3%	-16,6
Singapura	95,56	41.685	81,14	43.656	-15,1%	4,7
Iraque	54,25	25.911	80,66	34.756	48,7%	34,1
Demais países	552,30	360.018	580,70	398.358	5,1%	10,6
Total	2.287,36	1.103.685	2.292,00	1.166.726	0,2%	5,7

⁽¹⁾ Ranking elaborado a partir dos valores das exportações catarinenses no ano de 2024.

Fonte: Comex Stat/MDIC (março/2025)

O mercado de frango vivo em Santa Catarina apresentou dinâmica distinta ao longo de 2024, com comportamento oposto entre os dois semestres. O primeiro semestre foi marcado por tendência de baixa nos preços, enquanto o segundo registrou recuperação moderada, com movimentos ascendentes menos acentuados. A comparação entre os preços médios de dezembro de 2024 e dezembro de 2023 mostra variação positiva de 7,2% (levando-se em consideração os valores nominais). Contudo, grande parte desse resultado concentrou-se especificamente no período entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024. Quando examinamos exclusivamente a evolução de janeiro a dezembro de 2024, a variação se reduz significativamente para apenas 2,7%. Considerando-se o IGP-DI do período, observa-se variação negativa de 4,2% no preço ao produtor.

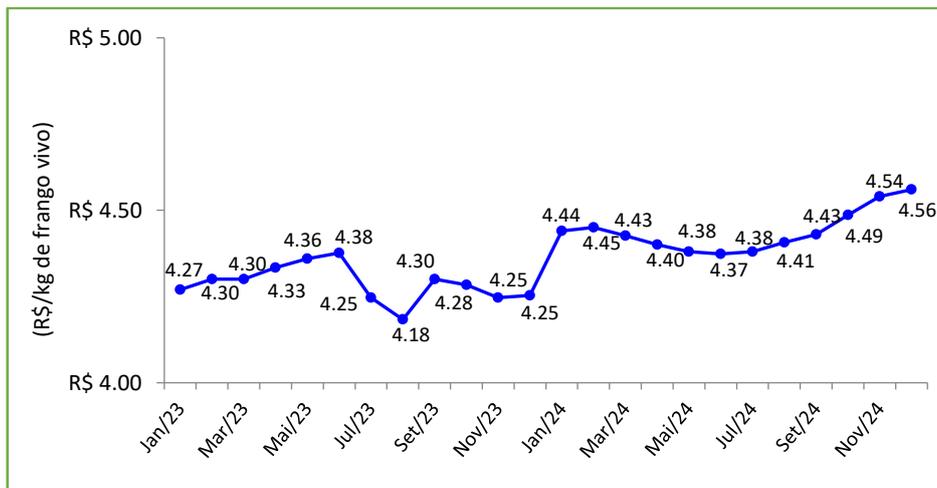


Figura 6. Frango vivo – Santa Catarina: evolução dos preços⁽¹⁾ – 2023-24

⁽¹⁾ Preço do frango vivo no sistema de integração, posto na plataforma – média de Santa Catarina.

Fonte: Epagri/Cepa (fevereiro/2025)

A situação se mostra mais crítica ao considerarmos o poder de compra real dos produtores. Quando aplicada a correção pelo IGP-DI, verifica-se que os avicultores catarinenses enfrentaram efetiva desvalorização de 4,2% nos preços recebidos ao longo do ano. Essa pressão sobre as margens foi particularmente acentuada no primeiro semestre, reflexo da combinação entre preços em queda e custos de produção elevados, especialmente para insumos como milho e soja.

Os dados da Embrapa Suínos e Aves revelam um cenário desafiador para a avicultura catarinense no final de 2024. Em dezembro, o custo de produção do frango em sistemas de aviários climatizados com pressão positiva atingiu R\$ 5,02 por quilo de peso vivo, representando uma expressiva elevação de 8,9% em relação ao mesmo período de 2023 (em valores nominais).

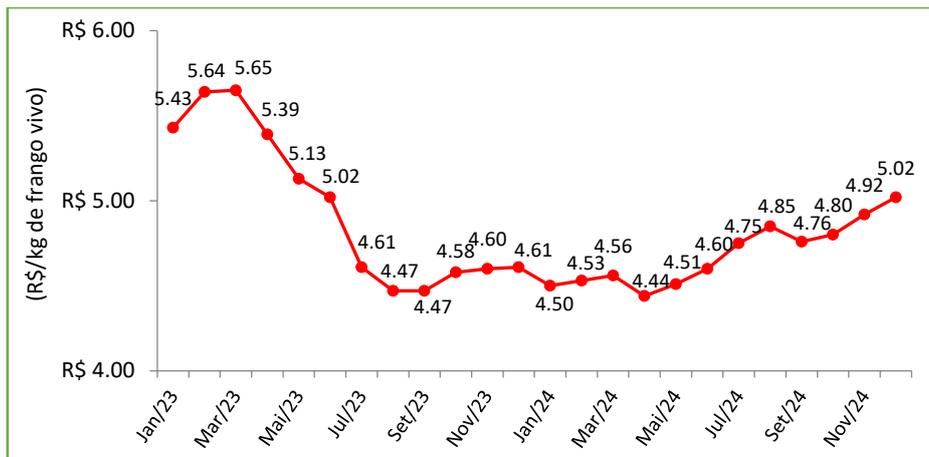


Figura 7. Frango vivo – Santa Catarina: custo de produção em aviário climatizado (pressão positiva) – 2023-24

Fonte: Embrapa Suínos e Aves (março/2025)

A relação de troca insumo/produto manteve-se estável durante a maior parte do ano de 2024, conforme evidencia a Figura 8. No entanto, o último trimestre apresentou mudanças significativas, com variações positivas na relação de troca, impulsionadas principalmente pela elevação nos preços do milho.

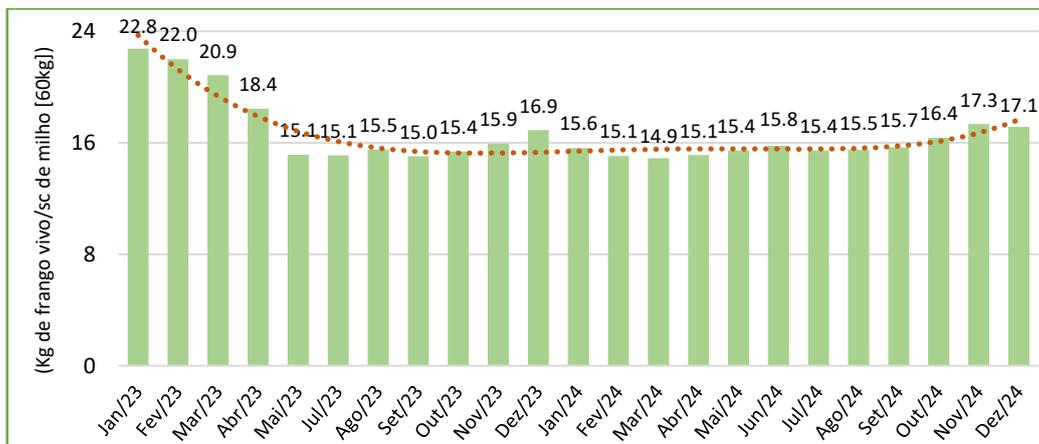


Figura 8. Frangos – Santa Catarina: evolução da relação de troca insumo-produto⁽¹⁾ – 2023-24

⁽¹⁾ Quilogramas de frango vivo necessários para adquirir uma saca de milho (60kg). Para fins de cálculo, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

Fonte: Epagri/Cepa (fevereiro/2025)

Carne suína

Alexandre Luís Giehl – Engenheiro-agrônomo, Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Em 2024, o mercado global de carne suína registrou uma discreta retração de 0,2% na produção, segundo dados preliminares do USDA. Esse resultado reflete principalmente o desempenho negativo da China, maior produtor mundial, que apresentou queda de 2,1% em seu volume. Contudo, a maioria dos grandes produtores compensou parcialmente esse declínio com resultados positivos, destacando-se a União Europeia (2,0%) e os Estados Unidos (2,4%). O Brasil, quarto maior produtor global, registrou crescimento de 1,0% conforme o USDA – ligeiramente superior às estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como será detalhado posteriormente.

A concentração produtiva no setor permanece elevada, com os quatro maiores produtores respondendo por 82,0% do total mundial. A China mantém sua posição dominante, sendo responsável por quase metade da produção global (48,9%), enquanto o Brasil consolida sua quarta posição com 3,9% do mercado.

Tabela 1. Carne suína – Produção mundial – 2020-24

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
China	36.340	47.500	55.410	57.940	56.750
União Europeia	23.219	23.615	22.277	20.829	21.250
Estados Unidos	12.845	12.560	12.252	12.391	12.684
Brasil	4.125	4.365	4.350	4.450	4.495
Rússia	3.611	3.700	3.910	4.000	4.140
Vietnã	2.930	3.112	3.313	3.549	3.655
Canadá	2.115	2.101	2.078	2.106	2.085
México	1.451	1.484	1.530	1.557	1.590
Coreia do Sul	1.403	1.407	1.419	1.435	1.450
Japão	1.306	1.318	1.293	1.293	1.320
Demais países	6.715	6.790	6.785	6.751	6.599
Total	96.060	107.952	114.617	116.301	116.018

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA (novembro/2024)

Para 2025, as projeções do USDA indicam nova retração (-0,8%) na produção mundial, impulsionada principalmente pelas expectativas de queda na China (-2,2%) e na União Europeia (-1,6%). Em contrapartida, os demais grandes produtores deverão apresentar desempenhos positivos, sugerindo uma reconfiguração na dinâmica produtiva global. Essa perspectiva reforça a importância do Brasil e outros *players* na compensação dos declínios esperados nos polos tradicionais de produção.

O mercado global de carne suína registrou uma retração de 0,8% no consumo durante 2024, conforme dados do USDA. Essa queda foi impulsionada principalmente pelo declínio de 3,0% no consumo chinês, que responde por mais da metade (50,6%) da demanda mundial. Contudo, os demais grandes mercados apresentaram desempenhos positivos: 3,1% na União Europeia, 1,6% nos Estados Unidos e 2,9% na Rússia. Juntos, esses quatro principais mercados concentraram 78,7% do consumo global no período, evidenciando a alta dependência do setor em relação a poucos grandes consumidores.

Tabela 2. Carne suína – Consumo mundial – 2020-24

(mil toneladas)

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
China	41.517	51.724	57.434	59.741	57.952
União Europeia	18.203	18.720	18.220	17.813	18.360
Estados Unidos	10.034	9.919	9.957	9.829	9.991
Rússia	3.468	3.558	3.758	3.815	3.926
Vietnã	3.068	3.276	3.413	3.651	3.743
Brasil	2.949	3.047	3.033	3.038	3.012
México	2.052	2.320	2.544	2.653	2.775
Japão	2.732	2.760	2.765	2.739	2.750
Coreia do Sul	1.976	1.997	2.072	2.109	2.212
Filipinas	1.268	1.430	1.545	1.522	1.573
Demais países	7.958	8.474	8.566	8.551	8.290
Total	95.225	107.225	113.307	115.461	114.584

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA (novembro/2024)

As projeções do USDA indicam nova queda (-0,7%) no consumo mundial em 2025, com reduções na demanda de China (-2,0%) e União Europeia (-1,6%).

Pelo quarto ano consecutivo, o mercado internacional de carne suína registrou contração das importações, que totalizaram 8,8 milhões de toneladas em 2024 – uma redução de 4,1% em relação a 2023. Esse movimento foi liderado pela forte retração chinesa (-31,5%), acompanhada por quedas modestas no Japão (-0,1%) e Reino Unido (-0,3%). Em contrapartida, o México (5,2%) e a Coreia do Sul (16,3%) apresentaram desempenhos positivos, embora insuficientes para reverter a tendência global negativa. Os quatro principais importadores concentraram 56,0% do total transacionado.

Tabela 3. Carne suína – Importações mundiais – 2020-24

(mil toneladas)

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Japão	1.412	1.420	1.523	1.431	1.430
México	945	1.155	1.299	1.354	1.425
China	5.277	4.328	2.125	1.897	1.300
Coreia do Sul	554	570	713	675	785
Reino Unido	792	727	779	757	755
Estados Unidos	410	535	610	518	539
Filipinas	168	462	561	448	505
Hong Kong	378	364	251	259	265
Canadá	274	263	234	261	245
Austrália	201	210	241	195	220
Demais países	1.202	1.457	1.460	1.406	1.358
Total	11.613	11.491	9.796	9.201	8.827

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA (novembro/2024)

Para 2025, o USDA projeta uma inversão dessa tendência, com crescimento esperado de 2,3% nas importações globais, impulsionado principalmente pela recuperação das compras chinesas (7,7%). Esse movimento sugere um possível fim do ciclo de retrações consecutivas no mercado internacional.

As exportações globais de carne suína cresceram 2,2% em 2024, de acordo com o USDA, impulsionadas pela ampliação dos embarques da maioria dos países exportadores, em especial Estados Unidos (4,8%), Brasil (5,0%) e Canadá (8,5%). Por outro lado, a União Europeia reduziu seus embarques em 4,0%. O Brasil manteve sua terceira posição no *ranking* mundial, com 14,4% de participação no mercado exportador. Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) sugerem que o desempenho brasileiro pode ter sido ainda mais robusto que as estimativas do USDA, indicando uma possível subavaliação nos cálculos iniciais.

A alta concentração permanece como característica marcante do setor: os quatro maiores exportadores responderam por 88,9% dos embarques realizados em 2024. A participação brasileira foi de 14,4% nesse ano.

Tabela 4. Carne suína – Exportações mundiais – 2020-24¹³

País	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾
Estados Unidos	3.302	3.186	2.878	3.095	3.244
União Europeia	5.176	4.993	4.179	3.125	3.000
Brasil	1.178	1.321	1.319	1.414	1.485
Canadá	1.546	1.483	1.416	1.327	1.440
Chile	295	268	230	263	265
México	344	319	285	258	240
Rússia	156	158	170	200	220
Reino Unido	346	256	261	192	185
China	100	104	101	96	98
Austrália	34	38	35	46	50
Demais países	93	104	81	76	86
Total	12.570	12.230	10.955	10.092	10.313

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA (novembro/2024)

As projeções para o ano de 2025 indicam crescimento moderado de 1,0% nas exportações globais, com desempenho positivo na maioria dos mercados, com destaque para os Estados Unidos (3,4%). As estimativas do USDA indicam que as exportações brasileiras permanecerão inalteradas nesse ano, avaliação distinta daquela feita pela Associação Brasileira de Proteína Animal, que prevê crescimento de 6,6%.

O esperado aumento nas importações da China em 2025 pode reconfigurar toda a dinâmica comercial. A manutenção da posição do Brasil no *ranking* mundial, mesmo com projeções conservadoras, reforça a relevância do país no cenário global.

Produção e mercado nacionais

Os dados da Pesquisa Pecuária Municipal do IBGE (PPM/IBGE) revelaram que o rebanho suíno brasileiro totalizou 43,00 milhões de cabeças em 2023, representando uma redução de 3,1% em relação ao ano anterior. A retração foi generalizada na maioria das regiões, com destaque para o Centro-Oeste, que registrou queda expressiva de 11,3% no período. Em contraste com o cenário nacional, a Região Nordeste apresentou desempenho positivo, com crescimento de 3,9% no seu plantel.

¹³ A diferença entre as quantidades totais importadas e exportadas a cada ano é decorrente da metodologia de levantamento de dados do USDA.

Tabela 5. Suínos – Brasil: efetivo do rebanho por região geográfica – 2010-2023⁽¹⁾

Região	2010	2015	2020	2021	2022	2023
Sul	18,64	18,64	20,71	21,38	23,02	22,32
Sudeste	7,13	7,13	7,04	7,45	7,39	7,26
Centro-Oeste	6,20	6,20	5,92	6,02	6,15	6,39
Nordeste	5,38	5,38	6,05	6,20	6,26	5,56
Norte	1,61	1,61	1,49	1,50	1,56	1,47
Brasil	38,96	38,96	41,21	42,55	44,39	43,00

⁽¹⁾ Até a data de publicação desta síntese, o IBGE ainda não havia divulgado os dados referentes ao ano de 2024.

Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal (março/2025)

Dados divulgados pelo IBGE revelam que, em 2024, foram abatidas 57,86 milhões de cabeças de suínos, com uma produção de 5,33 milhões de toneladas em equivalente-carcaça. Esses resultados representam aumentos de 1,2% no volume de abates e 0,6% na produção em relação ao ano anterior, marcando os melhores índices desde o início da série histórica em 1997.

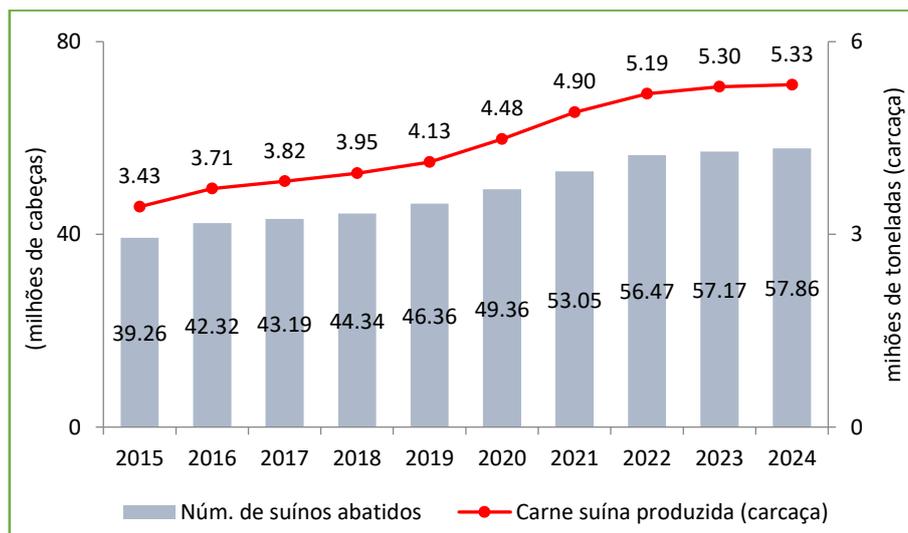


Figura 1. Carne suína – Brasil: evolução da produção – 2015-24

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (março/2025)

Santa Catarina é o principal produtor nacional, respondendo por 29,1% dos abates e por 29,5% do peso total das carcaças produzidas (Tabela 6).

Tabela 6. Carne suína – Brasil: produção dos principais estados – 2022-24

Unidade da Federação	Carcaça (x 1.000 t)				Animais abatidos (milhões de cabeças)			
	2022	2023	2024	Partic. em 2024 (%)	2022	2023	2024	Partic. em 2024 (%)
Santa Catarina	1.516,92	1.573,78	1.570,88	29,5	16,24	16,88	16,86	29,1
Paraná	1.095,13	1.160,20	1.139,77	21,4	11,48	12,14	12,42	21,5
Rio Grande do Sul	903,56	904,01	924,52	17,3	9,73	9,71	9,89	17,1
Minas Gerais	590,57	594,15	609,60	11,4	6,84	6,57	6,72	11,6
São Paulo	270,39	258,37	263,30	4,9	2,66	2,72	2,78	4,8
Mato Grosso	268,81	255,26	258,89	4,9	2,95	2,82	2,79	4,8
Mato Grosso do Sul	240,68	253,98	257,44	4,8	3,20	3,03	3,08	5,3
Goiás	190,25	187,61	191,23	3,6	2,01	1,96	1,96	3,4
Espírito Santo	25,01	28,69	32,34	0,6	0,30	0,32	0,33	0,6
Bahia	27,50	26,58	26,93	0,5	0,31	0,29	0,30	0,5
Demais UFs	57,48	55,95	55,17	1,0	0,76	0,74	0,71	1,2
Brasil	5.186,30	5.298,57	5.330,08	100	56,47	57,17	57,86	100

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (março/2025)

Os quatro principais estados produtores de suínos responderam por 79,6% da produção nacional de carne suína em 2024, demonstrando a elevada concentração geográfica dessa atividade no país. Contudo, essa liderança foi marcada por desempenhos heterogêneos entre os maiores polos produtivos. Santa Catarina, principal estado produtor, registrou leve retração de 0,2% em seu volume de produção, enquanto o Paraná, segundo colocado, apresentou queda mais significativa de 1,8%. Esses resultados contrastam com o crescimento observado em outros estados importantes do ranking, como Rio Grande do Sul e Minas Gerais, que compensaram parcialmente as reduções dos líderes nacionais.

O setor suinícola brasileiro registrou excelente desempenho no mercado externo em 2024, alcançando números recordes. Segundo dados consolidados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), o país exportou 1,31 milhão de toneladas de carne suína (incluindo produtos *in natura*, industrializados e miúdos), expressivo crescimento de 8,9% em volume comparado a 2023. As receitas atingiram US\$ 2,99 bilhões, com aumento de 7,4% sobre o ano anterior. Esses são os melhores resultados de toda a série histórica, iniciada em 1977, tanto em quantidade quanto em valor.

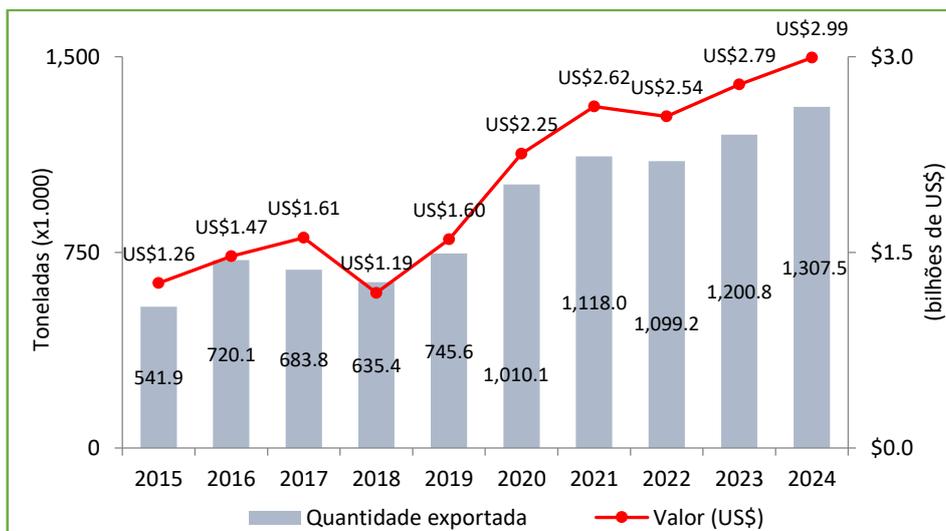


Figura 2. Carne suína – Brasil: exportações – 2015-24

Fonte: Comex Stat/MDIC (março/2025)

O ano de 2024 marcou uma significativa reconfiguração nos destinos das exportações brasileiras de carne suína, com notável crescimento em mercados estratégicos e mudanças no ranking de principais compradores. As Filipinas emergiram como o principal destino, registrando aumentos expressivos de 99,6% em volume e 91,0% em valor em relação a 2023. O Japão também se destacou com crescimento impressionante de 131,6% em quantidade e 132,1% em receitas, consolidando-se como um dos mercados mais promissores para a carne suína brasileira. Esse desempenho compensou a significativa redução nas exportações para a China, que recuaram 38,0% em volume e 43,5% em valor, reflexo de mudanças nas políticas de importação e aumento da produção doméstica chinesa.

Tabela 7. Carne suína – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2024

País	Valor - US\$ (milhões)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Filipinas	545,04	18,2	238.068	18,2
China	528,87	17,7	240.954	18,4
Japão	312,51	10,4	93.404	7,1
Chile	259,97	8,7	112.583	8,6
Hong Kong	230,29	7,7	106.955	8,2
Singapura	197,73	6,6	78.959	6,0
Vietnã	124,03	4,1	52.509	4,0
Uruguai	111,34	3,7	46.288	3,5
México	102,12	3,4	42.808	3,3
Estados Unidos	59,41	2,0	18.439	1,4
Demais países	520,67	17,4	276.535	21,1
Total	2.991,99	100	1.307.502	100

Fonte: Comex Stat/MDIC (março/2025)

Em 2024, a carne suína brasileira foi exportada para 127 países. A composição das exportações revela uma clara predominância da carne *in natura* congelada, que respondeu por 94,6% do valor total exportado, consolidando este produto como carro-chefe das vendas externas do setor. Os demais produtos da cadeia suinícola apresentaram participação mais modesta nas receitas totais: as miudezas representaram 4,7% do valor exportado, enquanto os produtos industrializados contribuíram com 0,7%.

A disponibilidade *per capita* de carne suína caiu 2,3% em 2024, na comparação com a do ano anterior. Essa retração ocorreu mesmo com o aumento de 0,6% na produção nacional, evidenciando como o expressivo crescimento das exportações (8,9%) direcionou parte significativa da oferta para o mercado externo. Além disso, o crescimento populacional de 0,5% também contribuiu para a redução da disponibilidade *per capita*.¹⁴

¹⁴ Em função da divulgação dos resultados do Censo Demográfico em meados de 2023, foi necessário ajustar os dados populacionais dos anos anteriores, uma vez que o referido censo apresentou valores bastante distintos daqueles que eram estimados anualmente pelo IBGE, o que distorce significativamente os cálculos de disponibilidade *per capita*. Em razão disso, na Tabela 8 são utilizados dados populacionais ajustados pela Conab por meio de cálculos estatísticos específicos, a partir das informações originais do IBGE.

Tabela 8. Carne suína – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2024

Parâmetro	2010	2015	2020	2022	2023	2024
Produção (t)	3.078.414	3.430.734	4.482.048	5.186.303	5.298.566	5.330.083
Importação (t)	9.508	15.827	15.820	22.600	16.972	19.316
Exportação (t)	539.085	541.944	1.010.124	1.099.191	1.200.785	1.307.502
Disponibilidade interna (t)	2.548.837	2.904.617	3.487.744	4.109.711	4.114.754	4.041.897
População (milhões hab.) ⁽¹⁾	190,76	195,77	200,91	203,06	204,12	205,20
Kg/habitante/ano	13,36	14,84	17,36	20,24	20,16	19,70

⁽¹⁾ Os dados populacionais de 2010 a 2021 foram ajustados pela Conab, a partir dos resultados do Censo Demográfico 2022, do IBGE.

Fontes: IBGE; Comex Stat/MDIC; Conab (2025)

O ano de 2024 trouxe um cenário positivo para os produtores de suínos, mercado especialmente pela forte valorização dos preços do suíno vivo no segundo semestre, que permitiu significativa recuperação das margens de rentabilidade. Essa melhora foi potencializada pela manutenção de custos de produção relativamente estáveis durante quase todo o período, criando condições favoráveis para o setor.

As projeções para 2025 apontam para um cenário de crescimento moderado, embora com algumas divergências entre as principais instituições de análise. O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea-Esalq/USP) estima que a produção brasileira de carne suína deverá alcançar 5,53 milhões de toneladas neste ano, representando um aumento de 2,8% em relação a 2024, enquanto as exportações poderão crescer 6,6%, atingindo 1,22 milhão de toneladas. Já a ABPA apresenta previsões ligeiramente mais conservadoras, com expansão de 2,0% na produção e potencial de crescimento de até 7,4% nas exportações.

Contudo, esse panorama otimista está sujeito a importantes fatores de atenção. As questões sanitárias globais destacam-se como elemento crucial, especialmente considerando os surtos de Peste Suína Africana em importantes países produtores concorrentes do Brasil. O surgimento de novos focos pode abrir oportunidades adicionais para as exportações brasileiras, particularmente para Santa Catarina, que possui reconhecido *status* sanitário internacional. Paralelamente, as mudanças na política econômica e externa dos Estados Unidos sob nova administração podem influenciar os fluxos comerciais globais. O atual momento exige dos produtores, da indústria e dos governos atenção constante à evolução do cenário sanitário internacional, às flutuações nos mercados de grãos e às mudanças no ambiente político-econômico global.

No âmbito interno, a perspectiva é de manutenção de custos de produção relativamente controlados, especialmente em função das boas estimativas para a safra de milho em andamento. Essa estabilidade nos preços dos insumos básicos deverá contribuir para a manutenção da rentabilidade do setor.

Produção e mercado estaduais

Em 2024, Santa Catarina manteve sua posição como maior produtor nacional de carne suína, com um volume de 1,57 milhão de toneladas de carcaça¹⁵, segundo dados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais do IBGE. Apesar de registrar uma leve retração de 0,2% em relação a 2023, o estado respondeu por 29,5% da produção brasileira, reafirmando sua liderança no setor.

¹⁵ Esse montante refere-se somente aos animais abatidos no estado, conforme metodologia utilizada pelo IBGE. Contudo, uma parte dos suínos que nasceu e permaneceu a maior parte do seu ciclo de vida no estado – e, portanto, foi aqui criada – é abatida em outras unidades da federação, sendo contabilizada na produção de carne suína destas.

Tabela 9. Carne suína – Brasil e Santa Catarina: produção anual – 2010-2024

Ano	Produção – carcaça (mil t)		Participação de SC (%)
	Brasil	Santa Catarina	
2010	3.078,41	876,19	28,5
2015	3.430,73	915,85	26,7
2020	4.482,05	1.302,12	29,1
2022	5.186,30	1.516,92	29,2
2023	5.298,57	1.573,78	29,7
2024	5.330,08	1.570,88	29,5

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (março/2025)

De acordo com a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), Santa Catarina produziu 17,97 milhões de suínos em 2024, registrando um crescimento de 0,1% em relação a 2023. Desse total, 90,9% foram abatidos dentro do próprio estado, reforçando sua capacidade de processamento e autossuficiência na cadeia produtiva. Os 9,1% restantes foram enviados para abate em outras 11 unidades da federação, com destaque para Paraná (6,5%), São Paulo (1,2%) e Rio Grande do Sul (1,2%).



Figura 3. Suínos – Santa Catarina: animais produzidos e destinados ao abate – 2015-24

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

Os dados da Tabela 10 revelam a forte concentração geográfica da suinocultura catarinense, com a Mesorregião Oeste Catarinense respondendo por expressivos 81,1% da produção estadual em 2024. Esta área, que compreende as microrregiões de Concórdia, Joaçaba, Chapecó, São Miguel do Oeste e Xanxerê, constitui-se como o principal polo produtivo não apenas do estado, mas do país.

Tabela 10. Suínos – Santa Catarina: microrregiões de origem da produção – 2024

	Microrregião	Nº de cabeças (mil) ⁽¹⁾	Participação (%)
1º	Concórdia	4.086,00	22,7
2º	Joaçaba	3.840,53	21,4
3º	Chapecó	3.523,01	19,6
4º	São Miguel do Oeste	2.196,65	12,2
5º	Rio do Sul	1.096,31	6,1
6º	Tubarão	981,40	5,5
7º	Xanxerê	928,39	5,2
8º	Canoinhas	593,95	3,3
9º	Curitibanos	477,86	2,7
10º	Ituporanga	176,37	1,0
	Demais microrregiões	70,25	0,4
Total		17.970,72	100

⁽¹⁾ Inclui os suínos criados e abatidos em Santa Catarina (90,9%) e aqueles criados no estado e abatidos em outras UF's (9,1%).

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

Nove dos dez principais municípios catarinenses produtores de suínos estão localizados na mesorregião Oeste Catarinense. A única exceção neste *ranking* é Braço do Norte, município da mesorregião Sul Catarinense que se destaca como importante pólo da suinocultura independente (não integrada).

Tabela 11. Suínos – Santa Catarina: principais municípios de origem dos animais produzidos – 2024

	Município	Nº de cabeças (mil) ⁽¹⁾	%
1º	Concórdia	1.059,17	5,9
2º	Videira	539,20	3,0
3º	Seara	507,19	2,8
4º	Palmitos	489,14	2,7
5º	São Carlos	485,17	2,7
6º	Itapiranga	401,67	2,2
7º	Lindóia do Sul	399,83	2,2
8º	Xavantina	377,19	2,1
9º	Braço do Norte	369,15	2,1
10º	Saudades	361,47	2,0
	Demais municípios	12.981,54	72,2
Total		17.970,72	100

⁽¹⁾ Inclui os suínos criados e abatidos em Santa Catarina (90,9%) e aqueles criados no Estado e abatidos em outras UF's (9,1%).

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

A Figura 4 apresenta a distribuição da produção de suínos em 2024, de acordo com o município de origem dos animais. Quanto mais escura a coloração no mapa, maior o número de animais produzidos.

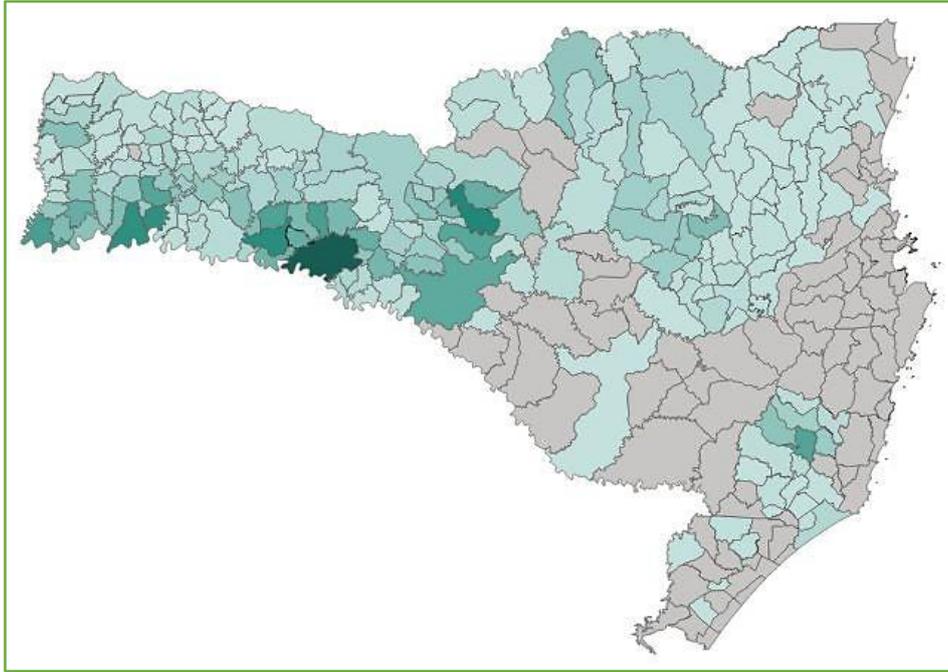


Figura 4. Suínos – Santa Catarina: distribuição da produção de animais destinados ao abate – 2024

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025). Elaborado por Epagri/Cepa

Em 2024, Santa Catarina contava com 6,9 mil suinocultores que comercializaram animais para abate em estabelecimentos inspecionados – uma redução de 3,6% frente a 2023. Esse declínio acentua uma tendência estrutural observada na última década: entre 2013 e 2023, o estado perdeu 23% dos seus produtores, evidenciando um marcante processo de concentração na cadeia produtiva.

Tabela 12. Suínos – Santa Catarina: produtores que destinaram animais para abate – 2013-2024

Parâmetro	2013	2020	2021	2022	2023	2024
Número de produtores	8.956	7.348	7.436	7.397	7.157	6.896

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

A produção de leitões é um segmento estratégico para a suinocultura catarinense, servindo tanto ao abastecimento interno quanto ao comércio interestadual. Em 2024, Santa Catarina destinou 1,07 milhão de leitões para engorda em outros estados brasileiros, volume que, embora represente uma redução de 11,2% em relação a 2023, configura o segundo melhor resultado da série histórica iniciada em 2013.

Tabela 13. Suínos – Santa Catarina: leitões produzidos em SC e destinados a outras UFs – 2013-2024

Parâmetro	2013	2020	2021	2022	2023	2024
Número de leitões (mil)	772,87	450,50	627,10	939,31	1.207,26	1.072,63

Fonte: Cidasc (fevereiro/2025)

Santa Catarina consolidou mais um ano de crescimento expressivo nas exportações de carne suína em 2024, mantendo a trajetória ascendente iniciada em 2014. Os dados do MDIC

revelam que o estado embarcou 719,4 mil toneladas do produto, representando um expressivo aumento de 9,3% em volume comparado a 2023. As receitas alcançaram US\$ 1,70 bilhão, com crescimento de 7,9% sobre o ano anterior.

Tabela 14. Carne suína – Santa Catarina: exportações – 2010-2024

Parâmetro	2010	2015	2020	2022	2023	2024
Quantidade exportada (t)	145.302	191.026	523.387	602.107	658.108	719.393
Valor exportado (milhões - US\$)	337,40	440,27	1.173,79	1.431,72	1.570,35	1.695,12

Fonte: Comex Stat/MDIC (fevereiro/2025)

Os resultados de 2024 representam recordes históricos nas exportações de carne suína do estado, tanto em receitas quanto em quantidade.

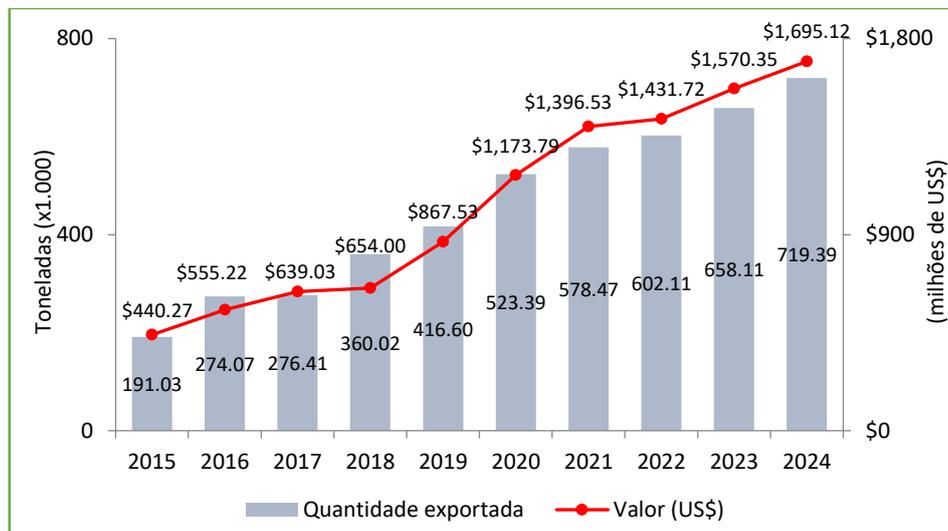


Figura 5. Carne suína – Santa Catarina: exportações – 2015-24

Fonte: Comex Stat/Secex (fevereiro/2025)

O ano de 2024 marcou uma transformação no perfil das exportações de carne suína de Santa Catarina, com mudanças substanciais na geografia comercial do produto. As Filipinas emergiram como principal destino, superando a China após seis anos de liderança ininterrupta, com expressivo crescimento de 48,2% em volume e 39,0% em valor. Essa alteração no *ranking* representa uma inflexão importante, já que a China vinha dominando as exportações desde 2018, quando os surtos de Peste Suína Africana (PSA) no país asiático impulsionaram as vendas brasileiras, chegando a representar mais de dois terços das exportações catarinenses em seu ápice.

Além das Filipinas, outros mercados apresentaram desempenho excepcional: o Japão registrou crescimento de 131,7% em quantidade e 132,2% em receitas, enquanto o México ampliou suas compras em 51,0% em volume e 45,6% em valor. Em contraste, dois importantes compradores tradicionais apresentaram quedas significativas – a China reduziu suas importações em 33,2% em quantidade e 40,3% em valor, e o Chile registrou declínios de 12,1% e 11,3%, respectivamente.

A nova configuração dos mercados revela maior equilíbrio e diversificação. As Filipinas responderam por 23,4% das receitas totais, seguida pela China (19,1%), Japão (18,4%) e Chile (10,2%). Juntos, esses quatro principais destinos concentraram 69,8% do volume e 71,1% do

valor exportado – percentuais significativos, porém inferiores aos do ano anterior e bastante distintos do período 2019-22, quando um único país chegava a absorver mais da metade das exportações. Essa reestruturação trouxe maior estabilidade ao setor, reduzindo a vulnerabilidade a crises em mercados específicos. O atual cenário, com menor dependência de um único comprador e maior distribuição geográfica das exportações, cria bases mais sólidas para o crescimento sustentável do setor nos próximos anos. Vale destacar que a carne suína catarinense alcançou 78 países em 2024, número que só foi superado em 2022, quando o produto chegou a 80 destinos diferentes.

Tabela 15. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 2024

País	Valor (US\$ - milhões)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Filipinas	396,54	23,4	176.812	24,6
China	323,83	19,1	155.790	21,7
Japão	312,44	18,4	93.381	13,0
Chile	172,41	10,2	75.810	10,5
México	102,12	6,0	42.808	6,0
Hong Kong	61,71	3,6	29.078	4,0
Estados Unidos	58,82	3,5	18.189	2,5
Coreia do Sul	49,37	2,9	21.077	2,9
Porto Rico	38,24	2,3	16.024	2,2
Singapura	27,81	1,6	10.912	1,5
Demais países	151,83	9,0	79.513	11,1
Total	1.695,12	100	719.393	100

Fonte: Comex Stat/Secex (março/2025)

Santa Catarina reafirmou sua posição como principal exportador brasileiro de carne suína em 2024, respondendo por 55,0% do volume total embarcado pelo país e por 56,7% das receitas geradas. A composição das exportações revela uma marcante especialização em produtos básicos: a carne *in natura* congelada foi responsável por 94,4% das receitas, as miudezas representaram 5,5%, e a carne industrializada teve participação marginal de 0,2%.

O mercado de suínos em Santa Catarina apresentou comportamento distinto ao longo de 2024, com o primeiro semestre marcado por relativa estabilidade nos preços pagos aos produtores, tanto integrados quanto independentes. Esta fase de equilíbrio refletia uma situação de oferta e demanda bem balanceada, com os mercados interno e externo absorvendo a produção de forma consistente. Contudo, o cenário mudou significativamente no segundo semestre, quando uma combinação de fatores – incluindo a aceleração das exportações, o crescimento da demanda doméstica e a redução no ritmo dos abates – pressionaram os preços para cima.

Ao comparar os preços médios de dezembro de 2024 com os do mesmo mês no ano anterior, observam-se aumentos expressivos: 21,5% para os produtores integrados e 44,6% para os independentes. Apesar de se tratar de valores nominais, os percentuais de crescimento foram suficientemente elevados para indicar uma melhora real na rentabilidade da atividade ao longo do ano.

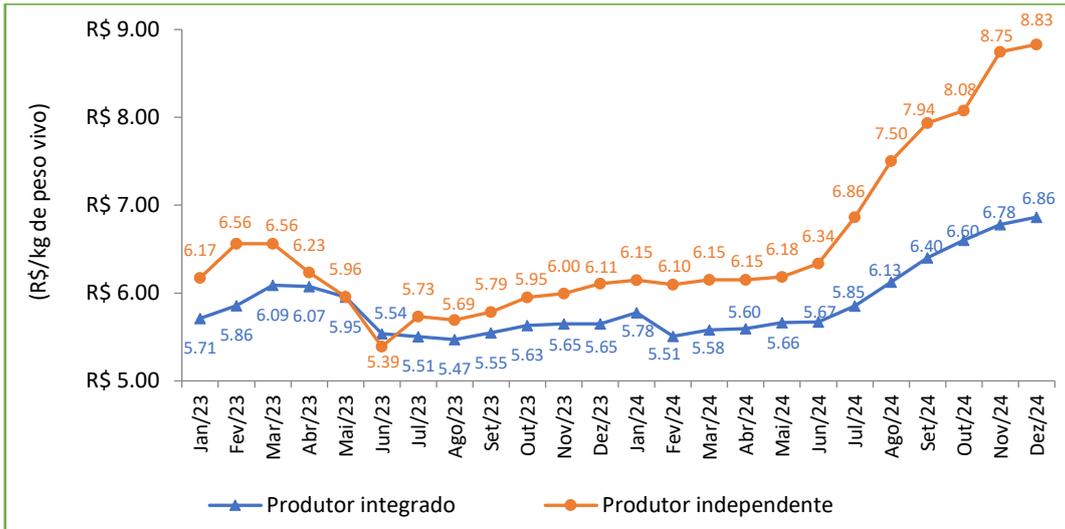


Figura 6. Suínos – Santa Catarina: preços pagos pelo quilo de peso vivo – 2023-24

Fonte: Epagri/Cepa (fevereiro/2025)

A forte valorização no segundo semestre compensou a estabilidade inicial, resultando em um balanço anual positivo para os produtores. O desempenho de 2024 cria expectativas favoráveis para o próximo ano, especialmente para os produtores independentes, que foram os principais beneficiados pela conjuntura de alta nos preços finais.

O ano de 2024 foi marcado por uma dinâmica bastante peculiar nos custos de produção da suinocultura em Santa Catarina, caracterizada por uma queda acentuada no primeiro trimestre, seguida de aumentos graduais nos meses subsequentes. Quando se compara dezembro de 2024 com o mesmo período do ano anterior, observou-se uma alta de apenas 0,2% nos custos de produção de suínos em ciclo completo (em valores nominais).

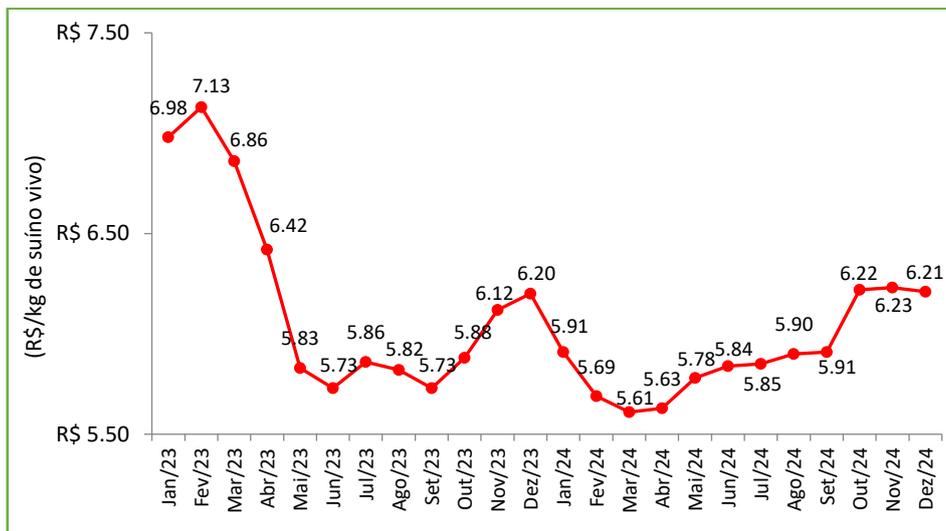


Figura 7. Suíno vivo – Santa Catarina: custo de produção em ciclo completo – 2023-24

Fonte: Embrapa Suínos e Aves (março/2025)

A relação de troca insumo-produto, importante indicador de rentabilidade, apresentou tendência de queda ao longo de todo o ano, com exceção de algumas variações pontuais. Em termos concretos, o valor registrado em dezembro de 2024 ficou 18,5% abaixo do verificado

no mesmo mês de 2023, revelando uma melhora significativa no poder de compra dos produtores. Essa evolução favorável resultou principalmente do expressivo aumento de 33,5% no preço médio do suíno vivo no estado, que superou amplamente a alta de 8,9% verificada no preço do milho – principal componente dos custos de produção.

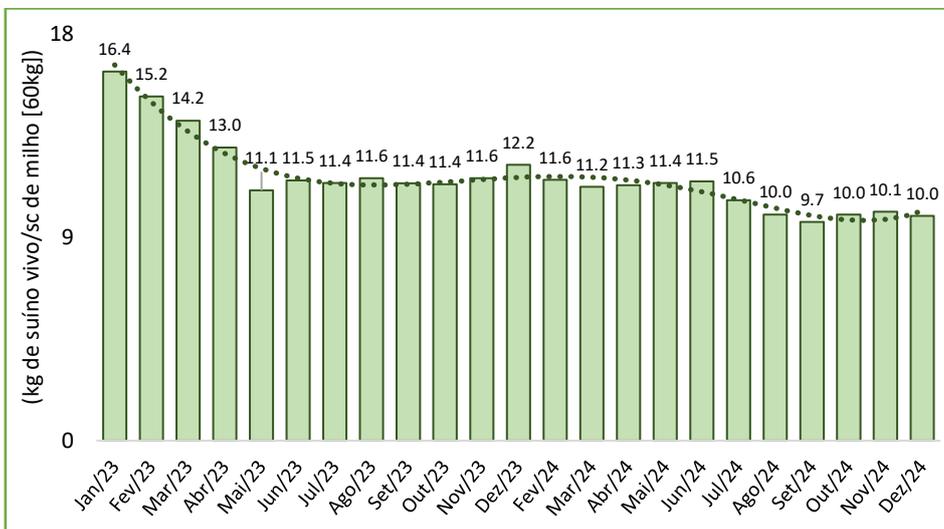


Figura 8. Suínos – Santa Catarina: evolução da relação de troca do suíno – 2023-24

Fonte: Epagri/Cepa (fevereiro/2025)

O cenário final mostra que, embora tenha ocorrido uma leve elevação nos custos ao longo do ano, o forte incremento nos preços recebidos pelos produtores garantiu uma melhora substancial na rentabilidade. Esse movimento foi particularmente benéfico no último trimestre, consolidando a recuperação econômica do setor após um período de ajustes.

Leite

Tabajara Marcondes, Eng.-agr.- M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Segundo as previsões da FAO, a produção mundial de leite¹⁶ aumentaria 4,5% entre a média do período 2020-22 e 2024. Esse crescimento é explicado, sobretudo, pelo aumento de 9,2% na produção da Ásia, que segue ampliando a sua participação na produção mundial, respondendo por quase 47% do total mundial de 2024 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite – Produção dos continentes e mundial

Ano	Bilhão de kg					
	Mundo	Ásia	Europa	América	Oceania	África
Média 2020-22	938,7	420,3	233,9	199,6	30,5	54,4
2023	966,6	447,1	233,8	202,1	29,7	53,9
2024	981,1	459,1	235,3	202,7	30,2	53,8
Var. % (20-22 a 24)	4,5	9,2	0,6	1,6	-1,0	-1,1
Part. % (2024)	100	46,8	24,0	20,7	3,1	5,5

Nota: Estimativa para 2023 e previsão para 2024.

Fonte: FAO - Food Outlook (novembro/2024)

No mesmo período, entre os países de maior produção, destacam-se os crescimentos nas produções da China, 17%; da Índia, 10%; do Paquistão, 9,6% e da Federação Russa, 5,2% (Tabela 2). O Brasil também aparece com crescimento sensível, mas o real desempenho da produção brasileira fica mais bem ilustrado com os dados do IBGE, sobretudo os relativos à produção inspecionada, disponíveis mais à frente.

Tabela 2. Leite – Principais produtores mundiais

País/Bloco	Bilhão de kg			Var. % (20-22 a 24)	Part. % (2024)
	Média 2020-22	2023	2024		
Índia	220,9	236,4	243,0	10,0	24,8
União Europeia	159,8	159,8	160,6	0,5	16,4
EUA	102,2	102,9	102,5	0,3	10,4
Paquistão	60,6	64,4	66,4	9,6	6,8
China	38,2	43,4	44,7	17,0	4,6
Brasil	36,4	37,5	38,2	4,9	3,9
Federação Russa	32,5	33,5	34,2	5,2	3,5
Turquia	22,8	21,5	22,0	-3,5	2,2
Nova Zelândia	21,6	21,2	21,4	-0,9	2,2
Subtotal	695,0	720,6	733,0	5,5	74,7
Outros	243,7	246,0	248,1	1,8	25,3
Total Mundial	938,7	966,6	981,1	4,5	100

Nota: Estimativa para 2023 e previsão para 2024.

Fonte: FAO - Food Outlook (novembro/2024)

¹⁶ Os dados da FAO incluem a produção de leite de vacas, búfalas, cabras, ovelhas e camelas. Em 2023, a distribuição da produção mundial foi a seguinte: 80,9%, de vacas; 15,5%, de búfalas; 2,2%, de cabras; 1,0%, de ovelhas e 0,4%, de camelas.

O comércio internacional de lácteos equivale a pouco menos de 9,0% da produção mundial de leite. As exportações são concentradas na União Europeia, na Nova Zelândia e nos Estados Unidos, responsáveis por pouco mais de 67% do total mundial. A Argentina e o Uruguai, origens da maior parte das importações brasileiras, também aparecem entre os maiores exportadores mundiais e, somados, respondem por 4,6% dessas exportações (Tabela 3).

Tabela 3. Leite – Principais exportadores mundiais

País/Bloco	Equivalente bilhão de kg de leite			Var. % (20-22 a 24)	Part. % (2024)
	Média 2020-22	2023	2024		
União Europeia	24,9	24,5	23,8	-4,4	28,0
Nova Zelândia	20,2	20,5	21,0	4,0	24,7
EUA	13,4	12,5	12,2	-9,0	14,4
Belarus	4,4	4,5	4,5	2,3	5,3
Reino Unido	3,1	3,2	3,0	-3,2	3,5
Austrália	3,0	2,6	2,8	-6,7	3,3
Argentina	2,3	2,0	2,3	0,0	2,7
Irã	1,4	2,1	2,2	57,1	2,6
Uruguai	1,5	1,5	1,6	6,7	1,9
Arábia Saudita	1,4	1,4	1,5	7,1	1,8
Subtotal	75,6	74,8	74,9	-0,9	88,2
Outros	11,9	9,8	10,0	-16,0	11,8
Total Mundial	87,5	84,6	84,9	-3,0	100

Nota: Estimativa para 2023 e previsão para 2024.

Fonte: FAO - Food Outlook (novembro/2024)

No caso das importações, exceto na Oceania, há grandes importadores em todos os continentes. A China segue destacadamente como maior importador mundial, mas com redução significativa nas quantidades de 2023 e 2024, principal razão da queda nas importações mundiais desses anos (Tabela 4).

Tabela 4. Leite – Principais importadores mundiais

País/Bloco	Equivalente bilhão de kg de leite			Var. % (20-22 a 24)	Part. % (2024)
	Média 2020-22	2023	2024		
China	18,4	15,9	14,2	-22,8	16,8
México	3,8	4,0	4,1	7,9	4,8
Reino Unido	3,6	3,5	3,6	0,0	4,3
Federação Russa	3,7	3,6	3,6	-2,7	4,3
Argélia	3,2	3,4	3,5	9,4	4,1
Indonésia	3,4	3,2	3,4	0,0	4,0
Arábia Saudita	2,6	3,0	3,2	23,1	3,8
União Europeia	3,3	3,1	3,1	-6,1	3,7
Filipinas	2,7	2,3	2,6	-3,7	3,1
Malásia	2,4	2,3	2,5	4,2	3,0
Subtotal	47,1	44,3	43,8	-7,0	51,7
Outros	39,8	40,3	40,9	2,8	48,3
Total Mundial	86,9	84,6	84,7	-2,5	100

Nota: Estimativa para 2023 e previsão para 2024.

Fonte: FAO - Food Outlook (novembro/2024)

O Reino Unido, a União Europeia e a Arábia Saudita figuram tanto na lista dos principais exportadores quanto importadores. A Arábia Saudita e o Reino Unido com importações superiores às exportações.

Produção e mercado nacionais

Segundo a Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, mesmo com algumas variações anuais, a produção brasileira de leite esteve praticamente estabilizada nos últimos dez anos (2014-2023). Isso não se repete nas grandes regiões e nos estados, o que mostra que houve profundas alterações na distribuição da produção leiteira nacional. No caso das grandes regiões, embora desde 2021 a Região Sul seja a maior produtora nacional, a Região Nordeste é a única que teve aumento de produção de 2014 para 2023 (61,5%). Os decréscimos mais expressivos ocorreram nas regiões Centro-Oeste (-23,7%) e Norte (-10,3%). Entre os dez estados de maior produção, responsáveis por quase 86% da produção brasileira de 2023, destacam-se os expressivos crescimentos nas produções de Alagoas (130,5%), Ceará (128,1%) e Pernambuco (103,2%), as reduções em Goiás (-18,5%), São Paulo (-12,9%) e Rio Grande do Sul (-12,2%) e o aumento bem superior de Santa Catarina (7,5%), em relação aos 0,4% do Paraná (Tabela 5).

Tabela 5. Leite – Brasil: produção nas grandes regiões e principais estados

Região	Bilhão de litros					Var. % 2014-23	Partic. % 2023
	2014	2015	2021	2022	2023		
Sul	12,211	12,319	11,978	11,666	11,878	-2,7	33,6
Sudeste	12,130	11,896	11,962	11,624	11,691	-3,6	33,0
Nordeste	3,892	3,957	5,419	5,697	6,287	61,5	17,8
Centro-Oeste	4,944	4,604	3,982	3,810	3,774	-23,7	10,7
Norte	1,946	1,833	1,842	1,757	1,745	-10,3	4,9
Brasil	35,124	34,610	35,183	34,554	35,375	0,7	100
Estado	Bilhão de litros					Var. % 2014-23	Partic. % 2023
	2014	2015	2021	2022	2023		
Minas Gerais	9,370	9,145	9,612	9,363	9,422	0,6	26,6
Paraná	4,541	4,660	4,416	4,459	4,558	0,4	12,9
Rio Grande do Sul	4,687	4,600	4,400	4,072	4,114	-12,2	11,6
Santa Catarina	2,983	3,060	3,162	3,135	3,206	7,5	9,1
Goiás	3,659	3,406	3,121	2,995	2,981	-18,5	8,4
São Paulo	1,736	1,768	1,571	1,524	1,512	-12,9	4,3
Pernambuco	0,657	0,856	1,138	1,166	1,335	103,2	3,8
Bahia	1,212	0,984	1,203	1,276	1,267	4,5	3,6
Ceará	0,498	0,489	0,960	1,067	1,136	128,1	3,2
Alagoas	0,305	0,352	0,653	0,595	0,703	130,5	2,0
Subtotal	29,648	29,320	30,236	29,652	30,234	2,0	85,5
Outros	5,476	5,290	4,947	4,902	5,141	-6,1	14,5
Brasil	35,124	34,610	35,183	34,554	35,375	0,7	100

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (2024)

A diversidade no dinamismo da atividade leiteira fica mais bem evidenciada com os dados sobre a quantidade de leite inspecionada. Neste caso, considerados os dez últimos anos (2015-2024), embora siga sendo o Nordeste a região de maior crescimento (76,7%), no Sul não se repete o decréscimo destacado na tabela da produção (-2,7%). Pelo contrário, houve aumento de 18,9% na quantidade de leite inspecionada. Entre os dez estados com quantidades adquiridas mais significativas, os crescimentos mais expressivos foram em Sergipe (202,4%) e Bahia (74,1%), mas houve aumentos importantes também em Santa Catarina (40,3%) e no Paraná (37,9%), o que foi decisivo para consolidar a Região Sul como responsável por mais de 40% da quantidade de leite inspecionada nacionalmente. Em 2023, pela primeira vez na história, Santa Catarina apareceu à frente do Rio Grande do Sul, o que se repetiu em 2024, com ampliação da diferença (Tabela 6).

Tabela 6. Leite cru – Quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas

Região	Bilhão de litros					Var. % 2015-24	Partic. % 2024
	2015	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾		
Sul	8,675	9,835	9,598	10,016	10,312	18,9	40,6
Sudeste	9,880	9,502	8,926	8,906	9,276	-6,1	36,5
Centro-Oeste	3,199	3,011	2,664	2,726	2,682	-16,2	10,6
Nordeste	1,246	1,802	1,877	2,071	2,202	76,7	8,7
Norte	1,061	0,966	0,848	0,881	0,900	-15,2	3,5
Brasil	24,1	25,1	23,9	24,6	25,4	5,4	100
Estado	Bilhão de litros					Var. % 2015-24	Partic. % 2024
	2015	2021	2022	2023	2024		
Minas Gerais	6,442	6,209	5,874	5,878	6,319	-1,9	24,9
Paraná	2,838	3,506	3,437	3,657	3,915	37,9	15,4
Santa Catarina	2,348	2,946	2,986	3,202	3,295	40,3	13,0
Rio Grande do Sul	3,488	3,384	3,175	3,157	3,103	-11,0	12,2
São Paulo	2,607	2,568	2,405	2,289	2,238	-14,2	8,8
Goiás	2,450	2,444	2,179	2,209	2,197	-10,3	8,6
Bahia	0,332	0,595	0,542	0,548	0,578	74,1	2,3
Rondônia	0,699	0,586	0,512	0,564	0,541	-22,6	2,1
Sergipe	0,165	0,307	0,385	0,450	0,499	202,4	2,0
Rio de Janeiro	0,540	0,488	0,448	0,487	0,477	-11,7	1,9
Subtotal	21,909	23,033	21,943	22,441	23,162	5,7	91,2
Outros	2,191	2,067	1,957	2,159	2,238	2,1	8,8
Brasil	24,1	25,1	23,9	24,6	25,4	5,4	100

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite (2025)

Em 2024, as importações brasileiras de lácteos tiveram comportamento pouco comum: decresceram em quilos e dólares e aumentaram em litros de leite. As exportações cresceram significativamente, em quilos, dólares e litros de leite. Com o crescimento em litros de leite, as importações participaram com 8,3% da oferta de leite inspecionado no Brasil (Tabelas 7 e 8). É um percentual recorde dos anos recentes, mas ainda longe do que ocorria nos anos de 1990, quando a dependência nacional de leite importado era bem mais significativa do que atualmente. O recorde foi em 1999, com as importações representando 15,7% da oferta total.

Tabela 7. Brasil – Balança comercial de lácteos

Ano	Milhão de kg			Milhão de dólares		
	Importação	Exportação	Saldo	Importação	Exportação	Saldo
2020	174,2	32,8	-141,4	550,5	76,0	-474,5
2021	137,7	38,8	-98,9	475,5	97,9	-377,6
2022	170,2	36,2	-134,0	704,2	102,3	-601,9
2023	278,8	30,2	-248,6	1.093,0	81,7	-1.011,3
2024	276,0	36,1	-239,9	1.050,9	96,6	-954,3
Var. % 2023-24	-1,0	19,5	-3,5	-3,9	18,2	-5,6

Fonte: MDIC/Comex Stat (2025)

Tabela 8. Brasil – Oferta total de leite inspecionado

Ano	Milhão de litros			Participação %			Milhão de litros	
	Ind. nacional (1)	Importação (2)	Total	Ind. nacional	Importação	Total	Exportação (2)	Saldo final
2020	25.641	1.346	26.987	95,0	5,0	100	101	26.886
2021	25.122	1.024	26.146	96,1	3,9	100	143	26.003
2022	23.918	1.293	25.211	94,9	5,1	100	125	25.086
2023	24.606	2.183	26.789	91,9	8,1	100	72	26.717
2024	25.379	2.286	27.665	91,7	8,3	100	86	27.579
Var. % 2023-24	3,1	4,7	3,3	-	-	-	19,4	3,2

(1) Leite cru inspecionado. (2) Em leite equivalente.

Fonte: IBGE/Pesquisa Trimestral do Leite e MDIC/Comex Stat (2025)

No que diz respeito às origens das importações, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai, parceiros brasileiros do Mercosul, foram responsáveis por quase 95% da quantidade de lácteos importada em 2024. Desses três países, de 2023 para 2024 houve aumento apenas nas importações provenientes da Argentina (11,1%), que representou mais de 60% do total das importações brasileiras de lácteos de 2024. Em 2023, essa participação havia sido de 53,7% (Tabela 9).

Tabela 9. Leite – Brasil: importação segundo as principais origens

País	Milhão de kg					Variação % 2023-24	Participação % 2024
	2020	2021	2022	2023	2024		
Argentina	107,1	76,4	103,7	149,7	166,3	11,1	60,3
Uruguai	49,4	46,7	52,4	99,8	81,7	-18,1	29,6
Paraguai	5,7	3,7	6,3	14,7	12,9	-12,2	4,7
<i>Subtotal</i>	<i>162,2</i>	<i>126,8</i>	<i>162,4</i>	<i>264,2</i>	<i>260,9</i>	<i>-1,2</i>	<i>94,5</i>
Chile	0,7	0,8	0,0	3,4	6,8	100,0	2,5
EUA	3,3	2,1	1,3	3,1	2,5	-19,4	0,9
Holanda	1,0	0,8	0,8	1,3	1,4	7,7	0,5
França	2,2	2,4	1,6	1,5	1,1	-26,7	0,4
Nova Zelândia	1,5	1,2	1,0	1,6	1,1	-31,3	0,4
Outros	3,3	3,6	3,1	3,7	2,2	-40,5	0,8
Total	174,2	137,7	170,2	278,8	276,0	-1,0	100

Fonte: MDIC/Comex Stat (2025)

Produção e mercado estaduais

Segundo a Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, a produção catarinense de leite tem crescido na maioria dos anos recentes. Com isso, entre 2014 e 2023 passou de 2,983 bilhões para 3,206 bilhões de litros, um aumento de 7,5%. Isto não se repete nas grandes mesorregiões e microrregiões, o que mostra profundas alterações na distribuição da produção leiteira estadual.

Em termos de concentração regional, destaca-se que das vinte microrregiões do Estado, as cinco maiores produtoras são as que formam a mesorregião Oeste Catarinense (São Miguel do Oeste, Chapecó, Concórdia, Xanxerê e Joaçaba), que responde por mais de 75% da produção catarinense (Tabela 10).¹⁷

¹⁷ Mais dados regionais e municipais de Santa Catarina estão disponíveis em: <https://www.observatorioagro.sc.gov.br/areas-tematicas/producao-agropecuaria/paineis/>

A relevância da produção leiteira na mesorregião Oeste Catarinense ganha ainda mais expressividade pela sua vizinhança com as produções das mesorregiões Noroeste Rio-grandense (RS) e Sudoeste Paranaense (PR). Em 2023, a produção de leite dessas três mesorregiões respondeu por nada menos de 52,3% da produção da Região Sul e 17,5% da produção brasileira.

Tabela 10. Leite – Santa Catarina: produção nas mesorregiões e principais microrregiões

Mesorregião	Milhão de litros					Var. %	Partic. %
	2014	2015	2021	2022	2023	2014-23	2023
Oeste Catarinense	2.232,2	2.299,5	2.397,6	2.372,3	2.427,5	8,7	75,7
Sul Catarinense	209,7	211,2	277,9	273,9	278,2	32,7	8,7
Vale do Itajaí	260,9	267,6	228,2	233,2	234,7	-10,0	7,3
Serrana	90,2	90,9	110,7	111,6	110,4	22,4	3,4
Norte Catarinense	116,7	117,8	96,1	95,3	96,7	-17,1	3,0
Grande Florianópolis	73,4	72,9	51,5	48,5	58,3	-20,6	1,8
Santa Catarina	2.983	3.060	3.162	3.135	3.206	7,5	100
Principais microrregiões	Milhão de litros					Var. %	Partic. %
	2014	2015	2021	2022	2023	2014-23	2023
São Miguel do Oeste	642,4	662,6	767,1	776,7	759,8	18,3	23,7
Chapecó	784,4	796,0	688,0	644,7	686,1	-12,5	21,4
Concórdia	330,1	343,9	331,3	335,7	360,4	9,2	11,2
Xanxerê	296,9	313,4	314,6	316,7	312,5	5,3	9,7
Joaçaba	178,4	183,5	296,6	298,5	308,6	73,0	9,6
Tubarão	158,7	158,6	228,1	229,7	235,1	48,1	7,3
Rio do Sul	129,9	138,4	153,0	153,9	157,1	20,9	4,9
Canoinhas	79,5	81,2	74,4	74,7	75,7	-4,8	2,4
Campos de Lages	55,1	55,3	62,2	63,1	60,3	9,4	1,9
Curitibanos	35,1	35,7	48,4	48,5	50,1	42,7	1,6
Subtotal	2.690,5	2.768,6	2.963,7	2.942,2	3.005,7	11,7	93,8
Outras	292,6	291,3	198,3	192,6	200,1	-31,6	6,2
Santa Catarina	2.983	3.060	3.162	3.135	3.206	7,5	100

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (2024)

No que diz respeito a preços aos produtores, os dados de qualquer série histórica mostram expressivas variações ao longo dos meses de praticamente todos os anos e, também, entre os anos. No caso do preço médio aos produtores catarinenses, a indexação pelo IGP-DI de dezembro/2024 mostra que o preço médio de 2024 foi o maior de toda série histórica da Epagri/Cepa (Tabela 11).

Tabela 11. Leite – Preço médio ⁽¹⁾ aos produtores de Santa Catarina

Mês	R\$/l corrigido IGP-DI de 12/24					Variação % 2023-24
	2020	2021	2022	2023	2024	
Janeiro	1,92	2,41	2,02	2,47	2,20	-10,9
Fevereiro	1,98	2,15	2,01	2,73	2,31	-15,4
Março	1,99	2,02	2,07	2,76	2,47	-10,5
Abril	1,98	2,04	2,30	2,85	2,50	-12,3
Mai	1,82	2,06	2,48	3,02	2,56	-15,2
Junho	1,97	2,23	2,59	2,90	2,72	-6,2
Julho	2,21	2,37	3,07	2,73	2,84	4,0
Agosto	2,35	2,40	3,57	2,44	2,70	10,7
Setembro	2,56	2,41	3,03	2,37	2,76	16,5
Outubro	2,58	2,32	2,55	2,15	2,82	31,2
Novembro	2,47	2,14	2,44	2,03	2,77	36,5
Dezembro	2,52	2,00	2,40	2,16	2,56	18,5
Média	2,20	2,21	2,54	2,55	2,60	2,0

⁽¹⁾ Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa (2025)

Isso, combinado com pequenas reduções nos custos de produção,¹⁸ significou melhoras na rentabilidade da maioria dos sistemas de produção/produtores catarinenses de leite, sinalizando boas perspectivas para 2025, particularmente um cenário de novo aumento na produção leiteira e ampliação da participação de Santa Catarina na oferta nacional de leite inspecionado.

¹⁸ Custos de produção de alguns sistemas de produção definidos no âmbito do Conseleite/SC, com atualizações sistemáticas, podem ser consultados em: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/custos-de-producao/>

Mel

Cíntia Uller Gómez - Engenheira-agrônoma - Dra. Epagri/Cepa
cintiagomez@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), em 2023, a Ásia foi responsável por quase metade da produção mundial. A Europa e a América, somadas, não alcançam a produção da Ásia. Com exceção da Oceania, no período de 2014-2023, houve aumento da produção em todos os continentes, sendo que o maior aumento percentual foi na África (Tabela 1).

Tabela 1. Mel – Produção mundial e dos continentes

Ano	Mil toneladas					
	Mundo	Ásia	Europa	América	África	Oceania
2014	1.759,64	816,78	373,29	345,02	192,87	31,67
2020	1.903,76	844,51	411,33	340,70	267,20	40,02
2021	1.831,27	863,31	398,91	347,13	188,72	33,20
2022	1.908,04	880,39	433,83	346,24	213,14	34,45
2023	1.893,81	874,03	413,22	359,25	223,15	24,15
Var. % (2014-23)	7,62	7,01	10,70	4,12	15,70	-23,75
Part. % (2023)	100,00	46,15	21,82	18,97	11,78	1,28

Fonte: FAO/Faostat (fevereiro/2025)

Entre os países, a China é o maior produtor, respondendo por quase um quarto da produção mundial em 2023. No entanto, os maiores crescimentos no período de 2014-23 foram na Etiópia e no Brasil. Com isto, a Etiópia passou a terceiro, e o Brasil, a oitavo produtor mundial (Tabela 2).

Tabela 2. Mel – Principais produtores mundiais

País	Mil toneladas				Variação % 2014-23	Part. % 2023
	2014	2021	2022	2023		
China Continental	462,03	472,70	461,90	463,50	0,3	24,5
Turquia	103,53	96,34	118,30	114,89	11,0	6,1
Etiópia	48,71	52,03	73,12	84,59	73,7	4,5
Irã	77,80	76,48	78,39	80,39	3,3	4,2
Argentina	76,00	72,92	73,05	73,40	-3,4	3,9
Índia	61,96	74,00	75,73	70,85	14,3	3,7
Rússia	74,87	64,53	67,01	64,51	-13,8	3,4
Brasil	38,48	55,68	62,49	64,19	66,8	3,4
Estados Unidos	80,86	57,49	56,85	62,86	-22,3	3,3
México	60,62	62,08	64,32	58,03	-4,3	3,1
Subtotal	1.084,86	1.084,26	1.131,16	1.137,20	4,8	60,0
Outros	674,77	747,01	776,88	756,61	12,1	40,0
Mundo	1.759,6	1.831,3	1.908,0	1.893,8	7,6	100,0

Fonte: FAO/Faostat (fevereiro/2025)

Em 2023, 38% da produção mundial foram destinados às exportações. Os dez países maiores exportadores responderam por quase 73% das exportações mundiais. A China é destacadamente o maior exportador mundial, com 21% do total mundial. De 2014 a 2023, houve diminuição nas vendas de alguns grandes exportadores (principalmente Vietnã e México), mas crescimento importante em outros, como Índia, Ucrânia, Bélgica e Argentina, o que possibilitou um aumento geral de 13,5% das exportações mundiais no período (Tabela 3).

Tabela 3. Mel – Principais exportadores mundiais

País	Mil toneladas					Variação %	Participação %
	2014	2020	2021	2022	2023	2014-23	2023
China, Continental	129,82	132,47	145,89	156,00	152,64	17,6	21,2
Índia	26,98	54,83	70,51	86,18	98,27	264,3	13,7
Argentina	54,50	68,98	60,41	71,74	73,12	34,2	10,2
Ucrânia	36,34	80,87	61,17	48,37	55,36	52,3	7,7
Brasil	25,32	45,73	47,19	36,89	28,55	12,8	4,0
Espanha	26,83	28,43	28,64	28,37	27,81	3,6	3,9
Bélgica	20,01	22,74	19,95	32,12	27,17	35,8	3,8
Vietnã	53,53	34,58	35,48	28,57	23,79	-55,6	3,3
Alemanha	22,67	29,31	29,81	26,94	18,57	-18,1	2,6
México	39,15	22,62	25,08	27,44	16,78	-57,1	2,3
Subtotal	435,14	520,56	524,11	542,63	522,07	20,0	72,7
Outros	198,03	229,05	232,41	228,47	196,35	-0,8	27,3
Mundo	633,17	749,61	756,53	771,10	718,42	13,5	100,0

Fonte: FAO/Faostat (fevereiro/2025)

As importações também são relativamente concentradas em poucos países: dez respondem por quase três quartos do total mundial. Os Estados Unidos são o maior deles, com 28% do total importado em 2023. No entanto, no período de 2014-23, outros países tiveram aumento maior nas importações, com destaque para a Bélgica e Espanha (Tabela 4).

Tabela 4. Mel – Principais importadores mundiais

País	Mil toneladas					Variação %	Participação %
	2014	2020	2021	2022	2023	2014-23	2023
Estados Unidos	152,85	196,64	220,23	205,16	199,30	30,4	28,1
Alemanha	88,20	88,42	78,57	75,10	64,77	-26,6	9,1
Reino Unido	38,14	52,76	46,86	51,44	50,93	33,5	7,2
Japão	39,03	49,35	47,13	47,28	41,92	7,4	5,9
Bélgica	24,35	28,12	31,87	39,79	37,20	52,7	5,2
Espanha	22,10	30,10	31,65	37,57	31,38	42,0	4,4
França	28,67	34,77	29,28	35,49	31,30	9,2	4,4
Polônia	20,16	37,34	37,59	31,77	27,00	34,0	3,8
Itália	18,49	22,30	24,12	26,52	24,36	31,8	3,4
Arábia Saudita	17,40	23,52	21,19	18,27	17,67	1,6	2,5
Subtotal	449,37	563,33	568,50	568,37	525,83	17,0	74,1
Outros	124,68	181,23	198,02	200,81	183,41	47,1	25,9
Total mundial	574,06	744,56	766,51	769,18	709,24	23,5	100

Fonte: FAO/Faostat (fevereiro/2025)

Note-se que a Alemanha, a Bélgica e a Espanha aparecem nas listas dos principais exportadores e importadores. Por serem países com pouco destaque na produção e

importarem grandes quantidades, é bastante provável que parte das suas exportações seja de mel importado, possivelmente, depois de algum um tipo de processamento.

Produção e mercado nacionais

Segundo dados da Pesquisa Pecuária Municipal/IBGE, a produção brasileira de mel aumentou 66,8% de 2014 a 2023. Neste período, houve também importantes modificações na distribuição da produção melífera nas grandes regiões. A produção no Nordeste aumentou muito mais do que nas demais regiões. Com isto, passou a ser a região de maior produção, respondendo por quase por 40% da produção nacional em 2023. A produção também aumentou nas demais regiões, mas com crescimentos bem inferiores aos 142,8% do Nordeste. Entre os 10 estados maiores produtores, cinco são nordestinos, os quais tiveram enormes taxas de crescimento, com destaque para o Pernambuco (206%), Ceará (195%) e Piauí (171%). Este crescimento aproximou muito a produção do Piauí à do Rio Grande do Sul, que continua como maior produtor, com 14% da produção nacional. Santa Catarina, que ocupava a terceira posição em 2014, figura no oitavo lugar em 2023 (Tabela 5).

Tabela 5. Mel – Produção das grandes regiões e dos principais estados

Região/Estado	2014		2023		Variação %
	(t)	Part. %	(t)	Part. %	2014-23
Nordeste	10.555	27,4	25.624	39,9	142,8
Sul	16.463	42,8	21.834	34,0	32,6
Sudeste	8.729	22,7	13.646	21,3	56,3
Centro-Oeste	1.683	4,4	1.801	2,8	7,0
Norte	1.052	2,7	1.283	2,0	22,0
Brasil	38.481	100	64.189	100	66,8
Rio Grande do Sul	5.991	15,6	9.111	14,2	52,1
Piauí	3.250	8,4	8.830	13,8	171,7
Paraná	5.688	14,8	8.488	13,2	49,2
Minas Gerais	3.821	9,9	6.863	10,7	79,6
Ceará	1.932	5,0	5.704	8,9	195,2
São Paulo	3.781	9,8	5.562	8,7	47,1
Bahia	2.857	7,4	4.775	7,4	67,1
Santa Catarina	4.783	12,4	4.234	6,6	-11,5
Maranhão	1.205	3,1	3.186	5,0	164,4
Pernambuco	393	1,0	1.204	1,9	206,4
Subtotal	33.701	87,6	57.957	90,3	72,0
Outros	4.780	12,4	6.232	9,7	30,4
Brasil	38.481	100	64.189	100	66,8

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (2024)

É adequado considerar que boa parte do crescimento da produção brasileira nos últimos anos foi alavancado pelo aumento das exportações brasileiras. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), de 2015 para 2024, as exportações saltaram de 22,2 mil para 37,9 mil toneladas, 71,1% de aumento. Ressalta-se que, nesse período, houve um ano em que as exportações alcançaram 47,2 mil toneladas (2021), um recorde histórico, alavancado pelo crescimento da demanda internacional durante a Pandemia de Covid-19. Contudo, há grande concentração de vendas para poucos países. Em 2024, 99,5% da quantidade exportada tiveram como destino apenas cinco países, sendo que os Estados Unidos responderam por quase 80% do total. Nesse período, o Canadá superou a Alemanha como segundo principal destino do mel brasileiro (Tabela 6).

Tabela 6. Mel – Brasil: exportação segundo os principais destinos

País	Toneladas					Variação %	Participação %
	2015	2021	2022	2023	2024	2015-24	2024
Estados Unidos	15.788	33.313	28.070	22.717	29.985	89,9	79,1
Canadá	1.449	2.945	2.906	1.836	4.050	179,5	10,7
Alemanha	2.081	6.018	3.535	2.062	2.239	7,6	5,9
Reino Unido	1.218	735	785	543	998	-18,1	2,6
Austrália	331	1.377	264	122	282	-14,8	0,7
Bélgica	194	1.085	447	567	200	3,1	0,5
Subtotal	21.061	45.473	36.007	27.847	37.754	79,3	99,5
Outros	1107	1717	879	708	177	-84,0	0,5
Total	22.168	47.190	36.886	28.555	37.931	71,1	100

Fonte: MDIC/Comex Stat (fevereiro/2025)

Dez estados respondem por praticamente toda a exportação brasileira. No entanto, houve grandes mudanças nos últimos anos. São Paulo e Santa Catarina apresentaram as maiores quedas nas exportações. São Paulo teve participação reduzida de 24%, em 2015, para 8% em 2024. Santa Catarina passou de 28% para 14% no mesmo período. Outros estados, por sua vez, aumentaram muito sua importância. No mesmo período, o Piauí passou de 11% para 26% e a Bahia, com aumento de quase 1.300%, passou de menos de 1% para quase 7% (Tabela 7).

Tabela 7. Mel exportado pelos principais estados brasileiros

Estado	Toneladas					Variação %
	2015	2021	2022	2023	2024	2015-24
Piauí	2.516,1	11.929,0	11.346,7	10.123,3	10.032,2	298,7
Minas Gerais	1.678,7	4.096,3	5.220,2	4.410,3	7.761,1	362,3
Santa Catarina	6.147,8	10.287,7	5.304,0	3.615,9	5.476,8	-10,9
Paraná	3.408,2	9.632,3	4.465,7	2.625,7	3.969,1	16,5
São Paulo	5.294,1	5.140,6	2.947,9	936,3	3.030,8	-42,8
Ceará	1.982,5	3.115,6	2.759,4	2.013,1	2.602,2	31,3
Bahia	185,3	470,8	918,2	1.200,1	2.570,2	1.287,1
Rio Grande do Sul	596,6	1.704,4	2.746,8	1.758,5	1.431,8	140,0
Maranhão	358,6	806,7	1.103,1	1.805,7	860,9	140,1
Pernambuco	0,0	0,1	0,4	0,1	105,6	-
Subtotal	22.168,0	47.183,4	36.812,3	28.489,0	37.840,7	70,7
Outros	0,2	6,6	73,6	65,7	90,1	50.780,2
Brasil	22.168,1	47.189,9	36.885,9	28.554,8	37.930,7	71,1

Fonte: MDIC/Comex Stat (janeiro/2025)

Embora a lista dos 10 estados maiores exportadores e produtores coincidam, as importâncias são diferentes. O Rio Grande do Sul, por exemplo, apesar de ser o maior produtor e ter exportado 140% mais em 2024 do que em 2015, foi apenas o oitavo exportador em 2024. Santa Catarina, por sua vez, se destaca mais pelas exportações do que pela produção, sendo o oitavo produtor e o terceiro exportador.

Produção e mercado estaduais

Segundo dados da Pesquisa Pecuária Municipal/IBGE, a produção catarinense diminuiu 11,5% de 2014 para 2023, com mudanças na distribuição da produção entre as regiões. A microrregião Campos de Lages, maior produtora, respondeu por mais de um quarto da

produção estadual de 2023. No entanto, foram as microrregiões de Curitibaanos, Araranguá e Xanxerê que mais aumentaram a produção no período, respectivamente, 146%, 121% e 109%, sendo que 12 das 20 microrregiões tiveram queda na produção no período (Tabela 8).

Tabela 8. Mel – Santa Catarina: produção nas microrregiões

Microrregião	2014		2023		Varição %
	Quilogramas	Part. %	Quilogramas	Part. %	2014-23
Campos de Lages	856.550	17,9	1.097.500	25,9	28,1
Canoinhas	517.500	10,8	382.314	9,0	-26,1
Chapecó	252.697	5,3	311.301	7,4	23,2
Tubarão	304.850	6,4	299.804	7,1	-1,7
Criciúma	790.550	16,5	298.400	7,0	-62,3
Concórdia	205.800	4,3	266.000	6,3	29,3
Xanxerê	110.870	2,3	231.818	5,5	109,1
Rio do Sul	261.000	5,5	231.100	5,5	-11,5
São Miguel do Oeste	198.880	4,2	229.902	5,4	15,6
Joaçaba	292.671	6,1	183.520	4,3	-37,3
Blumenau	144.150	3,0	149.101	3,5	3,4
Curitibaanos	50.830	1,1	124.825	2,9	145,6
Araranguá	47.800	1,0	105.800	2,5	121,3
Tijucas	132.700	2,8	99.200	2,3	-25,2
Tabuleiro	347.362	7,3	94.318	2,2	-72,8
Ituporanga	73.000	1,5	57.550	1,4	-21,2
Florianópolis	59.280	1,2	39.454	0,9	-33,4
São Bento do Sul	39.879	0,8	15.126	0,4	-62,1
Joinville	91.686	1,9	14.408	0,3	-84,3
Itajaí	5.370	0,1	2.652	0,1	-50,6
Santa Catarina	4.783.425	100,0	4.234.093	100,0	-11,5

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (dezembro/2024)

Em relação ao comércio exterior, é necessário informar que as consultas nas bases de dados do MDIC podem ser feitas de duas maneiras distintas: “Dados Gerais”,¹⁹ que é a forma mais corriqueira de consulta, e “Dados por Municípios”²⁰. A depender da forma escolhida, para alguns segmentos/produtos, os resultados nos dados estaduais podem ser muito diferentes, sem mudança nos dados nacionais. O mel é um exemplo bem ilustrativo dessa possibilidade.

Na forma mais comum de consulta, “Dados Gerais”, as exportações catarinenses de mel cresceram 51% de 2023 para 2024. Mas quando se observa o período de 2015 a 2014, diminuíram quase 11%. Os Estados Unidos são o principal destino (81% do total) e, nos três últimos anos, o Reino Unido ocupa a segunda posição. Por outro lado, diminuíram sensivelmente as exportações catarinenses para Alemanha e Bélgica (Tabela 9).

¹⁹ Dados Gerais: os dados podem ser “filtrados” por Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), países de destino e origem, unidade da federação, via de transporte e unidade de despacho aduaneiro da receita federal, além de classificações com grupos de produtos e blocos de países.

²⁰ Dados por Municípios: os dados dizem respeito ao domicílio fiscal do declarante e podem não coincidir com o produtor ou comprador dos produtos comercializados. Os dados detalhados por municípios estão disponíveis apenas ao nível de Sistema Harmonizado (SH) de descrição e codificação de mercadorias e parceiros comerciais.

Tabela 9. Principais destinos do mel exportado por Santa Catarina

País	Toneladas					Variação %	Participação %
	2015	2021	2022	2023	2024	2015-24	2024
Estados Unidos	4.530,11	5.604,74	4.423,25	2.959,30	4.438,10	-2,0	81,0
Reino Unido	258,54	323,19	554,07	369,36	593,97	129,7	10,8
Alemanha	883,27	3.183,81	304,81	245,01	244,64	-72,3	4,5
Bélgica	174,29	609,42	0,00	0,00	63,68	-63,5	1,2
Canadá	20,52	0,00	0,00	0,02	59,85	191,7	1,1
Austrália	0,00	0,00	0,00	0,00	40,05	-	0,7
Suíça	0,00	20,24	20,69	0,01	20,27	-	0,4
China	0,00	40,00	0,01	0,05	15,36	-	0,3
Libéria	0,00	0,19	0,19	0,18	0,21	-	0,0
Marshall, Ilhas	0,00	0,15	0,38	0,20	0,21	-	0,0
Total	6.147,83	10.287,66	5.303,96	3.615,86	5.476,76	-10,9	100,0

Fonte: MDIC/Comex Stat (fevereiro/2025)

Na consulta por “Dados por Municípios”, encontra-se que o volume exportado pelas empresas com domicílio fiscal em municípios de Santa Catarina aumentou 52% em relação ao volume exportado em 2015. Nota-se, ainda, que apenas dois municípios, Araranguá e Içara, concentram praticamente o total das exportações catarinenses (Tabela 10). Esse melhor desempenho exportador catarinense nos “Dados por Municípios” em relação aos “Dados Gerais” ilustra bem como, há algum tempo, empresas com domicílio fiscal em Santa Catarina estabeleceram unidades de beneficiamento de mel em outras unidades da Federação.

Tabela 10. Exportação de mel nos principais municípios exportadores de Santa Catarina, segundo o município de domicílio fiscal do exportador

Município	Tonelada					Variação %
	2015	2021	2022	2023	2024	2015-24
Araranguá	4.153,24	8.110,85	6.956,26	5.994,58	5.910,63	42,31
Içara	2.130,09	3.929,58	4.382,73	3.199,70	3.642,87	71,02
São Francisco do Sul	0,00	0,84	1,15	0,83	0,95	-
Blumenau	0,00	0,11	0,02	0,04	0,02	-
Imbituba	0,00	0,02	0,015	0,03	0,00	-
Itajaí	0,00	115,94	0,004	0,00	0,00	-
Xaxim	0,00	0,05	0,00	0,00	0,00	-
Total SC	6.283,33	12.157,39	11.340,18	9.195,18	9.554,47	52,06

Fonte: MDIC/Comex Stat (fevereiro/2025)

Desempenho da aquicultura

Robson Ventura de Souza, Dr. Médico-veterinário – Epagri/Cedap
robsonsouza@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) mostram que a produção da aquicultura mundial atingiu 131 milhões de toneladas em 2022, o que em termos financeiros equivale a US\$312,7 bilhões, valor 5,5% maior que no ano anterior. Essa instituição projeta um crescimento da produção da aquicultura mundial de 3,8% em 2023 e 3,2% em 2024. As projeções também apontam um crescimento no consumo per capita de pescados provenientes da aquicultura, atingindo 12,2kg/ano em 2023 e 12,4kg/ano em 2024.

No momento da redação deste documento, a FAO ainda não havia disponibilizado dados estatísticos detalhados, por grupos de organismos, referentes à produção da aquicultura em 2023, portanto as discussões sobre produção e mercado mundiais a seguir e apresentadas nas próximas seções baseiam-se nos dados de 2022.

Os peixes são os organismos mais produzidos (61,5 milhões de toneladas) pela aquicultura mundial, seguidos pelas macroalgas (36,5 milhões de toneladas), pelos moluscos (18,9 milhões de toneladas) e pelos crustáceos (12,7 milhões de toneladas). Em termos financeiros, os peixes também são os organismos mais importantes, com um valor de US\$164,4 bilhões. Neste caso, as posições dos demais grupos se invertem, passando o grupo dos crustáceos a ser o segundo colocado, com valor de US\$91 bilhões, seguido pelo dos moluscos, com valor de US\$31,5 bilhões, e pelo das macroalgas, com valor estimado de US\$16,9 bilhões.

Os dados da FAO evidenciam que a aquicultura mundial está concentrada na Ásia, uma vez que sete dos dez principais países produtores estão localizados naquele continente. O maior produtor mundial é a China, que foi responsável por 57,6% da produção, ficando em segundo e terceiro lugares Indonésia e Índia. Esses últimos já representam parcelas bem menores da produção mundial, de 11,2% e 7,8%, respectivamente. Noruega, Egito e Chile completam a lista dos 10 maiores produtores da aquicultura mundial. Em 2022, o Brasil passa a figurar como 15º maior produtor da aquicultura mundial, tendo ultrapassado a produção da Coreia do Sul.



Peixes de água doce

Robson Ventura de Souza, Dr. Médico-veterinário – Epagri/Cedap

robsonsouza@epagri.sc.gov.br

Bruno Corrêa da Silva, Dr. Engenheiro de aquicultura – Epagri/Cedap

brunosilva@epagri.sc.gov.br

Produção mundial

De acordo com a FAO, os peixes de água doce representaram 39,4% (51,6 milhões de toneladas) do montante total produzido pela aquicultura mundial. Em relação ao total de peixes produzidos, quando são incluídos os diádromos (que migram entre água doce e salgada visando, por exemplo, à reprodução) e os marinhos, os de água doce se destacam por serem 83,9% do total produzido. A piscicultura de água doce cresceu 3,7% em 2022. Entre os peixes de água doce, os três principais grupos produzidos são as carpas e outros ciprinídeos (51,6%), os catfishes (10,8%), e as tilápias e outros ciclídeos (10,6%). Pelo menos seis grupos diferentes de ciprinídeos estão entre as 30 espécies ou grupos de espécies mais produzidos pela aquicultura mundial (a lista inclui plantas aquáticas, crustáceos e moluscos). A carpa capim e a carpa prateada foram a terceira e a quinta espécies mais produzidas, com 6,2 milhões de toneladas e 5,1 milhões de toneladas, respectivamente. A tilápia ocupou a quarta posição na lista, com 5,3 milhões de toneladas, superando a produção da carpa prateada.

Produção e mercado nacionais

Dados da Associação Brasileira da Piscicultura (PEIXE BR) mostram que a produção de peixes de cultivo no Brasil em 2023 foi de 887.029 toneladas, o que representa um crescimento de 3,1%, taxa maior que a observada no ano anterior (2,3%). As informações disponibilizadas pela PEIXE BR apontam que as tilápias representaram 65% da produção nacional de peixes de cultivo e que foi observado um crescimento de 5,3% na produção desta espécie. Esse aumento foi maior que na safra anterior (3%). O Brasil produziu 579 mil toneladas de tilápia, ocupando a 4ª posição mundial em volume de produção dessa espécie, ficando atrás de China, Indonésia e Egito.

Santa Catarina segue sendo o quinto estado com maior produção de peixes de cultivo no Brasil em 2023, atrás do Paraná (213.300 toneladas produzidas), São Paulo (82.400 toneladas), Minas Gerais (61.600 toneladas) e Rondônia (56.500 toneladas). Em relação à produção de tilápias, Santa Catarina segue sendo o 4º maior produtor, atrás do Paraná (209.500 toneladas), São Paulo (75.700 toneladas) e Minas Gerais (58.200 toneladas).

A PEIXE BR também aponta que as exportações brasileiras de produtos da piscicultura apresentaram uma nova queda em volume de 20% em 2023, passando de 8.487 para 6.815 toneladas. Apesar de menor, o montante exportado em 2023 representou um aumento de 4% em termos financeiros, totalizando US\$24,7 milhões, isso porque itens de maior valor agregado, como os filés frescos, representaram uma maior fatia das exportações. A tilápia segue sendo a principal espécie exportada, representando 94% do volume total, com valor estimado em US\$23,3 milhões.

Produção e mercado estaduais

Estima-se que a piscicultura de água doce catarinense produziu 53.881 toneladas na safra de 2023²¹. O maior volume de produção foi de tilápias (44,3 mil toneladas), seguido pelas carpas (7,7 mil toneladas) (Figura 1). Em menores quantidades são produzidos bagres (jundiá - 636 toneladas e catfish - 394 toneladas), trutas (327 toneladas) e peixes redondos (189 toneladas).

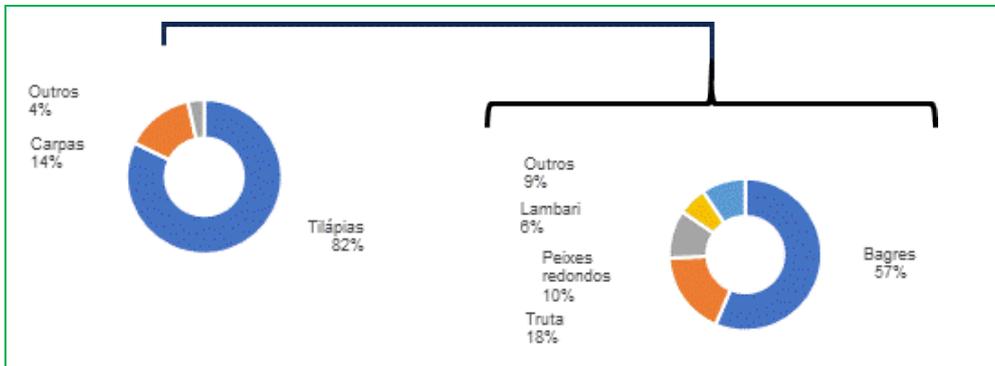


Figura 1. Aquicultura – Santa Catarina: principais grupos de peixes de água doce produzidos em 2023

Fonte: Epagri/Cedap (dezembro/2024)

A produção da piscicultura catarinense segue crescendo, com aumento de 5,2% em 2023, crescimento maior que no ano anterior (3,57%). Quando a análise é realizada por grupos de peixes, é possível notar que esse crescimento se deve à produção de tilápias, que aumentou 5,2%, enquanto os demais grupos apresentam pequena variação temporal. Quando a análise é feita por município, é possível observar que os três principais produtores do Estado seguem sendo os mesmos: Armazém, Massaranduba e Rio Fortuna (Figura 2).

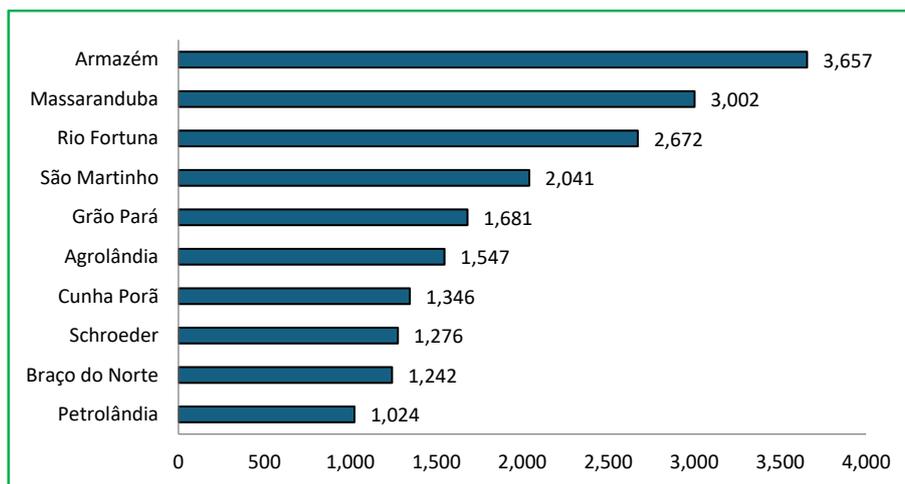


Figura 2. Aquicultura – Santa Catarina: produção de peixes de água doce por município – 2023 (tonelada)

Fonte: Epagri/Cedap (dezembro/2024)

²¹ As estimativas foram geradas a partir de dados levantados por extensionistas dos escritórios municipais da Epagri, de dados de trânsito de peixes para abate registrados nas Guias de Trânsito Animal (GTAs) e por meio de modelos matemáticos.

Estiveram envolvidos na atividade 31.253 produtores, sendo que 7,1% (2.224) destes são profissionais e o restante (29.029) são amadores, isto é, aqueles produtores que utilizam a piscicultura para autoabastecimento, lazer e venda eventual. Contudo, os profissionais foram responsáveis por 76,2% da produção catarinense.

Estimativa econômica

Estima-se que as 41.033 toneladas de peixes produzidas pelos piscicultores profissionais na safra de 2023 geraram uma movimentação financeira bruta em torno de R\$ 370 milhões (Tabela 1). As tilápias seguem sendo o grupo de peixes responsáveis pela maior geração de receita, seguidas pelas carpas.

Tabela 1. Aquicultura – Santa Catarina: estimativa de valor da produção de peixes de água doce por piscicultores profissionais – 2023

Grupo de organismos	Quantidade total	Produção comercializada	Preço do quilo ⁽¹⁾	Valor total (milhões)
	(t)	(t)	(R\$)	(R\$)
Tilápia	44.308,3	38.070,4	9,01	343,0
Carpas	7.743,2	2.207,6	8,51	18,8
Bagres	1.031,4	414,3	8,90	3,7
Truta	327,0	249,3	15,00	3,7
Outros	471,2	91,4	9,01	0,8
Total	53.881,1	41.033,0	-	370,0

⁽¹⁾ Fonte dos preços por quilograma: Epagri/Cepa, Preços agrícolas mensais. Disponível em: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/mercado-agricola/>. Preço médio em 2023 do quilograma de tilápias, carpas, jundiás e trutas vivas. Para as demais espécies foi atribuído o valor da tilápia.

Fonte dos dados de produção: Epagri/Cedap (dezembro/2024)



Moluscos

Robson Ventura de Souza, Dr. - Médico-veterinário - Epagri/Cedap

robsonsouza@epagri.sc.gov.br

João Guzinski, Dr. Oceanógrafo – Epagri/Cedap

guzinski@epagri.sc.gov.br

Produção mundial

Dados da FAO mostram que os moluscos representaram 14,4% (18.9 milhões de toneladas) do total produzido pela aquicultura mundial em 2022. A produção mundial de moluscos cresceu 2,6% em relação a 2021. Os principais grupos de moluscos produzidos foram as ostras (37,4%), os berbigões e as amêijoas (31%), seguidos pelas vieiras (10,7%) e pelos mexilhões (10,2%). A produção mundial de ostras de berbigões e amêijoas apresentou aumentos de 8,8% e 1,7%, respectivamente, enquanto a produção de vieiras e a de mexilhões sofreu reduções de 2,7 e 4,8%, respectivamente.

Produção e mercado nacionais

De acordo com dados do IBGE, a aquicultura brasileira produziu 8.729 toneladas de ostras, vieiras e mexilhões em 2023, seguindo a tendência de queda observada desde 2020, quando o país produziu 15.781 toneladas. Esse montante representa uma redução de 12,5% em relação ao ano anterior. Santa Catarina continua sendo o maior produtor de moluscos de cultivo do Brasil, responsável por 93,2% da produção nacional em 2023, uma pequena redução em relação a 2022 (94,8%).

Produção e mercado estaduais

Os dados da produção estadual de moluscos apresentados na Síntese Anual da Agricultura e no Observatório do Agro Catarinense até 2021 são as estimativas historicamente geradas pelos extensionistas da Epagri. A partir de 2022, esses dados passaram a ser obtidos junto ao Governo Federal, através dos Relatórios Anuais de Produção – RAP, que são documentos com informações que todos os aquicultores que possuem contrato de cessão de uso de espaços físicos de Águas Públicas da União para fins de aquicultura devem enviar ao Ministério da Pesca e Aquicultura. Assim sendo, é importante registrar que diferenças observadas nos dados gerados de 2022 em diante podem estar em algum nível relacionadas à mudança na metodologia da obtenção das estimativas de produção.

Segundo o Governo Federal, a produção catarinense de moluscos na safra de 2023 foi de 7.005,1 toneladas, representando uma queda de 23,5% na produção, seguindo uma tendência observada desde 2021. A redução na produção de mexilhões foi de 25,5% e a produção de ostras, que havia se mantido estável no ano anterior, teve uma redução de 16,3% em 2023.

Em 2023, em Santa Catarina, 292 produtores estiveram envolvidos no cultivo de moluscos. Quando se compara o dado com o ano anterior, uma redução de 18% nesse número é percebida, seguindo uma tendência de redução que vem sendo observada desde 2016, quando haviam 602 malacocultores no estado.

Mexilhões

A produção de mexilhões na safra 2023 foi de 5.273 toneladas. As principais espécies produzidas são o mexilhão-do-mediterrâneo, *Mytilus galloprovincialis*, espécie invasora que tem sido observada no estado desde 2016, e o *Perna perna*, espécie historicamente cultivada em SC. Embora não existam registros oficiais das proporções comercializadas das diferentes espécies, um estudo recente (realizado entre outubro de 2023 a dezembro de 2024) registrou no fim de 2023 a proporção de 89,3% da espécie invasora entre os mexilhões produzidos em fazendas marinhas na Baía da Ilha de Santa Catarina, principal zona produtora de moluscos bivalves do estado.

O principal município produtor de mexilhões segue sendo Palhoça, seguido por Penha, Bombinhas e Florianópolis (Figura 3). Em relação à Palhoça, é importante evidenciar que a tendência de redução importante da produção, que vem sendo registrada desde 2020, foi novamente observada em 2023. O município produzia 10.200 toneladas em 2020 e registrou em 2023 uma produção de apenas 1.885 toneladas, uma redução de 43,9% em relação ao ano anterior e de 81,5% em três anos. Um aumento de 15,8% da produção em Penha e uma redução de 7,4% em Bombinhas fizeram com que este último perdesse o posto de segundo maior produtor do estado em 2023. A atividade de cultivo de mexilhões em Santa Catarina envolveu 252 produtores em 2023, número que representa uma redução de 21% em relação a 2022, quando havia 318 produtores.

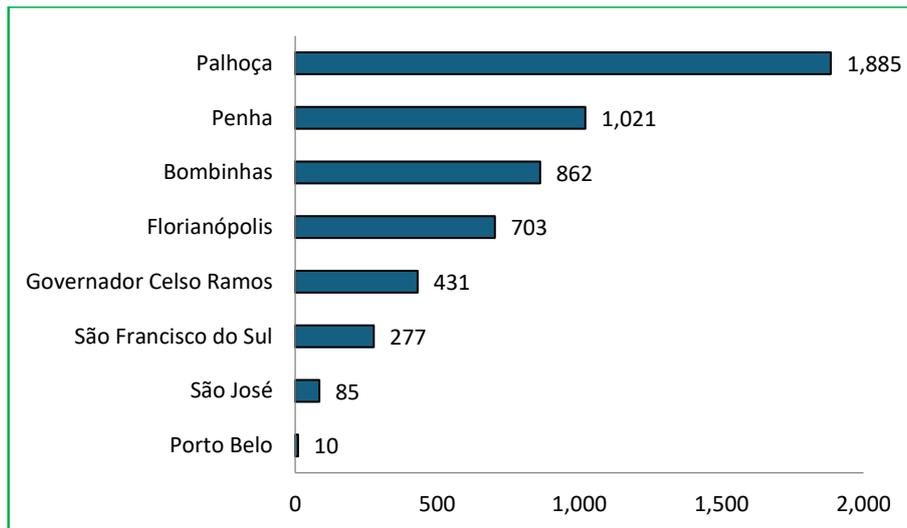


Figura 3. Aquicultura – Santa Catarina: produção de mexilhões por município – 2023 (tonelada)

Fonte: Epagri/Cedap (dezembro/2024)

Ostras

A produção de ostras na safra 2023 foi de 1.731,8 toneladas²², representando uma redução de 16,2% em relação à produção do ano anterior. As ostras do Pacífico (*Crassostrea gigas*) representaram 98,5% desse montante, enquanto a produção de ostras nativas (*Crassostrea brasiliana* ou *Crassostrea gasar*) foi de 25,3 toneladas. O município com maior produção de ostras foi Florianópolis, seguido por Palhoça e São José (Figura 4). Um total de 84 produtores esteve envolvido na atividade, número 8,6% menor que no ano anterior.

²² Para fins de estimativa de produção, considerou-se que uma dúzia de ostras pesa 1Kg.

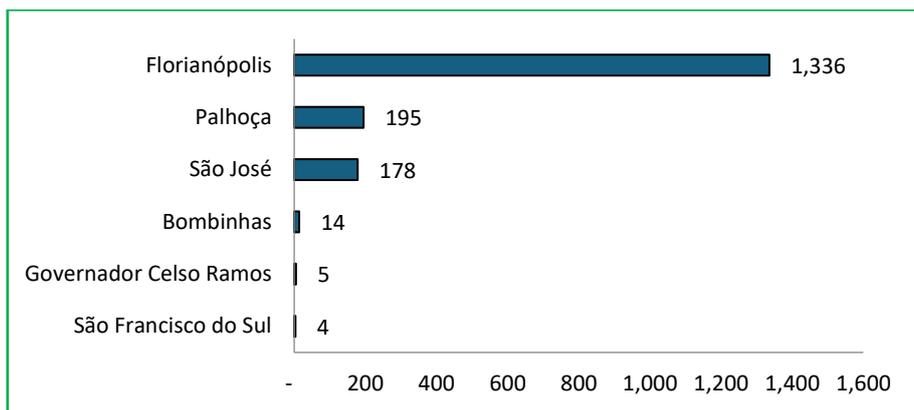


Figura 4. Aquicultura – Santa Catarina: produção de ostras por município – 2023 (tonelada)

Fonte: Epagri/Cedap (dezembro/2024)

Vieiras

A produção de vieiras (*Nodipecten nodosus*), que era de 42 toneladas em 2021, passou para 14,5 toneladas²³ no ano seguinte e para apenas 0,2 toneladas em 2023. Santa Catarina possuía sete produtores em 2021 e restaram apenas dois em 2023, um localizado em Palhoça e um em Florianópolis.

Estimativa econômica

A movimentação financeira bruta referente à safra de moluscos de 2023 foi de R\$55,5 milhões de reais, sendo que os mexilhões e as ostras contribuíram com parcelas iguais de 50% (R\$27,8 milhões). A estimativa financeira foi feita considerando os seguintes preços de comercialização²⁴: mexilhões - R\$5,27/Kg; ostras - R\$16,03/dúzia.

²³ Para fins de estimativa de produção, considerou-se que uma dúzia de vieiras pesa 0,96 kg.

²⁴ Os preços de mexilhões e ostras foram estabelecidos com base na média dos preços registrados pela Epagri/Cepa em 2023. No caso das ostras, considerou-se o valor médio de ostras grandes e pequenas.



Camarões marinhos

Robson Ventura de Souza, Dr. Médico-veterinário, Epagri/Cedap
robsonsouza@epagri.sc.gov.br
Luiz Rodrigo Mota Vicente, Médico-veterinário, Epagri/Tubarão
mota@epagri.sc.gov.br

Produção mundial

De acordo com a FAO (2022), os camarões representaram 6,1% (7,93 milhões de toneladas) da produção da aquicultura mundial. A produção de camarões segue crescendo mais que a aquicultura de forma geral, como vinha sendo registrado nos últimos anos, numa proporção de 6,7% em 2022. O camarão-branco-do-pacífico (*Penaeus vannamei*) respondeu por 86% (6,82 milhões de toneladas) desse montante, posicionando-se como a quarta espécie mais produzida pela aquicultura mundial, quando se consideram todos os peixes, crustáceos, moluscos e plantas aquáticas. O camarão-tigre-gigante (*Penaeus monodon*) é a segunda espécie de camarão mais produzida, com produção de 760 mil toneladas em 2022.

Produção e mercado nacionais

De acordo com dados do IBGE, o Brasil produziu 127,5 mil toneladas de camarões marinhos em 2023, o que representa um aumento de 13% em relação ao ano anterior. Os estados com maior produção em 2023 foram o Ceará (72,7 mil toneladas) e o Rio Grande do Norte (24,7 mil toneladas). De acordo com os dados do IBGE, Santa Catarina se posiciona como o 10º maior produtor nacional de camarões marinhos.

Produção e mercado estaduais

Foram produzidas 229 toneladas de camarões marinhos²⁵ (*Penaeus vannamei*) em Santa Catarina em 2023, valor similar ao ano anterior (228,1 toneladas) e que representa uma movimentação financeira bruta de R\$6,9 milhões, quando se considera o preço médio²⁶ de R\$30/kg pago aos produtores.

A atividade contou com 16 produtores, sendo que 15 deles realizaram cultivos em viveiros escavados, com área alagada total de 161 ha. O município líder em produção é Laguna, seguido por Imbituba e Garopaba (Figura 5). Um produtor adota o sistema superintensivo em tanques elevados, em Florianópolis.

²⁵ Os dados foram obtidos pelo técnico da Epagri Luiz Rodrigo Mota Vicente.

²⁶ Preço médio em 2023 do quilograma de camarão cultivado, Cepa/Preços agrícolas mensais

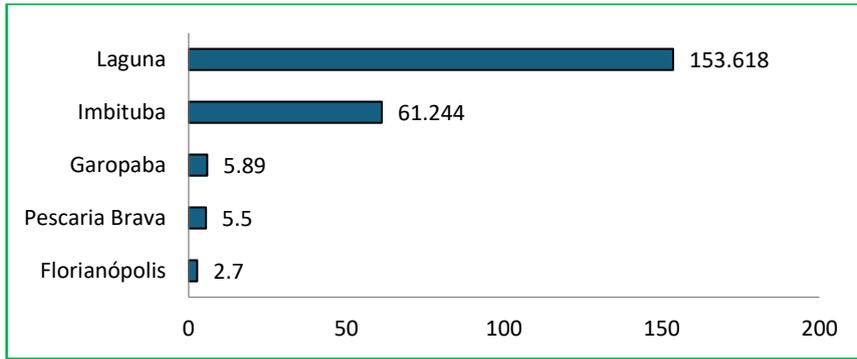


Figura 5. Aquicultura – Santa Catarina: produção de camarões marinhos por município – 2023 (tonelada)

Fonte: Epagri/Cedap (dezembro/2024)



Macroalgas

Robson Ventura de Souza, Dr. Médico-veterinário, Epagri/Cedap

robsonsouza@epagri.sc.gov.br

Alex Alves dos Santos, MSc. Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cedap

alex@epagri.sc.gov.br

Produção mundial

De acordo com a FAO, as macroalgas representaram 27,9% (36,5 milhões de toneladas) da produção da aquicultura mundial, sendo o segundo grupo mais importante em termos de volume de produção, atrás dos peixes. A produção de macroalgas cresceu menos que a aquicultura de forma geral, numa proporção de 3,9% entre 2021 e 2022. As algas kelp japonesas (10,8 milhões de toneladas), as algas do gênero *Eucheuma* (7,8 milhões de toneladas) e as algas do gênero *Gracilaria* (7,5 milhões de toneladas) são os organismos mais produzidos pela aquicultura no mundo, quando se consideram de forma conjunta macroalgas, peixes, moluscos e crustáceos. Além destas, destacam-se entre os principais grupos produzidos pela aquicultura mundial a Wakame (2,7 milhões de toneladas), a Nori (2,1 milhões de toneladas) e a *Kappaphycus* (1,8 milhões de toneladas).

Produção e mercado nacionais

De acordo com o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), foram produzidas 666,4 toneladas de algas no Brasil em 2023, o que representa um aumento de 21,9% em relação ao ano anterior. O cenário de produção de algas no Brasil mudou significativamente em 2023, com um aumento significativo da produção de Santa Catarina (332%) e uma redução da produção no Rio de Janeiro (69%), ambos estados produtores de *Kappaphycus alvarezii*. Com essa mudança, Santa Catarina assumiu a liderança da produção nacional (536,4 toneladas), seguido pelo Rio de Janeiro (128,3 toneladas). São Paulo e Ceará são também produtores, mas em proporções bem menores, com 1,38 tonelada de *Kappaphycus* produzida pelo primeiro, bastante similar à do ano anterior (1,3 toneladas), e 0,3 tonelada de algas do gênero *Hypnea* produzido pelo segundo, mesma produção de 2022.

Produção e mercado estaduais

Os cultivos comerciais da macroalga *Kappaphycus alvarezii* em Santa Catarina foram autorizados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em 2020. De acordo com dados levantados pela Epagri, na primeira safra, entre 2021 e 2022, foram produzidas 102,3 toneladas por quatro produtores, na segunda safra, entre 2022 e 2023, a produção praticamente triplicou, atingindo 300,35 toneladas produzidas por 22 algicultores e na safra 2023/2024 foram produzidas 751,09 toneladas (t), representando um aumento de 150,07% em relação ao ano anterior. É importante observar que os dados levantados pela Epagri se referem a safras iniciadas no início da primavera e finalizadas no fim do outono do ano seguinte, enquanto os dados gerados pelo MAPA se referem à produção gerada no ano civil, e por isso não são imediatamente comparáveis.

De acordo com os dados levantados pela Epagri, na safra mais recente atuaram 52 produtores distribuídos em nove municípios, um aumento de 136,4% no número de produtores em relação à safra anterior. Ao todo, foram 22 produtores em Florianópolis, 10 em Palhoça, 5 em Biguaçu, 5 em Bombinhas, 3 em Penha, 3 em Governador Celso Ramos, 2 em Porto Belo, 1 em São José e 1 em São Francisco do Sul (Tabela 1). O município que mais contribuiu para a

produção total do estado de Santa Catarina foi Florianópolis, com uma produção de 351,21t, representando um aumento de 70,74% em relação à safra 2022/2023 (188,3t), seguido por Palhoça, Bombinhas e Governador Celso Ramos (Figura 2). O Estado comercializou 751,09t de alga in natura na safra 2023/2024, praticando um preço médio de R\$2,80/kg de alga. Estes dados resultaram em uma movimentação financeira de R\$2,1 milhões com a venda direta de alga pelos produtores.

Tabela 2. Aquicultura – Santa Catarina: área, número de produtores e produção de algas por município – 2024

Município	Área de produção(ha)	Número de produtores	Produção (t)
Florianópolis	15,75	22	351,21
Palhoça	14,35	10	254,49
Bombinhas	4,20	5	72,87
Governador C. Ramos	1,04	3	29,04
Biguaçu	2,77	5	19,02
Penha	0,54	3	12,80
Porto Belo	1,00	2	7,10
São José	0,56	1	3,56
São Francisco do Sul	0,25	1	1,00
Total	40,46	52	751,09

Fonte: Epagri/Cedap (dezembro/2024)



Desempenho do setor florestal

Luiz Toresan – Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
toresan@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

O comércio internacional de produtos florestais tem se mostrado oscilante, mas em crescimento

Áreas com florestas compreendem cerca de um terço da superfície terrestre global, totalizando aproximadamente 4,1 bilhões de hectares, segundo a FAO. Rússia, Brasil, Canadá, Estados Unidos e China detêm mais da metade dessa área. A América do Sul possui mais de 20% da superfície florestada no mundo e o Brasil, com quase 500 milhões de hectares, detém 12% do total mundial. Ainda segundo a FAO, 150 milhões de hectares de florestas brasileiras são de áreas protegidas, o que representa mais de 20% de todas as áreas de florestas protegidas no mundo.

A área mundial de florestas cultivadas para fins econômicos é estimada em 300 milhões de hectares. A China é o maior detentor de florestas plantadas para fins comerciais, com 29% da área total. O Brasil, com 9,7 milhões de hectares plantados, posiciona-se entre os países que mais cultivam florestas para fins comerciais.

Todo ano são consumidos no mundo quase quatro bilhões de m³ de madeira bruta usada na transformação industrial ou como fonte de energia. A metade desse volume é produzida pelos oito países maiores produtores: EUA, Índia, China, Brasil, Rússia, Canadá, Etiópia, e Indonésia. De toda a produção, cerca da metade é consumida como energia e a outra parte é transformada pela indústria em diferentes produtos.

A produção florestal para consumo como fonte de energia, ainda que seja importante para centenas de países, também é concentrada em poucos deles, com destaque para a Índia com 15,2% do consumo mundial, seguida pela China, Brasil e diversos países da África e da Ásia. Na maior parte dos países o uso energético das florestas se dá pelo consumo de lenha na cocção de alimentos. No Brasil, além do uso da lenha para alimentar fogões nos domicílios ou caldeiras industriais, uma parcela importante do consumo é de eucalipto empregado na produção de carvão vegetal pela indústria siderúrgica, em substituição ao carvão mineral.

O *Global Forest Sector Outlook 2050*, publicado pela FAO em 2023, prevê importante crescimento da produção de madeira para energia no mundo até 2050, porém em ritmo menor que o consumo de madeira para transformação industrial. Segundo o relatório, a dinâmica e intensidade desse crescimento dependerá, sobretudo, do consumo futuro de lenha na África subsaariana e no sul da Ásia, bem como do futuro papel da biomassa moderna no fornecimento de energia renovável (*pellets, briquets*, etc.).

É importante destacar o crescimento mundial do consumo da madeira como fonte energética sob a forma de *pellets, briquets* e outras aglomerações de partículas de madeira, cuja produção é de mais de 50 milhões de toneladas e, pela sua facilidade de uso e menor pegada de carbono, frente a outras fontes energéticas, tem perspectiva de ter sua produção e consumo em crescimento nos próximos anos. Na produção se destacam os EUA, Vietnã, Alemanha, Canadá, França e Letônia, que juntos respondem por mais da metade da produção mundial.

O uso industrial da madeira, com origem tanto de florestas plantadas quanto de nativas, vem consumindo nos últimos anos, em todo o mundo, cerca de 2 bilhões de m³ de madeira em toras. Esse volume é transformado em madeira maciça desdobrada, painéis de madeira reconstituída, celulose e papel. Estados Unidos, Brasil, Rússia, China e Canadá são os maiores

produtores, sendo responsáveis por mais da metade da produção mundial (Tabela 1). Nos últimos anos, dentre os países de maior produção, o Brasil é o que mais aumentou sua produção e os Estados Unidos e a Rússia foram os que mais reduziram o volume produzido.

Segundo a FAO, as florestas temperadas e boreais naturais regeneradas fornecem mais de 40% da madeira de uso industrial, enquanto as florestas cultivadas, cada vez mais localizadas no Hemisfério Sul, são responsáveis pelo fornecimento de quase a metade do volume consumido.

Tabela 1. Madeira em toras para transformação industrial⁽¹⁾ – Produção mundial segundo os principais países – 2019-23

País	2019	2020	2021	2022	2023
EUA	387.722.600	368.737.511	382.246.000	383.960.687	346.265.332
Brasil	143.006.000	154.720.000	163.556.000	180.667.000	184.424.000
Rússia	203.193.943	203.193.943	209.290.000	182.082.000	178.282.000
China Continental	147.366.000	166.397.000	165.881.000	169.978.000	169.978.000
Canadá	139.940.060	141.250.213	144.156.424	144.156.424	129.457.561
Indonésia	83.346.000	86.671.449	69.563.606	68.503.792	74.419.003
Suécia	69.000.000	69.007.000	71.416.311	71.218.405	66.200.000
Finlândia	55.670.364	51.180.631	57.873.982	56.335.371	53.581.748
Índia	49.867.000	49.867.000	49.868.000	49.868.000	49.868.000
Alemanha	52.705.728	58.439.571	60.305.009	58.363.378	49.793.113
Demais países	653.538.196	634.325.034	663.550.340	646.978.256	622.332.739
Total mundial	1.985.355.891	1.983.789.352	2.037.706.672	2.012.111.313	1.924.601.496

⁽¹⁾ Refere-se a toda madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel, além de outros fins industriais.

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos (janeiro/2025)

A FAO projeta um crescimento de 37% no consumo mundial de madeira bruta para transformação industrial até 2050, em relação ao consumo verificado em 2020, devendo ultrapassar 3,0 bilhões de m³ naquele ano. Essa projeção estima um crescimento na demanda pela matéria-prima maior que o observado entre 1990 e 2020, com aumento do consumo *per capita*. A projeção se baseia na tendência histórica de consumo e na esperada substituição de materiais não renováveis como plásticos e fibras, de maior pegada de carbono, por produtos da madeira, de uso mais sustentável, do ponto de vista ambiental e climático.

Esse processo de crescimento do uso da madeira deverá criar espaço, segundo a FAO, para um importante aumento no consumo de madeira maciça e madeira engenheirada, acrescentando 230 milhões de m³ ao consumo anual desses produtos, ao final do período (2020-2050). Para atender essa demanda adicional, a estimativa é de que seja necessário acrescentar mais 33 milhões de hectares de novos plantios comerciais em todo o mundo, além de aumentar a produtividade das florestas.

A madeira serrada, com expectativa de produção e consumo mundial crescentes nas próximas décadas, tem nos EUA, na China, na Rússia e no Canadá seus maiores produtores mundiais, com quase a metade da produção total (Tabela 2). No entanto, o enfraquecimento da atividade econômica observado nos últimos anos em grande parte dos países levou a uma queda na produção mundial de madeira serrada, produto que tem a Rússia e o Canadá como os maiores exportadores mundiais. O Brasil é um dos dez maiores produtores mundiais e vem mantendo sua produção anual em níveis próximos a 10,0 milhões de m³.

Nos últimos anos, os preços da madeira serrada na América do Norte, principal formador de preços, sofreram oscilações significativas. Durante a pandemia, os preços da madeira de fibra longa (de coníferas) tiveram fortes elevações e flutuações, alimentadas por paradas na



indústria e movimentos de reparações e renovações de residências, impulsionadas pelo confinamento da Covid-19. Esse movimento teve forte regressão nos anos subsequentes, pelo declínio dos indicadores imobiliários nos Estados Unidos, com desaceleração das atividades de construção, atribuída ao aumento dos custos, vindo a manter níveis de preços bem mais baixos e menos oscilantes.

O mercado imobiliário dos EUA é a chave para a recuperação dos preços da madeira serrada na América do Norte. As taxas de juros mais altas nos EUA e a elevação da taxa para 14,5%, aplicada em agosto de 2024 nas importações de madeira vinda do Canadá, elevaram os custos das construções e fizeram com que a demanda e os preços da madeira atingissem níveis muito baixos, provocando o fechamento de fábricas nos EUA e no Canadá. A concretização e manutenção de novas sobretaxas pelo governo dos EUA às importações do Canadá, México e Europa poderão redesenhar o mercado norte-americano de madeira e elevar os custos da construção civil. Com custos mais altos e perspectivas de manutenção dos juros em patamares elevados por mais tempo, a recuperação do mercado norte-americano para a madeira tende a ser postergada, com reflexos negativos em todos os países fornecedores, inclusive no Brasil.

Tabela 2. Madeira serrada – Produção mundial segundo os principais países – 2019-23

País	2019	2020	2021	2022	2023
EUA	82.400.000	79.100.000	80.700.000	81.637.000	77.872.000
China Continental	67.455.000	77.427.000	79.517.000	56.990.000	56.990.000
Rússia	44.766.000	41.797.065	41.797.065	38.000.000	37.530.000
Canadá	41.832.100	40.397.200	41.080.100	37.258.800	35.075.600
Índia	23.975.000	23.975.000	23.975.000	23.975.000	23.975.000
Alemanha	24.566.369	26.202.347	26.402.884	25.327.536	23.800.380
Suécia	18.700.000	18.500.000	19.100.000	19.000.000	17.900.000
Finlândia	11.430.000	10.936.000	11.966.000	11.273.000	10.473.000
Brasil	10.100.000	10.000.000	10.000.000	9.743.000	9.743.000
Turquia	8.205.000	9.375.000	11.193.000	9.770.000	9.425.000
Demais países	150.511.770	144.388.018	150.510.430	149.588.888	141.813.503
Total mundial	483.941.239	482.097.630	496.241.479	462.563.224	444.597.483

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos (janeiro/2025)

A celulose é um dos mais importantes itens do comércio internacional de produtos florestais. A produção mundial nos últimos anos tem ficado um pouco abaixo das 200 milhões de toneladas anuais. O fornecimento dessa *commodity* no mercado mundial vem se deslocando do Hemisfério Norte para os países do Hemisfério Sul, enquanto a demanda de alguns países vem aumentando, em especial a da China. Enquanto fornecedores tradicionais, como Canadá e Finlândia, seguem reduzindo capacidade produtiva, países como Brasil, Uruguai e Chile, expandem suas capacidades de produção.

Dentre os maiores produtores, China e Brasil foram os de maior crescimento na produção nos últimos anos, enquanto EUA e Canadá apresentaram a maior redução (Tabela 3). O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de celulose de mercado, após ter perdido nos últimos anos para a China o posto de segundo maior produtor.

Utilizando principalmente o eucalipto como matéria-prima, o Brasil se consolidou como o principal fornecedor mundial de celulose e é responsável por parcela expressiva do volume total exportado pelo conjunto dos países exportadores. Com sucessivas expansões e implantações de grandes projetos industriais, o Brasil vem ampliando sua participação nesse mercado, particularmente de celulose de fibra curta (de eucalipto).



Os preços da celulose no mercado internacional apresentaram bastante oscilação nos últimos anos. Em 2024, após um importante movimento altista até meados do ano, os preços da celulose de fibra curta, de eucalipto, experimentaram quedas nos meses subsequentes. Especialistas atribuem essa queda ao acréscimo de capacidade produtiva em alguns países da América do Sul, especialmente no Brasil, e à existência de estoques excedentes devido à demanda mais fraca. A queda de preço da celulose de fibra longa de coníferas, que tem maior valor, foi bem menor, o que aumentou a diferença entre os preços dos dois tipos de celulose. Esse movimento foi semelhante ao ocorrido ao longo de 2023.

A celulose de eucalipto exportada pelo Brasil teve em 2024 um preço médio bem superior ao de 2023 (+33%), com crescimento até meados do ano e quedas ao longo do segundo semestre. Com o aumento da capacidade instalada e o mercado relativamente abastecido não são esperados ao longo de 2025 movimentos de alta nos preços da celulose exportada pelo Brasil.

Tabela 3. Celulose de mercado – Produção mundial segundo os principais países – 2019-23

(t)

País	2019	2020	2021	2022	2023
EUA	50.940.806	49.891.130	48.598.000	47.911.859	47.020.582
China Continental	18.557.000	20.187.000	23.625.000	26.730.000	28.865.000
Brasil	19.755.000	21.016.000	22.568.000	25.017.000	24.300.000
Canadá	16.235.000	13.960.000	14.300.000	13.620.000	12.600.000
Suécia	11.595.143	11.566.926	11.233.640	11.323.926	10.897.000
Finlândia	11.200.000	10.120.000	10.960.000	10.520.000	9.230.000
Indonésia	8.189.000	8.974.440	8.702.583	8.976.091	8.976.091
Rússia	8.327.000	8.865.000	8.924.865	8.869.329	8.652.639
Japão	8.390.000	7.071.000	7.620.000	7.573.000	7.210.599
Índia	6.126.800	6.126.800	6.126.800	6.126.800	6.126.800
Demais países	33.695.230	33.445.766	33.230.858	31.703.461	30.872.898
Total mundial	193.010.979	191.224.062	195.889.746	198.371.466	194.751.609

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos (janeiro/2025)

Na produção de papéis, a China e os EUA lideram a produção mundial, com mais de 47,5% do total (Tabela 4). Nos últimos anos, os EUA, o Japão e a Alemanha tiveram importantes reduções de produção, enquanto a China segue apresentando fortes aumentos de volume produzido, daí suas fortes e crescentes importações de celulose. O Brasil, apesar de importante produtor, tem pouca participação no mercado mundial, sendo exportador de papéis para embalagem e importador de papel para imprimir.

Tabela 4. Papel e papel cartão – Produção mundial segundo os principais países – 2019-23

(t)

País	2019	2020	2021	2022	2023
China Continental	107.650.000	113.100.000	121.100.000	124.320.000	129.650.000
EUA	68.138.836	66.229.000	67.505.880	65.507.164	60.674.376
Japão	25.376.000	22.702.000	24.090.000	23.475.000	21.998.478
Alemanha	22.080.042	21.348.480	23.127.062	21.611.516	18.639.999
Índia	16.843.000	16.438.000	16.862.800	16.797.660	16.797.660
Indonésia	11.953.369	11.953.369	11.953.369	11.953.369	11.953.369
Brasil	10.534.000	10.184.000	10.666.000	10.083.000	10.836.000
Coréia do Sul	10.647.000	10.818.000	10.977.000	10.733.000	10.245.000
Rússia	9.149.990	9.526.987	9.511.743	9.292.578	9.169.987
Canadá	9.473.000	8.665.400	9.195.400	8.994.400	8.138.400
Demais países	112.375.125	108.270.231	114.066.725	110.802.671	102.781.785
Total mundial	404.220.362	399.235.467	419.055.979	413.570.358	400.885.054

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos (janeiro/2025)

Uma indústria bastante desenvolvida e em expansão no mundo é a de painéis de madeira. A produção nos últimos anos tem variado entre 360 milhões e 390 milhões de m³ por ano e teve seu crescimento limitado pela diminuição no ritmo da construção de moradias na China e nos EUA, atividade que mais gera demanda por painéis de madeira reconstituída. Nos últimos quatro anos, houve crescimento de produção na China, Índia, Turquia, Tailândia e Brasil, enquanto Estados Unidos, Alemanha, Polônia e Canadá reduziram o volume produzido (Tabela 5). A China, com mais de 43% da produção mundial, é o grande produtor e consumidor de painéis de madeira.

Tabela 5. Painéis de madeira – Produção mundial segundo os principais países – 2019-23

(m³)

País	2019	2020	2021	2022	2023
China Continental	152.406.000	154.541.000	154.762.000	155.798.000	165.557.000
EUA	34.371.650	33.110.844	34.651.024	33.322.838	31.394.901
Rússia	16.239.000	15.725.000	18.429.000	15.987.000	16.922.000
Índia	12.286.200	12.516.200	13.186.200	14.286.200	15.386.200
Turquia	9.512.000	9.021.000	11.200.000	12.570.000	12.944.000
Brasil	11.793.000	12.879.000	14.935.000	12.874.000	12.566.000
Canadá	12.795.426	11.007.000	11.934.675	11.774.613	11.136.217
Alemanha	12.515.558	12.690.846	13.525.395	11.968.002	10.888.285
Polônia	11.974.387	11.807.066	13.452.971	11.379.527	10.386.551
Tailândia	8.057.324	7.725.640	9.837.640	9.541.640	10.171.640
Demais países	84.281.819	82.226.469	92.111.950	86.747.386	84.096.650
Total mundial	366.232.364	363.250.065	388.025.855	376.249.206	381.449.444

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos (janeiro/2025)

O comércio internacional de produtos florestais teve um forte crescimento em 2021 e 2022, impulsionado pela pandemia, chegando a atingir mais de 1,1 trilhão de dólares, mas em 2023 o valor transacionado teve uma retração de 13,3% (Tabelas 6 e 7). China, Estados Unidos e Alemanha são, ao mesmo tempo, os maiores exportadores e importadores mundiais, demonstrando serem países com alto grau de abertura comercial no mercado de produtos de origem florestal.

Dentre os principais atores do comércio internacional, Canadá, Suécia, Vietnã, Brasil e Indonésia se apresentam como grandes exportadores, com pouca importação, enquanto França, Reino Unido, Itália e Japão são grandes importadores, com pouco valor exportado. O Brasil vem ampliando, de forma consistente, seu espaço nesse mercado e está aproximando seu valor exportado ao de países tradicionais no mercado.

Tabela 6. Produtos florestais – Valor das exportações mundiais segundo os principais países – 2019-23
(US\$ mil)

País	2019	2020	2021	2022	2023
China Continental	55.620.765	55.034.439	67.660.589	72.649.376	67.561.882
Alemanha	37.809.707	36.485.899	44.041.413	46.124.335	41.512.310
EUA	33.404.290	30.499.212	36.473.313	40.752.147	35.362.890
Canadá	26.597.327	26.161.508	37.417.210	37.088.976	28.962.049
Polônia	16.747.891	17.822.884	22.234.906	24.288.835	22.369.212
Itália	16.141.962	14.645.675	18.556.025	20.676.006	18.972.707
Suécia	16.433.275	16.228.127	20.140.899	20.259.647	18.113.524
Vietnã	11.178.073	12.872.902	15.104.372	17.540.250	15.511.462
Brasil	13.312.109	11.673.867	14.464.096	17.145.495	14.523.566
Indonésia	12.655.996	12.082.303	14.437.007	15.718.056	13.791.550
Demais países	189.692.142	177.858.555	231.004.601	233.025.776	205.060.700
Total mundial	429.593.537	411.365.371	521.534.431	545.268.899	481.741.852

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos (janeiro/2025)

Tabela 7. Produtos florestais – Valor das importações mundiais segundo os principais países – 2019-23
(US\$ mil)

País	2019	2020	2021	2022	2023
EUA	58.772.360	60.663.068	82.938.847	93.258.257	69.617.986
China Continental	47.459.916	45.382.325	53.594.628	52.514.393	49.564.216
Alemanha	31.998.125	30.814.299	37.230.768	39.086.609	33.068.176
França	18.504.404	18.530.880	23.395.635	25.509.505	22.870.450
Reino Unido	19.646.531	18.152.708	21.976.415	25.270.259	21.833.219
Itália	13.465.709	11.220.261	15.368.579	19.140.356	16.405.411
Japão	17.724.363	15.113.307	17.904.341	20.267.386	16.221.710
Países Baixos (Holanda)	12.327.179	12.526.791	16.012.485	16.253.143	16.163.524
Canadá	11.018.804	10.539.455	12.814.089	14.696.592	13.222.740
Polônia	8.051.751	8.586.688	11.230.310	12.270.673	10.169.893
Demais países	196.476.112	178.630.592	221.877.709	242.161.167	214.470.616
Total mundial	435.445.254	410.160.374	514.343.807	560.428.340	483.607.941

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos (janeiro/2025)

Produção e mercado nacionais

Indústria de papel e celulose passa por novo ciclo de expansão

O valor produzido pelas cadeias produtivas que compõem a indústria florestal brasileira somou 202,6 bilhões de reais em 2023, contribuindo com 1,2% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, segundo a Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ). A indústria de base florestal é competitiva no mercado internacional e tem importante presença na pauta de exportações do País. Com quase toda a madeira utilizada como matéria-prima produzida em florestas cultivadas, os produtos de origem florestal renderam ao Brasil 17,4 bilhões de dólares em exportações em 2024.

Produção e consumo de matéria-prima florestal

Consumo industrial de matéria-prima segue em crescimento

A área cultivada com espécies florestais no Brasil em 2023 foi de 9,7 milhões de hectares, segundo o IBGE. Os destaques são os plantios de eucalipto e de pinus para o fornecimento de madeira e fibras para uso energético e transformação industrial. Esses cultivos constituem, respectivamente, 78,1% e 18,2% das áreas plantadas. Minas Gerais, com mais de 2,1 milhões de hectares, tem a maior parte de sua área plantada com eucalipto, que é usado, majoritariamente, para fins energéticos na indústria siderúrgica (Figura 1). Nos demais estados com grandes áreas cultivadas com florestas comerciais, os plantios destinam-se principalmente à produção de celulose, papel, painéis de madeira e ao processamento mecânico.

No Paraná e em Santa Catarina predominam os plantios de pinus, enquanto nos demais estados, o eucalipto é a espécie mais plantada. Também são cultivados para fins comerciais cerca de 360 mil hectares com outras espécies, com destaque para a seringueira, a teca e a acácia.

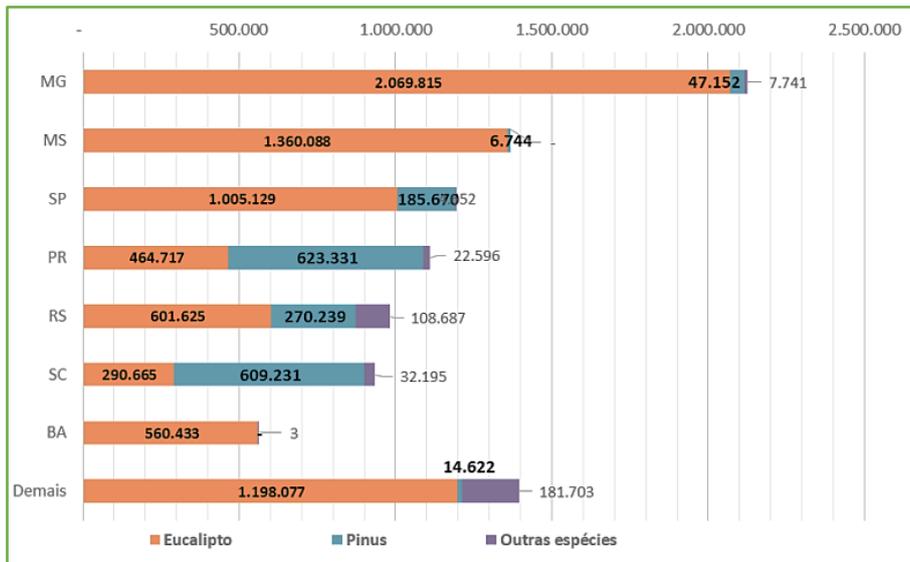


Figura 1. Área plantada com pinus, eucalipto e outras espécies no Brasil em 2023, segundo os principais estados (ha)

Fonte: IBGE/PEVS (dezembro/2024)

O valor da produção primária dos produtos e matérias-primas de origem florestal no Brasil foi de R\$36,9 bilhões em 2023, sendo R\$31,2 o valor dos produtos da silvicultura e R\$5,7 bilhões o valor dos produtos de origem extrativa das espécies nativas (Tabela 8). O crescimento dos últimos anos foi bastante expressivo devido, principalmente, ao aumento dos preços e do volume colhido de toras para processamento industrial (Tabelas 8 e 9).

Tabela 8. Silvicultura e extração vegetal – Brasil: valor da produção – 2019-23

(mil reais)

Produtos	2019	2020	2021	2022	2023
Produtos da Extração vegetal	4.072.691	4.319.408	5.750.269	5.729.710	5.742.530
Açaí	589.351	694.306	770.972	830.126	853.147
Castanha-do-pará	135.813	98.551	137.411	170.006	172.252
Erva-mate	403.226	559.701	761.864	648.425	589.570
Palmito	17.038	18.090	19.039	20.082	18.875
Pequi (fruto)	20.254	45.246	49.311	49.053	65.750
Pinhão	28.358	40.984	44.420	51.800	61.899
Carvão vegetal	318.753	357.257	465.564	525.542	407.668
Lenha	500.850	526.768	579.327	660.265	712.194
Madeira em toras	2.059.048	1.978.505	2.922.361	2.774.411	2.861.175
Produtos da silvicultura	15.082.336	18.417.061	22.800.254	26.997.012	31.157.557
Carvão vegetal	3.924.562	5.406.653	6.585.170	7.027.982	7.487.654
Lenha	2.162.429	2.288.531	2.659.456	3.537.023	4.265.655
Madeira em toras p/papel e celulose	4.581.148	5.810.540	7.229.365	9.789.696	11.684.865
Madeira em toras p/outras finalidades	4.414.197	4.911.337	6.326.263	6.642.311	7.719.383
Total	19.155.027	22.736.469	28.550.523	32.726.722	36.900.087

Fonte: IBGE/PEVS (dezembro/2024)

Em 2023, foram processados 173,1 milhões de metros cúbicos de toras pela indústria brasileira, produzidas em florestas plantadas, um crescimento de 2,8% em relação a 2022 (Tabela 9). A indústria de papel e celulose e de painéis de madeira consome a maior parte do eucalipto produzido, enquanto os segmentos de processamento mecânico consomem a maioria das toras de pinus.

Tabela 9. Brasil – Produção dos principais produtos de origem florestal – 2019-23

Produto	Unidade de medida	2019	2020	2021	2022	2023
Açaí	t	222.706	220.489	227.118	247.034	238.891
Castanha-do-pará	t	32.905	33.118	32.537	38.169	35.351
Erva-mate	t	371.659	426.034	505.504	441.755	425.829
Palmito	t	4.296	4.274	4.133	3.923	3.664
Pequi (fruto)	t	27.868	63.820	61.636	48.018	51.371
Pinhão	t	9.374	10.605	12.485	13.377	12.120
Carvão vegetal	Mil t	372	374	442	473	379
Lenha	mil m ³	19.215	19.322	19.063	19.723	19.502
Madeira em toras	mil m ³	12.096	11.379	15.003	12.405	11.286
Carvão vegetal	mil t	6.018	6.184	6.859	7.122	6.772
Lenha	mil m ³	51.222	50.359	51.573	52.687	55.729
Madeira p/papel e celulose	mil m ³	79.555	87.744	89.111	109.746	113.079
Madeira p/outras finalidades	mil m ³	51.356	55.597	59.443	58.517	60.059

Fonte: IBGE/PEVS (dezembro/2024)

Indústria de madeira, painéis e móveis de madeira

2024 sinaliza um retorno da indústria à trajetória de crescimento

A indústria de madeira sólida tem o pínus como principal fonte de matéria-prima. Em 2024, o valor das exportações brasileiras de madeira sólida e seus produtos (incluindo móveis) foi de US\$ 4,3 bilhões, 6,4% maior que em 2023. Os EUA e o México são os principais destinos das madeiras serrada e compensada exportadas pelo Brasil. As vendas de serrados e compensados de pínus ao exterior, que haviam sofrido quedas nos dois anos anteriores, apresentaram crescimento em 2024. O aumento do volume embarcado de madeira serrada e compensada de pínus foi de 4,2% e 16,4%, respectivamente (Figura 2).

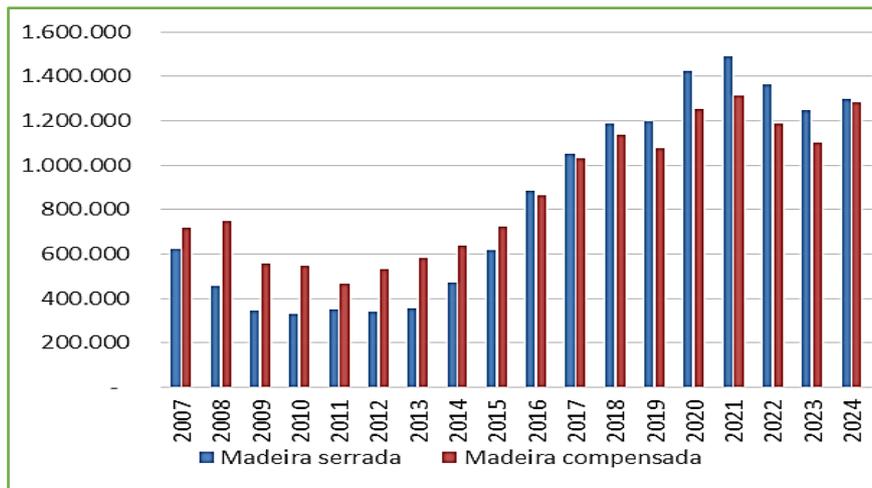


Figura 2. Exportações brasileiras de madeira serrada e compensada de pínus (t) – 2007-24

Fonte: ME/SECEX – Comex Stat (janeiro/2025)

No Brasil, a indústria moveleira é grande consumidora de madeira. Em 2024, as exportações de móveis de madeira tiveram um crescimento de 3,0% no valor embarcado, reduzindo as fortes quedas observadas em 2022 e 2023. Se desconsiderados os anos 2021 e 2022, que foram de excepcional desempenho, influenciado pela pandemia, observa-se uma tendência de continuidade do movimento de recuperação das exportações brasileiras de móveis, revelada a partir de 2016 (Figura 3).

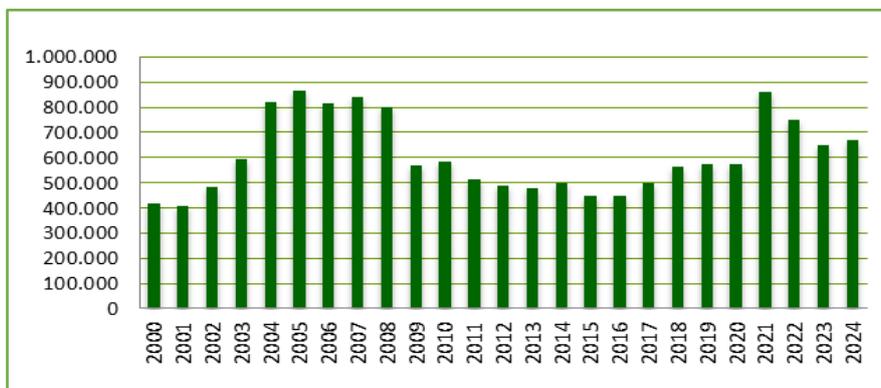


Figura 3. Valor das exportações brasileiras de móveis de madeira – 2000-24

Fonte: ME/SECEX – Comex Stat (janeiro/2025)

Outros itens importantes das exportações da indústria da madeira do Brasil são as portas, janelas, pisos e armações de madeira. Esses produtos são feitos, em sua maior parte, com pinus, principalmente nos estados de Santa Catarina e Paraná. Em 2024, foram embarcadas nos portos brasileiros 223 mil toneladas desses produtos, totalizando US\$ 458,8 milhões, valor 7,9% maior que em 2023.

Um segmento de destaque da indústria da madeira é o de painéis de madeira reconstituída. Esses painéis são utilizados na construção civil e pela indústria de móveis, sendo o MDF o produto mais importante, representando mais de 60% da produção nacional. Essa indústria no Brasil é feita por grandes unidades produtoras e se concentra nas regiões Sul e Sudeste.

Após um decréscimo na produção de painéis em 2022 e 2023, frente ao excepcional volume de 9,5 milhões de m³ produzidos em 2021, 2024 foi um ano de retomada do crescimento, estimulada pelo aumento do consumo doméstico. Nos primeiros nove meses de 2024, a produção brasileira de todos os tipos de painéis foi de 7,3 mil m³, 21,6% maior que igual período do ano anterior. Esse aumento ocorreu puxado tanto pelo aumento do consumo interno, quanto por uma forte expansão do volume exportado (Tabela 10).

Tabela 10. Painéis de madeira – Brasil: produção, importação, exportação e consumo aparente – 2020-24

Produto	Discriminação	(mil m ³)					Variação 23-24 (%) ⁽²⁾
		2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾	2024 ⁽¹⁾	
Painéis de madeira (MDF, MDP e Harboard)	Produção	8.223	9.476	8.450	6.002	7.297	21,6
	Importação	14	46	5	1	3	200,0
	Exportação	1.085	1.270	1.458	761	1.115	46,5
	Consumo aparente	7.152	8.252	6.997	5.242	6.185	18,0

⁽¹⁾ Período jan-set

⁽²⁾ Período jan-set

Fonte: IBÁ (fevereiro/2024)

Indústria de papel e celulose

Produção e exportações crescem em 2024 e indústria vive novo ciclo de expansão

O volume de papéis e embalagens produzido no Brasil em 2024 foi de 11,3 milhões de toneladas, 4,6% maior que em 2023. Os papéis para embalagens e de imprimir e escrever são os itens mais importantes da indústria papelreira e do consumo nacional. O consumo interno aumentou 3,7%, chegando a 9,5 milhões de toneladas. As exportações, que correspondem a pouco mais de 20% da produção nacional, cresceram 11,7%, enquanto as importações tiveram aumento de 18,3%, em relação a 2023.

A indústria brasileira de celulose de mercado vem se expandindo de maneira bastante significativa ao longo do tempo. Em 2024, houve um crescimento na produção e exportação brasileiras, que haviam tido um pequeno decréscimo no ano anterior (Tabela 11). A celulose de eucalipto (de fibra curta) representa mais de 90% da produção brasileira.

Tabela 11. Papel e celulose – Brasil: produção, importação, exportação e consumo aparente – 2020-24

Produto	Discriminação	(mil toneladas)					Variação 23-24 (%) ⁽²⁾
		2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾	2024 ⁽¹⁾	
Papel e embalagens de papel	Produção	10.184	10.666	11.038	8.056	8.550	6,1
	Importação	550	597	547	403	481	19,4
	Exportação	2.091	2.061	2.494	1.599	1.853	15,9
	Consumo aparente	8.643	9.202	9.093	6.860	7.178	4,6
Celulose	Produção	20.953	22.505	24.969	18.082	18.729	3,6
	Importação	185	165	140	104	120	15,4
	Exportação	15.628	15.689	19.149	13.656	13.739	0,6
	Consumo aparente	5.510	6.981	5.960	4.530	5.110	12,8

⁽¹⁾ Período jan-set

⁽²⁾ Período jan-set

Fonte: IBÁ (fevereiro/2025)

A demanda internacional de celulose, destino de três quartos da produção brasileira, tem se mostrado crescente. O Brasil é bastante competitivo no mercado internacional de celulose de fibra curta, sendo o maior exportador mundial do produto. Em 2024, o País exportou 19,7 milhões de toneladas de celulose, 3,1% mais que em 2023. O preço médio FOB da celulose exportada pelo Brasil foi de US\$ 537,1 por tonelada, 29,3% maior que em 2023.

A China é o principal destino, tendo importado 9,0 milhões de toneladas em 2023, 45,7% do volume exportado pelo País. Para os EUA, o segundo maior importador, foram embarcados 3,0 milhões de toneladas em 2024.

Os principais estados exportadores são Mato Grosso do Sul, São Paulo, Bahia, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Paraná, unidades da Federação que abrigam grandes plantas industriais de produção da *commodity*.

A capacidade de produção de celulose na América do Sul – e no Brasil – vem se expandindo em grandes volumes, consolidando a região como ator-chave no mercado internacional. Os novos investimentos buscam atender o crescente mercado, especialmente de celulose de fibra curta.

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Árvores (IBÁ), os investimentos em andamento e previstos até 2028 para aumentar a capacidade de produção devem ultrapassar R\$ 100,0 bilhões. O Mato Grosso do Sul possui três grandes plantas em operação, duas sendo implantadas e mais três novos projetos estão sendo planejados. Esses grandes investimentos envolvem quatro das maiores empresas do setor que operam no Brasil e devem transformar aquele Estado no maior polo mundial de produção da *commodity*, com produção anual superior a 10 milhões de toneladas.

Produção e mercado estaduais

Exportações retomam sua trajetória de crescimento

Área cultivada com florestas de plantio comercial

Área plantada cresce pouco e pode dificultar a expansão da indústria florestal

A área cultivada com florestas plantadas para fins comerciais em Santa Catarina em 2023 foi estimada pelo IBGE em 932,1 mil hectares, representando 9,6% da área total reflorestada no Brasil. Desse montante, 65,4% é com pinus, 31,2% com eucalipto e 3,5% com outras espécies. A área de plantio florestal em SC tem se mantido com pouca variação nos últimos anos, com tendência de redução das áreas de eucalipto e um ligeiro aumento das áreas com pinus (Figura 4).

Levantamento realizado por meio de imagens de satélite em 2024 pela Universidade do Estado de SC (UDESC) e Secretaria da Agricultura e Pecuária (SAR) mapeou 672,7 mil ha de pinus e 283,4 mil ha de eucalipto, perfazendo um total de 956,0 mil hectares plantados com essas duas espécies no Estado. Além dos plantios realizados pelas empresas que processam a matéria-prima, que detêm a maior parte das áreas cultivadas, dezenas de milhares de agricultores produtores florestais se dedicam ao plantio comercial de pinus e eucalipto.

As regiões Serrana, Oeste Catarinense e Norte Catarinense detêm as maiores áreas plantadas. Santa Cecília, Lages, Otacílio Costa, Rio Negrinho, Lebon Régis e Caçador são os municípios com as maiores áreas cultivadas (ACR, 2022). Pelo menos 310 municípios de SC possuem mais de 10 mil ha plantados com pinus e eucalipto.

O pouco crescimento da área cultivada para produção de madeira pode comprometer a capacidade futura de expansão da indústria da madeira e de papel em Santa Catarina. As maiores empresas que operam de forma mais ou menos verticalizadas têm se esforçado na ampliação de suas áreas de cultivo e recorrido a distâncias maiores na busca de matéria-prima e de áreas para plantio. Muitas das pequenas e médias madeireiras e processadoras da matéria-prima, que são em grande número, possuem poucos ou não possuem plantios próprios de florestas. Estas poderão ter dificuldade de se abastecer, o que pode comprometer sua capacidade de crescimento ou, até mesmo de operar, devido à dificuldade de suprimento.

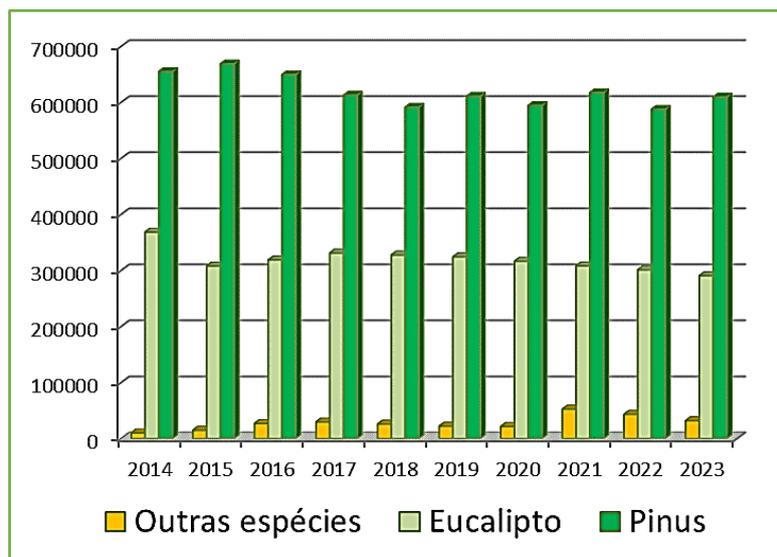


Figura 4. Santa Catarina - Área cultivada com florestas comerciais – 2014-23

Fonte: IBGE/PEVS (dezembro/2024)

Produção catarinense de matérias-primas de origem florestal

Colheita de matérias-primas volta a crescer

A produção de madeira em Santa Catarina, em 2023, foi de mais de 27,5 milhões de m³, 0,3% maior que a de 2022, segundo o IBGE (Tabela 12). Desse montante, 71,1% se destina à transformação e ao processamento industrial, o restante é utilizado como lenha.

Tabela 12. Silvicultura – Santa Catarina: produção dos principais produtos – 2018-23

Produto	Unidade de medida	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Carvão vegetal	mil t	12	12	12	13	13	13
Lenha	mil m ³	8.333	8.514	8.285	7.690	7.930	7.941
Madeira p/papel e celulose	mil m ³	6.303	6.189	6.433	6.511	6.663	6.723
Madeira p/outras finalidades	mil m ³	11.007	10.974	11.442	12.493	12.851	12.854

Fonte: IBGE: PEVS (dezembro/2024)

Segundo o levantamento da Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS) do IBGE, O consumo de toras pela indústria florestal voltou a apresentar crescimento nos últimos anos, especialmente na indústria de processamento e de produção de painéis (Figura 5). Em 2024, estima-se ter havido um crescimento expressivo no consumo de madeira pela indústria catarinense, tanto pela indústria de papel, quanto pela indústria de processamento mecânico.

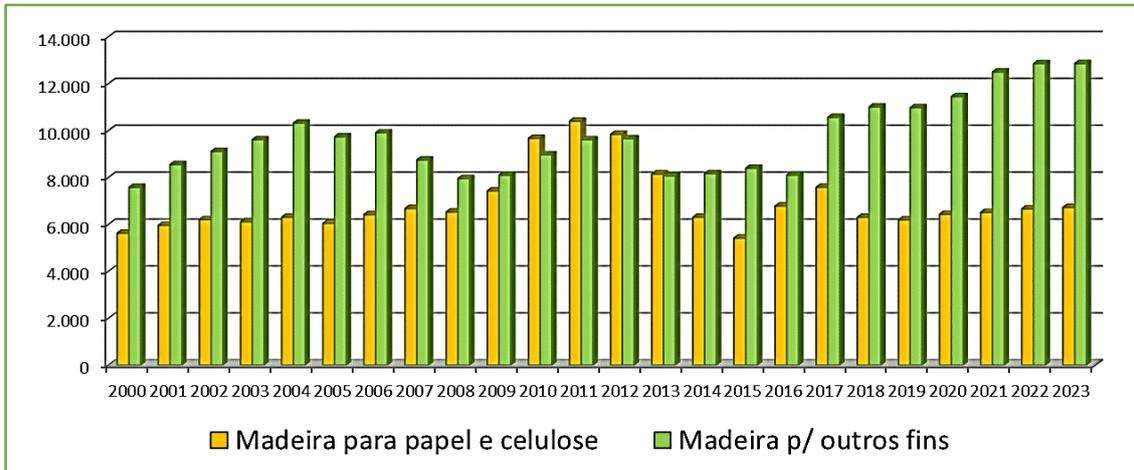


Figura 5. Santa Catarina – Produção de madeira em toras, segundo o destino na indústria – 2000-23

Fonte: IBGE/PEVS (dezembro/2024)

O pínus é a espécie mais utilizada na indústria catarinense, representando 97,1% da madeira transformada em papel, embalagens e celulose e 80,0% da madeira empregada no processamento mecânico e produção de chapas de madeira reconstituída. As plantações de eucalipto fornecem quase 90% da madeira usada para fins energéticos no Estado, como lenha e carvão vegetal. Em 2023, o volume de lenha produzido foi semelhante ao de 2022 e a produção de carvão teve um pequeno decréscimo (Tabela 12).

A produção de madeira de florestas cultivadas respondeu por 4,1% do valor da produção da agropecuária catarinense em 2023 e para 2024 essa participação foi estimada em 4,5%. O valor da produção da silvicultura foi de R\$ 2,70 bilhões em 2023, crescimento de 9,3% em relação a 2022 (Tabela 13). O valor da madeira colhida para processamento mecânico e para

produção de painéis de madeira representou mais da metade do valor total da madeira produzida em SC em 2023.

Tabela 13. Silvicultura – Santa Catarina: valor da produção – 2018-23

(mil reais)						
Tipo de produto da silvicultura	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Carvão vegetal	16.107	17.034	19.541	26.060	29.590	34.610
Lenha	300.457	319.159	325.869	369.807	437.266	489.068
Madeira em toras p/ papel e celulose	287.173	278.111	313.318	388.642	395.771	489.068
Madeira em toras p/ outras finalidades	874.873	924.998	1.062.752	1.561.099	1.608.851	1.687.100
Total	1.478.610	1.539.302	1.721.480	2.345.608	2.471.478	2.699.846

Fonte: IBGE: PEVS (dezembro/2024)

Preços das matérias-primas florestais

Mercado fraco para os produtos da madeira segura os preços das matérias-primas

Ao longo de 2024, os preços da matéria-prima básica – as toras de madeira – tiveram comportamento misto, segundo o tipo de madeira. Após as fortes altas dos preços das toras em 2021 e 2022, especialmente de pinus, os preços tiveram importante retração em 2023 e movimentos distintos ao longo de 2024. Os preços praticados na aquisição das toras finas de pinus pela indústria de papel e celulose e de painéis de madeira reconstituída que haviam tido uma queda de 5,2% em 2023, em relação a 2022, tiveram forte retração em 2024: - 25% na média anual.

As toras de pinus com bitolas de 18cm a 24cm de diâmetro, com vários usos na indústria de processamento mecânico da madeira, não tiveram variação de preços em 2024. Já as toras mais grossas de pinus, com menor oferta, tiveram aumento médio de 9,5% no preço de 2024, em relação a 2023 (Tabela 14). A madeira de eucalipto apresentou crescimento de preços em regiões específicas, como no Extremo Oeste do Estado, refletindo dificuldades pontuais no abastecimento da matéria-prima.

Tabela 14. Produtos florestais – Santa Catarina: preço médio das matérias-primas, em pé – 2019-23

(R\$/unidade)						
Produto	Unidade	2020	2021	2022	2023	2024
Lenha de eucalipto ⁽¹⁾	m estéreo	57,50	59,52	75,85	87,93	102,39
Madeira de pinus para celulose - 8 a 17cm de diâmetro (em pé)	t	8,03	16,69	46,71	44,31	33,33
Madeira em tora de eucalipto - até 30cm de diâmetro (em pé)	t	42,81	55,44	55,30	56,17	80,87
Madeira em tora de eucalipto - 31cm de diâmetro e mais (em pé)	t	59,75	69,63	69,16	68,51	95,40
Madeira em tora de pinus - 18 a 24cm de diâmetro (em pé)	t	48,74	90,49	146,07	128,27	127,34
Madeira em tora de pinus - 25 a 34cm de diâmetro (em pé)	t	81,42	134,12	207,96	174,38	191,03
Madeira em tora de pinus - 35cm de diâmetro e mais (em pé)	t	161,89	220,95	317,49	274,86	300,97

⁽¹⁾ Posto na indústria.

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

A lenha de eucalipto, bastante utilizada na secagem de grãos e em caldeiras das indústrias, após sofrer um período de queda de preços entre 2020 e 2022, passou por um período de valorização, em termos reais, no período subsequente, fechando 2024 no patamar de R\$ 110,00 por metro estéreo, posta no pátio das indústrias (Figura 6). Essa valorização da lenha é reflexo de uma redução na oferta do produto, devido à baixa competitividade de sua produção, refletida nos preços mais baixos de anos anteriores.

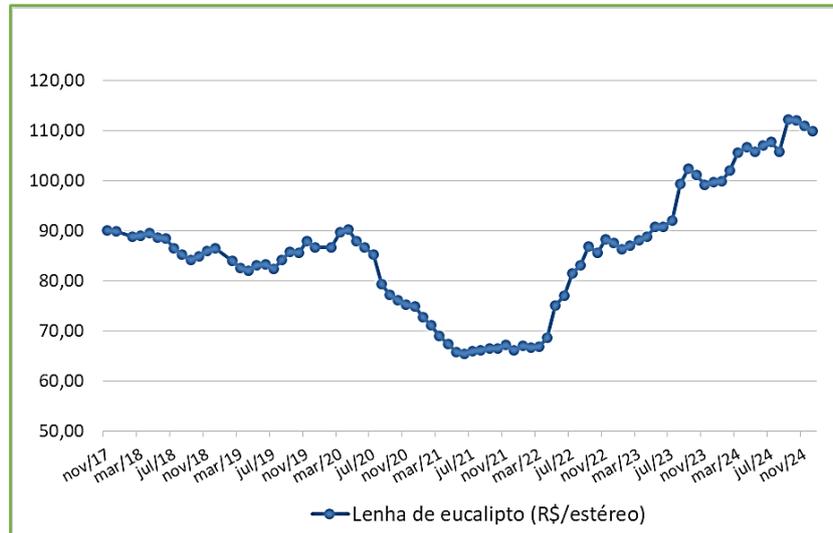


Figura 6. Evolução dos preços reais da lenha de eucalipto em SC, posto indústria – jun/17-dez/24 (a preços de dez/24)

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

As figuras seguintes mostram o comportamento dos preços, nos últimos sete anos e sem os efeitos da inflação, das principais matérias-primas utilizadas pela indústria florestal de SC. Na Figura 7 é mostrada a evolução mensal dos preços das toras de pinus vendidas para serrarias em Santa Catarina, em três tipos de bitola, com valores corrigidos para dezembro de 2024. No gráfico, pode-se observar um forte aumento dos preços dessas toras a partir de maio de 2021, movimento que perdurou até agosto/setembro de 2022.

Para as toras mais grossas, após um período de queda até o início de 2023, os preços voltaram a subir nos meses seguintes, mas não se sustentaram e fecharam 2024 com valores reais menores que aqueles observados um ano antes. As toras mais finas, usadas em maior volume nas serrarias, tiveram níveis mais estáveis de preços ao longo de 2024, mas em patamares inferiores aos praticados entre meados de 2021 e ao longo de 2022.

O movimento dos preços das toras de pinus em SC esteve relativamente alinhado ao comportamento dos preços da madeira serrada nos EUA a partir da pandemia, que passou por forte crescimento e alta volatilidade, vindo a se acomodar posteriormente em patamares mais próximos a seus níveis históricos. A influência dos preços da madeira nos EUA sobre os preços das toras em Santa Catarina é esperada, uma vez que aquele país é destino de grande parte da exportação catarinense de madeira de pinus e seus produtos.

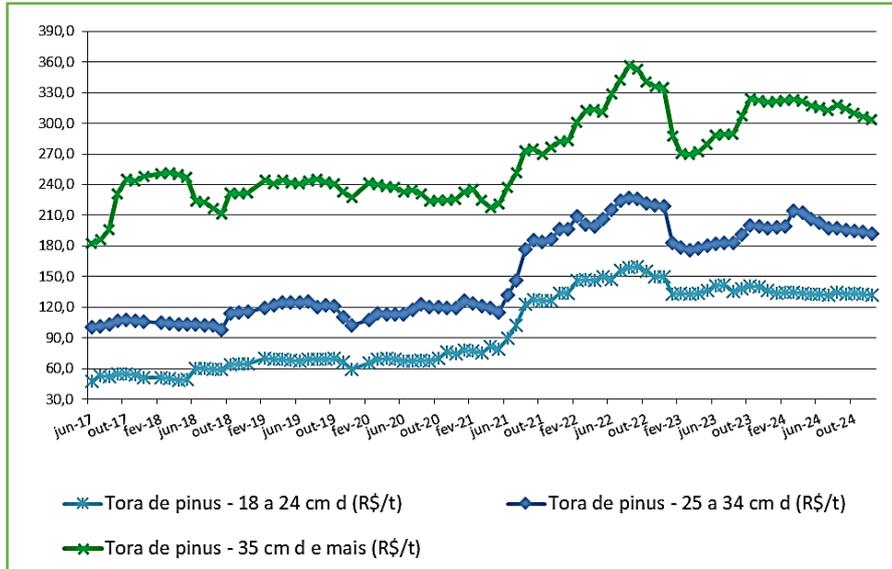


Figura 7. Santa Catarina – Evolução dos preços reais das toras de pinus para serraria, em pé, segundo as bitolas – jun./17-dez./24 (preços de dez./2024)

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

As toras finas de pinus utilizadas para papel e celulose e fabricação de painéis de madeira reconstituída tiveram preços ligeiramente decrescentes entre 2017 e início de 2021, quando passaram por um processo acelerado de alta até agosto de 2022. Após se manterem em patamares mais elevados até meados de 2023, o ciclo se reverteu para quedas sucessivas e aumento de volatilidade, mas sem sinais de recuperação (Figura 8).

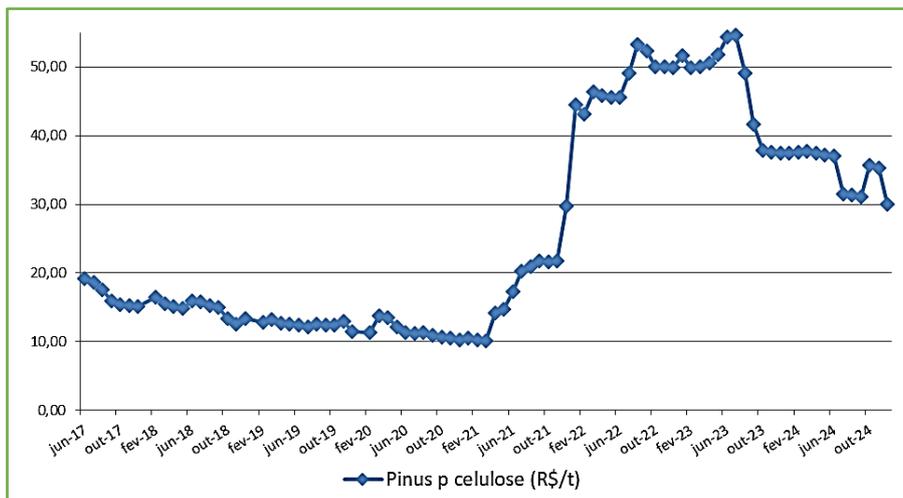


Figura 8. Santa Catarina – Evolução dos preços reais da madeira de pinus para celulose, em pé – jun./2017 a dez./2024 (preços de dez./24)

Fonte: Epagri/Cepa (janeiro/2025)

O comportamento dos preços das matérias-primas florestais em anos recentes parece estar bastante relacionado à dinâmica das exportações das principais madeiras vendidas ao exterior pelo Estado. As fortes variações no desempenho exportador da indústria florestal catarinense, constatadas nos últimos anos, têm se refletido no mercado da madeira que abastece esse setor e revelado um certo grau de dependência dessa indústria aos embarques para o exterior, tema abordado a seguir.

Exportações catarinenses de produtos florestais

As exportações catarinenses de produtos de origem florestal retomam a tendência histórica de crescimento

As exportações de todas as cadeias produtivas que compõem a indústria de base florestal no Estado tiveram crescimento de 10,3% em 2024, em relação ao ano anterior, totalizando US\$ 1,74 bilhão. Esse crescimento sugere uma retomada da trajetória histórica de crescimento, após o comportamento atípico de forte crescimento em 2021 e 2022 – muito influenciado pelos impactos da pandemia – e da queda de acomodação em 2023.

O mercado externo é de grande importância para a indústria de madeira e de móveis de Santa Catarina e seu comportamento tem reflexo direto no desempenho da indústria. As exportações de produtos florestais de SC em 2024 contribuíram com 11,0% do valor exportado pelo setor no Brasil. No Estado, o valor representou 16,5% do total das exportações de SC no ano (Figura 9).



Figura 9. Santa Catarina – Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses –1993-24 (%)

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat (janeiro/2025)

Os produtos da madeira foram responsáveis pela retomada da trajetória de crescimento das exportações florestais de SC em 2024, com crescimento de 17,1%, na comparação anual. Esse desempenho foi puxado pelas exportações de painéis de fibra de madeira, perfis de madeira, madeira compensada, portas e janelas de madeira (Tabela 15).

Tabela 15. Produtos florestais – Santa Catarina: valor das exportações – 2020-24

(mil dólares – FOB)

Item	2020	2021	2022	2023	2024
Madeira e obras de madeira	1.002.306	1.471.895	1.494.310	1.147.530	1.343.318
Mad. p/energia (lenha, pellets, carvão vegetal, etc.)	20.883	21.416	24.026	34.493	34.705
Madeira em toras	12.935	24.880	53.028	38.060	44.561
Madeira serrada	253.169	353.378	374.583	311.292	340.657
Madeira laminada	19.586	19.988	31.173	16.944	24.397
Madeira perfilada	77.613	116.527	152.365	105.893	129.425
Painéis de fibras e partículas de madeira reconstituída	73.293	70.557	115.452	88.484	137.375
Madeira compensada	208.118	383.382	279.418	213.077	253.477
Molduras de madeira para quadros	21.041	34.420	25.778	57	84
Madeira densificada em blocos, pranchas, lâminas ou perfis	15.658	21.372	19.220	17.092	16.474
Caixas, engradados e paletes	4.065	5.792	8.371	5.749	4.795
Ferramentas, armações e cabos	11.505	10.496	15.455	8.518	13.113
Portas, janelas e obras de carpintaria	266.155	379.158	373.503	293.478	331.417
Outras madeiras e obras de madeira	18.286	30.529	21.939	14.382	12.838
Papéis	254.938	287.111	451.868	349.031	330.531
Papel sanitário	10.599	20.572	42.991	39.781	37.999
Embalagens de papel	58.919	70.485	72.212	86.184	76.360
Papel e cartão <i>kraft kraftliner</i>	164.237	178.575	299.335	185.438	180.429
Outros papéis e pastas de madeira	21.183	17.479	37.330	37.627	35.743
Móveis de madeira	266.205	359.115	332.941	245.208	243.866
Móveis de madeira p/escritório	1.176	1.533	2.176	1.411	2.008
Móveis de madeira p/cozinha	8.839	14.533	12.655	10.239	9.558
Móveis de madeira p/quartos	160.301	216.912	206.547	139.610	127.159
Outros móveis de madeira	81.602	108.869	98.003	85.207	97.923
Componentes p/móveis de madeira	14.287	17.268	13.560	8.742	7.217
Total produtos florestais	1.523.123	2.118.111	2.279.119	1.741.769	1.917.715
Total agronegócio	5.702.439	6.926.103	7.741.836	7.492.673	7.485.428
Total exportações	8.127.704	10.295.984	11.966.469	11.577.617	11.655.277

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat (janeiro/2025)

O valor das exportações de papéis e embalagens e de móveis de madeira em 2024 foi menor que em 2023, queda de 5,3% e 0,5%, respectivamente.

A madeira serrada de pinus foi o item mais importante da pauta em valor embarcado, seguida pelas portas, madeira compensada e laminada, janelas e pisos de madeira. As exportações de perfis de madeira também têm grande importância na composição do valor (Figura 10).

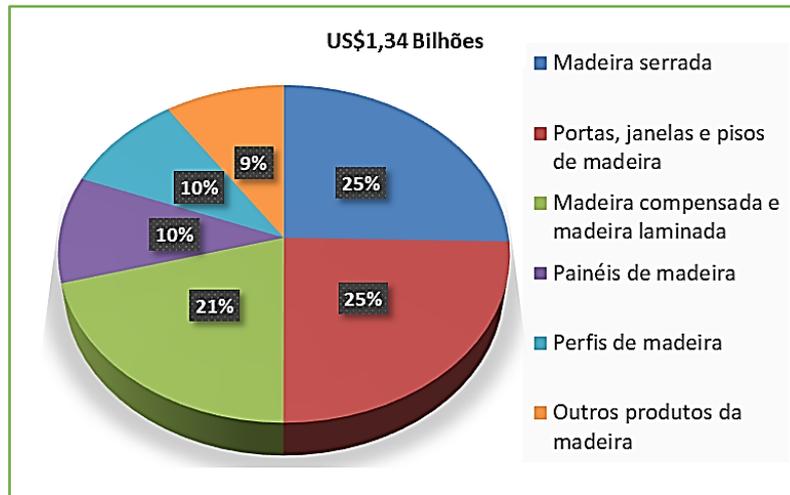


Figura 10 - Santa Catarina - Produtos da madeira: composição do valor das exportações de madeiras (2024)

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat (janeiro/2025)

O volume exportado de madeira serrada de pinus cresceu de forma consistente nos últimos 10 anos, mas o valor não acompanhou essa tendência, devido às fortes oscilações dos preços médios do produto embarcado, como revela a Figura 11. Os preços da madeira vêm se mostrando bastante voláteis nos EUA e os movimentos de taxaço das importações pelo atual governo podem acentuar esse comportamento.

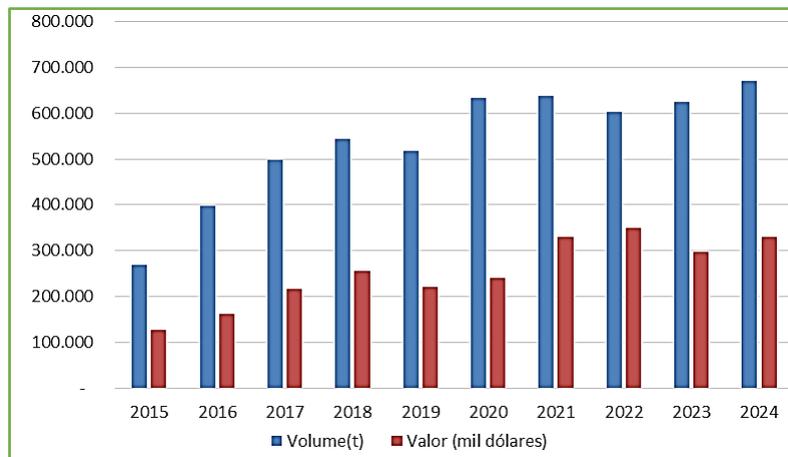


Figura 11. Santa Catarina – Exportações de madeira serrada de pinus – 2015-24

Fonte: MDIC/SECEX - Comex Stat (janeiro/2025)

O comportamento das exportações catarinenses de madeira compensada de pinus deixa ainda mais evidente a influência das oscilações do mercado norte-americano nos últimos anos. Tanto o volume quanto o valor embarcado tiveram forte aumento em 2020 e 2021, período de dificuldade de abastecimento interno no mercado norte-americano. Em 2022 e 2023, quando as condições de produção melhoraram nos EUA, ocorreu forte redução das vendas externas de Santa Catarina, que esboçaram recuperação em 2024 (Figura 12). Os preços médios do produto embarcado se mostraram ainda mais voláteis nesse período.

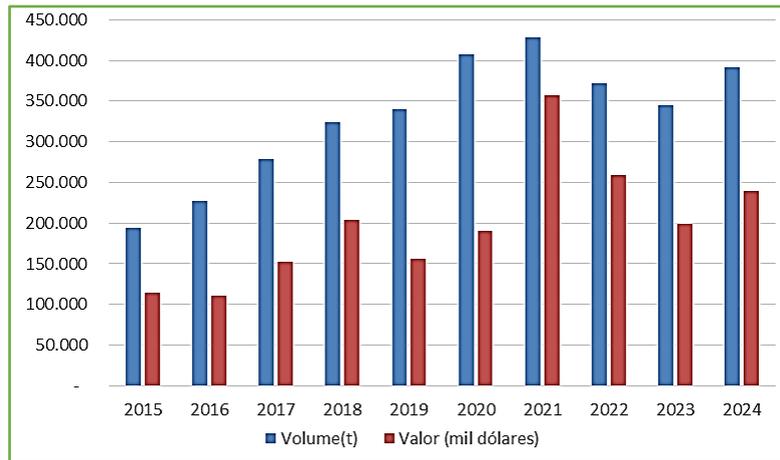


Figura 12. Santa Catarina – Exportações de madeira compensada de pínus – 2015-24

Fonte: MDIC/SECEX - Comex Stat (janeiro/2025)

Os embarques de toras de eucalipto nos portos catarinenses também seguem o comportamento dos demais itens da pauta de exportações de produtos florestais. Com a China e Portugal como principais compradores, as vendas foram crescendo nos últimos anos, tiveram uma disparada em 2021 e 2022, sofreram uma queda em 2023 e voltaram a crescer em 2024 (Figura 13), mas a trajetória sinaliza movimento de vendas crescente.

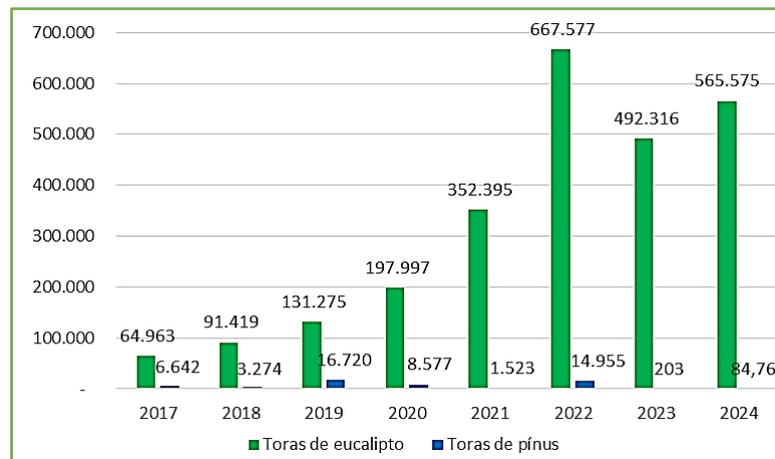


Figura 13. Santa Catarina – Volume exportado de madeira em toras de pínus e eucalipto (t)

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat (janeiro/2025)

Desse modo, a diminuição das exportações de produtos florestais de Santa Catarina em 2023 e a recuperação em 2024 sinalizam um realinhamento à trajetória histórica do comércio exterior catarinense, que é de crescimento. O desempenho de 2025 será influenciado pela taxa de câmbio e pela forma como o governo dos EUA implementar as prometidas taxações de suas importações para esse setor.

Lista de Figuras

Desempenho da produção vegetal

Alho

1. Alho – Evolução das exportações mundiais – 2019-23	17
2. Alho – Brasil: evolução das importações – 2020-24	18
3. Alho – Brasil: evolução da produção – 2019-23	19
4. Alho – Brasil: evolução da produtividade – 2019-23	19
5. Alho – Brasil: produção, importação e consumo – 2019-23	20
6. Alho – Santa Catarina: evolução da área colhida – 2020-24	21
7. Alho – Santa Catarina: evolução da produção – 2020-24	21
8. Alho – Santa Catarina: evolução da produtividade – 2020-24	22

Arroz

1. Arroz – Santa Catarina: evolução da área, produção e rendimento médio, safra 2017/18 a 2024/25	29
2. Arroz – Exportações, importações e saldo da balança comercial catarinense – 2015-24	30

Banana

1. Banana – Produção mundial por continente – 2021 a 2023	31
2. Banana – Santa Catarina: preço médio (corrigido) ao produtor – 2021-24	39
3. Banana-caturra – Santa Catarina: preço (nominal) ao produtor – 2021-24	39
4. Banana-prata – Santa Catarina: preço (nominal) ao produtor – 2021-24	40
5. Banana – Santa Catarina: evolução do preço (corrigido) da Ceasa/SC – 2021-24	41
6. Banana-caturra – Santa Catarina: preço (nominal) no atacado – 2021-24	41
7. Banana-prata – Santa Catarina: preço (nominal) no atacado – 2021-24	41

Cebola

1. Produção mundial de cebola – 2020-23	43
2. Cebola – Evolução das exportações mundiais – 2020-23	44
3. Cebola – Principais países exportadores – 2023	45
4. Cebola – Brasil: evolução do volume e valor das importações – 2020-24	46
5. Cebola – Santa Catarina: evolução do volume produzido – 2020-24	47
6. Cebola – Santa Catarina: evolução da área colhida – 2020-24	48
7. Cebola – Santa Catarina: evolução do rendimento médio – 2020-24	48

Feijão

1. Feijão – Brasil: evolução da área plantada, produção e produtividade – safras 1999/2000 – 2023/24	53
2. Feijão – Santa Catarina: evolução da área plantada de feijão 1ª e feijão 2ª safras – safra 2012/13-2023/24	55
3. Feijão – Santa Catarina: evolução da área plantada, produção e produtividade – 2012/13-2023/24	57

Maçã

1. Maçã – Produção nos cinco continentes – 2021- 23	59
2. Maçãs por categorias – Evolução do preço (corrigido) Ceasa-SC – 2021-24	70
3. Maçã Fuji – Preço médio (nominal) na Ceasa-SC – 2021-24	71
4. Maçã Gala – Preço médio (nominal) na Ceasa-SC – 2021-24	71

Milho

1. Milho – Produção no Brasil na 1ª e 2ª safras – 2019/20-2023/24..... 77
2. Milho – Brasil: oferta e demanda – 2020/21-2023/24 78
3. Milho – Santa Catarina: evolução das safras 2013/14 a 2023/24..... 79
4. Milho – SC: preço médio aos produtores – 2019-24, em R\$/sc de 60kg..... 82

Soja

1. Soja – Evolução da produção mundial de soja-grão, farelo e óleo – 2013/14 a 2023/24 85
2. Soja – Brasil: destino das exportações em 2024 88
3. Soja em grão – Brasil: evolução da área, produção e rendimento – 2014/15-2023/24 90
4. Soja – Santa Catarina: evolução da área cultivada – Safras 2012/13 a 2022/24 90
5. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2019-24 92

Tabaco

1. Tabaco: evolução da área plantada e da produção mundial – 2013-23 94
2. Tabaco – Brasil: evolução da área plantada e da produção – 2012-23 96
3. Tabaco – Evolução do preço médio pago aos produtores da Região Sul do Brasil – safras 2013 a 2024 97
4. Tabaco – Brasil: evolução da produção e do volume exportado – safras 2013 a 2024 98
5. Tabaco – Santa Catarina: evolução da área plantada e da produção 2014 a 2024 98
6. Tabaco – Santa Catarina: área plantada e quantidade produzida para a safra 2023/24, por Microrregião 99

Trigo

1. Trigo – Brasil: evolução da área, produção e produtividade – 2000-24 103
2. Trigo – Santa Catarina: evolução da área plantada, produção e rendimento – 2012/13–2024/251 105
3. Trigo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal ao produtor (jan./2023 a dez./2024) 106

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1. Carne bovina – Brasil: exportações – 2015-24..... 113
2. Bovinos – Santa Catarina: evolução do rebanho – 2015-24 116
3. Bovinos – Santa Catarina: participação de cada faixa de produção no total de produtores e de abates inspecionados – 2024 118
4. Bovinos – Santa Catarina distribuição da produção de animais destinados ao abate – 2024..... 119
5. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal estadual ao produtor – 2023-24..... 120

Carne de frango

1. Carne de frango – Brasil: evolução da produção – 2015-24 124
2. Carne de frango – Brasil: evolução das exportações – 2015-24 125
3. Frangos – Santa Catarina: evolução da produção de aves destinadas ao abate – 2015-24..... 128
4. Frangos – Santa Catarina: distribuição da produção de aves destinadas ao abate – 2024..... 130
5. Carne de frango – Santa Catarina: exportações – 2015-24 131
6. Frango vivo – Santa Catarina: evolução dos preços – 2023-24..... 132
7. Frango vivo – Santa Catarina: custo de produção em aviário climatizado (pressão

positiva) – 2023-24.....	133
8. Frangos – Santa Catarina: evolução da relação de troca insumo-produto – 2023-24.....	133

Carne suína

1. Carne suína – Brasil: evolução da produção – 2015-24	137
2. Carne suína – Brasil: exportações – 2015-24	138
3. Suínos – Santa Catarina: animais produzidos e destinados ao abate – 2015-24.....	141
4. Suínos – Santa Catarina: distribuição da produção de animais destinados ao abate – 2024.....	143
5. Carne suína – Santa Catarina: exportações – 2015-24	144
6. Suínos – Santa Catarina: preços pagos pelo quilo de peso vivo – 2023-24	146
7. Suíno vivo – Santa Catarina: custo de produção em ciclo completo – 2023-24	146
8. Suínos – Santa Catarina: evolução da relação de troca do suíno – 2023-24	147

Desempenho da aquicultura

1. Aquicultura – Santa Catarina: principais grupos de peixes de água doce produzidos em 2023.....	163
2. Aquicultura – Santa Catarina: produção de peixes de água doce por município – 2023	163
3. Aquicultura – Santa Catarina: produção de mexilhões por município – 2023.....	166
4. Aquicultura – Santa Catarina: produção de ostras por município – 2023	167
5. Aquicultura – Santa Catarina: produção de camarões marinhos por município – 2023	169

Desempenho do setor florestal

1. Área plantada com pínus, eucalipto e outras espécies no Brasil em 2023, segundo os principais estados.....	178
2. Exportações brasileiras de madeira serrada e compensada de pínus – 2007-24	180
3. Valor das exportações brasileiras de móveis de madeira – 2000-24.....	180
4. Santa Catarina - Área cultivada com florestas comerciais – 2014-23.....	183
5. Santa Catarina – Produção de madeira em toras, segundo o destino na indústria – 2000-23	184
6. Evolução dos preços reais da lenha de eucalipto em SC, posto indústria – jun/17-dez/24 (a preços de dez/24)	186
7. Santa Catarina – Evolução dos preços reais das toras de pínus para serraria, em pé, segundo as bitolas – jun./17-dez./24 (preços de dez./2024).....	187
8. Santa Catarina – Evolução dos preços reais da madeira de pínus para celulose, em pé – jun./2017 a dez./2024 (preços de dez./24).....	187
9. Santa Catarina – Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses –1993-24 (%).....	188
10 - Santa Catarina - Produtos da madeira: composição do valor das exportações de madeiras (2024)	190
11. Santa Catarina – Exportações de madeira serrada de pínus – 2015-24	190
12. Santa Catarina – Exportações de madeira compensada de pínus – 2015-24.....	191
13. Santa Catarina – Volume exportado de madeira em toras de pínus e eucalipto	191

Lista de tabelas

Desempenho da agropecuária e do agronegócio de Santa Catarina: 2023 e 2024

1. Valor da Produção Agropecuária (VPA) de Santa Catarina 7
2. Exportações de Santa Catarina: principais setores e produtos do agronegócio..... 8
3. Exportações do agronegócio de Santa Catarina: principais destinos 9

Crédito rural

1. Valores de crédito rural divulgados por "plano safra" 10
2. Crédito rural nas regiões e no Brasil 11
3. Crédito rural por programa no Brasil 11
4. Crédito rural por segmento financeiro no Brasil – 2023-24..... 11
5. Crédito rural por segmento financeiro no Brasil – 2015-2024..... 12
6. Crédito rural por atividade e finalidade no Brasil – 2023-24 12
7. Crédito rural por produto no Brasil – 2023-24..... 12
8. Crédito rural por programa em Santa Catarina – 2023-24 13
9. Crédito rural por segmento financeiro em Santa Catarina – 2023-24..... 13
10. Crédito rural por segmento financeiro em Santa Catarina – 2015-2024..... 14
11. Crédito rural por atividade e finalidade em Santa Catarina..... 14
12. Crédito rural por produto em Santa Catarina 15

Desempenho da produção vegetal

Alho

1. Alho – Produção mundial e dos principais países produtores – 2019-23 16
2. Alho – Principais países importadores – 2020-23 17
3. Alho – Brasil: área colhida, produção e rendimento dos principais estados produtores
– safras 2021/23..... 18

Arroz

1. Arroz beneficiado – Principais países produtores – 2020/21-2024/25..... 24
2. Arroz beneficiado – Principais países exportadores – 2020/21-2024/25 25
3. Arroz beneficiado – Principais importadores mundiais – 2020/21-2024/25 25
4. Arroz – Área plantada e quantidade produzida do Brasil e principais estados
produtores – Safras 2020/21-2024/25 26
5. Arroz – Exportações brasileiras por países de destino – 2020-24 27
6. Arroz – Importações brasileiras por países de origem – 2020-24..... 28
7. Arroz Irrigado – Santa Catarina: Comparativo de safra por região agro, safras 2023/24
e 2024/25 28

Banana

1. Banana – Quantidade produzida: mundo e principais países – 2019-23..... 32
2. Banana – Exportações brutas por país – 2021-23 33
3. Banana – Importações líquidas mundiais por país – 2021-23 33
4. Banana – Brasil: área colhida, produção e produtividade média nos principais estados
produtores – 2020-24 34
5. Banana – Brasil: quantidade exportada aos principais destinos – 2020-24 36
6. Banana – Safras recentes nas principais regiões produtoras de Santa Catarina 36
7. Banana – Brasil: quantidade exportada por estado da federação – 2022-24..... 42

Cebola

1. Cebola – Principais países produtores: área colhida, produção e produção mundial – 2020-23 44
2. Cebola – principais países importadores – 2020–23..... 45
3. Cebola – Brasil: área colhida, produção e rendimento médio – 2021-23..... 46

Feijão

1. Feijão – Mundo: área de produção mundial e dos principais países – 2021–23 50
2. Feijão – Mundo: principais importadores e exportadores – 2021-23 51
3. Feijão – Brasil: área, produção e produtividade principais estados – safras 2022/23-2023/24 52
4. Feijão – Brasil: área, produtividade e produção por estado e tipo de feijão – 2023/24 53
5. Feijão total – Santa Catarina: área, produtividade e produção por microrregião – 2022/23 - 2023/24 55
6. Feijão – Santa Catarina: área, produtividade e produção por microrregião, 1ª e 2ª safras – 2023/24..... 56
7. Feijão – Santa Catarina: preço médio estadual pago aos produtores de feijão – 2022-24 58

Maçã

1. Maçã – Quantidade produzida: mundo e principais países – 2019 -23 60
2. Maçã – Exportações brutas por país – 2021-23 61
3. Maçã – Importações líquidas por país – 2021-23 61
4. Maçã – Área colhida, produção e produtividade média – Brasil e principais estados produtores – 2020-24 62
5. Maçã fresca – Brasil: quantidade exportada – principais destinos – 2020-24..... 63
6. Sucos de maçã: Brasil – Quantidade exportada para os principais destinos – 2020-24 64
7. Maçã fresca: Brasil – Quantidade importada por país de origem – 2020-24 65
8. Maçã: safras recentes nas 3 principais regiões produtoras de Santa Catarina 66
9. Maçã fresca – Brasil: quantidade exportada por estado da federação – 2022-24 72
10. Suco de maçã – Brasil: quantidade exportada por estado da federação – 2022-24 72

Milho

1. Milho – Principais países produtores mundiais – 2020/21-2023/24 73
2. Milho – Balanço de oferta e demanda mundial – 2020/21-2023/24 73
3. Milho – Principais exportadores mundiais – 2020/21-2023/24 74
4. Milho – Principais importadores mundiais de milho – 2019/20-2023/24 74
5. Milho – Exportações brasileiras por países de destino – 2021/2024 75
6. Evolução da produção de milho primeira safra – Brasil: principais estados produtores..... 76
7. Evolução da produção de milho na segunda safra – Brasil e principais produtores..... 77
8. Milho – Brasil: Importação por estado – 2020/24 78
9. Milho – Santa Catarina: comparativo da 1ª safra – 2021/22 - 2022/23 e 2023/24..... 79
10. Milho – Santa Catarina: comparativo da safra 2021/22 - 2023/24..... 80
11. Milho – Santa Catarina: evolução do quadro de oferta e demanda de milho – 2021/24 81

Soja

1. Soja – Principais países produtores de grãos – 2019/20 a 2023/24 83
2. Soja – Principais países produtores dos derivados da soja: farelo e óleo soja – 2018/19



a 2023/24	84
3. Soja – Exportações mundiais e dos principais países – 2021/22 a 2022/24	85
4. Soja em grão – Quadro da oferta e demanda e estoque mundial – 2020/21-2023/24	86
5. Soja e derivados – Balanço de oferta e demanda nacional – 2020-24	87
6. Soja – Brasil: evolução das exportações do complexo soja e soja-grão – 2014-24	88
7. Soja em grão – Produção Nacional e principais estados produtores – 2020-24.....	89
8. Soja – Santa Catarina: área plantada e quantidade produzida no estado e microrregiões – 2020/21 a 2023/24	91
9. Soja – Santa Catarina: exportações, soja grão – 2014-2024	92

Tabaco

1. Tabaco – Mundo: área plantada e produção – 2020-23.....	95
2. Tabaco – Mundo: principais países exportadores e total – 2014-23	95
3. Tabaco – Mundo: principais países importadores e total – 2014-23.....	96

Trigo

1. Trigo – Mundo: produção e consumo mundiais – 2022/23-2024/25.....	100
2. Trigo – Mundo: principais exportadores e importadores de trigo e derivados – 2022/23-2024/25	101
3. Trigo – Brasil: área, produtividade e produção – 2023-24.....	102
4. Trigo – Brasil: importação e exportação de trigo-grão, farinha de trigo e derivados por país de origem – 2022-24.....	103
5. Trigo – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2020-24	104
6. Trigo – Santa Catarina: área, produção e participação por microrregião geográfica - 2021/22-2023/24	106
7. Trigo – Santa Catarina: preço médio estadual pago aos produtores – 2021-24.....	107

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1. Carne bovina – Produção mundial – 2020-24	108
2. Carne bovina – Consumo mundial – 2020-24	109
3. Carne bovina – importações mundiais – 2020-24.....	109
4. Carne bovina – Exportações mundiais – 2020-24	110
5. Bovinos – Brasil: evolução do rebanho – 2010-23	111
6. Bovinos – Brasil: abates por unidade da federação – 2010-24	112
7. Bovinos – Brasil: participação de cada categoria animal no total de abates – 2010-24	112
8. Carne bovina – Brasil: exportações – 2010-2024.....	113
9. Carne bovina – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2024.....	114
10. Carne bovina – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2024	114
11. Bovinos – Santa Catarina: composição do rebanho, por faixa etária e sexo – 2024	115
12. Bovinos – Santa Catarina: abate por destino ou finalidade – 2022-24.....	116
13. Bovinos – Santa Catarina: abate segundo o sistema de inspeção – 2024	117
14. Bovinos – Santa Catarina: número de produtores que destinaram animais para abate em estabelecimentos com inspeção – 2013-24.....	117
15. Bovinos – Santa Catarina: microrregiões de origem dos animais abatidos – 2024	119

Carne de frango

1. Carne de frango – Produção mundial – 2020-24	121
2. Carne de frango – Consumo mundial – 2020-24.....	122



3. Carne de frango – Importações mundiais – 2020-24	122
4. Carne de frango – Exportações mundiais – 2020-24	123
5. Carne de frango – Brasil: produção dos principais estados – 2022-24	124
6. Carne de frango – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2024	126
7. Carne de frango – Brasil: exportações dos principais estados e da Região Sul – 2024	126
8. Carne de frango – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2024	127
9. Frangos – Santa Catarina: microrregiões de origem das aves produzidas – 2024.....	129
10. Frangos – Santa Catarina: principais municípios de origem das aves produzidas – 2024.....	129
11. Frangos – Santa Catarina: número de produtores que destinaram aves para abate – 2013-2024	130
12. Carne de frango – Santa Catarina: exportações – 2010-2024	131
13. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 2023-24	132

Carne suína

1. Carne suína – Produção mundial – 2020-24	134
2. Carne suína – Consumo mundial – 2020-24	135
3. Carne suína – Importações mundiais – 2020-24.....	135
4. Carne suína – Exportações mundiais – 2020-24	136
5. Suínos – Brasil: efetivo do rebanho por região geográfica – 2010-2023	137
6. Carne suína – Brasil: produção dos principais estados – 2022-24	138
7. Carne suína – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2024	139
8. Carne suína – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2024	140
9. Carne suína – Brasil e Santa Catarina: produção anual – 2010-2024	141
10. Suínos – Santa Catarina: microrregiões de origem da produção – 2024.....	142
11. Suínos – Santa Catarina: principais municípios de origem dos animais produzidos – 2024.....	142
12. Suínos – Santa Catarina: produtores que destinaram animais para abate – 2013-24	143
13. Suínos – Santa Catarina: leitões produzidos em SC e destinados a outras UFs – 2013-2024.....	143
14. Carne suína – Santa Catarina: exportações – 2010-2024	144
15. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 2024	145

Leite

1. Leite – Produção dos continentes e mundial	148
2. Leite – Principais produtores mundiais.....	148
3. Leite – Principais exportadores mundiais	149
4. Leite – Principais importadores mundiais	149
5. Leite – Brasil: produção nas grandes regiões e principais estados	150
6. Leite cru – Quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas.....	151
7. Brasil – Balança comercial de lácteos.....	151
8. Brasil – Oferta total de leite inspecionado.....	152
9. Leite – Brasil: importação segundo as principais origens	152
10. Leite – Santa Catarina: produção nas mesorregiões e principais microrregiões.....	153
11. Leite – Preço médio aos produtores de Santa Catarina.....	154

Mel

1. Mel – Produção mundial e dos continentes	155
2. Mel – Principais produtores mundiais	155
3. Mel – Principais exportadores mundiais.....	156



4. Mel – Principais importadores mundiais.....	156
5. Mel – Produção das grandes regiões e dos principais estados.....	157
6. Mel – Brasil: exportação segundo os principais destinos	158
7. Mel exportado pelos principais estados brasileiros.....	158
8. Mel – Santa Catarina: produção nas microrregiões.....	159
9. Principais destinos do mel exportado por Santa Catarina	160
10. Exportação de mel nos principais municípios exportadores de Santa Catarina, segundo o município de domicílio fiscal do exportador	160

Desempenho da aquicultura

1. Aquicultura – Santa Catarina: estimativa de valor da produção de peixes de água doce por piscicultores profissionais – 2023	164
2. Aquicultura – Santa Catarina: área, número de produtores e produção de algas por município – 2024.....	171

Desempenho do setor florestal

1. Madeira em toras para transformação industrial – Produção mundial segundo os principais países – 2019-23	173
2. Madeira serrada – Produção mundial segundo os principais países – 2019-23	174
3. Celulose de mercado – Produção mundial segundo os principais países – 2019-23.....	175
4. Papel e papel cartão – Produção mundial segundo os principais países – 2019-23.....	176
5. Painéis de madeira – Produção mundial segundo os principais países – 2019-23	176
6. Produtos florestais – Valor das exportações mundiais segundo os principais países – 2019-23	177
7. Produtos florestais – Valor das importações mundiais segundo os principais países – 2019-23	177
8. Silvicultura e extração vegetal – Brasil: valor da produção – 2019-23	179
9. Brasil – Produção dos principais produtos de origem florestal – 2019-23	179
10. Painéis de madeira – Brasil: produção, importação, exportação e consumo aparente – 2020-24	181
11. Papel e celulose – Brasil: produção, importação, exportação e consumo aparente – 2020-24	182
12. Silvicultura – Santa Catarina: produção dos principais produtos – 2018-23.....	184
13. Silvicultura – Santa Catarina: valor da produção – 2018-23	185
14. Produtos florestais – Santa Catarina: preço médio das matérias-primas, em pé – 2019-23	185
15. Produtos florestais – Santa Catarina: valor das exportações – 2020-24	189



REFERÊNCIAS

AFUBRA. Associação dos Fumicultores do Brasil. Disponível em: <http://www.afubra.com.br>.

BACEN. Tabelas de Crédito Rural e Proagro. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/tabelascredito-rural-proagro>. Acesso em: 5 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Aquicultura e Pesca. Portaria nº 412, de 8 de outubro de 2021. Estabelece procedimentos complementares para a cessão de uso dos espaços físicos em corpos d'água de domínio da União para fins de aquicultura. Diário Oficial da União: seção 1: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/Secretaria de Aquicultura e Pesca, 193.ed., p. 27, 13 out. 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-sap/mapa-n-412-de-8-de-outubro-de-2021-351950884>

CEPA. Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola. Custo de produção. 2024. Disponível em: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/custos-de-producao/>

CEPA. Indicadores de desempenho da agropecuária e do agronegócio de Santa Catarina: 2023 e 2024. Observatório Agro Catarinense. Florianópolis, n. 225, fev.2025. Disponível em: <https://www.observatorioagro.sc.gov.br>

CEPA. Observatório Agro Catarinense. Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://www.observatorioagro.sc.gov.br>

CEPA. Preços agrícolas mensais. Disponível em: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/mercadoagricola/>

CEPA. Produção Agropecuária. Observatório Agro Catarinense. Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://www.observatorioagro.sc.gov.br/areas-tematicas/producao-agropecuaria/paineis/>

CONAB. Acompanhamento da safra brasileira: Grãos - safra 2024/25. v. 12, n. 5, fev.2025

CONSELEITE. Conseleite-SC. Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina (FAESC). Disponível em: <https://sistemafaesc.com.br/faesc/conseleite>

EMBRAPA. Custos de produção de frango por estado - Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS). Disponível em: <https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/cias/custos/frangos>. Acesso em: 10 fev.2025

FAO. Food And Agriculture Organization Of The United Nations. Disponível em: <http://www.fao.org>.

FAO. Food And Agriculture Organization Of The United Nations. Disponível em: <https://www.fao.org/fishery/statistics-query/en/aquaculture>

FAO. Food Outlook – Biannual report on global food markets. Food Outlook, Rome, nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.4060/cd3177e>. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/world/foodoutlook-biannual-report-global-food-markets-november-2024>

FAO. Global Aquaculture Production 1950-2022. Rome, 2024. Disponível em:

<https://www.fao.org/fishery/statistics-query/en/aquaculture>

FAO. The State of World Fisheries and Aquaculture 2024 – Blue Transformation in action.

Rome, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4060/cd0683en>. Disponível em:

<https://openknowledge.fao.org/items/06690fd0-d133-424c-9673-1849e414543d>

IBAMA. Instrução Normativa nº 1, de 21 de janeiro de 2020. Permite o cultivo de *Kappaphycus alvarezii* no litoral de Santa Catarina, do Rio de Janeiro e São Paulo nas áreas delimitadas nesta norma. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 jan. 2020.

IBGE. IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>

IBGE. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA. Disponível em:

<https://sidra.ibge.gov.br>

MAP. Boletim da Aquicultura em Águas da União - 2023. Brasília - DF, 1.ed., nov. 2024.

Disponível em: <https://www.gov.br/mpa/pt-br/assuntos/aquicultura/aquicultura-em-aguas-da-uniao-1>

MDIC. Comex Stat: estatísticas de comércio exterior. Disponível em:

<https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>

MDIC. Comex Stat: estatísticas de comércio exterior. Disponível em:

<https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

MDIC. Comex Stat: estatísticas de comércio exterior. Disponível em:

<https://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>

PEIXE BR. Anuário 2024 Peixe BR da Piscicultura. 2025. Disponível em:

<https://www.peixebr.com.br/>

PROJETO MYTILUS. Relatório interativo. Disponível em:

<https://lookerstudio.google.com/u/1/reporting/6569f083-9b2d-4dbc-bbc1-4c55ad65b50d/page/qbSgD>

SANTOS, A. A. Produção da macroalga *Kappaphycus alvarezii* em Santa Catarina, safra 2023/2024. Agropecuária Catarinense, [S. l.], v. 37, n. 3, p. 9–11, 2024. Disponível em:

<https://publicacoes.epagri.sc.gov.br/rac/article/view/1899>

SCHNEIDER, C. R. et al. Processamento da soja e seus produtos e subprodutos: Revisão de literatura. Ciências Agrárias: Conhecimentos Científicos e Técnicos e Difusão de Tecnologias 3. Atena Editora, Ponta Grossa, 1.ed., p. 162-172, 2020. DOI: 10.22533/at.ed.862201607.

USDA. Foreign Agricultural Service. Disponível em:

<https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>. Acesso em: fev. 2025.

-  epagri.sc.gov.br
-  youtube.com/epagritv
-  facebook.com/epagri
-  x.com/epagrioficial
-  instagram.com/epagri
-  linkedin.com/company/epagri
-  publicacoes.epagri.sc.gov.br

